

MD Magno



Economia Fundamental

MetaMorfofes da Pulsão

Falatório 2004

NOVAMENTE
editora

O direito de impressão é pessoal e intransferível.

VERSÃO
E-BOOK

MD Magno

ECONOMIA FUNDAMENTAL

MetaMorfoses da Pulsão

Falatório 2004



NOVamente
editora

VERSÃO

E-BOOK

NOVAMENTE

editora

é uma editora da

UNIVERCIDADEDEDEUS

Presidente
Rosane Araujo

Diretor
Aristides Alonso

Copyright 2009© MD Magno

Preparação do texto
Nelma Medeiros
Nívia Maria Bittencourt
Patrícia Netto A. Coelho
Potiguara Mendes da Silveira Jr.

Editoração Eletrônica e Produção Gráfica
NovaMente Editora

Editado por
Rosane Araujo
Aristides Alonso

...etc.
Estudos Transitivos do Contemporâneo

M198e

Magno, M. D.

Economia fundamental : metamorfoses da pulsão : falatório 2004 / M D
Magno. – Rio de Janeiro : Novamente, 2010.
260 p. ; 16 X 23 cm.

ISBN – 978-85-87727-54-1

1. Psicanálise. 2. Freud, Sigmund, 1856-1939. 3. Lacan, Jacques, 1901-1981.
I. Título.

CDD 150.195

Direitos de edição reservados à:

UNIVERCIDADEDEDEUS

Rua Sericita, 391 - Jacarepaguá
22763-260 - Rio de Janeiro - RJ - Brasil
Telefax: (55 21) 24453177
www.novamente.org.br

VERSÃO
E-BOOK

EXERGO

“Busquem outros a velocidade da luz.
Eu busco a velocidade da treva”.

Paulo LEMINSKI

AGRADECIMENTO

à Nívia Maria Bittencourt pela transcrição da babo-
seira.

DEDICATÓRIA

a quem tiver a sorte (boa ou má) de acaso nos reler...

Sumário

01. 03/ABR

Economia é consideração das composições do poder – Proposição de um Pensamento Perplexo e seu contraste com o Pensamento Complexo – “O Inconsciente é o (re) fluxo do Mesmo” – Economia Pulsional fundamenta qualquer economia – Crítica à abordagem lacaniana da questão econômica.

13

02. 17/ABR

Comentários a propósito do livro *Les penchants criminels de l'Europe démocratique*, de Jean-Claude Milner – Consideração da tese milneriana sobre as relações entre a democracia européia e os judeus – Distinção entre modo de produção e modo de instalação de um Império no Creodo Antrópico – Produção e instalação do Primeiro, Segundo e Terceiro Impérios – Hipótese da produção romana do Terceiro Império e sua instalação cristã – Dificuldades de instalação do Quarto Império.

24

03. 08/MAI

Nova Psicanálise é tentativa de introdução do Quarto Império – Economia Fundamental é anterior à economia política – Na morfose estacionária a relação com as formações do Haver é indireta – Equivalência entre transferência e alienação – Ato de apropriação depende da função Poder – Perversão é relação direta com as formações do Haver – A

produção de um Império é função de não-alienação e sua instalação é necessariamente religiosa – Trabalho é aplicação de força pulsional a uma formação – Crítica ao conceito marxista de mais-valia à luz do conceito freudiano de só-depois.

42

04. 22/MAI

Razões de o pensamento de Lacan ser terminal – Consideração das teses de Jean-Claude Milner no livro *Les penchants criminels de l'Europe démocratique* – Crítica às conclusões lógico-políticas de Jean-Claude Milner extraídas do uso das fórmulas quânticas de Lacan – Democracia e diferocracia a partir das fórmulas quânticas.

57

05. 05/JUN

Diferocracia se sustenta logicamente na fórmula do sexo resistente – Análise da economia e da política à luz da lógica do Consistente e do Inconsistente – Regime consistente e inconsistente do capitalismo – Movimento do capital e da tecnologia é compatível com a lógica resistente e com o Quarto Império.

72

06. 12/JUN

Utilidade das teses de Pierre Janet (inadimplência) e Sigmund Freud (culpa) para a Economia Pulsional – Clínica como economia das formações no mercado pulsional – Entendimento da lógica de valor de troca e valor de uso para a Idioformação – Ordem generalizada do mercado no mundo.

87

07. 14/AGO

Quem é Eu?: indagações preliminares sobre o que é língua, autor, personagem e personalidade – Exemplaridade da falência do sujeito em *Drawing Hands*, de Escher – Eu é pólo de formações com foco e franja – Ego é pletora de formações primárias e secundárias sem HiperDeterminação – Equivalência entre Eu e Pessoa

– Diferenças no entendimento do conceito de Pessoa segundo o personalismo e a Nova Psicanálise.

99

08. 21/AGO

Pessoa é processo sem sujeito e em regime de unilateralidade – Tratamento nominalista do sujeito e significante lacanianos – Condição nominalista do não-Haver como nome do impossível absoluto desejado – Distinções entre a postura inclusiva da psicanálise e a postura de exclusão da filosofia – Característica comunal do conceito de Pessoa.

115

09. 28/AGO

Equivalência do conceito de Pessoa à idéia de rede – Problematização da idéia de corpo a partir do conceito de Pessoa – Importância do conceito de sobredeterminação para considerar a questão evento-escolha – Pessoa inclui suposição de mestria e poder – Problematização recíproca das afirmações “a morte não há” e “a morte é certa”.

129

10. 04/SET

Indivíduo resulta de ato de discrição – Querela dos universais e o conceito de Revirão – A coisa do Primário e a coisa do Secundário – Lógica da trindade nos registros de Primário, Secundário e Originário – Pessoas gramaticais e o nó borromeu – Primário, Secundário e Originário pensados a partir do nó borromeu.

140

11. 18/SET

Trindade divina como o processo de geração interna ao Haver – Dialética do Dono, do Escravo e do Mundo – Psicanálise é performance de Ator – Psicanálise e a perene suspensão e suspeição de seus construtos – Aparelho Haver desejo de não Haver é auto-dissolvente e auto-destrutivo – Analista é de Arreligação e Arreligioso.

153

12. 25/SET

O que os analistas poderiam aprender com o credo poético de Rimbaud – Crítica a pseudo postura dos analistas – Preço da reposturação – Teoria da produção do analista e aparelhos de reconhecimento.

165

13. 09/OUT

Denegação presente nas construções elegantes – Formulação do Nome do Pai é uma construção elegante dispensável para o entendimento da psicose – Psicose resulta de HiperRecalque – HiperRecalque e o movimento regressivo nas morfozes regressivas – Eu (ou ego) é definido como Pessoa – Conceito de Pessoa como pólo focal e franja de Primário, Secundário e Originário – Democracia é uma violência lógica e uma violência política – Millor Fernandes, a denegação do preconceito e a condição moral.

177

14. 16/OUT

Século 21 e o lema *too late* – Espécie humana jamais conseguiu gerir seu repertório a tempo – **Parque Humano** de Peter Sloterdijk é *Hospício* para psicanálise – Exemplaridade do HiperRecalque em Estamira – Espécie é retardada em relação aos efeitos de seus movimentos.

191

15. 23/OUT

Imbecilidade humana é conjunto das Morfozes somadas à posterioridade do sentido e ao *conatus* das formações – Estupidez e o conceito de só-depois de Freud – Personagem do Homem Aranha como exemplar da mudança de paradigma no século 21 – Homem como IdioFormação secretou o Globo como teia – Personalidade é reconfiguração de uma Pessoa.

201

16. 06/NOV

Infernar Pessoas – Exercício da Indiferença é único céu consecutível – Redefinição do conceito de Personalidade – Hipótese mental de um Caminho do Meio é Revirão – Antibudismo de Lacan – Reconsideração dos temas da culpa e da vergonha – Indiferenciação é condição de renúncia – Psicanálise depende de gnoseologia.

214

17. 13/NOV

Perguntas sobre o Caminho do Meio – Distinção entre loucura e patologia – Dinâmica do HiperRecalque nas Morfofos Regressivas – Questões sobre a Morfofo Progressiva.

228

18. 27/NOV

Homogeneidade do Haver é diferente do Deus sive Natura de Espinosa – Teoria do Ple-roma e achados recentes da cosmologia – Os Quatro Tempos das Morfofos Regressivas: Composição, Estatuação, Catástrofe e Ruína – Morfofo Regressiva na história – Império Romano como caso exemplar de Catástrofe – Distinção entre Morfofo Progressiva e Morfofo Regressiva é vetorial – Recusa como formação clínica – Osama Bin Laden e o século 21.

235

ENSINO DE MD MAGNO

255

1. O que faço eu aqui? Quero dizer, aqui neste Falatório? Repito as questões que me acoçam e as respostas que me socorrem como pacificação. Só o faço por duas razões: primeiro, porque, assim fazendo, posso eventualmente encontrar em outrem as mesmas questões, se não mesmo as mesmas respostas. Então, se for assim, terei sucesso onde o paranóico fracassaria, ao mesmo tempo que poderei oferecer de bandeja, como alhures já dissera, esses achados e perdidos. Segundo, porque insisto em fazer continuar minha Análise Efetiva – e este é um meio excelente, na medida em que, assim, pode acontecer que eu colha alguma intervenção, ao mesmo tempo que possam também colher alguma no que digo. Aproveite quem puder. Contudo, que vocês retornem continuamente para me ouvir, isto sempre me espanta.

Ano passado, conversamos sobre os avatares da morfose, sob o título *Ars Gaudendi*, isto é, *A Arte do Gozo*, tratando da **Patemática da Psicanálise**. O assunto não foi terminado, muito menos esgotado, pois me pareceu necessário pensar a respeito da *Economia Pulsional*, que constitui o fundo de toda a **Psiconomia** – nome que já sugeri para o que se chamou primeiro de psicanálise –, para depois retornar com mais recursos às formações progressivas, estacionárias e regressivas encontradas na lida com a clínica. Então, este ano posso ficar mais focalmente em torno da questão da **Economia Fundamental**, título dado para o momento, isto é, ao redor das **MetaMorfoses da Pulsão**, conforme coloquei como subtítulo, o qual, aliás, melhor seria: **O Mercado das Pulsões**. Na verdade, é disso que se trata.

Freud disse coisas como: “Duas ambições me devoram. Primeiro, descobrir a forma que assume a teoria do funcionamento mental quando nela introduzimos a noção de quantidade, uma espécie de economia das forças nervosas; e, segundo, tirar da psicopatologia algum ganho para a psicologia normal” (*apud* Ernest Jones: *A Vida e a Obra de Sigmund Freud*, 1953). Reduzem-se, então, a duas as suas ambições: 1) saber como funciona a economia

das forças nervosas – o que é engraçado, pois, afinal, não passa de nervoso: as pessoas ficam nervosas e acabam fazendo coisas – quando introduzimos a noção de *quantidade*, algo que ele jamais conseguiu fazer e tampouco ninguém depois; e 2) tirar da psicopatologia algum ganho para a psicologia normal. Quer dizer, mais ambição tinha ele de pensar (não o normal, mas) o comum dos acontecimentos psíquicos do que a patologia, a qual era o caminho através do qual pensar como funcionamos. Isto é o importante, curar maluco é secundário. Diz ele também outra coisa: “A base sobre a qual repousa a sociedade humana é, em última análise, de natureza econômica”. Neste ponto, concorda plenamente com os economistas e mormente com Marx. Ou seja, em última instância, trata-se de economia – o resto vem depois.

Concebo a noção de *quantidade*, que diz respeito ao *quantum* de formações, como: a quantidade de formações envolvidas em uma moção, e, conseqüentemente, o vetor resultante da composição dos vetores aí envolvidos. O problema é que, em psicanálise, a noção de quantidade se restringe aos valores ‘maior que’ ($>$) e ‘menor que’ ($<$). Por enquanto, não há outra maneira de pensar isso a não ser por estes velhos sinais matemáticos. Assim, na melhor das hipóteses, considerada a massa de formações envolvidas num caso, podemos conjecturar ‘maior que’ e ‘menor que’ como a única aproximação de quantidade que temos. Isto não deve nos desinteressar dela, pois, do ponto de vista do sensível, exceto em momentos de muita ambigüidade, observa-se com certa facilidade que as forças são maiores para cá ou para lá. Não é difícil perceber isto no trato com a coisa psíquica. Algum dia, quem sabe?, poderemos medir isso com bastante precisão. Tarefa, aliás, para a neurociência, da qual não tenho medo algum, pois, quando conseguir saber as coisas, saberá exatamente o que a psicanálise está dizendo, já que não há outra coisa para saber (a única diferença é que a neurociência saberá exatamente). E, além do mais, suponho que se descobrirá que há duas mãos no processo. Poderemos abordar pela via neurológica ou pela via discursiva, o que dará no mesmo, pois reconheceremos que os dois caminhos funcionam.

Falar em *Economia* é considerar as composições do poder. É um tema

difícil, pois, como não somos economistas, não falamos da economia assim chamada. Lacan, em algum lugar, a sério ou não, declara que o inconsciente é capitalista. Nosso modo de dizer é: **o Haver é capitalista**. Portanto, o Inconsciente não pode ser não capitalista, segundo a definição mais rasa de última instância que tenho apresentado: o Inconsciente é aquilo que se passa entre Haver e não-Haver. Será, pois, em torno das questões da Economia e do Inconsciente Capitalista que nossos questionamento e reflexão evoluirão durante o tempo que for necessário. Por que *Economia Fundamental*? Se partirmos da suposição freudiana de uma economia psíquica, para esta espécie toda e qualquer economia, em qualquer sentido ou modo de abordagem, dependerá diretamente da *economia libidinal*. Freud a nomeara assim, mas acho melhor chamar **Economia Pulsional**. Devemos, pois, não só perguntar sobre o modo de funcionamento da economia psíquica enquanto tal, como também interrogar suas expressões no campo da economia social, e, portanto, também no da economia teórica. Eventualmente, não teremos capacidade técnico-profissional para isto, o que não nos impede de interrogar e pedir que alguém responda ou ajude a responder.

Eu costumava fazer a suposição de que o tranco da transformação no século XXI duraria, em termos de baderna geral, cerca de trinta anos, mas alguns economistas que leio falam em cinquenta anos. Talvez na segunda metade do século as coisas comecem a se recompor. Então, quem estiver vivo verá. Mesmo que não consigamos resolver as questões ou aproveitar dessas soluções, uma vez que grande parte de nós já esteja morta na ocasião, isso não deve nos impedir de aproximar as questões. A dureza dos problemas contemporâneos é o que nos faz tentar recompor os teoremas e as articulações do que se tem chamado de psicanálise. Como a coisa é mais difícil, perigosa e explosiva do que a maioria de nós pode estar supondo, tatearemos mais ou menos no escuro em torno da questão da economia.

2. Um lembrete. Achei um nome que me parece bom para nosso modo de operação aqui: **Pensamento Perplexo**. Já ouvimos falar sobre o que, com bastante

razão, ficou conhecido como pensamento complexo ou sistemas complexos. O Haver ou o Inconsciente é, sim, um sistema complexo, no sentido de autores como Edgard Morin, Ilya Prigogine ou Humberto Maturana, mas, no nível Originário e, portanto, da HiperDeterminação, é também, e sobretudo, um **Sistema Perplexo**. Não basta pensar a complexidade do Inconsciente como muitos já pensam, é preciso pensar sua **Perplexidade**. Pensamento perplexo é aquele que pode simplesmente apresentar a pedra filosofal, aquilo que transforma mercúrio em ouro. Ora, isso é a coisa mais banal para o Inconsciente e a mais simples para a psicanálise. Vejam, por exemplo, a equação freudiana ‘ouro = merda’. Há que pensar nisto, pois a economia de base transa na perplexidade dos valores: a *Princesa X*, de Brancusi, é um pênis; como, aliás, está na equação de Otto Fenichel ‘girl = phallus’, que Lacan usou para tratar do (seu) falo; ou, se não, as mulheres de Lacan, que são falos; ou, melhor ainda, uma *caralha* pode valer um *boceto*, como o *objet-dard*, de Marcel Duchamp, cuja construção é exatamente a de que tratamos. Isso é muito importante no fenômeno da economia. Veremos por que em face das guerras contemporâneas, que são evidentes até nas televisões, embora haja aquelas mais subjacentes. Certamente, a mais volumosa delas está em torno dessa questão, ainda que não pareça.

É preciso contrastar o pensamento perplexo com o pensamento complexo. Este valoriza a diferença e a multiplicidade, as quais estão em jogo nas formações e são inarredáveis em seu movimento agonístico de umas formações com as outras. Já o pensamento perplexo, que convive bem com o pensamento complexo, valoriza a Indiferença, a Equi-vocação, se quiserem, e o Inumerável. Diferença e multiplicidade são duas coisas que, na vontade de correção política do mundo contemporâneo, são valorizadas como aceitação e acolhimento, segundo certa vertente que excetua a vontade dos fundamentalistas de todos os tipos. Mas, efetivamente, **diferença e multiplicidade se tornam aceitáveis e acolhíveis de fato só depois da Indiferenciação**. A dificuldade de acolhê-las é que, sem a Indiferenciação prévia, não se consegue. *Diferocracia*, como chamei, só é viável mediante Indiferenciação. *Perplexo*

vem do latim *perplexus*, -a, -um, e costuma ser traduzido por: emaranhado, indeciso, duvidoso, hesitante, irresoluto, espantado, aturdido – termo utilizado por Lacan em *L'Étourdit* –, atônito, admirado, equívoco. Significa também: misturado, confundido, tortuoso, sinuoso, ambíguo, obscuro, enigmático, equívoco (lembrar a *équivocation* de Lacan); é um adjetivo constituído de *per*, que quer dizer: por, mediante, através, e *plectere*: anelar, encaracolar (o cabelo, por exemplo), encrespar, frisar, enlaçar, tecer, entrelaçar; uma *plectura* é enlaçamento, entrelaçamento (*l'entrelacs*, de Lacan), o entrançado (*la tresse*, de Lacan) – formas da topologia que são bem demonstrativas do pensamento perplexo. O verbo é *plecto*, -is, -ere, -xi, -xum, de onde se tira tanto complexo como perplexo. Portanto, o que quero chamar pensamento perplexo leva em consideração tudo que tem a ver com o pensamento complexo.

Outro lembrete: não quero considerar, como não tenho considerado há muito tempo, que o inconsciente é o discurso do Outro. Era verdade para Lacan, mas aqui não o é. **O Inconsciente é o (Re)Fluxo do Mesmo.** É o fluxo do Mesmo, mas com refluxo – em todos os sentidos, das marés ou o da comida (o que engolimos volta, e o que volta é o mesmo). O pior é que, em segundas, terceiras e, sobretudo, últimas instâncias, não há Outro algum, só há o Mesmo: é a Lesma Lerda, aquilo não sai do lugar. É preciso pensar como funciona esse Mesmo no nível do que chamamos de Inconsciente, no nível genérico do Haver. Uma metáfora interessante, embora sem possibilidade de cálculo, vem da simples aritmética: o *denominador comum*. O Mesmo é a série, não sei se finita ou infinita, dos denominadores comuns. A diferença, em aritmética, comparece nos numeradores e o que vai nos denominadores é a indiferença. É através da não-diferença ou da indiferença dos denominadores que se opera com as diferenças dos numeradores subditas ao mesmo nível de indiferenciação pelos denominadores. Então, podemos fazer uma metáfora, uma figuração ou algo dessa ordem, mediante uma sequência que talvez seja até infinita. Se tivermos uma série de numeradores e um denominador constante, poderemos operar com esses numeradores. E se continuarmos o processo reduzindo-o a cada vez que aparecer eventualmente a diferença embaixo, colocando um

denominador em seqüência à série dos numeradores, ela fica cada vez mais indiferente:

$$\frac{x}{k_1} = \frac{y}{k_2} = \frac{z}{k_3} = \frac{n}{k_4}$$

£

A metáfora é esquisita, pois não podemos fazer cálculos com isto, mas apenas conjecturar movimentos – o que, aliás, aborrece demais os lingüistas, por exemplo.

O manejo das diferenças, portanto, só é possível no nível de muita proximidade, pois quanto mais nos afastamos desse nível, mais indiferente fica o que quer que possamos chamar de significante, por exemplo, como Lacan gostava de fazer na imitação da lingüística de Saussure e Jakobson. No nível da significação, quanto mais nos afastamos da proximidade que oferece diferença, mais qualquer coisa pode *significar* qualquer coisa. Esta é a facilidade que corre no Inconsciente. Pior, mais qualquer coisa pode *valer* qualquer outra – o que é grave, mas é o que está no mercado e no mundo. Embora precisando de mais desenvolvimentos, quero já colocar isto como base de pensamento para o que ocorre no nível do que Freud chamou de Inconsciente e que quero supor ocorre no Haver, em qualquer circunstância. Produzir, acrescentar ou lutar por diferenças ocorre sempre no nível da decantação sintomática. Mas, por trás delas, o que existe é qualquer uma valer qualquer outra. De nosso ponto de vista, por que um sintoma seria melhor do que outro? Isto é válido apenas circunstancialmente: só em relação a determinado nível de abordagem, um sintoma pode, no caso, interessar mais do que outro.

Processo Primário, segundo Freud, é o que qualifica o Inconsciente. Qualifica-o pelo princípio do prazer, cujo fluxo à vontade é simplesmente *facilitação por indiferenciação*, pois o Inconsciente toma qualquer coisa para valer qualquer outra. Basta lembrar, por exemplo, do retorno do recaiado, que, mediante denominadores comuns – os recursos de condensação (*Verdichtung*) e deslocamento (*Verschiebung*), que ajuntei numa palavra só: meta-

foronímia –, é, em última instância: MetaMorfose. Hoje, dados os recursos computacionais, esses movimentos são visíveis, inclusive na televisão. Num *clip* antigo do quase falecido Michael Jackson (quase assassinado ou recém linchado nesse século imbecil), assistimos a uma série de transformações topológicas de retratos – o que é perfeito para mostrar como é o tal princípio do prazer. Ou seja, no nível do Inconsciente, qualquer forma pode *virar* qualquer outra. Posso também dizer no nível do Haver: em havendo condições, isto é, pagando-se o preço, qualquer coisa vira qualquer outra. Nem sempre é possível, mas é um problema estritamente de custo.

• **P** – *Um dos termos que se apresenta como dificuldade na economia e na psicanálise é a noção de valor. Mesmo em Saussure, de onde parte Lacan, esse termo se restringe ao jogo da diferença e da multiplicidade, sem achar o denominador comum que você aponta como Indiferença. Segundo sua indicação, somos levados a colocar o termo valor absoluto.*

Não podemos esquecer que língua é sintoma e que, portanto, sobrevive das diferenças. Mas na medida em que o poeta começa a indiferenciar a língua, ela começa a pirar, a des-significar, porque o movimento de toda economia – que supostamente para nós é o movimento da economia psíquica, da economia fundamental – é no sentido da Indiferenciação. Os economistas vivem em palpos de aranha porque não sabem onde colocar o limite da Indiferença e, quando o fazem, não o colocam por razões econômicas, e sim por razões morais. Isto será discutido longamente para entendermos o porquê desse processo.

3. Como se apresenta o teatro quase mitológico do funcionamento d’ALEI? Digo “quase mitológico” porque, fora do estrito processo do aparelho psíquico, este teatro pode se apresentar como: 1) *metafórico* de, pelo menos, uma boa teoria cosmológica entre outras, mas ainda em vigor, que faz suceder perenemente *big bang* e *big crunch* na formação do universo (mero uso metafórico de algo que algum maluco pensou); e 2) *alegórico*, ou seja, de uma ficção – que escrevo: *Fixão* –, aquela designada no que chamei de Esquema Delta,

desenhada no antigo Pleroma. Aliás, fico impressionado com o fato de ainda pensarem que fazer filosofia ou ciência não seja ficção. Onde está a garantia de que algo deixou de ser uma ficção?

O que está em jogo na Economia? Temos condição de extrair de nosso entendimento o funcionamento da IdioFormação que somos, entre outras que provavelmente existem? Só na consideração desse funcionamento, chegaremos a entender uma *economia de base* que se preste a qualquer conceito e a qualquer aplicação do termo *Economia*? Minha aposta é: sim. Do que tratam os economistas, esses propriamente ditos, que todo dia estão na televisão, sempre perdidos, dizendo o que não acontece com os dinheiros? Economia, quanto mais nos aproximamos desse campo, mais vemos que não tem pé nem cabeça, que ali só há meio de campo com umas regras de jogo instituídas por pessoas e instituições para os negócios do mundo. A economia oficial, propriamente dita, brinca no meio de campo – e brinca sério, pois aquilo é um terror – jogando com os bens e, portanto, com os males. Mas o que fundamenta qualquer economia são os desejos humanos, coisa que escapa do campo da economia propriamente dita. Então, temos que fazer outra economia: a **Economia Pulsional** (chamada de economia libidinal por Freud), a qual é o fundamento de toda economia que possa funcionar no psiquismo – portanto, no Haver –, ou seja, é o fundamento de toda e qualquer teoria ou prática econômica no seio do Haver. Então, segundo nossa suposição, ao invés de perguntar aos economistas do que tratam ou o que pode ser a economia, talvez tenhamos que lhes dizer do que é que se trata. O que não nos impede de, com muita frequência, encontrar esses que se encantaram ou que ficaram tocados com os problemas econômicos, através de uma história da economia, sacando coisas incríveis a respeito mesmo dessa Economia Fundamental. É a hora de aproveitar o que acharam não no regime da aplicação da economia propriamente dita, e sim no regime do entendimento da Economia Pulsional. Se o campo é o mesmo, o que eles lá sacaram é o que cá existe. Não pode haver outra coisa.

Temos um aparelho que propõe, logo de saída, que a questão única e fundamental é econômica e se escreve: Haver desejo de não-Haver. Para

nós, esta equaçãozinha ($A \rightarrow \tilde{A}$) decide sobre todo e qualquer movimento econômico da IdioFormação. O espantoso é que este é o primeiro (re)fluxo, inteiramente alucinatório. Fica difícil falar propriamente em desejo, no sentido em que utilizamos, para uma espécie animal, embora genericamente até possamos fazer isto. Mas o desejo, considerado especificamente e pensável segundo uma economia que abranja o Haver em sua compleição (portanto o Inconsciente, etc.), só é concebível em função dessa alucinação primeira. É importante compreender que o processo é alucinatório, pois quando proponho que o Princípio de Catoptria gera em última instância o não-Haver como requerido, este não-Haver requerido é alucinado, porque simplesmente não há. O não-Haver é alucinado pelo Princípio de Catoptria, dado que só vai aparecer como alucinação. Então, fora do impulso alucinatório, que costumamos chamar de Pulsão, não é possível pensar uma economia psíquica ou qualquer outra. Começa-se daí e isto já é o bastante para entender nossa loucura, nosso corre-corre atrás do quê? De uma alucinação, que, no entanto, não vai sossegar só porque queremos. A alucinação está lá como (e na) estrutura: a estrutura alucina, empurra, empuxa, impulsiona nesse sentido.

Conhecemos a quantidade de coisas já ditas a respeito da tentativa de dar conta de certas conseqüências dramáticas desse empuxo atrás da coisa alucinada. Freud supunha que era um objeto fundamentalmente perdido. Lacan caiu nessa conversa e pensou que era a falta. Para mim, não há falta alguma, pois isso que se alucina, que parece faltar, não é estruturante, e sim um efeito da estrutura. Para Lacan, falta mesmo e a falta subsiste na estrutura como estruturante de todo o processo psíquico. Minha divergência consiste em dizer que se confundiu o efeito, que resulta em aparência de falta, com o estruturante. Trata-se de mero efeito: o estruturante é o excesso. O excessivo do Princípio de Catoptria alucina esse troço que não há, e só parece falta por não ser consecutível. Freud sacou que há algo que não se encontra nunca e disse que era fundamentalmente perdido. Sim, digo eu, mas isto como efeito do excessivo. Logo, o estruturante é o excesso, e não a falta. Freud é ambíguo em relação a essa perda, fica perplexo, mas a economia, digamos, lacaniana

recorta estruturalisticamente e acha um buraco na lingüística de Jakobson e na antropologia de Lévi-Strauss, as quais supõem haver um lugar vazio para poderem funcionar e segundo o qual tudo se recorta. Assim, a tal falta virou fundamental e estruturante, produzindo uma economia que, a meu ver, não funciona direito.

4. Os efeitos da questão econômica aparecem em vários pensadores e lugares como tentativa de solução. Vejam, por exemplo, que Lacan sai de suas aulas com Alexandre Kojève (1902-1968) em torno da obra de Hegel (sobretudo, *A Fenomenologia do Espírito*) tentando entender o processo de apropriação e, subseqüentemente, de acumulação – ou seja, o processo econômico nas relações supostamente entre IdioFormações (entre sujeitos, para Lacan) –, a partir da dialética do dono e do escravo. No entanto, fazer a suposição de que o dono é dono porque arrosta a morte e o outro um covarde e, portanto, escravo, é uma besteira que foi apontada por vários autores, inclusive por Marx. Isto porque, se nos apropriamos de algo que supostamente é de outrem, já estamos supondo uma apropriação ou uma propriedade. O sentido de “propriedade” pode até ser evidente em relação aos corpos. No caso da força física de alguém, por exemplo, temos que arranjar mecanismos para nos apropriar dela, pois a força está lá, e não aqui. Se chamarmos isto de propriedade, a força física será desse alguém, mas será desse alguém enquanto não a tomarmos para algum uso ou benefício nosso. Ora, depois de Hegel, todos já entenderam que isso se toma no tapa simplesmente porque temos que ser mais fortes e ter mais poderes em algum nível para nos apropriar disso que supostamente seria desse outrem por parecer estar aí embutido. Então, o dono não é questão de poderes previamente constituídos – o que dá certo valor à teoria de Marx que supõe haver uma classe que se apropria –, mas, de fato, existem poderosos que tomam no tapa. Temos que pensar como isso funciona para nós.

No *discurso do dono* em Lacan, $S_1/\$ \rightarrow S_2/a$, há apropriação do mais-gozar. Para saber como Lacan articulou a questão, procurem em seus seminários XVI, *D'un Autre à l'autre*, e XVII, *L'Envers de la psychanalyse* (que

prefiro escutar como *l'enfer de la psychanalyse*). Nada tem a ver com nossa articulação, pois Lacan dá um jeito de, a partir de seu sujeito, tentar explicar esse processo como formação discursiva de apropriação do tal mais-gozar, do tal objeto *a*. A suposição é de uma relação entre significantes ($S_1 \rightarrow S_2$) que chama de *relação fundamental*. Em Lacan, não se trata de uma coisa incorpórea, pois S_1 é chamado de significante dono, significante ser-eu, significante metro (*maître, m'être, mètre*), o que já é suficiente para entendermos que S_1 tem rosto, configuração. Portanto, não pensem que se trata dessa abstração toda com a qual as pessoas consideram a questão. Nessa relação fundamental, na transa do primeiro significante com o outro significante, ou melhor, com o significante do Outro, Lacan faz a suposição de que aquilo que parecia sujeito configurável no passado, por mais abstrato e esburacado que fosse desde Descartes, é uma cintilância, a ponto de dizer que, no momento mesmo de sua aparição, o sujeito some. E o tal mais-gozar, o objeto *a*, é uma espécie de resto da operação que também se perde imediatamente junto com o tal sujeito. Quer dizer, é uma gozadinha que se dá e não se sabe nem onde nem como. O dono, então, é aquele que, por algum motivo – para Lacan é porque arrosta a morte, para mim e para Marx é porque ganha no tapa –, se apropria do chamado mais-gozar, no qual há a intenção de dar conta do que Marx chamava de mais-valia, coisa também tão obscura que não se consegue pegar.

Marx situa o que chama de capitalismo como um processo articulado de apropriação, extorsão e exploração de outrem de quem se tira esse valor que não foi computado em seu trabalho, isto é, que não foi pago. Mas, independentemente da solução lacaniana da mais-valia como mais-gozar, analisaremos depois como nasce a mais-valia dentro da articulação de nosso entendimento do que seja o Haver subdito à sua Alei, $A \rightarrow \tilde{A}$. Desde já, retomamos a pergunta: o que é capitalismo? Na cabeça dos economistas, assim como na de Marx, ele tem data. Ora, o capitalismo não tem data e há autores que afirmam isto. É preciso entender o que seja capitalismo – sem nenhuma relação com pós-feudalismo – para mostrar que se trata de uma função permanente, e não historicamente instalada. Isto, se Lacan estiver certo ao falar, brincando ou

não, que o inconsciente é capitalista, e eu estiver certo – não estou de brincadeira – ao dizer que o Haver é capitalista.

5. Há algo que está causando espécie em muita gente e quero comentar aqui da próxima vez. Trata-se do último livro de Jean-Claude Milner, *Les Penchants criminels de l'Europe démocratique* (Paris: Verdier, 2004). Milner é uma pessoa inteligente, erudita, cuidadosa, rigorosa, etc., mas nos deu de bandeja certa noção com uma clareza ótima. Soube do livro através de um artigo de Jacques Rancière, que estava em pânico diante de seu conteúdo. Leiam o livro e os artigos escritos a respeito, pois se trata de algo importantíssimo, brilhante e... estúpido, como veremos.

03/ABR

6. Como disse, farei algumas observações, que também são de ordem da economia pulsional do tempo contemporâneo, em função de um acontecimento interessante no nível da publicação de livros na Europa e de sua repercussão jornalística e política. Sempre recomendei a leitura dos livros de Jean-Claude Milner, que é excelente lingüista e discípulo de Lacan com trabalhos inteligentes e precisos. Isto, além de sua erudição e preparo para abordar as questões do mundo com base no pensamento, digamos, lacaniano, com uma lucidez que a maioria não tem a respeito do que se trata. Recomendo, então, de novo, que leiam e tomem como referência *A Obra Clara. Lacan, a ciência, a filosofia* (Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996), um texto fundamental que os ditos lacanianos fingiram não ver. Talvez por ser um dos raros trabalhos em que o autor consegue acompanhar todos os passos dados por Lacan até o fracasso final de sua produção. Há lá diversos pontos que me parecem essenciais. Por exemplo, a destituição da vontade de ciência no pensamento da psicanálise; a relação entre a psicanálise e a lingüística como feita por Lacan, que, como

lingüista, Milner reconsidera, etc. São pontos explicitados de tal modo que certas formações necessariamente destituídas depois de alguns passos do próprio Lacan deveriam ter sido abandonadas, e não continuar a fazer rebarba. Que isto aconteça na universidade, é natural, já que é a lata de lixo do que foi feito, a usina onde se recicla lixo. Mas que ocorra no mundo cá de fora, onde realmente acontecem as coisas, não é tão natural. Portanto, do ponto de vista da consideração do trabalho disso que nasceu com o nome de psicanálise, de vez em quando é preciso fazer limpeza e deixar de lado ou mesmo dejetar a maioria dos andaimes utilizados para a construção de certos pensamentos. Quanta coisa em Lacan não é andaime e, com o tempo, já podemos jogar fora? Os autores constroem as coisas não porque sabem, mas porque são ignorantes: se soubessem, não produziriam. Produzem na ignorância: de repente, a coisa surge e eles acolhem. O segredo da autoria não é fazer algo, e sim acolher o que foi feito na ignorância. Então, com o tempo, é preciso jogar fora os andaimes que foram colocados para ver se a coisa se arrumava.

Esse mesmo Milner acaba de publicar o livro *Les penchants criminels de l'Europe démocratique*, que citei da vez anterior. Já o encomendei, mas ainda não recebi. Entretanto, os comentários nos jornais a respeito do texto deixam tão clara a situação que é importante termos uma resposta. Sobretudo porque, mesmo entre nós, existe certa confusão em relação ao tipo de coisa lá tratado, o que atrapalha o desenvolvimento do trabalho e do entendimento de nossa teoria. Por isso, faço questão de deixar clara minha posição, assim como Milner parece ter deixado a sua nesse livro. Algumas pessoas ficaram furiosas com ele, mas não vejo motivo para tal, a não ser pelo fato de ele ter absolutamente razão, a qual desemboca em lugares muito perigosos. No Brasil, publicou-se o artigo, muito ruim, aliás, de Jacques Rancière, *A democracia criminosa* (caderno Mais!, Folha de São Paulo, 28 de março de 2004), em que podemos ver que o livro trata da questão da *democracia*. Questão, aliás, candente em nossa época, pois está cada vez mais claro que ela não existe, embora haja grande vontade de que venha a existir de algum modo. Em contraposição, vemos a recrudescência de certos movimentos de vocação

totalitária e, sobretudo, de índole religiosa, a qual pode ser encontrada até na, digamos, estrutura de Estado que mais alardeia a democracia, que é a estrutura norte-americana. Vivemos um momento muito difícil de tomada de decisão a respeito dessas posições possíveis. Momento este caracterizado por uma forte vocação para o aparelho democrático, com forte empuxo no sentido da abstração que supponho estar adscrita ao movimento da tecnologia, a qual tornou-se o paradigma da abstração no mundo e, portanto, digamos, é nela que se tem que apostar para alguma democracia. Nem é preciso apostar, pois as próprias estruturas do capitalismo e do mercado contemporâneos não podem não fazer a tecnologia se movimentar sem fazer ruir sua estrutura econômica de base.

Há outros artigos, mais ou menos ruborizados, a respeito do livro de Milner, que podem ser acessados na internet. Por exemplo, *Le vrai secret du 'nom juif'*, de Patrick Kéchichian (*Le Monde*, 07 nov. 2003); *Lectures*, de Bernard-Henri Lévy (*Le Point*, 14 nov. 2003); *Israël, les non-dits d'une condamnation*, de Claude Lanzmann (*Marianne*, 10-16 nov. 2003); *L'Europe et le nom juif selon Jean-Claude Milner*, de Robert Redeker (*Tageblatt*, 21 nov. 2003); *L'Europe et les juifs sont-ils incompatibles?*, de Roger-Pol Droit (*Le Point*, 05 dez. 2003); *L'Europe face à elle-même?*, de Georges-Arthur Goldschmidt (*La Quinzaine littéraire*, 01 dez. 2003); *L'Europe: de l'antisémitisme à l'antijudaïsme*, de Philippe Lançon (*Libération*, 03 dez. 2003); *Les penchants criminels de l'Europe démocratique, par Jean-Claude Milner*, de Hélène Keller-Lind (*Actualité Juive Hebdo*, n° 822, 04 dez. 2003); *À Durban l'Europe et le monde musulman se sont retrouvés sur un mot d'ordre antijuif*, entrevista de Jean-Claude Milner a Claude Meyer (*Actualité Juive Hebdo*, n° 823, 11 dez. 2003); e *Antisémitisme, l'Europe?*, de Jean Daniel (*Le Nouvel Observateur*, 11-17 dez. 2003).

Em suma, Milner deu um piti e resolveu dizer a verdade a respeito de certa tendência que ele diz ser (não da democracia, mas) da Europa democrática. Portanto, considerando a posição dos judeus hoje, na Palestina, e o fato de terem conseguido instalar um Estado – a cuja criação Freud era contrário –, Milner tira da cartola o coelho que lá estava há décadas e que ninguém

queria reconhecer. Diz ele que a democracia que chama de européia, para seu desenvolvimento, para se instalar no mundo como tal, sempre teve um empecilho grave: a existência dos judeus lá dentro. Não se trata apenas da questão judaica, e sim do problema judeu. Sua tese é que os judeus na Europa eram um embargo ao desenvolvimento da democracia e, por isso, a Europa sempre procurou um jeito de livrar-se deles. Sabemos que a tendência a livrar-se dos judeus é antiga, bem anterior à Revolução Francesa ou qualquer coisa do tipo. Basta lembrar da Igreja Católica, que alguns talvez achem tão engraçadinha porque João XXIII fingiu passar a borracha nessa história, e, depois, João Paulo II arranjou e orquestrou politicamente a situação dando a impressão de apaziguamento das diatribes para com o povo judeu e de que certo ecumenismo seria capaz de arredondar as arestas que se eriçaram sempre em torno deles.

Para Milner, então, o movimento de tentativa de a democracia instalar-se plena e definitivamente no mundo, pelo menos na Europa, encontrou uma séria barreira na pura e simples presença dos judeus. E por diversos expedientes essa Europa democrática tentou livrar-se desse problema, que impede sua verdadeira democratização. O nível de perseguição a eles foi exacerbado em toda a Europa. Não é à toa que existe um Espinosa na Holanda, pois eles foram expulsos de Portugal. É, aliás, interessante pensar o porquê de Portugal sempre ter uma pinimba, não se sabe se saudável ou não, com os judeus e os jesuítas. Notem algo curioso, que talvez faça elo com a questão de Milner: os ex-judeus são importantíssimos na revirada do pensamento. Espinosa era um ex-judeu; Freud não era propriamente um judeu... Quando digo judeu, não estou falando de raça, e sim de uma situação cultural e religiosa. Assim, ou se mantém essa postura ou se é contra ela, mesmo entre aqueles que tiveram um início de vida como judeus: Freud, Espinosa e Einstein, por exemplo.

Foi publicado no Brasil o livro de Jacques Attali, *Os judeus, o dinheiro e o mundo* (São Paulo: Futura, 2003), sobre a relação dos judeus com o dinheiro. Frequentemente, supõe-se que essa relação exista no nível da usura, ou seja, que os judeus são grandes acumuladores e negociadores de moeda, de dinheiro, e por isso a vocação usurária. Em princípio, parece-me tolice pensar

que o empecilho produzido pelos judeus ao desenvolvimento da tal democracia esteja ligado à sua relação com o dinheiro, uma vez que a subversão, a dissolução que o capitalismo, mediante o movimento do dinheiro, produz no planeta realmente corresponderia a uma grande abertura democrática. Acho que a relação dos judeus com o dinheiro é excessivamente religiosa, de tal maneira que, onde parece que manobram sua vocação dissoluta e dissolutiva, fazem justo o contrário: sacralizam a relação financeira. Com isso, tornam-se um dos maiores freios do capitalismo. Precisam interessar-se pelo dinheiro porque tiveram o azar de ser sempre expulsos, e a liquidez lhes é importante, no que estão inteiramente corretos. Mas não acho que tenham, como dizem, uma relação usurária no espraçamento da função monetária. Para mim, repetindo, é o contrário: são eles que, por questões religiosas, põem freio ao espraçamento do capitalismo.

Se a noção judaica de capitalismo funciona do mesmo modo que todo o resto para eles, não podem ser abstrativos com essa função. Ao contrário, devem ser configurados demais em relação ao dinheiro. Assim, mesmo no regime do financeiro há uma moral por trás que embarga. O capital e a democracia não podem ter moral, não podem ser protestante ou judaica. No final do século XX e começo do XXI, vemos que idéias como o politicamente correto e outras tantas são a suspensão das pressões morais sobre o funcionamento do Inconsciente, do significante (se os lacanianos quiserem) ou das formações, segundo nós. É o funcionamento sem registro de juízo moral. Quero dizer que os judeus lidam com dinheiro como, por exemplo, os protestantes. Ou seja, há uma moral em jogo que limita o funcionamento pleno do capitalismo e, portanto, o funcionamento pleno da democracia. É democrático até o ponto em que não toque na moral, logo não é democrático. Mas não estou aqui para dizer que é este o embargo que a Europa democrática sente na presença dos judeus, como já acusaram. Isto é besteira, pois o capitalismo não está inteiramente na mão deles.

Então, Milner tem a coragem de dizer – e pode fazê-lo, pois está falando de dentro – que o famigerado e abominado Adolf Hitler era apenas uma

17/ABR/2004

mão da democracia européia agindo conforme esta queria que fosse agido. Nunca se teve a coragem de dizer essa obviedade, pois, no final das contas, todos resolveram invadir e destruir a Alemanha, inclusive com o apoio da URSS, que não era em nada diferente, apenas com uma postura contrária do ponto de vista da política econômica. O fato é que a Europa não mexeu um dedo enquanto Hitler subia ao poder e fazia todas as atrocidades. Estava tudo muito bem, até para o Papa... É o que diz Milner, que a Europa sempre precisou e precisa se livrar dos judeus porque eles atrapalham a europeidade e a democracia. E o nazismo foi uma solução dada por essa via de pensamento. Mas está dizendo isto em defesa do povo e do Estado judeus. Para ele, os judeus devem deixar de contar com a Europa, pois ela quer que eles se danem. Mesmo a criação do Estado de Israel é uma forma de expulsão, uma tentativa de dar outra “solução” – não a da câmara de gás, de Hitler – ao problema judeu. Ora, até aí estou acompanhando o que ele pensa. Minha intenção não é fazer julgamento sobre esse ou aquele lado, e sim mostrar que temos uma ferramenta de esclarecimento da questão, que não vejo em Milner ou tampouco em outro autor.

7. Retomemos o conceito de **Creodo Antrópico**, apresentado em 1994. Segundo o sentido que coloquei, fiz a suposição de que deve haver um movimento espontâneo neste sentido.

Primário → Secundário → Originário

←

Isto, para qualquer espécie de IdioFormação – conhecemos apenas uma, a humana –, que deve ter como movimento espontâneo, embora não obrigatório, essa possibilidade. Assim, se houver movimento, este não poderá ocorrer fora da linha de um Creodo, de um caminho necessário, que, se for percorrido, será necessariamente neste sentido. É necessário como caminho percorrido, e não necessário de ser percorrido. Pode até acontecer de esse caminho não ser per-

corrido, pois pode até ser forçado por alguma instância a regredir. Portanto, se pensarmos que a estrutura é de Primário, Secundário e Originário, dado que o movimento tende a produzir cada vez maior leveza – *softness* contra *hardness*, no sentido computacional –, quanto mais movimento se faz, mais se abstrai, mais se secundariza, mais se originaliza... Então, quando há movimento, o caminho necessário é de Primário – seja ele qual for: em nosso caso, é o de macaco – para Secundário, e para Originário. E se o caminho é percorrido, propõe – aí sim, necessariamente – um movimento de abstração e de soltura em relação às formações mais pesadas, que são as primárias. Minha suposição foi que uma IdioFormação deve ter tendência a começar a organizar-se e auto-referir-se, ou referir-se a alguma formação sua, pelo nível do Primário. Até fiz a brincadeira com nossa estorinha ocidental e chamei essa seqüência de movimentos sucessivamente postos de Impérios d’AMÃE, d’OPAI, d’OFILHO, d’OESPÍRITO e do AMÉM. Isto porque é o nosso sintoma de judeu-cristão, aliás de Segundo e Terceiro Impérios. Vejam que estou exemplificando por onde nosso olhar alcança, portanto, são meros exemplos de acontecimentos de Império, uma vez que não temos amplas convivência e pesquisa em outros regimes, como o chinês ou o japonês, para acompanhar isso.

A exemplificação desta série de acontecimentos históricos de Estado, cultura, civilização e sociedade, como seqüência desses Impérios, depende de duas coisas. Primeiro, a passagem de um Império para outro, não significa que o Império anterior tenha desaparecido. Ao contrário, permanece funcionando como um resto de formação ali em jogo. Segundo, não é preciso o Império novo aparecer necessariamente em hegemonia, pois não é o sumiço do anterior nem a hegemonia do próximo que demonstram que mudamos de Império. O que demonstra é o novo poder surgir e permanecer séculos, se não milênios, até atingir alguma hegemonia. Ou seja, o que importa é ele estar sendo produzido. Para haver mudança de Império, é preciso haver questionamento daquilo que justamente proporcionou a instalação do Império. O Império tem um modo de *produção* – que pode instalá-lo ou não – e um modo de *instalação*. Ambos são do regime da economia de uma sociedade, mas um não é

necessariamente o mesmo que o outro. O modo de produção é empresarial, no sentido mais abstrato da época moderna, envolvendo empreendimentos políticos, militares, etc.; e o modo de instalação é sempre religioso. Se aquilo não se espalhar como mentação religiosa, não se instala – e só um aparelho religioso é capaz de dissolver-se na massa, até entre os ignorantes. Portanto, **a produção de um Império não coincide com sua possibilidade de instalação, a qual exige que ele já tenha sido produzido e possa ser disseminado através de uma produção discursiva qualquer que tem característica religiosa.**

Retomando meus exemplos, lembro que o **Primeiro Império**, onde quer que apareça, situa-se como algo da ordem de uma horda ou tribo cuja referência é sua origem carnal. Por isso, chamei de AMÃE. Ou seja, a organização do estado da situação – embora, na época, ainda não houvesse algo de que pudéssemos falar como fundação de um Estado – tinha como referência a origem carnal da incorporação de cada um. No caso do Ocidente, de nossa estorinha local, poderíamos situar isso em tribos semitas, mais ou menos organizadas e em outras mais. E é nesse Primeiro Império, com suas tribos e hordas, que a idéia de Neolítico aparece e, a partir daí, começa a instalação do Império novo. Pode ter levado milênios, mas chega o momento em que dá a impressão de que a referência genérica passa a ser de **Segundo Império**, o que certamente ainda está convivendo com um regime de poder que não é neolítico. Se tomarmos o caso do Egito, onde terão vivido Moisés e Akhenaton, veremos que o Segundo Império lá já estava produzido, mas a forma de religião e de governo talvez não fosse plenamente de Segundo Império. Akhenaton buscava remodelar a religião egípcia com algo genial nunca antes visto: a invenção do *transcendente*, que hoje chamamos *monoteísmo*. Ao inventar a referência para com o transcendente, ele muda inteiramente a economia do planeta, sobretudo naquela região, mas o Segundo Império que inventou não iria se instalar direito se a religião anterior não fosse substituída pela nova, que é a religião d’OPAI, do Sol. O famigerado “Pai nosso que estais no céu...” foi inventado por ele. O tal Jesuscristinho simplesmente achou essa reza em algum lugar e a ensinou a seus meninos.

A produção do Segundo Império demora milênios. Akhenaton resolve instalá-lo definitivamente e quebra a cara, pois sua instalação não cola a tempo e destroem tudo que fez. Isto, de certo modo, pois, uma vez que o Segundo Império já estava produzido, continua se encaminhando. Surge o tal Moisés, que, conforme Freud propôs, teria vindo do próprio Akhenaton, toma umas pessoas perdidas, sem terra, reunidas em tribos, e as organiza para fazer seu povo, o povo eleito... por Moisés, é claro, embora dissesse que foi por Aton (que chamou de Jeová). Ele instala esse povo como Segundo Império numa religião fortíssima, moralíssima, com o Pai lá em cima gerindo tudo, com uma moral contra os *affaires* da mãe, coisa nítida no judaísmo, que é típico do Segundo Império. Não estou dizendo que judaísmo e Akhenaton sejam os criadores e os originais dessa criação, pois não sabemos como ocorreu no resto do mundo. Apenas acompanho uma história em que o Segundo Império se instala na relação Akhenaton-Moisés, Egito-Israel. No nível da produção, se não se produziu um povo egípcio de Segundo Império, pelo menos produz-se um povo judeu de Segundo Império e passa-se de Aton a Jeová. Certamente, com todas as misturas que historicamente ocorrem. E isso se instala literariamente com um conjunto de livros chamado *Pentateuco*, que é a *Bíblia* dos judeus.

Está aí, então, a instalação do Segundo Império numa região do mundo, pelo menos. Digamos: está aí o Mercado dos Deuses e das Pulsões instalado no nível de Segundo Império. A produção e a instalação de um Império são da ordem do mercado, como sabemos hoje que conhecemos a propaganda. Akhenaton não conseguiu vender sua idéia, mas os judeus, embora cercados, de um lado, por Primeiro Império e, de outro, por formações emergentes diversas, conseguiram instalar um Segundo Império localizado. Entretanto, um Segundo Império desse tipo demora tanto para se instalar com precisão e compleição, com uma religião estruturada, etc., que, junto, vem brotando um **Terceiro Império**. Ou seja, ao mesmo tempo que há um Segundo Império bem instalado, em alguns lugares, onde de algum modo um Segundo Império já existia, mas não de judeus, começa a brotar um Terceiro Império. Isto porque o Neolítico se configurou de várias maneiras. Como somos viciados

em nossa estória local, temos tendência a pensar que havia uma bagunça, que Jeová a organiza, forma o povo judeu, depois vêm os cristãos, etc., mas, para outros povos, não é assim que acontece. Os historiadores deveriam buscar saber como, em outras regiões, fundou-se um Neolítico, se ele organizou um Segundo Império – que também demorou milênios se produzindo – sem a marca judaica.

Suspeito que, em nosso panorama cultural, o Terceiro Império começa a se produzir no Império Romano. Não na República, embora esta talvez viesse construindo elementos de afastamento do Segundo Império em que, de outro modo, com outra formação religiosa, politeísta ainda, ela também já vivia com forte tendência de construção de um monoteísmo. Um dos grandes sacadores desse Terceiro Império foi Julio Cesar. Se lerem, por exemplo, *Julio Cesar: O ditador democrático*, de Luciano Canfora (São Paulo: Estação Liberdade, 2002), verão como ele assustou demais os romanos quando, segundo acho, quis dar o golpe de Terceiro Império – o que foi entendido como mero golpe de imperialismo – e, por isso, foi morto (pelos amigos mais próximos, é claro). De algum modo, conseguiu, visto que aquilo virou Império mesmo. Eles o destruíram supostamente com medo de ele ser ditador (como, de fato, era), mas o assustador era seu abandono das idéias de Segundo Império. Ele era aberto demais para permanecer naquelas coisinhas. Então, apesar de o terem matado, produz-se no Império Romano um artifício de Terceiro Império, mas sem conseguir instalá-lo. Ou seja, há uma tentativa de monoteísmo no Império Romano, só que o Jesus Cristo deles é Cesar: encarnam no chefe do poder estatal a imanência de Deus no Império. É uma tentativa de dissolver o politeísmo e colocar um Deus único, mas encarnado nuns loucos varridos. A sucessão dos imperadores jamais se constituiu, de fato, numa religião que pudesse deixar o Terceiro Império instalado.

Enquanto ocorriam essa produção e essa tentativa de instalação no Império Romano, a presença romana no meio dos judeus facilitou que alguns judeus se aproveitassem da fala dos profetas para instalar seu Terceiro Império. A comoção política entre os judeus – e Jesus é apenas um entre os

muitos marginais com o mesmo interesse – era certa revolta contra a permanência careta do Segundo Império entre eles. Mas sem a presença do Império Romano sugerindo que era possível, até pela força, duvido que houvesse a revolta entre os judeus, pois teriam sido todos decapitados tal qual João Batista. A esperança dos revolucionários, mesmo dentro do quadro judaico, mesmo ainda se referindo aos profetas, era alimentada pela presença da produção do Terceiro Império em Roma. A consequência foi colocarem o trouxa na cruz, matá-lo e fazer um movimento em torno do cadáver dele. É um movimento de judeus contestando (não como exclusão, mas) como aprimoramento da religião judaica. Trata-se de algo maior que os profetas já teriam garantido: a vinda do messias. Ora, isto só se constitui religiosamente para valer quando um binacional, romano e judeu, chamado Paulo (Saulo), tem a competência política para instalar o tal cristianismo entre judeus, romanos e gregos. Isto significa que o Terceiro Império, produzido por Roma, emerge religiosamente entre os judeus como uma bela e evidente passagem religiosa de Segundo para Terceiro Império, e vai se instalando de tal forma que há um momento em que o imperador reconhece que os judeus estão fazendo o que os próprios romanos fizeram. Ou seja, a coisa está tão disseminada no povo que é preciso aproveitar. É quando Constantino (272-337) vê no céu uma cruz iluminada na qual está escrito: *In hoc signo vinces* (Sob este signo vencerás)! Instala-se, portanto, o Terceiro Império.

Neste regime, o famigerado Jesus é um boneco da situação, usado apenas porque as conjunções em torno dele deram certo, fazendo funcionar a instalação religiosa que talvez tivesse vindo de sua fala (lembrem que só sabemos dos textos de Paulo e que o resto é invenção posterior). Assim, temos aí o espelho: CJ / JC – Caio Julio produz o Terceiro Império e Jesus Cristo o instala historicamente. Surge o cristianismo e seus livros são chamados de *Evangelhos*. Há, de fato, uma incompatibilidade entre o *Velho* e o *Novo Testamento*, não aceito até hoje pelos judeus. Embora os cristãos tentem dar um jeitinho dizendo que os profetas falaram sobre o messias, não temos como juntá-los, pois são de Impérios radicalmente diversos. A referência do Segundo

Império é o Pai. O Terceiro fala do Pai apenas porque ele lá estava inventado pelo Segundo e não vai acabar, mas a referência do Pai no Terceiro Império é instalada como OFILHO, este, aliás, tão encarnado quanto o Imperador romano. E a encarnação do Pai no Filho, criando o Império d'OFILHO, tornou Deus imanente entre nós. OPAI está lá porque a referência ainda existe, mas o referencial agora é o Império d'OFILHO, com as transformações que já lhes mostrei de outras vezes.

Não podemos esquecer que, em outro recanto, com Maomé, houve também uma re-revolução. Os árabes tentaram produzir um Terceiro Império de outra índole que reconhece o *Novo Testamento* e Jesus Cristo, mas quer outra instalação, com outro livro, o *Corão*, que lhes serve melhor como motivo ou referência de instalação. Temos, pois, a série: Judaísmo, Cristianismo, Islamismo, todos montados a partir da mesma estorinha, que para trás dá no Abraão ou no Ibraim. Eles são de mesma história, mas os judeus, com sua instalação religiosa, são de Segundo Império, ao passo que cristãos e muçulmanos são de Terceiro. Então, do Pentateuco, passando pelo Evangelho até o Corão, temos uma massa enorme de acontecimentos.

Mais recentemente, alguns cristãos que vieram para a América, por causa de certo tipo de manobra de índole cristã, começam – em cima da própria emergência do novo capitalismo criado no seio do Terceiro Império ao lado da igreja católica apostólica romana – a mudar de índole por vocação protestante. É o protesto contra as formações em vigor no Terceiro Império (que Max Weber tenta entender em relação aos protestantes da Nova Inglaterra). Então, com o Segundo lá como resto e o Terceiro ainda em vigor, começa a acontecer a invenção do Quarto – o qual, hoje, podemos dizer que está focalmente produzido por um negócio chamado *United States of America* (o foco é ali, mas sua franja vai longe). Entretanto, se o Quarto Império emergiu e está produzido, no entanto, não consegue se instalar. Ele tem a configuração norte-americana: seu Jesus Cristo está nos EUA e já começa a produção de seu espraiamento. Como não tenho outro nome, chamo-o de *Matrix*. Há, pois, o império americano e o império *Matrix*, ambos de Quarto Império. Se não

tem Jesus Cristo, pode ter *Neo*; se não tem um Deus, pode ter um *Gnoma*; se não tem uma religião que o instale, o Quarto Império está à espera de uma *Arreligião* – e suponho que o desenvolvimento da psicanálise pode servir para sua instalação, junto com um desenvolvimento explosivo compatível com a tecnologia contemporânea, com *Matrix*... Por isso, em 2002 falei de *Psicanálise: Arreligião*. Algo da ordem de uma religião em vazio há que ser inventada e disseminada para instalar o Quarto Império – ou ele não se instalará. Na religião do Quarto Império não se tratará de tolerância ou amor, e sim de indiferenciação e decisão *ad hoc* – coisa que já está na tecnologia, mas não entrou na cultura. O chamado cientista, ou seja, o tecnólogo, já é indiferente ao que será produzido e as decisões são de mercado, por exemplo.

8. Jean-Claude Milner tem razão ao apontar que a Europa se dá conta – diríamos, inconscientemente, o que é uma besteira, pois é muito consciente – de que os judeus atrapalham por, segundo meus termos, não quererem largar o Segundo Império de jeito algum. Eles nem quiseram passar para o Terceiro e, recalcitrantemente, ficam insistindo na moral do Segundo. Milner, como analista que não deixa de ser, diz com clareza qual é o sintoma do Segundo Império: homem / mulher, pai / filho. E justo o que, hoje, está sendo explodido com o nascimento do Quarto Império é a tal diferença sexual, que é uma construção de Terceiro Império, e não uma diferença que Freud pudesse ter achado ou Lacan reconstruído numa formulação sobre sua existência. A diferença de Segundo Império era outra: homem sim / mulher não, e, hoje, a diferença de Terceiro acabou, pois somos regulados por tomar os corpos e ter funcionamentos e funcionalidades, coisa que nada tem a ver com ser homem ou ser mulher. O que temos são formações isoladas com sexo tal e funcionamento tal, e as gerações se dando conta de que não são tão diferentes assim e nem tão separadas como se supunha. E mais, a relação pai / filho, garantida pelo Segundo e abrandada como irmandade pelo Terceiro Império, danou-se tanto como relação de pai / filho quanto como irmandade. Não tem mais essa de sermos irmãos, somos sócios: há que negociar direito, se não, sai briga. O

mesmo vale para a história de não poder comer a mãe, embora o cruzamento de gerações ainda cause muita comoção (isto só porque o Segundo Império está dentro de nós).

Por entender que se trata de uma luta de Impérios, a psicanálise pode ajudar a abrandar isso. Os judeus serão sempre expulsos, pois se, durante o Terceiro, o Segundo já atrapalhava, na emergência do Quarto, então, isso atrapalha demais. O capitalismo, como viu Deleuze, vive com o pé no freio, um freio moral ainda de Segundo Império. Nos EUA, as pessoas ainda acreditam que existe prostituição. Quando um executivo pensa que puta é o outro, isto é anti-capitalista. Precisamos entender bem onde a moral segura. É só botar mão no sexo, que ele logo se manifesta. Observem também como a igreja católica, que é de Terceiro Império, está sempre se segurando no Segundo com certo receio da piração. E ainda temos o Dr. Jacques Lacan, que reformata a psicanálise como Terceiro Império, nitidamente cristão, e não consegue largar mão do Nome do Pai. Isto a ponto de declarar que a ciência galileana é de índole judaica. Ou seja, que, sem a sustentação dos princípios judaicos, essa ciência não existe. Lacan é um teórico de Terceiro Império. Por isso, digo que ele é terminal e acabou com o século XX (em todos os sentidos). O pensamento freudiano, embora Freud habitasse o Terceiro Império, é excessivamente de Segundo. Édipo, castração e inveja do pênis são coisas de judeu. Por mais que fosse cientificamente anti-judaico, era de formação judaica e não conseguiu fazer análise do Sigmund enquanto Édipo. Édipo é Segundo Império no Egito, em Tebas.

Há, pois, várias batatas quentes para a instalação do Quarto Império. Primeiro, a remanescência conflituosa e de exclusão de Segundo Império. Milner tem razão quanto a isto, pois a Europa não suporta continuar tendo que crescer com aquelas pessoas de Segundo Império atrapalhando. Segundo, hoje, a instalação do Quarto Império precisa colocar em seu devido lugar o Terceiro, que também já está atrapalhando. É esta a briga enorme no mundo: judeu, como Segundo Império, e cristão e islâmico, como Terceiro Império. Como fica feio colocar os judeus em câmara de gás, fizeram um Estado para

eles, ao redor do qual eles próprios insistem em construir muros, ou seja, eles próprios se prendem e ficam cercados. Quanto a isto, estão seguindo exatamente o que o Terceiro Império mandou que fizessem. Cristãos e árabes terão, portanto, que brigar muito antes ainda que se instale um Quarto Império, pois querem saber de quem será a hegemonia do fim do Terceiro. Evidentemente que será dos cristãos, já que são os que têm as armas e o poder. Basta ver, em nossa história contemporânea, os americanos engabelando os judeus porque sabem que a guerra fundamental é outra. Se esta for ganha, restarão esses meninos de Segundo Império quietos em seus cantos (ou muros) sem ter do que reclamar, já que terão casa, comida e roupa lavada. Suponho, portanto, que o conflito se resolverá, pois quando dois começam a brigar, acabam se misturando. Basta ver uma luta livre entre dois marmanjos: não sabemos se estão brigando ou se abraçando em meio àquela homossexualidade evidente. Ou seja, a disputa entre árabe e cristão só pode ser do mesmo tipo. Do ponto de vista histórico, isso vai se misturar e se entender como Terceiro Império. Acontece que, quando se entenderem, o Quarto já estará produzido. Estará instalado? Não sei.

A China é outra história. Suponho que, arrumado o lado de cá, ela, que é culturalmente mais avançada que essa joça toda, apresentará um Quarto Império novinho em folha. Aí, a briga será dentro do Quarto Império, se ele se instalar. Não faço a menor idéia do que lá possa acontecer – sobretudo quanto à confusão interna entre budismo, xintoísmo, etc. – para resultar num Quarto Império, mas, por enquanto, vivemos uma guerra de Terceiro. Isto, depois que o Terceiro já está superado pela *produção* do Quarto. No entanto, o Terceiro está instalado e o Quarto não. Já lhes disse que deverá haver uma nova Era Axial, pois aquela que tivemos (800-200 a.C.) foi a fundação de Terceiro Império no mundo, na China e no Ocidente. Suponho que a produção da nova Era Axial – que não é a mera produção do Quarto Império, e sim a possibilidade de sua instalação – seja algo parecido com o que chamo de Nova Psicanálise: algo que possa dançar na indiferença, que aceite o capitalismo em sua total explosividade e organize isso de algum modo. É interessante notar

como o cinema está na frente quanto à visão do Quarto Império que está produzido por aí. Vejam filmes como *Magnólia* (Paul Thomas Anderson, 2000), a trilogia *Matrix* (Irmãos Wachowski, 1999-2003), *Quero ser John Malkovitch* (Spike Jonze, 1999)...

Digo tudo isso sabendo que é difícil a passagem de uma religião configurada para a Arreligião, a qual, para virar coisa de multidão, como diz, por exemplo, Antonio Negri (a partir de Espinosa), necessariamente terá uma configuração qualquer, nem que seja o Neo. Surgirá uma personagem conceitual, mas a teologia não terá personagem. Acho o *Tao Te Ching*, por exemplo, bastante próximo do Quarto Império. Mas quando se chega a produzi-lo e quando se chega a instalá-lo? Minha questão com o *Tao* e com o pensamento chinês em geral é o fato de serem orientais, assim como somos ocidentais. Por isso, trouxe aqui os livros de François Jullien e por isso preciso de algo, para além do *Tao*, que invista nas duas vertentes de modo *ad hoc*. Um pensamento religioso instalador de Quarto Império não tem lado e o *Tao* ainda tem muito. É preciso um pensamento religioso que indiferencie totalmente Oriente e Ocidente, o qual talvez instale de uma vez o Quarto Império por ser compatível com o computador e com a tecnologia que estão empurrando o mundo para lá.

Chegamos a um tempo em que não adiantam mais epistemologias de professor. Basta ler Paul Feyerabend (1924-1994), que jogou tudo no ventilador de uma vez por todas. Vejam que a epistemologia de Lacan, compatível com sua teologia, é de Terceiro Império, mas não desgruda do Segundo, a ponto de subsumir a ciência à vontade judaica. Ora, não há hoje distância alguma entre ciência e tecnologia: o cientista trabalha pela técnica e a técnica é produzida pela ciência – a favor da ciência se produz técnica e a favor da técnica se produz ciência. Ainda encontramos neste final de Terceiro Império, como diz Milner, a posição de que ciência é a teoria da técnica e a técnica, a pragmatização da ciência, mas esse pensamento dicotômico e oposicional acabou, pois não há mais distância nem fronteira entre as duas. Há, talvez, polarização. O cientista nada faz sem a técnica e sem o interesse na tecnologia, e vice-versa.

E nem interessa mais pensar em observador intervindo na experiência, pois isso é sujeito, uma personagem de Terceiro Império, é Jesus Cristo como instalação d'OPAI no mundo, é Descartes com seu Deus. Pegaram alguém que estava lá em cima, no Sol, transcenderam-no mais e o instalaram no corpo de Jesus Cristo chamando-o de Sujeito. O que temos são formações, formações e mais formações dando resultados a ponto de se dizer Eu – e isto nada tem a ver com aquela instalação.

• **P** – *Quando Milner diz que o judeu é o não-todo da Europa, esta maneira de apresentar não escamoteia o que você está denunciando?*

Ele parte do lacanismo e diz que é não-todo por estar do lado de fora, excluído, mas chega desse papo de $S(\text{A})$! Aquilo é nitidamente instalação de Segundo Império e um estorvo para instalação do Quarto mediante o Terceiro. Assim como o Terceiro é um estorvo para a instalação do Quarto. Observem, pois, que a recrudescência de anti-semitismo que, de fato, há e que Milner denuncia, não é por causa do Terceiro Império, e sim por causa da emergência do Quarto no Terceiro. Ele diz que os judeus são odiados por serem papai / mamãe / neném e menino / menina, mas isto na defesa lacaniana dos judeus. Sinto muito, mas está errado. Como não tem a ferramenta que lhes apresento, pensa em termos de real, simbólico, imaginário, o Outro, etc., e não vê que, na luta, na produção e tentativa de instalação de Quarto Império, é demais brigar com o Terceiro e ainda ter o Segundo para atrapa-lhar. Estou teatralizando o que se passa na cabeça da Europa. É preciso que isto seja dito para as pessoas não ficarem tão mal com os judeus, pois, uma vez entendido, talvez a maldade acabe um pouco. Há um ódio a ser analisado, para vermos que não é preciso ser na base do ódio, que pode ser na base do entendimento. Se o que estou dizendo for uma pedrada, finjam que não ouviram.

Dá a impressão de não existir, pelo menos aqui por perto do Ocidente, grupo humano mais ferrenho em segurar o Segundo Império do que os judeus. Brigam por ele como se fosse A verdade e a querem impor a todos. Um João Paulo II diz o mesmo do Terceiro Império, mas este está perto e

17/ABR/2004

podemos enchê-lo de porrada daqui a pouco. Na briga de árabe com cristão, como disse, as coisas podem se misturar e alguma miscigenação acontecer. De repente, alguma dúvida faz com que cristãos leiam o *Corão* e percebam que é a mesma coisa; ou faz árabes tirar aquele véu e verificar que é a mesma coisa. No entanto, não é uma questão de favas contadas. Tudo pode acontecer nessa briga. Podemos até regredir e, quem sabe?, todos virarem judeus... Veremos onde isso dará.

9. Lacan meteu a mão na frase de Rimbaud, *Je est un Autre*, mas digamos melhor, em termos de Quarto Império: *L'Autre c'est moi*. Isto significa: *é tudo o Mesmo*. Exemplo típico é o chamado *suingue*, coisa bastante na moda atualmente entre os casais. Fazer *suingue* é dizer: *minha mulher é a tua*. Esta frase é pior do que *Je est autre* e causa bastante comoção... como a que percebo agora diante do silêncio sufocado que vocês fizeram. Mas não se enganem, pois é assim que está sendo feito. Vale a pena, a esta altura, tomar Pierre Klossowski (1905-2001), um homem de Terceiro Império, cristão até o último fio de cabelo, que, no livro *Les Lois de l'Hospitalité*, publicado em 1965, tenta dar conta de sua personagem, Roberte, em meio à suruba que ele vê ocorrer a seu redor. O problema que lá está é: se dissermos a frase “minha mulher é a tua” o que significa? Se fizermos o jogo no inconsciente e dissermos “minha ...(qualquer coisa)... é a tua”, o princípio de propriedade imediatamente se mostrará instalável apenas por focalização. Ou seja, se disser “minha mulher é a tua”, é “tua mulher que é minha” e o princípio de propriedade começa a funcionar no social como estritamente focal e aqui- agora. Então, quando vemos no Segundo Império, com rebarbas do Terceiro, a extrema preocupação com a mudança dos costumes sexuais, isto não se deve ao sexo, e sim a que, no meio da suruba, esvai-se o princípio do capitalismo velho.

17/ABR

10. Aqui neste lugar onde o que digo fica mais oficial e cabalmente inscrito, quero prestar homenagem dedicando o Falatório de hoje à memória de Clauze Ronald de Abreu, que acabou de falecer. Uma presença socrática no seio mesmo da burocracia universitária, uma marca indelével na mente de tantos jovens que terão certamente a chance de aproveitá-la.

11. Os comentários que fiz na seção anterior sobre a posição de Jean-Claude Milner não são intervenção intempestiva no meio de um tema como o da Economia Psíquica ou Pulsional. Algumas pessoas já me fizeram o favor de comentar tudo ao contrário do que eu disse, mas um dia entenderão... Esses comentários fazem parte, necessariamente, de qualquer consideração sobre o encaminhamento que deu a psicanálise à sua carteira de investimentos. Pois a psicanálise não é o judaísmo de Freud, o cristianismo de Lacan ou o islamismo de Derrida. Justamente, a psicanálise é o que acaso sobre do judaísmo de Freud, do cristianismo de Lacan e do islamismo de Derrida. A psicanálise que podemos colher dessas sobras é a tentativa, talvez a primeira, de introduzir o Quarto Império, e não os sintomas de Segundo e Terceiro que necessariamente ainda estão apegados às obras dos que por ela primeiro se interessaram e nela investiram de maneira tão vigorosa. O nascimento de algo novo se dá sempre no seio do antigo, daí essa mistura ser inarredável.

Daí também minha necessidade, em 1998, de abandono do Seminário por uma postura mais adequada como a de um *Falatório*. A melhor diferença entre os dois é a mesma que separa um *ensino* de uma *exposição* – o que venho tentando desenhar desde a indicação, em 1994, da *Bandeja do Herói* (*Velut Luna: A Clínica Geral da Nova Psicanálise*. Rio de Janeiro: Novamente Editora, 2000). Em algum lugar do *Novo Testamento* (atenção para a palavra *testamento*), pode-se ler: *Ecce exiit qui seminat seminare* – eis que saiu o que semeia a semear. Assim em latim, esta frase valeu ao Padre Vieira um de seus mais famosos sermões. *Seminare*, seminário, é a atividade de ensino, de quem semeia, ao passo que Falatório, como quero nomear, é a atividade de exposição, de quem colhe. Ensino é atividade de mestre. Exposição é ativida-

de de artista, em conformidade com o radical ART, de ‘articulação’, como já lhes mostrei. Não sei se notaram que a passagem lenta e difícil do Seminário ao Falatório combina e coincide com meu afastamento da universidade. Essa mudança não é sem significação. No ensino, o ensinador – aqui, dizemos *professor*; em francês, dizem *enseignant* – se toma academicamente por mestre (ou é assim nomeado pela instituição, seja ele mestre ou não). Na exposição, a eventual mestria do expositor lhe será ou não atribuída pelo espectador. Portanto, o que venho trazer aqui é a exposição que acho quando colho por aí – o que é maneira ruim de dizer, pois, de fato, trata-se daquilo que *me* acha e *me* colhe por aí. Isto, como dizemos de um pedestre que foi colhido por uma viatura, no sentido de atropelado por ela. Há também a clara diferença entre a maneira seqüenciada e concatenada de composição de um Seminário e a maneira fragmentária e aleatória de conjugação de um Falatório. Não são da mesma ordem.

Isto situa as coisas de modo radicalmente diverso da herança lacaniana recente, pois, em nosso caso, o que temos é a inexistência de uma Escola. Sempre me recusei dar este nome para nossas atividades. Lembrem-se de que começamos como Colégio Freudiano, como reunião de colegas, embora tenha havido a insistência para que chamasse Escola. (Aliás, depois do fracasso redondo da Escola de Lacan, alguns panacas saídos de nosso meio foram fundar escolas por aí, sem se dar conta de que o fracasso não foi de uma escola, e sim do *conceito* de escola em Lacan). Entretanto, mesmo com inexistência de escola, permanece a grande dificuldade, teórica e prática, de justificar a própria instituição em que estamos aqui. E pior ainda, há a dificuldade de justificar a eventual existência de alguma estrutura clínica organizada que possa viver no seio desta instituição. Ou seja, não se pode fundar uma instituição como esta e instalar uma clínica nela inserida apenas porque deu vontade ou porque o mercado aceitou. Isto deve ter um sentido e é muito difícil justificá-lo.

Acaba de sair do prelo o volume com o conjunto de conferências introdutórias à Nova Psicanálise que fiz, em 1999, com o título *A Psicanálise, Novamente: Um Pensamento para o século II da Era Freudiana* (Rio de Ja-

neiro: Editora Novamente, 2004). A tal Era Freudiana, quero achar que é a que se poderia inaugurar com a emergência do Quarto Império, o qual, parece, ainda não teve chance de plenamente comparecer. As coisas que trago são a tentativa de ressuscitar qualquer possibilidade, se não de ensino, de apresentação, de expor a continuação disso que chamam psicanálise em outro registro, em outra ordem, pois aquela que vigorou em seu Século I já acabou. Pode dar a impressão de que, ao contrário, está hiper revigorada por Lacan ter feito a besteira de metê-la na universidade, onde se repetem velharias e acrescentam um bando de repetidores. Parece estar plenamente no mundo, mas, na verdade, aquilo não serve para nada e há tempo já parou de pensar. Não estou dizendo que, no percurso difícil e profícuo do trabalho de Lacan, nada tenha sobrado, e sim que suas construções são apenas regionais, pequenas articulações, verdadeiras teorias isoladas, que, aqui e ali, podem ter serventia para o pensamento, mas cujo escopo, sobretudo o dito científico, deu com os burros n'água – e não se pode continuar querendo que aquilo seja o que queria ser, pois faliu.

12. Fico em dificuldade, por não ser economista, para o entendimento e a articulação de uma Economia Psíquica que fique para alguém – ou seja, que venha antes – da economia política. É daí que vem a idéia de **Economia Fundamental**, coisa muito discutida na chamada história da economia e, sobretudo, no gigantesco movimento marxista, também ele falido, que ocupou o século XX. Oferece a psicanálise algum tipo de abordagem fundamentadora das suposições, pelo menos, feitas no campo dito da economia? Responder isto é uma tarefa difícil, mas como tive a boa sorte de ter encontrado Freud bem antes (e melhor) do que Marx, posso tentar. Posso, sobretudo, desconsiderar essa coisa esquisita acontecida na história da psicanálise que foi a existência de “psicanalistas” marxistas. Isto para não mencionar os católicos ou mesmo os judeus. É difícil de entender, mas existem. O pessoal do lado de lá tem uma virtude: não há psicanalistas islâmicos. Enquanto a Idade Média obscurecia a Europa, eles estavam em pleno desenvolvimento e nunca fizeram essa asneira.

Acho espantoso alguém deparar-se com Freud antes de Marx, sacar alguma coisa do que Freud trazia (apesar dele mesmo) e ainda pensar na possibilidade de sustentar a maior parte do que Marx colocava. Não que Marx não fosse um grande economista, que não tivesse pensado algo que causou espécie no planeta, mas há nele muitos pontos que não batem para quem faz um mínimo de idéia do que possa ser o Inconsciente. (É engraçado que Lacan, em pleno momento de sucesso de Marx na Europa, nunca se deu ao trabalho de explicar sobre o marxismo. Apenas meteu-se um pouco na idéia de mais-valia, justo onde está o maior perigo. Lembrem-se de que lá estavam a URSS, a China com Mao-Tsé Tung, e que não se podia não ser marxista na Europa. E nós, no Brasil, que não queríamos ser marxistas, tínhamos que fingir que, pelo menos, falávamos algumas frases, porque era feio, falta de bons modos intelectuais, não ser marxista).

O sentido mais geral de Economia, *oikonomía*, segundo a definição do *Dicionário de Filosofia*, de Nicola Abbagnano, é: “ordem ou regularidade de uma totalidade qualquer, uma casa, uma cidade, um Estado, o mundo”. Não entendo por que usou a palavra “totalidade”. Em nossa linguagem, trata-se de uma Formação qualquer. Desde Espinosa que sabemos que não é porque as coisas são boas que as desejamos, e sim porque as desejamos é que são boas. Ele levantou esta evidência e, depois de Freud, a noção se acrescentou grandemente. De tal modo que, mesmo Lacan falando em necessidade, demanda e desejo, podemos reconhecer, novamente, que, para nossa espécie, não há necessidade que não passe primeiro pelo crivo do desejo. É o que está escrito n’Aleí: Haver quer não-Haver ($A \rightarrow \tilde{A}$). O próprio Lacan, em outro momento, aborda a idéia do *necessário* a partir do assentamento do *contingente*, portanto, subdita a um movimento de desejo que passa por certa situação de decantação. Então, se for aceitável que nada há que não passe primeiro pelo movimento pulsional, que é o que chamamos de movimento do desejo (Haver quer não-Haver), esta idéia serve em cada qual como embasamento da Ganância e da Avareza, e não há como fugir disso. Assim, qualquer IdioFormação e, evidentemente, no caso da IdioFormação que somos, que é a única que conhe-

cegos de perto, só se escapa da ganância e da avareza em um segundo tempo, pois o movimento direto é ganancioso e avarento.

Gilles Deleuze, na página 14 de seu livro sobre *Espinosa* (Paris: P.U.F., 1970), cita a questão que este coloca no *Tratado Teológico Político*: “Por que o povo é tão profundamente irracional? Por que ele se honra de sua própria escravidão? Por que os homens se batem por sua escravidão como se fosse por sua liberdade?” Há também, quanto a isso, o tratado de Etienne de La Boétie, o namoradinho de Michel de Montaigne, intitulado *A Servidão Voluntária*, de que já tratei em outros momentos. Temos nossas próprias respostas, velhas até, que podemos dar novamente. Isto acontece porque o povo – não esquecer que “o povo” é a gente –, em geral, é neurótico. Uma coisa tão simples de entender depois de Freud, e as pessoas ainda discutem essa bobagem. Evidentemente, Espinosa e La Boétie vieram antes de Freud. O povo sofre de Morfose Estacionária, que é como chamo a neurose comum, e não é de se esperar freqüente racionalidade em seus desempenhos, como quer Espinosa. A neurose do povo, como qualquer Morfose Estacionária, consiste nuclearmente em sua relação sempre indireta com o Haver e suas formações. Daí a impressão que tinham Espinosa e La Boétie. Ora, a relação com o Haver e com as Formações do Haver na Morfose Estacionária é sempre indireta. O chamado neurótico se recusa a supor que possa ter uma relação direta com o que quer que seja. Ele sempre prefere um intermediário, um atravessador para sua mediação. Por isso, quando articularam esse pensamento, Espinosa e La Boétie se perguntaram por que o povo age desse modo, e não, como seria mais próximo do que faria um Marx, por que as pessoas ficam submetidas a certos poderes e a certas forças. A moda, sobretudo depois do marxismo, é pensar que são oprimidos pelos poderosos. Eles são oprimidos pelos poderosos ou eles criam os poderosos porque *exigem* isto e não sabem viver sem isto? É sempre dessa relação indireta que vem a posição subalterna no exercício contínuo e intensivo de sua alienação.

A palavra **alienação** é ruim em Marx, em Lacan e na psiquiatria, mas é a mais significativa neste caso: entrega a outrem do que poderia ser seu. É

a desistência de ser a séde de algo, desistência de relação direta e entrega, para outrem, de qualquer relação, mesmo que não seja de serviço, de servir. Nossa suposição – que entra no processo de economia de base – é que só nessa alienação seus membros, quer dizer, os elementos do tal povo, se reconhecem como alguém. Isto é sério e constitui o miolo da alienação. A pessoa só se reconhece como sendo alguém mediante alienação: ela é alguém pela mediação de outrem. Não há separação neste caso. A Morfose Estacionária define não-alguém. Na psiquiatria antiga, chamavam os loucos (digamos, os psicóticos) de alienados, mas, segundo nossa suposição, se alguém é um morfótico estacionário por função de Recalque, o louco é um pouco pior, pois, nele, trata-se de HiperRecalque. Ou seja, é hiper-alienado. Os neuróticos só se reconhecem como alguém mediante alienação. Por isso, têm que honrar essa alienação, se não, não são ninguém. Se retirarmos a alienação e a conseqüente submissão ou servidão, isto significa, em primeiro lugar, obrigar a pessoa à relação direta com o Haver e com suas formações, o que é algo que assusta demais. Qual é a dificuldade de uma análise diante da construção do que chamam de neurose? Justamente a de forçar a relação direta do neurótico, já que ele fica em pânico diante dela. Em segundo lugar, significa aniquilar a forma de existência da pessoa. Então, se tentarmos retirar sua alienação, em primeiro lugar, estaremos obrigando-o a uma relação direta com o Haver, e, em segundo, estaremos dizendo que ele não existe. Um bom neurótico não é alguém, ele é Flamengo, Brasileiro, Cristão, Muçulmano, etc... E é capaz de morrer ou matar alguém por ser uma coisa dessas. Logo, ele não é ninguém, já que sua existência é configurada por sua alienação. Portanto, vai haver sempre indefectível resistência a qualquer tentativa de demovê-lo de sua alienação. É daí que vêm essas respostas possíveis às questões de Espinosa e La Boétie.

Sabemos que uma análise – essa coisa praticamente impossível de acontecer – só aconteceria mediante algo cujo conceito Freud foi o primeiro a sacar e a que chamou Transferência. E é evidente, desde o começo, que **a transferência e a alienação são a mesma coisa**. Tanto é que ele dizia que não há análise sem transferência e não há cura sem eliminação da transferên-

cia – vejam que situação difícil. Acontece que a transferência vem de graça, é muito fácil, é o que fazemos a vida inteira. Qualquer bicho, em nível etológico, faz transferência, embora sua transferência não esteja invadida pelo campo do Secundário, tendo mecanismos de separação em certos momentos. Nossa espécie faz transferências maciças que ocupam todas as áreas, menos o Originário, onde nunca chega perto. Se a análise funcionasse, consistiria em lá chegar para ficar livre da transferência etológica no Primário e neo-etológica no Secundário. Parece, portanto, que o próprio funcionamento do vivo e desse vivo invadido pelo Secundário não se dá sem alienação. E se algo pode ser feito é no sentido de tentar escapar dela. Isto, *depois*, pois não há alguém que seja não-alienado. Escapar mesmo da alienação é atingir um ponto de absoluta Indiferença, insignificância, solidão radical, etc. Mas, com frequência, as pessoas não querem sofrer esse tipo de experiência.

De fato, toda e qualquer IdioFormação é *singular*. Coisa bem diferente é assumir a Singularidade. Se há IdioFormação é porque tudo é alienado no regime do Primário (seja Autossomático ou Etossomático) e no do Secundário (por todas as vias que conhecemos e que chamamos simbólico ou cultura). Millôr Fernandes disse que “o homem nasce original e morre um plágio”. Nesta hora é que alguém feito o pobrezinho do Rousseau se confunde completamente. Ele sacou que, em algum lugar, os elementos desta espécie, as IdioFormações, são singulares. Mas como também sacou que esta singularidade não comparecia, concluiu que os homens nascem bons e a sociedade os estraga. O que, aliás, é uma verdade, ainda que imbecil. Tirando o Primário, que já está instalado, do ponto de vista do Secundário (sabendo que, supostamente, há um Originário ali), aquilo nasceu meio virgem – inteiramente virgem não existe – e a invasão do Secundário no Primário acaba por transformar o pobrezinho em um Primário de segundo grau (como costuma ser a escola hoje em dia)... Rousseau se confundiu ao pensar que fosse possível imaginar que alguém nasce Originário, quando, na verdade, já nascemos plagiando o Primário. O Secundário em grande parte é esse plágio.

Portanto, é espantoso que, na história da tal psicanálise, psicanalistas ditos marxistas, por exemplo, tenham esquecido tudo isso na hora de pensar. Tomaram os conceitos do marxismo e os aplicaram no anedotário edipiano que a psicanálise – quer dizer, o judaísmo de Freud – ofereceu como não-resto para a psicanálise. Mas como engolir estes conceitos do marxismo, mesmo tendo origem hegeliana, depois de saber desse funcionamento de base da espécie?

13. Observem que, em caso de **apropriação**, o funcionamento de alguns da espécie se passa radicalmente ao contrário. Certamente, são minoria. A pergunta é: por que alguns não são neuróticos? Isto é espontâneo ou ficaram curados? O que aconteceu para que alguns, pelo menos no regime desta relação de alienação, não funcionem como morfóticos estacionários? Por que, ao contrário, funcionam como morfóticos progressivos (que é o nome que dou para um tipo de funcionamento que inclui o que chamam de perversão)? Não deve haver mistério algum aí, nós é que somos ignorantes. Desde o começo da existência desta espécie faz-se a suposição de que havia certo princípio de dominação por parte de alguns. O fundamento que me parece definir toda e qualquer dominação, superioridade, etc., é o *ato de apropriação*. Vemos isto em um cachorro quando o soltamos e ele imediatamente marca seu território e vai defendê-lo com garras e dentes. A apropriação tem bases etológicas: a vida não se manifesta e não continua sem certas apropriações na luta. Se aparecer um outro mais forte, da mesma espécie ou de outra, vai tomar a propriedade do anterior.

A apropriação do território já existe no nível etológico animal e, subsequentemente, no nível etológico humano. E sempre comparece aí, necessariamente, a função **Poder**. Quem *pode* apropriar-se do quê? É disso que decorrem: mandante e mandado, dono e escravo, senhor e servo, patrão e empregado, empresário e operário – que são acoplamentos nascidos da relação dos poderes, inicialmente fundamentados na força. Se quisermos, então, de nosso ponto de vista, reconhecer qualquer poder, basta procurar pelas forças que o garantem, sejam físicas, psíquicas, policiais, sociais, etc.

• **P** – *O raciocínio da alienação pode ser bem aproveitado se aplicado a esse momento, logicamente anterior, de consideração das forças que garantem o poder. Pois é onde a lógica da alienação comparece, embora compareça também na seqüência, com os poderes já instalados. Trata-se, portanto, da instalação do poder, na avaliação, inclusive, do poder ou não se apropriar.*

Se existem alguns que, não se sabe por que, não funcionam ou não funcionam mais estacionariamente (neuroticamente), e se existem muitos que só funcionam e só se reconhecem no estacionário, na alienação, toda vontade de apropriação, mesmo que exista em qualquer um, vai comparecer imediatamente quando alguém se apresenta com a aparência de, pelo menos, estar fora do processo de alienação. Este alguém começa a ser aquele a quem um outro vai se alienar.

• **P** – *Retomando seu Falatório anterior, este raciocínio é aplicável à lógica de produção e instalação dos Impérios. O momento de produção é aquele em que há forças que se colocam como ultrapassando, ignorando ou extrapolando a situação dada e colocando uma nova com outro referencial. Instalá-lo é a situação da alienação que toma aquele referencial colocado como o que ela vai seguir e que vai organizar sua vida.*

Sim. (Vejam por esta intervenção que, quando é dada determinada formação, qualquer um pode pensar. É como na matemática: se é dada a formação, basta aplicá-la).

Continuando, junta-se aí a fome com a vontade de comer: a vontade de alienar-se encontra uma vontade de apropriar-se. É a sopa no mel: isso é dado, vem no etológico e é recomposto no Secundário. A grande questão, repito, é: como alguns não funcionam ou deixam de funcionar, por algum processo, como neuróticos? Ou seja, funcionam no regime que, em Freud, se chamava *perversão* (em seu sentido genérico, e não no de perversidade)? Freud sempre se espantava com o fato, por exemplo, de algumas crianças, que não passam pela fase chamada de latência, serem mais inteligentes e mais soltas. Elas não passam, ou passam por cima?

Esta reflexão sobre Economia não nos leva a perguntar ao economista, nem mesmo ao melhor economista político, seja Marx ou quem for, e sim a extrair a Economia, que Freud tanto prezava, dos próprios movimentos de nossas articulações, o que é anterior a qualquer outro processo de economia. Política, por exemplo. Podemos até aproveitar, quanto ao que estou dizendo, um bocado da dialética do Dono e do Escravo, de Hegel, mas não necessariamente como arrostamento da morte, como está na *Fenomenologia do Espírito*. Para Hegel, o mestre, o dono enfrenta a morte que o outro não tem coragem de enfrentar e, por isso, ele é o dono. O escravo, então, como não arrosta a morte, vai inventar a chicana dialética para destituir o senhor de seus poderes e disseminá-los. Mas não acredito nisto, pois é mais parecido com a birra do neurótico que transfere, entrega para outro e quando o outro aceita, ele diz *não*. Isto é muito mais perto de nossa observação, pois sabemos que o neurótico pede análise para não fazê-la e ficar invectivando o analista, que é suposto por ele como mestre.

Mesmo supondo que possa ser assim como quer Hegel, acontece que há alguns que não se alienam de imediato, que tentam falar em nome próprio (se é que isto é possível). Com isso, eles correm o risco, não sei se de morte, de se relacionar diretamente com as formações do Haver, sem intermediário, sem mediador, sem atravessador. Não por serem mais corajosos ou menos covardes do que os outros, mas por não serem especificamente neuróticos, e sim perversos. Quer dizer, inscrevem-se sintomaticamente no partido da Morfose Progressiva, que é um partido como outro qualquer, e não se sabe bem o porquê de estarem nesse partido. Então, é verdadeiro o que Hegel colocou a respeito do arrostamento da morte como instância suprema. Mas todo e qualquer risco evitado, toda e qualquer tentativa de viver no aproveitamento das produções sem esse risco é necessariamente da ordem da alienação e da neurose. Esta é a hipótese.

14. É em função da alienação que digo que a *instalação* de um Império, qualquer que seja, é necessariamente religiosa. Freud atribuiu a religião à neurose obsessiva por causa dos ritos e das repetições, mas me parece que ela é um

belo cruzamento de histeria com obsessão. Como a religião é necessária e genericamente neurótica, e só se instala um Império pela via da neurose da massa, para a instalação do que denomino Quarto Império é preciso que as pessoas entrem em uma religião nova. A religião nova – ou Arreligião, como chamo – é a psicanálise. A novidade não é a atitude religiosa das pessoas, e sim a constituição do aparelho religioso como mais abstrato. O que as pessoas vão fazer com ele? Porcaria! Iriam fazer o quê sendo os neuróticos que são? Acontece que isto muda completamente o aspecto do mundo – do mesmo modo que não podemos deixar de notar que o cristianismo, como instalação de Terceiro Império, mudou completamente o aspecto do mundo. Aspecto este que já estava incipiente no Império Romano. Notem que quando o cristianismo entra e instala o Terceiro Império, ele o instala na ordem da baixaria, tanto é que houve aquela Idade Média, com todo seu retrocesso. A instalação sempre ocorre na baixaria.

Quanto ao momento de *produção* de um Império, é surgimento de não-alienação. Não podemos produzir nada que ainda não exista se não entrarmos em contradição com o que há. Então, temos esse movimento perverso, de Morfose Progressiva, para a produção. Como não há instalação segundo o regime anterior e não há com quem fazer essa instalação, ela será feita na tradução, sempre péssima, da produção no seio da situação. A impressão é de que o movimento de produção de Terceiro Império no Império Romano não achava como se instalar e só com o tempo foi se movimentando e sendo decantado sobre as idéias “de Jesus”. Para os judeus, ele era um bandido por querer falar parecido com os romanos e traduzir em termos de Deus. É, ao mesmo tempo, brilhante e estúpido. Então, de fato, não se produz nada fora do regime da Morfose Progressiva. Ou seja, nada se articula de novo se não houver abandono do articulado por tesão não alienado, sem dono, sem objeto, apenas Tesão. Neurótico tem tesão? Tem – em tudo que já existe. Não lhe ocorre um tesão novo. Se lhe mostrarmos um tesão novo, ele entra em pânico.

O que quer que se faça sempre demanda um trabalho. Engraçado que a palavra ‘trabalho’ vem do latim *tripalium*, ‘três paus’, que é um instrumento

de tortura: um pau fincado no chão com outros dois paus móveis fixados em cruz, em que se amarravam as mãos e os pés da pessoa. Já imaginaram a força que isso pode fazer quando se está em cima de um pau desses? Então, repito que, efetivamente, o trabalho danifica o homem. Foi a burguesia quem criou a idéia de que ele dignifica o homem – só que ela preferia não trabalhar e apenas pegar os lucros. Por isso, com toda razão, o trabalho é considerado uma condenação. Não há como fugir dele, o máximo que podemos é fugir de certos tipos de trabalho. Quando podemos. O trabalho é incessante e ingente na máquina pulsional. Como a Pulsão fundamental do Haver está escrita n’Aleí (Haver quer não-Haver), **trabalho é: toda e qualquer aplicação de força pulsional a toda e qualquer formação**. E como o Haver não pára de trabalhar – outra coisa são os tipos de trabalho que estão dentro dele –, podemos falar em *trabalho do Haver*, ou trabalho do inconsciente, como dizia Freud. Ou ainda, como dizia Lacan, que, no inconsciente, trata-se de um “saber que não pensa, não calcula, não julga, o que não o impede de trabalhar”. Trabalho é, portanto, a aplicação permanente de força pulsional. Aí temos, de qualquer modo, condenação, pois não há como não aplicar a força pulsional. Ela é aplicada em qualquer momento: no sono, no suicida, no catatônico (se não, ele não conseguiria ficar parado)... Na alienação, também. Por isso, Espinosa e La Boétie diziam que a pessoa *opera* uma servidão voluntária: ela está trabalhando para se alienar. Quando, na clínica, ouvimos alguém dizer que está sem interesse por nada, na verdade, constatamos que ele tem um enorme interesse por nada. Aliás, Nada é o maior tesão. O ideal do trabalhador é fazer nada. É o que está n’Aleí: o Tesão é de não-Haver, de Paz. Muitos se confundem aí e aplicam o Tesão todo na suposição de não estarem fazendo nada, para ver se conseguem ficar em paz. Mas os outros vão lá atormentá-los e os colocam no hospício, por exemplo. É um inferno! Neste ponto quem tinha razão era Sartre: “O inferno são os outros!”

Vejam, então, que ficamos numa situação difícil, pois as articulações da economia, sobretudo da economia política, encontram-se na maior espontaneidade da IdioFormação. Que revoluções seriam possíveis, se a tendência

é retornar à alienação? Quem efetivamente é capaz de fazer revoluções? Só os donos. Isto repercute na tal “ditadura do proletariado”. Se a vontade de comer se junta com a fome, ou seja, se a vontade de apropriação encontra a vontade de alienação, tudo se torna apropriável. Há uma vontade de apropriação de alguns e uma farta vontade de alienação de grande quantidade de outros, e quando as duas coisas se juntam, não é possível não haver a apropriação. Trata-se de apropriação do que quer que, sobretudo, apropriação do trabalho. Não do trabalho cotidiano do escravo ou do operário, e sim do trabalho de produção da alienação. Há um trabalho na própria produção da alienação e esse trabalho é apropriado pelo apropriador. Este já começa metendo a mão na vontade de alienação do outro. Ou seja, já é apropriação de trabalho (o que vai ter consequências no pensamento de Marx sobre a mais-valia).

• **P** – *A evidência do poder se dá quando ocorre a apropriação do trabalho?*

A evidência de poder ocorre quando se enche o outro de porrada. É antes do que pensam. Num grupo de animais, em que o alfa é mais poderoso, mais forte, mais bonito, mais pirocudo, ele mete a mão nos outros e está encerrado o assunto, pois ele se apropria de tudo. Isto é etológico e apenas se reconfigurará no Secundário. A impressão de arrostamento da morte, de correr o risco, é, portanto, posterior a essa primeira força.

Alguma revolução foi inventada pelo alienado? A demagogia dos revolucionários é dizer que o povo é quem faz revolução, quando, na verdade, o povo *instala* a revolução que eles fazem. Isto, quando é para instalar (basta lembrar como foi a Revolução Francesa e seu terror). Espártaco, por exemplo, era um senhor entre os escravos. Alienado não toma iniciativa de nada, o máximo que faz é arranjar um mediador que vai fazer por ele – aí, talvez, ele deixe de se alienar aqui para se alienar ali. Não há revolução de escravos. Zumbi, outro exemplo, não era escravo, e sim oprimido. A distinção entre o processo de produção e o de instalação mostra a clareza de que não há revolução de oprimidos: eles não são oprimidos, são alienados. Se considerarmos diversos indivíduos debaixo da mesma opressão, qual vai se rebelar? O rebelde, ou seja, aquele que não é alienado. É a criança rebelde dentro da família

que, enquanto os outros abaixam a cabeça, diz não e força a saída para algum lado. Isto porque essa “neura” não colou nela. É justo esse processo de colar ou não a Morfose Estacionária que é preciso entender.

Só é bom lembrar que Dono e Escravo não são necessariamente pessoas: são, antes de tudo, formações.

• **P** – *E o caso de Marcel Duchamp, que, em entrevista a Pierre Cabanne, declara que jamais trabalhou?*

Do ponto de vista de sobrevivência no mundo, seu risco é infinitamente menor do que o de um Van Gogh. Ele não se ferrou para impor o que queria. Ao contrário, viveu muito bem. Suponho que seja isto o que quis dizer quando disse nunca ter trabalhado. Ele escapou do sofrimento de, para impor o que dizia, ter que passar por privações enormes. Van Gogh, por outro lado, diz: “Passo pelas privações”. Ou seja: “Tenho o poder de passar pelas privações e, portanto, dizer o que quero” – isto é um poder. Alguns, com o poder de dizer, não teriam o poder de passar pelas privações e, portanto, não diriam.

15. Temos, segundo Marx, o conceito de *mais-valia* como caso especial, no seio da burguesia industrial, de um tipo de apropriação do trabalho (o qual sempre esteve apropriado, alienado). Precisamos entender se este conceito vale ou não. (Lacan deu um jeitinho e o reduziu à idéia de *mais-gozar*, mas só fez isto porque tinha um sujeito e um objeto para tanto). O que é mesmo mais-valia? Acho que ninguém nunca entendeu, nem Marx, apesar de tentar explicar. Ele *inventou* – assim como Freud inventou a psicanálise – que, na relação de produção do burguês com seu operário, seu trabalhador (que seria diferente da relação do dono e do escravo, de Hegel), o burguês lhe oferece um contrato, pagando “condignamente” por hora de trabalho. Depois, o burguês – notem que Marx não fala de capitalista, que é uma invenção posterior – se apropria do resultado desse trabalho, já que foi ele quem o encomendou e o pagou, e vai vendê-lo por um preço maior. Isto significa que o operário recebeu menos do que devia pelas horas de trabalho e o burguês enriquecerá apropriando-se da parte que não pagou. Mas esta é uma conjectura de Marx.

Provem que é verdade! Um burguês pode dizer que tratou o operário com a maior seriedade, que contratou seu trabalho, que acertou com ele a quantidade de horas e o consultou quanto ao que receberia. Ora, se o burguês pagou pelo trabalho e depois vendeu o produto mais caro, isso não é problema do operário. E o risco do burguês? Ele investiu seu dinheiro, correu uma série de riscos, fez diversos negócios e, portanto, tem o direito de ganhar o seu. Esta é a briga do capitalismo com o suposto socialismo.

O importante é saber se existe mais-valia e se tem fundamento em algum lugar. De meu ponto de vista, se pensarmos a mais-valia como viável, só pode ser um conceito da ordem de outro que não havia em Marx, que é o conceito freudiano de *só-depois* (*Nachträglichkeit*). Como pensar a recusa do burguês em aceitar a mais-valia se, na seqüência, ele fez tudo direito, depois negocia o produto mais caro e ganha em cima? Então, não há mais-valia no contrato, *só há mais-valia no só-depois*. Supondo-se que não conseguisse vender a tal mercadoria ou que ela se deteriorasse antes da venda, para o burguês este é seu risco. Então, mesmo que queiramos salvar o conceito de mais-valia de Marx, vemos que ele funciona ao-depois. Direi agora algo que é preciso deixar em suspenso e que retomarei em outro momento: é como se o operário reclamante quisesse fazer a *retroação* da lei. Isto é grave, pois é como se Marx, ao criar o conceito de mais-valia, fizesse retroagir a lei. Na seqüência, o processo está certo, é de retorno que está errado. Lembrem-se de que todo o movimento do pensamento marxista depende do conceito que ele radicaliza de que qualquer ganho do capitalista é feito estritamente em cima da mais-valia. Hoje, podemos dizer que, primeiro, isto não é verdade, e, segundo, este conceito precisa ser revisto. No só-depois sempre vai haver dissimetria. Não há como não ser assim. A economia fica inventando truques de equilibração, se não, a coisa fica numa dissimetria radicalíssima. Fala-se em participação dos empregados nos lucros, os cristãos inventam a tal caridade para dar uma equilibrada, etc. Caso contrário, morrem todos de fome e o outro lado fica absolutamente rico, mas sem ter para quem vender...

• **P** – *Podemos localizar a mais-valia num certo conjunto, mas a partir da*

dispersão não há como verificar.

Sim e não, pois toda vez que nos colocarmos numa posição não-alienada, por princípio, pelo menos, já nos apropriamos da alienação dos demais. E no que isso acontece, já nos apropriamos do trabalho do outro, mesmo que ele não esteja trabalhando. Então, já começamos a entrar no lucro.

A vantagem de constituir, mediante a psicanálise, uma base econômica, e até base para uma economia política, é deixarmos de acreditar em muita baboseira, pois a coisa vai se esclarecendo. O que foi a revolução francesa, ou a russa? Que diabo é aquilo que deu – talvez necessariamente – no que deu? O que Lênin tentou e conseguiu de certa forma instalar foi uma grande religião, que chamou de marxista. Não sei se era.

08/MAI

16. Pedi que lessem os livros de Jean-Claude Milner, *A Obra Clara* e o recente *Les Penchants Criminels de l'Europe Démocratique* (Os pendores criminosos da Europa democrática). Milner é alguém que merece todos os elogios quanto à sua competência técnica e por nos prestar grande serviço ao fazer a demonstração de cada uma das fases do pensamento de Lacan e do fracasso de suas formulações. Fracasso não significa que não sirvam. São raciocínios brilhantes e achados importantes, mas que não chegaram a dar conta, a cada momento, do que era a intenção de Lacan em seu projeto e, portanto, do que fosse a solução adequada para os movimentos internos à psicanálise. Em cada uma de suas fases, Lacan inventa um recurso. No começo, com a intenção de fazer da psicanálise uma ciência, como dizia, ou continuar a considerá-la como ciência – se é que pudesse sê-la anteriormente. O fracasso dos construtos não ocorreu apenas do ponto de vista do que interessa à psicanálise, mas também do ponto de vista da própria articulação desses construtos. O processo sempre falhou, seja por embasamento lingüístico ou matemático, ou mesmo por re-

embasamento matemático na fase topológica. Levei alguns anos mostrando que era preciso fazer outros desenvolvimentos e também que o pensamento de Lacan era terminal, no sentido de ter acabado. Nunca me dei ao trabalho, nem me daria, de demonstrar o porquê do que eu dizia. Entendi para mim, mudei de assunto e passei adiante. Até porque há pessoas maravilhosas, como Milner, que se dão a esse trabalho e o fazem para nós.

Aqueles que estudaram com cautela *A Obra Clara* devem ter entendido que os desenvolvimentos sucessivos de Lacan não resultaram em uma unidade de pensamento ou formaram uma teoria psicanalítica, pois são todos regionais. O que temos é uma vontade e um compromisso estruturalistas de pensar, que vai quase até o fim de sua obra. Em Freud, também temos aparelhos teóricos sucessivos que procuram dar conta do que o anterior não deu. Ou seja, nos dois, temos o movimento de produção de teoria, e não uma teoria psicanalítica. Digo isto no sentido de não haver uma formação teórica que dê conta de todo o processo e que possa aglutinar e carrear todos os movimentos da psicanálise. Em Freud, só a diferença entre as tópicas, que não batem uma com a outra, já é declaração de que as duas estão falidas. Não que eles tivessem obrigação de constituir essa teoria completa, mas é preciso ter claro que não lhes foi possível.

Recomendo também que leiam o artigo de Jacques-Alain Miller, *Le dernier enseignement de Lacan* (*La Cause freudienne* n.º. 51, 2002), em que trata do último ensino de Lacan e mostra onde deu aquilo tudo. É o momento dele relativo à arte poética chinesa. Este foi o Lacan que conheci como analista. No entanto, nesse artigo, temos a impressão de que Miller está correndo atrás do livro de Milner, que é de 1995. Demorar tanto para dizer o óbvio faz parecer que se esconde o jogo enquanto se vende mais livros... Quanto a mim, desde a metade da década de 1980 já tinha percebido que tinha acabado. É difícil ficar nessa posição, pois quando visualizava que o desenvolvimento de Lacan havia fracassado, as pessoas, encantadas, achavam que estava no começo e não escutavam mais nada. Quando se faz uma teoria bonita, sobretudo com aparência de incompreensível, aquilo encanta definitivamente, as pessoas

se apaixonam... pela própria ignorância, naturalmente. Então, era difícil mostrar esses pontos, e mais difícil ainda perder tempo com isso e deixar de procurar saída... para mim, pois, como disse, me deu a impressão de que aquilo acabara. Do ponto de vista histórico, situacional e político, ficou precipitado, pois comecei a abandonar e procurar, um pouco estabranadamente, por alguma saída. Penso que achei depois, mas demorou. Há, pois, o entendimento de que o percurso brilhante e criativo de Lacan foi falhando. A coisa, em termos de psicanálise, parece não fechar direito. Aliás, como era de se esperar, segundo a própria intervenção de Lacan.

Quando digo que Lacan é um pensador terminal, isto é mais grave do que simplesmente entender os sucessivos desarranjos de seus teoremas. Não significa apenas que fracassaram e ele construiu outros, e sim que aquilo acabou e não dá mais para pensar daquele modo. Isto, não porque gosto ou porque quero. Seria, aliás, mais prático que não acabasse, que estivesse em vigor e fosse bom, pois assim seria menos trabalhoso, bastaria repetir. Qualquer um que tenha lido alguma história, com ou sem vocação histórica – não é preciso querer ter vocação histórica para ver que há fatos com tais ou quais significações –, reconhece que há acontecimentos, que o evento digere a realidade e cria transformação. Então, o pensamento de Lacan é terminal porque os acontecimentos do mundo derogaram seus procedimentos – coisa que, aliás, acontece várias vezes na história. O século XX morre junto com ele. Após 1980, ano de sua morte, o século XX teve vinte anos para uma comoção extraordinária, que deslocou quase tudo, inclusive os pensamentos, os resultados de pesquisas, etc. Toda a situação foi sacudida não apenas no sentido de mero balanço, e sim de derogar o pensamento vigente. Muitos só se darão conta disto no final do século XXI, mas não importa, pois não é uma questão quantitativa. O acontecimento houve e se quiserem insistir será por uma questão museológica... muito grata à universidade, por exemplo, que adora ser o museu dos fósseis intelectuais e repetir até alguma comoção ser tão grande a ponto de ficar feio continuar. Então, de fato, o pensamento de Lacan, com seu brilho e força, terminou junto com sua época. Comprova-se isto na produção

teórica ou na simples produção livresca posterior. Muitos podem insistir em ser lacanianos, mas basta lê-los para notar que ou repetem baboseiras ou não dizem claramente que tiveram que pular fora.

A situação é muito difícil por não termos antecessor adequado. Há antecessor, mas não o adequado para o momento. Temos também que fazer uma suspensão e uma suspeição tão radicais do já produzido que todos ficam em derrelição intelectual, sem eira nem beira, à espera de alguma articulação. Então, é compreensível que se evite ao máximo a declaração de falência imediata. Pede-se concordata, tenta-se dar algum jeito de pagar a dívida, mas a falência vem, pois já houvera acontecido. No final do século XX e começo do XXI, é inevitável o reconhecimento da precariedade, praticamente total, dos fundamentos apresentados em todas as ordens de pensamento. Não que tenham ruído agora, pois já não o eram, apenas fingiam ser e eram considerados como tais. No confronto e no conflito entre as formações, ficou evidente que os fundamentos só são fundamentais, quando o são, como escolhas *ad hoc*. Caso contrário, não o são. Em todas as ordens – política, religiosa, econômica, científica, filosófica – ficou claro que isso é um imenso baralho, um vasto conjunto de formações que tentamos organizar de algum modo. E mesmo os discursos supostamente garantidores dos fundamentos dos desenvolvimentos em várias áreas também eram sem fundamentos. É o caso, por exemplo, da epistemologia. No tempo em que as ciências eram empregadinhas da filosofia, ela fingia garantir o estatuto das ciências, mas também praticamente ruiu. Não digo que não possamos construir epistemologias, mas tudo é relativizado, relativizável e a garantia é a da opção *ad hoc*. Ou seja, elas podem até ser bonitas, interessantes, úteis e adequadas para vários desenvolvimentos, mas serão ficções como outras quaisquer. A sacralidade do saber caiu por terra e não há mais como levantar.

Portanto, como o pensamento de Lacan acaba junto com o século XX, temos que reorganizar as coisas. Podemos colher alguns elementos de sua obra, mas sabendo que é preciso um pensamento de outra ordem. O que fiz por aí desde a segunda metade da década de 1980, são tábuas de salvação, se

conseguirem ser. Tentava me salvar do naufrágio do século XX, do *Titanic* intelectual. Vejam, aliás, em vários lugares as pessoas tentando reorganizar o saber para não se afogarem. *Titanic*, eis o nome adequado para o século XX. Neste sentido é que falo em pensamento terminal de Lacan, sem o qual tampouco andaríamos para a frente. Isto não nos dispensa de estudar o que ele construiu, até para podermos abandoná-lo efetivamente. Minha tentativa, válida ou não, é de refazer algo para continuar na mesma linhagem de pensamento – e nada preocupado com manter o nome psicanálise. O nome da Senhora não tem a menor importância, mesmo porque, quando entra para o puteiro (como se diz quem entra para o convento), perdem seu nome e ganham um outro de guerra. O que tenho feito é me virar para subsistir, para sobreviver ao naufrágio.

17. *Les penchants criminels de l'Europe démocratique*, de Jean-Claude Milner, é um livro engraçado. Vocês deviam estudá-lo sem perder uma linha, pois é de grande precisão, inteligência e de um brilho excepcional. Mas, se acaso quiserem entender o que digo, devem lê-lo sabendo que se trata de tudo que *não* é o que digo. É o chamado *ensino negativo*. Ou seja, se o lerem multiplicando por -1, chegarão ao que penso e verão por que causa tanto mal-estar o que tenho dito por aí. Ao que Milner afirma, as pessoas estão acostumadas, mas minha posição é antípoda da dele. Coisa interessante em um livro como esse é também a ocasião que temos de verificar a suspensão e a suspeição psicanalíticas que temos que observar em relação a qualquer autor, pois, quando se toca em seu sintoma, vê-se que ele pára de pensar. Seremos todos nós exatamente assim? Ou algum consegue fazer análise? Até que ponto vai a análise de cada um na possibilidade de Indiferenciação radical? Esse livro é exemplar para a denúncia disso, pois chega a ser ridículo e dar vergonha deparar-se com o fato de Milner ter escrito o que escreveu, embora seja inteligentíssimo. Tocou no sintoma do rapaz, ele continua brilhante... para ser estúpido (como qualquer analisando, aliás). Eis aí um dos graves problemas da Psicanálise. Qual é o limite de uma análise? Quanto de dissolução cada um agüenta?

Então, se lhes interessar saber aonde vou, leiam esse livro multiplicando por -1. Mesmo porque, a esta altura dos acontecimentos de minha vida, quero que as pessoas saibam com quem falam, pois podem estar enganadas e seguindo a vaca errada. A vaca sempre vai para o brejo, mas temos o direito de escolher o modo. Pelas respostas que, com frequência, ouço a respeito de minhas colocações – e respostas nem sempre são teóricas ou intelectuais, às vezes são comportamentos –, fica evidente que muitos não entendem e não sabem com quem falam. Como não se deve enganar o público – coisa que tenho explicado ao longo dos últimos trinta anos –, prefiro que, ao fazerem suas escolhas, as façam com lucidez. O que coloco é em sentido radicalmente oposto, contra a maioria do que encontram por aí, sobretudo no campo da psicanálise. Mas meu “contra” é a favor do movimento que está no mundo. Ou seja, suponho não estar sendo e não querer estar sendo reacionário, reativo, diante do encaminhamento do espontâneo do mundo contemporâneo. Ao contrário, estou a favor e querendo que ele se desenvolva o mais rápido possível. No entanto, o tipo de livro de Milner é reacionário e contrário a esse desenvolvimento.

O que de grave aconteceu no final do século XX – e está em mero desenvolvimento, pois isto não se fecha tão cedo – que derogou formações anteriores da maior importância e, junto com elas, a última teoria psicanalítica, que é a de Lacan? O fenômeno mais influente foi a aceleração vertiginosa da tecnologia, sobretudo no nível da eletrônica, que deixou todos zonzos. São muitos os livros publicados a esse respeito, mas quer me parecer que essa aceleração começa a fazer não mais valer a ordem estruturante, a ordenação – em todos os sentidos: jurídico, científico, religioso – que havia no que chamei de Terceiro Império. Então, ainda de maneira caótica e incompreendida, começa a emergir o Quarto Império. Estamos, pois, no meio da zorra. Tudo que acontece ao redor, sem muito entendimento, com muito susto, pertence à falência de um Império e ao começo de outro. Imagino que tenha sido assim quando da decadência do império romano e de sua apropriação – boçal, naturalmente: trata-se sempre de invasões bárbaras – pelo cristianismo. Vivemos num perí-

odo parecido. Como sabem, minha hipótese é de que o império romano acaba produzindo o Terceiro Império, o qual só se instalou mediante a apropriação decadente do cristianismo – e isso dura desde então. Até que andou depressa, pois o Segundo durou muito mais. Isto se deve ao próprio desenvolvimento tecnológico, se incluirmos na tecnologia a fabricação de filosofia na Grécia. Os exemplos de degradação e desestruturação do Terceiro Império são vários. Além do livro de Milner, há também o de Antonio Negri e Michael Hardt, *Império* (São Paulo: Record, 2001), que já comentei aqui como descrição, embora com respostas tolas, dessa decadência.

O fenômeno da tecnologia derogou também o pensamento de Lacan, se não toda a psicanálise. Isto não significa que não vá sobrar nada. Por isso, estou me lixando se o que digo é ou não psicanálise. Para mim, é apenas tábua de salvação. Veremos no futuro no que resultará. O importante é saltar fora do museu. Podemos considerar os fósseis, estudá-los, mas o bate-papo acadêmico cheio de frases mirabolantes é bobagem e não vai a lugar algum.

Comentei da vez anterior o conteúdo do livro de Milner sem tê-lo lido, pois os artigos a respeito já deixavam claro do que se tratava. Nada há a corrigir no que disse e há muito a acrescentar agora que o li. No que um Quarto Império começa a emergir, a tomar conformação, queiramos ou não, os embates de Terceiro Império ficam acirrados. As formações de Terceiro Império estão em luta como talvez nunca tenham estado. Certamente, as cruzadas na Europa medieval são embates dentro do Terceiro Império para decidir quem assume a hegemonia. Afinal, não podemos esquecer que, nesse momento da Europa, o Islã era mais refinado do que é hoje e os bárbaros invasores eram os europeus. Como eram europeus os bárbaros que invadiram a América. Aliás, holocausto para valer foi o que fizeram com os habitantes daqui. A conta parece que vai a duzentos milhões de pessoas mortas – um pouco mais, convenhamos, que os seis milhões de judeus na Segunda Guerra. Esquecemos disso e achamos que somos o máximo por sermos descendentes da Europa civilizada que, no entanto, deu nessa porcaria em que vivemos. Os chineses também eram mais civilizados, inclusive em produção de tecnologia. É preciso lembrar de todas

essas “placas tectônicas” do planeta para saber que a coisa não é bem assim como vemos ao redor.

Há, pois, uma disposição conflituosa, nem sempre com aparência guerreira e até com o nome de processo de paz, como Milner insiste, que é produção de Terceiro Império e estertores. Isto ocorre à medida que se percebe, no nível do pensamento, de administração de mundo, de governo, que as estruturas se dissolvem não por alguma Revolução, mas espontaneamente. E mais, o pessoal do Terceiro Império está procurando hegemonias para a luta que virá no futuro. Isto é evidente na posição dos EUA, que, em nome próprio, querem unificar antes que se instale o Quarto Império com muita divisão. Ou seja, querem levar a força cultural para o lado cristão do Terceiro Império. Eles podem conseguir alguma hegemonia de economia, de armas, mas duvido que consigam hegemonia cultural. Mesmo porque, depois que acabar o conflito do lado de cá, a China está lá esperando sua vez. O verdadeiro conflito de instalação de Quarto Império não será entre Islã e cristãos, e sim entre essa joça e o Oriente. E a China quando quer se sofisticar não brinca; lá se entende de sofisticação. Além disso, o quer que seja recalcitrância de Segundo Império – e é aí que está a grande reclamação do livro de Milner – é estorvo à instalação do Quarto. Se o Terceiro já é porcaria e atrapalha, imaginem o Segundo. Por isso, considero reacionária a posição de Milner. Não se trata de destruir ninguém ou destruir os representantes de alguma formação, e sim de entender que o prazo de validade dessa formação passou. Então, é preciso que as pessoas se disponibilizem de outro modo. Não sei se como Estados, pois estes hoje só existem como fingimento, remanescência ou inércia de afirmação de Estado. Basta ver, por exemplo, o estado de Israel, tão considerado nesse livro, e sua brilhante idéia de construir um muro a esta altura dos acontecimentos.

O interessante para nós é que, na tentativa de considerar a suspensão do vigor antijudaico, Milner brilhantemente demonstra que a situação é de Segundo Império. Na Europa, aliás, antes de ser anti-semita, o vigor é anti-judaico. Apenas nos EUA ainda se é anti ou pró-semita. É claro que Milner não fala de Segundo Império. Ao contrário, escapa de falar nisso, pois quer

a permanência desse regime, como lacaniano de penúltima cepa que é. Ser lacaniano é isso, e não a bobagem assim chamada que vemos aqui no Brasil. Trata-se, a qualquer preço, de salvar o Nome do Pai – Jesus Cristo já se deu mal nessa –, a mãe, o filho e a família inteira. Mas não será possível, pois a família já foi para o brejo. Nem é questão de tomar partido quanto a isso, e sim de ser minimamente sensato diante dos fenômenos que acontecem, ter lucidez para se arranjar aí dentro e parar de denegar. Ninguém pode segurar o acontecimento, que passou do limite. Há um ponto de não-retorno a partir do qual não se volta mais, a não ser que se queira barbarizar inteiramente o mundo. Mas, para isso, será preciso acabar com a tecnologia e, de preferência, também com o dinheiro, pois ele é um dissolvente universal, queiramos ou não. Hoje, temos a tecnologia e o movimento do dinheiro, o capitalismo radical sem confronto, dois dissolventes que não é mais possível segurar. Não adianta rezar para papai do céu, pois Ele não vai fazer nada – aliás, nunca fez mesmo.

18. Milner, a partir da página 119, fala em uma espécie de quatrilha ou quadriplicidade, que precisa ser salva: masculino / feminino / pais / criança. De fato, segundo o penúltimo Lacan, tratava-se de a psicanálise ser a salvação do quatrilha através do Nome do Pai, mas, na verdade, o velho triângulo que Deleuze tanto denuncia representa isso muito bem:

$$\frac{P/M.}{N}$$

É o papai-mamãe-neném. Na primeira dupla: homem-mulher; na segunda: as gerações. Trata-se de sustentar a clara diferença entre homem e mulher e entre as gerações, ou seja, *sustentar a interdição do incesto*. No entanto, tudo isto está indo para o brejo. Diferença sexual é apenas questão de conjunto de formações, não implica comportamentos e já acabou como referência, inclusive juridicamente. Como também acabou o monopólio do processo reprodutivo.

Em breve, para reproduzir, não precisaremos de sexo, e sim apenas de vidro e ampulheta. Mas não pensem que todos farão assim, pois não se trata de quantidade. Certamente, a maioria permanecerá no parque humano, no jardim zoológico que sobrar. Entretanto, o que vemos é o acontecimento fundar algo como irreversível, em que não é mais possível *pensar* do modo anterior.

A psicanálise freudiana até a lacaniana é nitidamente de Terceiro Império, sendo que, em Freud, é fortemente de Segundo Império. Édipo, pelo menos, é um desenho de Segundo. É claro que Freud se movimentou, pois seu sintoma judaico não o tomou por inteiro. Então, há vários momentos de reposição de seu pensamento na via de Terceiro Império. Às vezes, com tanto brilho que chega a apresentar o Quarto. Mas há as recaídas nitidamente de Segundo, que, não se pode negar, são herança de toda a formação ocidental judaica, cristã e muçulmana. No Segundo, aliás, não é possível a *conversão*, pois nele não há ordem fraterna, somente paterna. Ele se perde se fizer qualquer conversão. No Terceiro, algumas conversões são possíveis – porque não são efetivamente conversões, e sim brincadeiras, troca-troca entre cristãos e muçulmanos. Na região do Segundo, não há essa possibilidade, pois com Jeová não tem papo.

A psicanálise está metida nesse rolo. Basta ver a recalcitrância veemente com que tentam segurar esse movimento no Brasil. Tentam isto de várias formas, até fazendo lobby para que um jornal que me entrevista não publique o texto. Quando isto acontece, considero um reconhecimento típico do que digo, mas os movimentos reacionários contra a exposição do processo ocorrem no mundo inteiro. Leiam trabalhos supostamente teóricos de ditos analistas para ver como recuam e se agarram com unhas e dentes para alguém de Lacan, exatamente como acontece em movimentos fundamentalistas religiosos. Mesmo Lacan pode ser subversivo demais para eles. Quando o citam é sempre o Lacan pregresso, pois do último nem chegam perto.

19. No capítulo I, *Les pièges du tout, As armadilhas do todo*, ou *do tudo*, Milner apresenta o modelo sobre o qual vai pensar e articular todo o pensa-

mento do livro: as fórmulas quânticas de Lacan. Ele as usa para mostrar como funcionam os aparelhos políticos, sociais, filosóficos, etc., e por que o judaísmo está na situação em que está. Com isto, pretende defender de qualquer maneira os judeus – aí vira piada. Dizer que o judeu é o objeto a da Europa ou o não-todo do pensamento ocidental é de se morrer de rir, pois é justamente o contrário. O rapaz não está bem, pois, primeiro, demonstra a posição *consistente* do judaísmo, e, depois, diz que é o não-todo.

Ele entende, como já entendi há tempo, que a formulação de Lacan não precisa apegar-se à diferença sexual, pois vale para tudo:

$$\begin{array}{l} \text{C } \boxed{\exists x \tilde{\Phi}x / \forall x \Phi x} \\ \text{I } \boxed{\tilde{\exists}x \tilde{\Phi}x / \tilde{\forall}x \Phi x} \end{array}$$

Então, considera as fórmulas tanto no nível da diferença sexual, Homem / Mulher, quanto as extrapola para o nível político. Aí fica engraçado e bom de aproveitar, pois, no que faz essa extrapolação, considera que os governos autocráticos e aristocráticos são governos *de Limite*. Acho complicado chamar assim porque a noção matemática de limite não sendo apenas uma barreira, é algo que pode ser infinitamente grande. Por isso, prefiro chamar de consistência. Ele considera que dizer *não* ao exercício dessa função ($\exists x \tilde{\Phi}x$) e criar um todo ($\forall x \Phi x$) é produção de um limite, e que as estruturas políticas de governo, de mando, que funcionam aí dentro – ou seja, governos “masculinos” – são a monarquia e a aristocracia.

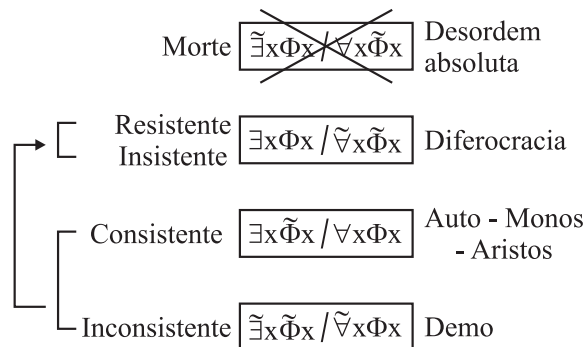
Na fórmula de baixo, temos o famoso e incompreensível não-todo ($\tilde{\forall}x$), de Lacan, que ninguém, inclusive Lacan, entende... mas cujo raciocínio é excelente. Aí temos a suspensão do limite ($\tilde{\exists}x \tilde{\Phi}x / \tilde{\forall}x \Phi x$), que Milner, inteligentemente, ao invés de dizer que há suspensão, diz que há o Ilimitado. Notem que é muito diferente tratar isso como sem limite ou como suspensão do limite. Chamo essa segunda formulação de inconsistência, e não posso concordar que se trate como ilimitado ou sem limite, pois, de onde isso foi

tirado para Lacan chamar de homem e mulher, o percurso da história desta nossa espécie de IdioFormação, jamais compareceu, em primeira instância, o ilimitado. O que sempre compareceu foi o limitado, e depois, com muita briga, muita guerra, a suspensão desse limite. Observem que não se trata aqui do Primeiro Império, d'Amãe, que é colagem quase psicótica sobre a representação da origem carnal, mas do Segundo, o Império d'Opai, em que apenas comparece a consistência. Somente com a revolução francesa ou a americana – ou seja, anteontem – é que a inconsistência comparece. Milner diz, então, que o governo do ilimitado é a democracia e se embaraça na explicação ao considerar que ela, por causa da ausência de limites, fica numa situação insustentável. Isto porque a situação não é insustentável pela falta de limite, e sim porque só se garante pela suspensão do limite, e não pelo uso do não-limite. Ele diz que a democracia, no que é o sem-limite, é uma violência lógica, mas, digo eu há bastante tempo que **a democracia é violência lógica e violência política.**

A chamada democracia, esse processo inventado em certo momento da história, cuja referência (se não a única, a mais freqüente) é a Revolução Francesa, pode ser uma gracinha, mas apenas para aqueles que engolem sapos sem grande mal-estar. Digo isto porque ela recai necessariamente numa consistência. No momento de eleição, está aberta a inconsistência, mas, quando a maioria decide, ela acaba e a consistência toma conta de novo. Ou seja, somente naquele momento fingiu-se haver democracia, depois não há mais. Portanto, só é possível fazer democracia nas perenes suspensão e suspeição da consistência, e não por ato imediato de escolha, de eleição. Repetindo, o máximo de democracia é o juízo foraclusivo enquanto sustentação da suspensão e da suspeição da consistência o tempo inteiro. Democracia é exercício cotidiano ou não é nada, já que o gosto da maioria é violência política e lógica. O próprio Milner afirma isto, embora não fale em violência política para não quebrar a cara. Lembrem que, há anos, digo que democracia não me interessa, pois quero mesmo saber o que pode ser uma **Diferocracia**. Para Milner, como para Lacan, só interessou ficar no edipianismo, no Nome do Pai, ou seja, na

herança de Segundo Império dentro do Terceiro, que qualifica a suposta diferença sexual. Não estou dizendo que diferença sexual não exista, pois basta olhar para ver que é diferente, e sim que o importante é a Indiferença diante da diferença: é indiferente que seja macho ou fêmea.

O que fiz com as fórmulas de Lacan foi dar um puxão para trás e buscar os antecedentes da lógica aí apresentada. Afirmar que as fórmulas da Consistência e da Inconsistência eram dois casos possíveis da Resistência, da Insistência fundamental. Ou seja, basta criar uma afirmação para termos possibilidade de negação, mas não toda: pode-se limitar, mas está-se limitando o ilimitável. Isto faz toda a diferença, pois a limitação pode ser produzida, mas a realidade, o Haver, é ilimitável pela pura e simples afirmação de sua havência. Chamei de Sexo Resistente ou Insistente por tudo emanar como diferença de simplesmente não haver função fálica. E a esta não havência (impossível, aliás) da função fálica, chamei de Sexo da Morte. Em termos de governo, posso chamar de desordem absoluta. Não é anarquia, pois, nesta, ainda se trata de *arquia*, e não de falta absoluta de ordenação. O pensamento anarquista não consegue chegar à Morte, ao desordenamento radical, por ainda ter um ordenamento qualquer.



Quando o Quarto Império se instalar, se conseguir, terá que inventar a Diferocracia, que é o regime do Resistente ou Insistente. Isto porque, assim como no século XX surgiu a evidência da quebra dos fundamentos, surgirá a da falsidade da democracia, a qual é apenas um expediente de pelotique, de

mentirinha, para fingir que se está no regime da inconsistência, da suspensão do limite. Isto é falso, pois é na afirmação ($\exists x\Phi x$), e não na negação ($\exists x\tilde{\Phi}x$), que está a suspensão do limite. Para exercer de fato a democracia, é preciso o tempo inteiro dizer *não*, por exemplo, à maioria. Na Diferocracia, dizemos *sim* a cada coisa. Na democracia, colocam-se os limites e se luta para suspendê-los a cada caso. A Diferocracia é uma posição política que diz: cada caso existe por si e se afirma por si mesmo. O conflito será resolvido de outro modo, não pela maioria. Ou seja, a solução de conflitos é tecnológica: a velocidade da tecnologia é que tem que resolvê-los e a solução é *ad hoc*. O regime do Resistente é ilimitável, e não ilimitado pelo *não*. O único limite que haveria para ele, se houvesse, seria a Morte. Por isso, digo que o não-Haver não há, mas faz ressonâncias no que Há. O princípio de castração não pode ser absoluto, tem que ser relativizado a cada caso, pois é mera ressonância da Morte que não há. O que há é o Resistente, cuja política o novo milênio tem que inventar. É a política maneirista, do ilimitável, do transiente, do transeunte, do indiferente de que venho lhes falando há décadas. No Resistente, não se pode ter juízo algum sobre caso algum, e sim administrar os conflitos. Na democracia, ainda estamos no regime em que a maioria acha não-sei-o-quê e, com toda a inocência, manda-se o outro para a cadeia, o que é uma cafajestada.

No regime do Consistente, temos a vontade totalizante, se não totalitária, das formações consistentes, que Lacan, sabe-se lá por que, chamou de masculina. Temos aí, por exemplo, a idéia de *universo*. No regime do Inconsistente, temos a vontade suspensiva do que – evidentemente por denegação – se chama de democracia. Ela é denegação do limite, seja essa denegação feita por negação recorrente ou alternada, tanto faz. Aí, são os não totalizantes esporádicos, que poderíamos chamar de *ambiversos*. No Resistente, temos a Diferocracia, o verdadeiramente sem limites, a pura afirmação do ilimitado, do não totalizante e do que funciona não como consistente, e sim como insistente e resistente por si mesmo. Poderíamos chamá-lo de *multiverso*.

O falecido Luiz Sergio Coelho de Sampaio costumava me dizer que, ao escrever essas fórmulas, anotei a lógica fundamental de todas as lógicas possíveis.

20. Isso tudo parece não ter relação com o tema que trato este ano, mas, pelo contrário, tem tudo a ver com uma instalação política e de economia, sobretudo de uma Economia Pulsional pensada sob o escopo da psicanálise. Do ponto de vista da economia no mundo, é engraçado que, muito antes de vir a política de Quarto Império, a economia de Quarto Império está vindo e forçando a barra. A não-oposição ao capitalismo e a explosão do capitalismo no mundo, derogando estados, países, idéias, etc., são da ordem da dissolução por via da ilimitação do movimento dos valores, do dinheiro, em suma. Como organizar isto é outra história.

• **P** – *Milner acompanha as composições sintomáticas em torno da referência de inconsistente e consistente no nível lógico-político, mas onde, em seu livro, está o lugar do capital e de sua movimentação?*

Está oculto, denegado. Do que os judeus são acusados na Europa? De sua forte relação com o dinheiro. Ora, isto não é verdade, pois sua relação com o dinheiro ocorre no regime da consistência, ou seja, no sentido da limitação e do arranjo. Só que o capitalismo de hoje é aquele regido pela lógica do Resistente. A tentativa do império soviético de trazer a questão do dinheiro para o regime da inconsistência resultou na demonstração dessa limitação, pois o movimento do capital não se subordina a ordem política alguma: ele se dissolve sozinho e o resto que se dane. Se colocarmos capital e tecnologia na rua, o vetor irá na direção do afirmativo. É como o Tesão, se pararem de regulá-lo, será tesão no que aparecer. Temos que nos virar com isto, pois é assim que acontece.

Podemos esperar que as coisas se encaminhem para a direção que indico, mas chegaremos lá alienados ou não. É questão de escolha. Suponho que seja melhor chegar com certa lucidez, pois deve fazer menos mal.

22/MAI

21. Continuando o que disse da vez anterior, na verdade, qualquer tentativa de democracia está sempre compromissada com a perene negação de uma forma fechada, seja uma autocracia, uma aristocracia, ou o que for que se represente numa organização de estado que tenha um excedente, um transcendente. Esse comprometimento ocorre, primeiro, porque a democracia não se estabiliza jamais, e, segundo, porque ela só existe na suspensão. Considerem que, no regime do Consistente – conforme está posto no item 19, acima –, haja afirmação, e, no regime do Inconsistente, haja suspensão. Não digo que, neste, haja negação pura e simples, pois trata-se da tentativa de suspensão: se dissermos “não existe nenhum que” ($\neg \exists x \Phi x$), estamos reconhecendo a fórmula anterior, “existe pelo menos um que” ($\exists x \Phi x$). Caso contrário, seria mera denegação. Aliás, é denegação, pois se está negando uma afirmação, é denegação. A democracia é pura denegação, não afirma nada. Mesmo escrevendo nos papéis e nas constituições que afirma, ela só funciona na suspensão de outra *cracia*, que tem governo relativamente absoluto.

A idéia que trago de Diferocracia se sustenta logicamente na fórmula do Resistente ($\exists x \Phi x / \neg \exists x \Phi x$), que subsume as duas que mencionei acima. Já a fórmula da Morte ($\neg \exists x \Phi x / \forall x \Phi x$) não valeu, não funciona. O Sexo Resistente seria a possibilidade de uma afirmação plena. Ou seja, abertura mesmo de não-todos só poderia existir nesta formulação por pura e simples afirmação. Assim, se existe tesão ($\exists x \Phi x$), ele apenas pode ser negado, questionado, parcialmente ($\neg \exists x \Phi x$). O tesão não pode ser negado inteiramente, pois quando é negado, o é na forma de unificação ($\exists x \Phi x / \forall x \Phi x$), ou na de suspensão ($\neg \exists x \Phi x / \neg \forall x \Phi x$). Lacan foi feliz na invenção da lógica destas duas últimas formulações, que chamo de consistência e inconsistência. Antes dele, nada existia de parecido, ninguém fora tão maluco a ponto de dizer isso. Minha denúncia é que ele o disse de maneira ocidental e, de preferência, judeu-cristã. Por isso, sempre me pareceu que faltava um pedaço anterior ou algo que completasse o quadro das afirmações e negações. Então, apenas simetrizei e, no que assim fiz, vi que não era simétrico: a simetria da escrita não é o simétrico das fórmulas e das significações. Há simetria na primeira fórmula que propus,

Morte / Resistente, mas a segunda simetria, Consistente / Inconsistente, que é a primeira de Lacan, é decorrência de um dos casos da primeira simetria.

Como penso que sem a compleição dessa lógica não se pode pensar bem o que seja uma formação política e de Estado, do ponto de vista da economia no mundo, deve acontecer a mesmíssima coisa. Desde que alguma economia se estabelece, juntamente com alguma organização mínima de governo que não seja de referência estritamente primária, qualquer organização cabe nessa lógica. Desconsidero o Império d'Amãe, cuja economia é praticamente pura imitação do etológico e de referência ao Primário da carne, tal qual uma matilha de lobos ou de cães, que também tem seu modo etológico e primário de governo. Os economistas supõem que o tal capitalismo nasceu antontem, num certo momento que tentam definir sem conseguir muito bem. Ou o nomeiam pela transformação de tudo em mercadoria ou pela transformação do trabalho em mercadoria. Não vejo diferença, pois é preciso um recorte de grande sutileza econômica para supormos que trabalho algum dia não foi mercadoria, ou que, nos primórdios da civilização, qualquer coisa negociável não era mercadoria e, um dia, passou a ser. Do ponto de vista da Economia Psíquica, quando não foi mercadoria? Quando uma troca, até de afetos, não foi exatamente isto? Quando não se comprou o serviço do outro? Por exemplo, o serviço erótico (cuja profissão, aliás, que não só é a mais antiga, como é a única)? Quando não se negociou este serviço, inclusive sem moeda? Não só me parece que o oferecido ou o comprável é uma mercadoria, como o operador desse benefício, isto é, seu trabalho, também foi negociado.

Podemos, então, dizer que a economia de regime consistente – em que se tem certeza de que há um limite, posto justamente pelo que fica do lado de fora, pelo que não é contado dentro ($\exists x \tilde{\Phi}x$) – é o mais típico do que acontece em primeira mão no campo da economia, em qualquer momento da história. Ou seja, existe uma determinação de poder a respeito dos valores que estão em jogo e como eles podem ser negociados. É a cara do que chamamos de capitalismo, seja o reconhecido assim do ponto de vista da história da economia, seja aquele considerado em sentido lato. Trata-se de um capitalismo

governado, limitado em suas funções, pois os valores são estabelecidos por um grupo que está fora do regime interno desses negócios. Ele se coloca fora e determina os valores.

• **P** – *Há isto em Marx com a idéia de comunismo primitivo, economia natural, comunidade coletiva da terra.*

Tudo isso precisa ser revisto, pois a confusão que parece existir é que justamente se trata de Primeiro Império ou de esboços de Segundo. Então, não conseguimos fazer leitura de um esquema que realmente separe e ponha algo do lado de fora onde tudo parece estar dentro. Mas deve haver algo do lado de fora que fecha o conjunto.

No Primeiro Império isto não foi inventado, então as aderências, como a referência é praticamente o corpo da mãe, parecem ser coletivas. Há uma porção de pequenas referências que parecem ser iguais, pois não há referência genérica para tudo. As pessoas têm mania de chamar isto de *coletivo*, mas não acho que o seja, pois entre eles devia haver alguma briga de cachorro por disputa de território como coisa etológica sem definição de Estado ou de situação social. Não acredito nesse troço de “comunismo primitivo”. Alguns deviam ter uma mãe melhor, mais provedora, que mordesse o rabo da mãe vizinha. Vemos isso com os macacos. Naquele tempo não existia etologia para fazerem comparações, então ficavam com essas idéias de *primitivo*. Mas não se trata de comunismo, é apenas não instalação de algum sistema que ultrapasse o regime da mera imitação etológica do Primário.

• **P** – *É a leitura do bom selvagem.*

Mas o que iam fazer se não tinham a idéia de etologia? Esta idéia mudou o modo de abordarmos o mundo. Então, sonhavam com uma coisa maravilhosa que vinha pronta ou uma *tabula rasa* de pureza incrível e onde se poderia escrever qualquer coisa. Mas não é possível para o século XXI acreditar em *tabula rasa* ou em Primário maravilhoso. O Primário é inteiramente discursado, programado, inscrito, etc., e o que dá impressão de *tabula rasa* é a disponibilidade quase total que o Originário (não oferece, mas) promete. A grande confusão ocorrida nesse regime foi pensar que o homem era uma

tabula rasa capaz de assimilar qualquer coisa. É capaz mesmo, mas não por ser *tabula rasa* de começo, e sim porque o Originário é capaz de indiferenciar qualquer coisa. A disponibilidade é plena, mas não sabemos se será usada, pois, por trás dela vem um Primário carregadíssimo e produtor de muito recalque. Então, a tal *tabula rasa* (que não existe) é o Revirão, mas ainda tem que limpar os recalques do Primário para poder se disponibilizar. É praticamente impossível. O que encontramos são algumas pessoas ou alguns grupos com facilidade, digamos assim, de utilizar o reviramento e isso empurra. Já disse em 1982 (*Psicanálise & Polética*), que, no começo, as pessoas deviam ser meio doidinhas ou ter uma aparência de loucura para poder revirar assim. Talvez estes casos de reviramentos loucos ainda apareçam nos consultórios.

Uma idéia de socialismo que pudesse efetivamente valer – não aquele que houve na URSS como oligarquia que obrigou a economia a funcionar de modo estúpido que a levou à falência –, qualquer tentativa de socialização do capital (Marx tem razão quando diz que socialização é sempre aquela dos bens), só pode se dar no regime do não-todo suspensivo. Por isso, há sempre luta. As autocracias, as oligarquias, se instalam espontaneamente, e para tomá-las de tal grupo ou indivíduo há que sair na briga, pois não se oferecem espontaneamente. Marx, junto com outros, quis nos convencer de que havia essa espontaneidade na espécie, quis demonstrar que foram alguns canalhas que resolveram tomar o poder no peito. Ora, pensar assim é ingenuidade, a meu ver, pré-freudiana.

Acontece espontaneamente de aparecer liderança, comando, apropriação, etc. Basta ver os etólogos levantarem estes jogos no seio de várias espécies. O espontâneo funciona assim, e para não ser desse jeito há que crescer no Secundário e revolucionar ou evolucionar o processo. Há que ser Progressivo no sentido do vetor que vai do Secundário para o Originário. Então, todo e qualquer movimento de socialização, seja a democracia mais mixuruca ou mais falsa, que nos permita de vez em quando votar naqueles canalhas, já é um esforço de suspensão. Mas este esforço não dura, ele é espasmódico, então o esforço tem que ser perene: faz-se um esforço de suspensão e ele cai de novo.

Como já expliquei, não cai porque o dono é malvado, e sim porque as pessoas são alienadas. A alienação é um conforto no qual as pessoas acreditam que vão conseguir o não-Haver para ficar em paz. Isto aliena imediatamente.

Há a esquisitice na história e nos movimentos revolucionários, de as pessoas se juntarem para brigar contra algum poderoso que as massacra. Será mesmo? Onde? Não foram as próprias pessoas que entregaram tudo na mão do outro? Por isso, as revoluções nunca dão certo, são falsas de nascença. Não precisaria haver revolução alguma se aquilo que os revolucionários precisam colocar na cabeça do povo para eles fazerem revolução brotasse com espontaneidade ou fosse feito evolutivamente. Há sempre um grupo que quer tomar o poder, fazer uma nova oligarquia e, para isso, convence as pessoas de lutar contra a outra oligarquia. As pessoas acreditam, pensando que, com isto, serão gratuitamente os novos aristocratas, sem fazer esforço algum dentro da alienação que tornam a produzir para o outro grupo. Para mudar isto, só análise. Se análise não dá certo no consultório, como dará certo no meio do povo? Mas é preciso insistir. De repente, funciona.

22. Freud dizia ser impossível governar, psicanalisar e educar, mas qual é, na prática, o impossível de analisar? Aliás, se esta frase tem algum sentido, acho menos impossível analisar do que educar e governar. A tal impossibilidade nasce do fato de que se quer produzir uma autenticidade, de fora. É isto que a educação e o governo fazem. A psicanálise ainda tem a pretensão – e pode ser mera pretensão – de criar uma situação em que a pessoa produza sua análise. É praticamente impossível, mas talvez não.

• **P** – *Sua idéia de impossível é logicamente diferente da de Lacan?*

Inteiramente. Tenho um impossível absoluto e um impossível modal.

• **P** – *A saída de Lacan em relação ao impossível é só suspensiva.*

A minha não. O impossível modal é eliminado, se conseguirmos pagar o preço. A história nos mostra os vários impossíveis modais que foram eliminados. Se a análise funcionasse direito, se existisse um aparelho de instalação de um regime analítico de fato, ou seja, se fosse possível criar

05/JUN/2004

uma situação analítica – esta que, pelo menos teoricamente, tento criar –, de tal maneira que quem produz de fato a análise é o analisando, então a análise produzida seria autêntica, pois o analista só empurraria ou se retiraria do processo. Isto, em termos de política, significaria que grupo algum catalisa o povo para fazer uma revolução, pois o troço se deu espontaneamente, revirou. Verificamos na história da tal psicanálise que alguns poucos realmente produziram sua análise, ficaram autônomos, autênticos e foram em frente com sua autonomia. Estes são os que transformam. Tanto que uma análise relativamente bem realizada suspende toda e qualquer bobice em relação aos aparelhos políticos. Não se pode ter sido analisado e ser marxista, ou qualquer “outra coisa”. A pessoa deve ter soltura, independência de tudo, a ponto de saber avaliar do ponto de vista geral qual forma de governo funciona e qual não. Mas não vai entrar naquilo, pois não acredita. Quem vai acreditar em democracia?! Tem que ser babão para acreditar. Quem gosta de democracia é o Bush.

No regime da economia, quero suspeitar que acontece a mesma coisa: todo movimento de abertura do domínio do capital, domínio de toda espécie de bens, só se dá no regime da suspensão. O chamado capitalista, o dono do poder, dos bens, é obrigado por algum motivo a negociar, se não, não solta. Assim como o proletário, aquele que não tem poder nem dinheiro, entrou em um funcionamento que é desalienante à revelia dele. Qualquer pessoa de minha idade se lembra da vontade comunista, presente na cultura do mundo inteiro, de conscientizar as massas. Ora, se tenho que conscientizar as massas, farei isso a meu favor, pois não nasci ontem. Se vou conscientizar um grupo, ele tem a obrigação de imaginar que conscientizo a meu favor, que quero tirar algum proveito, pois sempre foi assim. Como alguém pode me libertar?! O cara veio me salvar, mas, como não pedi nada, fico desconfiado: o que esse cara quer? Havia ainda a mistura do marxismo com o cristianismo de Terceiro Império: Jesus Cristo veio salvar o mundo. Quanta pretensão!

• **P** – *Desde Platão que querem nos tirar da caverna.*

Pois então: isto é mais antigo, é greco-judaico.

23. Fico com a impressão cada vez mais forte de que capitalismo não é uma fase da história, fundada em certo momento e que acabará um dia. O capitalismo é o que é desde sempre e será para sempre, com formas diversas. É preciso parar de supor, conforme a idéia de Marx, que o capitalismo morrerá de podre ou de guerra. O capitalismo do regime da consistência, do todo, este sim, tem certa tendência a desabar, a ser eliminado. Por quê? As pessoas querem pensar que é devido a uma vontade socialista.

• **P** – *Desaparecerá por ele mesmo.*

Não, pois o capitalismo de última instância é pura e simplesmente afirmativo. O capitalismo consistente – e não quero chamá-lo masculino –, este, é limitador de suas próprias formas. Os dois capitalismos, consistente e inconsistente, vêm com o pé no freio, cada qual de um jeito. Reconheci esta denúncia primeiro em Deleuze, que me abriu os olhos para isto ao dizer que o capitalismo devia se esquizofrenizar, mas não acredito em “esquizofrenia”. O capitalismo consistente, que geriu o mundo durante milênios, é extremamente limitado, não permite uma franca manifestação da mercadoria enquanto tal, pois tem moralismos que não dependem da estrutura dele mesmo ou da estrutura de governo, e sim de razões etológicas e neo-etológicas, de razões sintomáticas que fazem moralismos. Então, não pode ser desenfreado; não pode, por exemplo, dizer que a prostituição não só é a mais antiga como é a única profissão. Nos EUA, que é o paraíso da putaria, a prostituição é proibida, finge-se que não existe. É uma sintomática bacana: prendem as moças de vez em quando para dizer que caçam as bruxas, mas, dia seguinte, são soltas. Não fazem isto por causa delas, mas para fingir que não são como elas. Por isso, a psicanálise incomoda, pois vê coisas como esta.

Então, temos duas formas de pé no freio na espontaneidade do capital. É difícil entender para onde Marx queria ir, os marxistas discutirão décadas sobre isto sem chegar a uma conclusão. Se Marx supõe que a inconsistência seja capaz de dissolver o capitalismo por inteiro em um socialismo que viria a ser comunismo não se sabe quando, acho que isto não existe. O capitalismo inconsistente, entendido pelos marxistas como crises e contradições do capi-

talismo, é, na verdade, o movimento suspensivo da própria ordem capitalista tal como está instituída, e não o movimento suspensivo do capital. Ou seja, são movimentos suspensivos da ordenação capitalista do mundo. Não pensem que apenas os socialistas estão sob o regime inconsistente do capitalismo, os liberais também são regidos por esta lógica. No sentido liberal, isto significa mandar às favas as limitações do mercado e como, para eles, tudo é prostituição mesmo, o mercado resolve. O socialista diz *não* a isto, pois o mercado resolve matando a todos de fome: é preciso uma situação de Estado, parecida com a do regime consistente, isto é, alguma consistência para que possamos contestar, mas que não deixe que o mercado prostitua tudo de uma vez. Assim, o liberal e o socialista são denegações do capitalismo, daquele que pertence ao regime resistente.

• **P** – *Como ver a função governo na inconsistência?*

A função Estado só existe na consistência. Faz-se um Estado democrático, mas tal Estado tem espasmos de democracia para depois voltar à consistência. É algo fácil de verificar. Faz-se uma eleição, vota-se no presidente, depois se retorna para a consistência, pois, no dia seguinte à eleição, a maioria violentamente já decidiu para onde se vai, logo acabou a inconsistência. Só alguma comoção irá suspender de novo a consistência, se o Estado for volitivamente democrático. Caso contrário, manda-se atirar em todos e acabou a Inconsistência.

• **P** – *É Praça da Paz Celestial.*

A Paz Celestial sem consistência não existe.

• **P** – *Você disse que o capitalismo é o modus operandi do oikos.*

Pior: o Inconsciente é capitalista. Retiremos Lacan: o Haver é capitalista. Falta definir o que é isto.

• **P** – *Se acompanharmos o Creodo, vemos esse modus operandi ter como primeiro modo de organização a consistência, desconsiderando a espontaneidade etológica da dificuldade de marcar uma referência que fecha.*

Mesmo do ponto de vista etológico a consistência se dá no nível Primário, por imitação. O problema sério é que sem alguma consistência não há

sistema, não há corpo. Então, a tendência é fazer consistir.

• **P** – *E a inconsistência responde às moções de transformação.*

Começam os aprisionamentos e algumas consistências explodem, desorganizam a consistência. Eles podem não ser revolucionários de fato, pois são alienados, mas o próprio confronto dos movimentos começa a tornar inconsistente o modelo que lá funciona. Não é por menos que foi inventado o Segundo Império, pois o tal Inconsciente tem que se submeter à ordem da consistência, dos corpos. Se não o fizer, não sobrevive. Ou seja, se não nos submetermos a certa transa de consistência com nosso corpo, podemos pensar milhões de coisas, mas morreremos e aí não poderemos pensar. Em meu pensamento, não há o problema mente-corpo, pois tudo é a mesma coisa. Se temos formações solidificadas, formações abertas, secundárias, primárias, a originária, no entanto, são todas formações.

• **P** – *Assim como o Sexo Resistente engloba afirmação e denegação, a consistência é afirmativa e a inconsistência é denegativa desta afirmação?*

O Consistente só é afirmativo com exclusão, com fechamento. Ao passo que o Resistente, o Insistente, é afirmativo do que quer que, sem nada excluir. A coisa se encaminha nesse sentido e é o que chamo de Diferocracia, Quarto Império, o que é extremamente difícil de se instalar, pois deve brotar, emergir. Mas existem forças que empurram para este lado e, a meu ver, a mais potente no momento é a **tecnologia**. Ela é da ordem da magia, pois se torna um novo Primário. Dado que há intervenção do Secundário no Primário, isso modifica o Primário, o que gera maior instabilidade das formações primárias dadas e o Primário começa a se modificar de tal maneira que ficamos mais à vontade. Temos aí uma Dinâmica e uma Economia.

• **P** – *Toda instalação se dá necessariamente por consistência?*

Sem dúvida. Entrará em decadência, mas não são todas do mesmo grau: há decadências horríveis, pesadas e há decadências mais leves.

• **P** – *A instalação de uma Diferocracia teria que ter estes dois planos: seu modo próprio de instalação e da manutenção de sua referência de base, que seria o próprio processo de insistência.*

Mas nosso momento é mais vigoroso e louco do que os anteriores. O desenvolvimento quase espontâneo agora, em série geométrica, da tecnologia modifica o Primário, que é o que nos força para a consistência. Então, a consistência nova é mais rica, logo mais inconsistente. Não é preciso revolução, pois se continuarmos a produzir, brotará. A psicanálise prestará para adaptar os retrógados, os bárbaros, a essa mudança e, depois, para auxiliar no governo do Quarto Império. Não faço idéia do que possa ser o governo *ad hoc* disso, há que brotar para vermos.

A tendência verdadeira, íntima, do capital é ser puramente afirmativa. Foi nesse ponto que Deleuze viu que não temos que frear, e sim acelerar o processo, tirar o pé do freio. Mas ele fala isto como se fosse atitude política, há esta bobice nele. Ora, a atitude política que pode haver aí é de reconhecimento disso e de aceitação, pois isso não se dará por atitude política, e sim por proliferação tecnológica. A proliferação é tão violenta que não teremos saída. Certamente, sobrá um bando de gente jesus cristando por aí quando tudo for para o bebelê. É o Parque Humano. Mas a coisa vira.

• **P** – *Há uma frase de Deleuze sobre o Inconsciente ser não um teatro, mas uma usina.*

Ele tinha razão, pois o Inconsciente de Freud foi teatralizado. É o teatro grego. Mas hoje o Inconsciente não é nem mais uma usina, é puramente um computador. Usina já é gagá.

• **P** – *Deleuze afirmou isto, pois queria fazer diferença entre representação e intensidade.*

Para ele, era uma fábrica. Para nós, é um movimento computacional, e quântico ainda por cima, embora este computador para valer ainda não tenha chegado. O computador vagabundo que temos é o macaco dos computadores.

24. É preciso retomar os conceitos da economia, não para modificá-la, pois isto é problema dos economistas, mas para re-entender a Economia Pulsional, o Mercado das Pulsões, que é o que nos importa. Faz enorme diferença pensar todo o movimento econômico a partir da pura e simples afirmação do

Insistente, do Resistente. Marx insinua sua revolução comunista por via da inconsistência ou da resistência? Há marxistas que defendem os dois pontos de vista, embora não saibam disso nem tenham esta terminologia: a via do socialismo e a via da explosão do capitalismo – que alguns pensam ser a morte do capitalismo, quando se trata da expansão absoluta do capital.

Não creio que uma moção anarquista faça sentido. Acho total falta de entendimento pensar na possibilidade de as organizações se darem sem qualquer aparelho de governo. Isto porque, se retiramos um governo cá de cima, de regime resistente, este processo decai em outros regimes de governo. Leiam Mangabeira Unger que faz um esforço enorme para pensar um experimentalismo democrático, como ele o chama. Seu último livro, *O Direito e o futuro da democracia* (Rio de Janeiro: Boitempo Editorial, 2004), tem idéias interessantíssimas sobre um regime democrático de pequenas comunidades, mas ficamos sem saber como realizá-las.

• **P** – *Parece com a defesa da família.*

Ele é inteligente para cair nessa. Por isso, sugere que as comunidades não sejam de pessoas, e sim de assuntos, para pertencermos a várias comunidades com funções diversas, havendo, com isso, certa dissolução das comunidades. Mas mesmo assim fico assustado com essa idéia. Bom, não estamos aqui para fazer revolução.

• **P** – *Só há possibilidade do afirmativo se houver como pano de fundo o capitalismo consistente, quer dizer, algo que dê uma figura de Estado, alguma organização?*

Dá a impressão disso, mas o regime consistente é menor do que o regime resistente que subsume os outros dois. Então, podemos pensar que, se o regime resistente está em vigor, teremos aspectos de gerência de dois tipos: consistente e inconsistente. O que não significa que o regime resistente esteja subdito à gerência consistente, por exemplo. Ao contrário, se a função é puramente afirmativa ($\exists x \Phi x$), ao sabermos de antemão que podemos negar, suspender ($\sim \forall x \Phi x$), lançamos mão como ferramentas *ad hoc* das técnicas de consistência e de inconsistência. Entretanto, elas não são a forma de governo

ou do capitalismo, pois a forma é o regime resistente.

• **P** – *Não sabemos como essa forma de governo resistente pode se dar.*

Isto terá que ser espontâneo. O capitalismo está dito no momento atual em crise, em uma crise que nunca tivera. A meu ver, a saída é deixar que o Quarto Império se diga, se estabeleça, e achar seus modos de operação. Antes de chegar nisso, haverá retrocesso para a consistência, lutas de inconsistência, grandes falências de Estado, etc., dentro da própria ordem econômica, sem que isso precise chegar ao meio da rua.

• **P** – *É a Nasdaq.*

É a bolsa sem lastro até que se ache o modelo. Segundo minha análise pretensiosa, não acham o modelo por só saberem olhar para a consistência e a inconsistência. Não pensam em saltar fora e ir para a afirmação pura e simples do movimento do capital, jogando com a consistência e com a inconsistência. Eles são moralistas com seus sintomas religiosos, de pátria, de soberania nacional, que nada têm a ver com a situação e que não deixam o movimento progredir. O que impede são moções de orangotango e não podemos querer instalar o Quarto Império como orangotangos. Vejam a dificuldade para se instalar a Europa Unida, embora estejam conseguindo de algum modo. Os EUA já nasceram solidificados e, portanto, não têm o problema de serem Estados Unidos, pois dá a impressão de que aquilo foi estabelecido de nascença. A Europa tem uma preocupação autêntica e mais parecida com a preocupação contemporânea de querer unificar. Por exemplo, não entra em minha cabeça que as Américas não sejam unificadas, pois um dia terá que ser um só governo. Globalização, se houvesse, passaria por isto. É apenas pretensão analítica, pois o planeta está cheio de orangotangos com seus sintomas locais, nacionais que não são compatíveis com o século XXI. O Mercosul não consegue ser feito porque comparecem todos os sintomas nacionais, mas, se perguntarmos aos nacionais, eles não fazem nem idéia do que se trata. Quer dizer, há um grupo que sintomatiza pelos outros – os nacionais não fazem idéia por estarem quase na Idade da Pedra... polida, certamente, porque é mais chique.

- **P** – *De acordo com a reforma universitária, a educação não pode ser tratada como mercadoria.*

Reforma universitária é fechar aquela porcaria! Isto é briga de comunista com liberal: “estão prostituindo a educação!” – eles não saem dessa! **Educação é pura mercadoria.** Como se vai negociar isto é outra história.

- **P** – *A Organização Mundial do Comércio já esclareceu: Educação é mercadoria!*

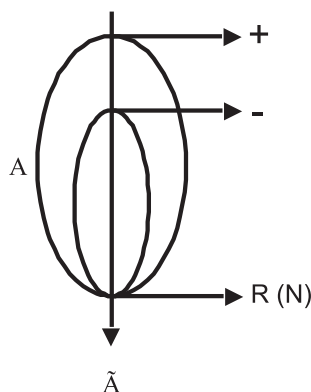
Porque têm um pouco de lucidez! Claro que educação é mercadoria. Ou vocês pensam que a Universidade Federal do Rio de Janeiro é Harvard? Enquanto esse tipo de sintoma funcionar será uma desgraça, pois o troço andarão sozinho. Isto é, as faculdades particulares estarão desmoralizadas, pois nenhum papel valerá mais nada. Qual é a cotação do seu diploma na bolsa? Não vale nada. Estaremos no toma lá da cá do botequim: “me dá meio quilo de diploma”. É o que acontecerá: todos os papéis negociados na bolsa da educação mundial vão para o lixo e, com isso, a ordem empresarial será a ordem educativa do futuro. Grandes corporações de laboratórios de remédios farão suas medicinas e substituirão a universidade. Ela não faz falta alguma, pode fechar.

25. Ainda existe esse negócio de **mais-valia** realmente? Meu falecido amigo Vianinha, no auge da luta política no Brasil, fez uma peça chamada *A mais-valia vai acabar, seu Edgar*. De minha parte, acho que *A mais-valia já acabou, dona Leonô*, mas não pelo modo como pensaram.

Se o não-Haver não há, o excessivo, isto que é gerado pelo Princípio de Catoptria, produz mediante HiperDeterminação o não-Haver, alucinado como falta e como causa, e o Haver como excesso ou resto da operação. É aí que está a divergência com o lacanismo: a falta não é estruturante, e sim gerada. Assim, a causa não é dada nem o objeto é fundamentalmente perdido: a causa é gerada. Então, o não-Haver é produzido como falta e como causa, e o Haver é produzido como excesso e como resto, ele próprio. Não estou dizendo que o Haver foi produzido enquanto tal, mas, no movimento da catoptria, geram-se a falta e a causa. Nesse momento, o Haver fica resto da operação

05/JUN/2004

e sobra como excesso. Não é estranho? O Haver é dado, o não-Haver não é dado, mas, no movimento catóptrico, o que será gerado nesse momento é o não-Haver (\tilde{A}) alucinado como falta ou como causa. E quando se olha para cá (A), o Haver vira resto e excesso.



• **P** – *Isto é o capitalismo?*

O capitalismo é total, é a relação entre Haver e não-Haver. Poderia aproximar o Haver, como resto, de mais-valia e, como gozo, *do* Haver. Duplo genitivo incidindo no mesmo lugar: goza-se do Haver e o Haver goza. O que acontece aí é um lucro. No puro funcionamento d'ALEI, Haver quer não-Haver, o trabalho da pulsão rende lucro, ou melhor, faz com que tudo seja lucro. Qual é o lucro? O próprio Haver, que é ele próprio mais-valia de si mesmo. Em última instância, o movimento é dentro dele mesmo, mas isto traduzido cá para baixo, começa a se dividir.

• **P** – *O lucro ou excedente não é equivalente de mais-valia.*

Não, mas coloco tudo em um pacote só e depois pergunto como isto cá embaixo se separa, se divide. Em última instância é a mesma coisa, pois começo lá de cima, ao invés de ir subindo. Quando se quebra a simetria e se fractaliza, aí começa a haver divisões, mas lá em cima, tudo é a mesma coisa. Não há não-Haver, o excessivo gerado pelo Princípio de Catoptria produz por HiperDeterminação o não-Haver como falta e como causa, e o Haver como excesso ou resto da operação. O resto é ganho como mais-valia e como lu-

cro. Se bem que, de certa forma, no marxismo ou na cabeça de Marx, a mais-valia é que é geradora de lucro, pois o lucro é expropriação do trabalho do operário.

Na última instância, o excesso – o resto, ou mais-valia no sentido de Marx, ou mais-gozar como objeto a de Lacan, ou lucro obtido – é imediato. O gozo pleno ou gozo plerômico do Haver é como um prêmio de consolação, ganho no momento mesmo da perda instantânea (porque é impossível) do gozo absoluto do não-Haver. Não há gozo absoluto, então temos um gozo pleno, de consolação. O gozo pleno é resto, mais-valia, mais-gozar, lucro, etc. Quer dizer, estamos sempre no lucro. Caso contrário, estamos mortos.

• **P** – *Qualquer sintomatização necessariamente mostra a decadência de sua vocação aristocrática, capitalista e hierarquicamente superior. Então, temos que colocar a cabeça no lugar.*

E fingir que somos gente.

O gozo absoluto, desse desistamos, porque é o tal impossível. Entretanto, quando o movimento se dá, o gozo é pleno, o lucro é pleno, a mais-valia é plena e o trabalho já está contabilizado: é o Trabalho Pulsional em estado puro.

• **P** – *Mas não podemos deixar de contabilizar que existe um custo, um preço.*

O preço é deterioração, perecimento, mas não morte, pois esta não se atinge. No entanto, deterioração e perecimento, em última instância, recuperáveis, não por esses indivíduos aqui, mas pelo Haver, que recupera tudo. O Haver se recicla inteiramente. Minha hipótese cosmológica coincide com a de nosso caro colega Mário Novello, que produz coisas maravilhosas há décadas, mas fazem as maiores chacotas com ele naquela porcaria de universidade – a universidade serve para chatear quem pensa. Como na França resolveram publicar sua obra e lhe dar um doutorado *honoris causa*, ele virou gente neste país de quinta categoria. A teoria dele é a que me serve, esteja certa ou errada, é a que uso: o universo se recicla!

05/JUN

26. Insisto na questão da economia, nomeadamente Economia Pulsional, não só como reflexão sobre o que fundamenta toda e qualquer economia, mas também por causa da importância dessa Economia para o pensamento teórico e para a clínica no mundo contemporâneo.

Pierre Janet (1859-1947), de quem devem se lembrar, foi outro grande psicólogo contemporâneo (e concorrente) de Freud. Ficou um pouco obnubilado, embora seja tão grande quanto. Disse ele: “É provável que um dia saberemos estabelecer o balanço do orçamento de um espírito como estabelecemos os de uma casa de comércio”. Isto é interessantíssimo. Trata-se do balanço psíquico, do orçamento que cada um tem para enfrentar a realidade.

Acostumamo-nos com as formações teóricas oferecidas na história genérica do campo “psi” e acabamos nos esquecendo de que as ditas patologias que se apresentam no mundo são respostas ao que acontece ao redor. De modo geral, são respostas defensivas, maneiras de co-responder ao trauma de haver. Isto ocorre em função de várias formações que já estão disponíveis no nível Primário. Mas no nível Secundário as formações se articulam com as do Primário e se constituem em respostas ao traumatismo do Haver. O que é isto? O trauma fundamental é que ‘Há’, e não ‘não-Há’. Ora, isto é absolutamente traumático. As patologias são respostas, em última instância, às formações em exercício de poder no mundo. Poderíamos dizer exercício de poder na sociedade em que se vive, mas há os poderes primários, ditos naturais, aos quais temos que responder também.

A psicanálise de um tempo para cá quer fingir que os ingredientes primários não entram na formação da patologia, mas é evidente que entram. Se não quisermos contabilizá-los imediatamente a partir do ponto de vista da psicanálise, pelo menos de um ponto de vista indireto é preciso contabilizá-los, pois as respostas são freqüentemente respostas também a esses ingredientes que entram na composição de todo e qualquer *pathos*. Tais ingredientes entram duas vezes: uma vez no Primário e outra no Secundário; uma vez como tais e uma vez como respostas a isto que se chama Primário. Então, temos aí uma economia poderosíssima que tem que ser contabilizada.

Uma questão interessante, que poderemos tratar melhor no futuro, é a forte e pesada concorrência que há no momento de criação da psicanálise entre Freud e Janet. Freud parece que ganhou a guerra, pelo menos na mídia. Nessas horas, vemos como se constituem armações ou armaduras teóricas em função da sintomática de cada um. Ambos são brilhantes, mas as pessoas costumam ler Freud e não Janet, embora este tenha uma obra grande, um pensamento forte, poderoso naquele momento. A disputa reduzida entre Janet e Freud é desnecessária, pois os dois são úteis no mesmo lugar. Freud insistia na culpabilidade – não preciso explicar de onde vem isso; e Janet, na inadimplência. Não são a mesma coisa? Janet queria dizer que as pessoas adoecem, no sentido em que se dizia na época, por não terem cacife, por inadimplência para dar conta do trauma. Para a perspectiva de onde Freud teria vindo culturalmente, a pessoa se sente culpada por isso. É engraçado, pois é preciso ter uma cultura da culpa para transformar nossa inadimplência em culpa: somos culpados de ser fracos.

Mas não podemos descartar nenhuma das duas versões. Sobretudo, não devemos colocar de lado a de Janet, que vem sendo descartada há tanto tempo, pois, para nós, é o excessivo que funda a falta, e não o contrário. É por inadimplência que as pessoas adoecem no mundo, principalmente no mundo contemporâneo. Não desenvolverei agora, mas trata-se de algo fundamental para o pensamento de hoje, pois a patologia de Terceiro Império não pode ser a mesma do Quarto Império, que, já emergente está reconfigurando totalmente a patologia disponível. Não se encontram mais históricas como antigamente. Obsessivos, encontramos, porque fazem rima. Isto é importante, pois pensam tratar-se de estruturas inarredáveis. Não são, há muitas coisas que são históricas. O quadro que Freud encontrou para pensar é o de uma sociedade que se reconhece como bem pensante, que sabe o que é certo e errado, e exerce suas pressões, opressões, repressões sobre as pessoas, de maneira que a patologia que desenvolvem é resposta a esta ação. As patologias mais descritas no momento, histeria e obsessão, são respostas à repressão, disse Freud, da sexualidade. E essa repressão vinda de fora é cria-

12/JUN/2004

dora de culpa, pois culpabiliza o indivíduo por seu funcionamento. Vejam que Freud disse tudo certo a partir de sua origem judaica, com prolongamento cristão, em função do mundo em que vivia.

Por que não se fazem mais histéricas como antigamente? Já notaram que a evidência da neurose está sumindo, que as coisas estão mais ou menos cinza e que não há muita diferença entre o que podemos chamar de neurótico e não neurótico? Quer dizer, a pressão neurótica, fosse de retorno de recaiado ou do que fosse, se amainou, pois o mundo mudou. A emergência do Quarto Império de um tempo pra cá só produz depressão e pânico. É outro modo de produção da patologia. A patologia só se produz em função do conflito em que vivemos e o que está emergindo, sobretudo nas grandes cidades – falo do ponto de vista emergencial, pois ainda há muitos que vivem no mundo da produção da neurose –, é a relativização generalizada dos preceitos morais, que não valem mais (portanto, não fazem muita pressão), e a exigência de cada um para se virar e se instalar no mundo, ter sucesso, etc. Consequência disto é a inadimplência. **Todos estão doentes de falta de recursos, de pobreza, seja qual for o tipo de pobreza. Então, não se trata mais de culpa, e sim de miséria.** As pessoas sofrem de miséria, independentemente do tipo de miséria, pois pode haver um sujeito rico numa região e miserável em outra, outro pobre de um lado e muito rico de outro. Mas as misérias estão produzindo muita patologia.

27. Este é um dos motivos porque quis limpar o quadro – que passei a chamar de Patemática – de nomes como histeria, neurose obsessiva, etc. Mas aquele tipo de argumentação quantitativa continua válido. Na Patemática, encontramos pessoas com configurações para mais e para menos de coisas que se chamavam antigamente de obsessivo, histérico, etc., mas não configuram necessariamente o que chamavam de neurose histérica, neurose obsessiva. Configuram, sim, um modo de operar a miséria. Então, o que é mais evidente hoje é que as formações patológicas dependem de uma Economia Pulsional. É um problema de economia. O modo de operação que gera as patologias é o

mesmo que gera os problemas econômicos no mundo. A patologia financeira, a patologia econômica do mundo é igual à patologia das pessoas. Basta ler os jornais e observar a bolsa de valores para entender que é a mesma doença. A bolsa é de uma evidência gritante, pois lá ficam gritando mesmo...

Isto reconfigura para nós a Clínica como **Economia das Formações no Mercado Pulsional**. É interessante recorrer a Janet que, em última instância, tinha essa visada. Freud tinha sua economia, mas subdita à ordem de relações de culpa, de responsabilidade, ao passo que Janet já tinha chamado a atenção para o fato de que se trata de uma **economia das inadimplências**: as dívidas não são meramente dívidas simbólicas de obsessivo, e sim dívidas da exigência do mundo externo. Ele nos cobra o que não temos para pagar. Ou fazemos análise e reorganizamos nossa economia em relação ao mundo ou estamos perdidos. Passaremos a vida pagando prestação em todas as áreas para alguém achar que somos um sucesso. Pagaremos juros sobre juros, jurando, jurando, sem chegar a lugar algum. É esta a situação psi no mundo hoje. É preciso entender isto no nível da Economia das Formações no Mercado Pulsional, pois **não há nada fora do Mercado**. Assim, essas formações são as formas de mal-estar *no Haver*. Faço questão de dizer mal-estar no Haver porque o famoso mal-estar na civilização (*Kultur*), de Freud, era de vocação muito secundária, funcionava como se houvesse um impulso natural que seria prejudicado pela formação civilizatória. De modo algum, pois todas as formações, naturais e artificiais, ou seja, os artifícios espontâneos e industriais, de acordo com a situação, serão benéficos ou maléficos, repressivos ou não. Então, o mal-estar é no Haver.

Do ponto de visto estrito da psicanálise, trata-se sempre de Mercado. Se houver oposição entre liberais e socialistas, ela só se oferece no interior mesmo do Mercado das Pulsões. É uma tolice achar que há uma posição melhor, favorável ou contrária ao mercado. Todas as posições estão dentro do mercado. Qualquer interveniência do Estado na economia, para nós, se adcreve ao Mercado das Pulsões. O Estado é apenas mais um elemento dele, que intervirá assim ou assado. Então, liberais são os que acham que Estado não

12/JUN/2004

deve (ou deve muito pouco) intervir no mercado. Intervir é maneira de dizer, trata-se de participar, já que é um ingrediente no mercado. A participação do Estado no mercado deve, então, ser a mínima possível. Socialistas são os que acham que Estado deve participar do mercado, até mesmo como seu regulador. Quando, na verdade, ele é apenas um coadjuvante, mais poderoso ocasionalmente. É uma visão enceguecida pensar que há lugar fora do mercado. Não há. Nem a santidade está fora dele.

• **P** – *Mas o Haver é uma IdioFormação.*

O Haver como um todo. Os outros elementos que estão dentro do Haver, em não sendo IdioFormações, podemos não considerá-los dentro de nenhum mercado. Do ponto de vista animal posso considerar aquilo como efetivamente um mercado? Penso que não. Por que disse que nada existe fora do mercado? Os *Idios*, que somos nós, podem, nessa perspectiva, ser chamados de Utentes. Quer dizer, os que usam, os utilizadores, os que simplesmente usam o que pinta. O que tem sido nossa espécie? A que usa, a dos utentes. As outras têm seus movimentos, seus “usos”, determinados por um programa qualquer. Nossa espécie quer usar o que quer que. É a famosa *ofelividade* de Vilfredo Pareto (1848-1923), da qual já falei. Há a plena disponibilidade para o uso, e é evidente que o que a embarga são formações recalcantes, neurotizantes, sejam quais forem. Portanto, a disponibilidade de qualquer elemento desta espécie é para o uso do que quer que. Alguns, com preceitos morais contra o uso, dizem “fulano está me usando”. Vai-se fazer o quê? Os outros estão aí para usarmos e, de preferência, abusarmos. Vem a moral para dizer o que é uso e o que é abuso, mas isto é estritamente político.

Por que somos os utentes? Pensamos, segundo várias perspectivas, inclusive marxistas, que tudo depende da questão da diferença entre valor de uso e valor de troca. Quando afirmo que somos os *utentes*, dá a impressão de que só temos o valor de uso, mas é o contrário: **somos a espécie que só tem valor de troca**. Por isso, usamos qualquer coisa e qualquer coisa é utilizável. Ora, dado que qualquer coisa cabe no mercado, qualquer coisa pode ter valor de troca. As outras espécies animais talvez só tenham valor de uso, restrito a

seu programa. Um bicho pode ser doido, ter um defeito cerebral ou genético qualquer, mas é praticamente inexistente um animal matar só por matar. Trata-se ali do uso no sentido puramente biológico, pois ele mata para comer; nós podemos matar só de sacanagem, como se faz pelo mundo, aliás. “Só de sacanagem” não significa sem utilidade. Ao contrário, significa dentro do mercado de outras funções, pois ainda é dentro do mercado, da bolsa.

Para uma IdioFormação, é o valor de troca que determina o valor de uso, e não o contrário. Talvez tenha sido um erro grave dos economistas não levar em consideração a Economia Pulsional e pensarem que a economia se dá no mundo externo. No que se leva em consideração a Economia como Pulsional, só há valor de troca como base e é ele que determina todo e qualquer valor de uso. Ou seja, **a espécie é paranóide**. Por que quereríamos algo que ninguém quer? Todo homem solteiro sabe que, se quiser pegar mulher, tem que sair com uma. Se sair sozinho, não pega ninguém. A lógica é paranóide.

A reforma da economia a partir da Economia Pulsional exige entender que, **de começo, só há valor de troca**. Donde todos os usos são possíveis, até por troca perversa, no sentido antigo, até por birra. Por exemplo, como o Inconsciente é capaz de Revirão, pode-se querer tal mulher justamente porque ninguém a quer, pois ela deve ter algo maravilhoso. Se o processo revira, é paranoicamente. Não há escape, pois revira em função do mercado. Quantas pessoas não enriqueceram, do ponto de vista financeiro, porque o mercado todo se virou para uma direção e deixou de lado algo que alguém sacou que era para onde não estavam olhando? Assim, isto foi adquirido e reintroduzido no mercado, deixando alguém milionário. Não porque não tivesse valor de troca possível, e sim porque se reverteu o valor de troca. As grandes fortunas se fazem assim.

• **P** – *Uma teoria também. Freud teve sucesso onde o paranóico fracassou.*

É a mesma coisa. Freud fez um bom negócio com sua paranóia.

Retomemos a frase dos *Argonautas*, que Pessoa tanto gosta: “Navegar é preciso / Viver não é preciso”. Ou seja, não há necessidade humana fora da transa. Do ponto de vista da psicanálise, uma criança pode morrer de fome

por não lhe ter sido indicado, numa relação de troca, o que é alimentar-se. A relação é de troca de valores, é a mãe que quer que ela coma e estabelece um mercado. Por isso mesmo, de vez em quando, a criança não come ou tem prisão de ventre. Viver não é uma necessidade humana. Primeiro, é preciso negociar no mercado a vida como valor (ou não) para, só-depois, ela tornar-se uma necessidade contingente e propor necessidades para sua manutenção. Esta proposição é um postulado. Nos livros dos economistas, há a afirmação de que é preciso prover as *necessidades humanas*, mas são todas contingentes e não necessárias: são necessidades não necessárias. Só chamamos de necessidade depois que este necessário foi fundado contingentemente pela regra de mercado, caso contrário, não há possibilidade de atribuir valor algum. A necessidade de reconhecimento, como membro ou participante do mercado, vem antes de qualquer outra.

• **P** – *A distinção que Lacan fez entre necessidade, demanda e desejo, fica prejudicada por essa consideração.*

Mas, depois, ele corrigiu de certo modo ao dizer que o necessário depende do contingente. Ele estava mais ou menos por aqui.

Só depois do reconhecimento de que sou uma IdioFormação, portanto, um utente, logo, alguém que pode transar e fazer negócio, é que minha vida coloca necessidades. Isto faz a vertente psicanalítica subverter a economia. Por exemplo, a luta de Marx é para mostrar que o que a humanidade tem que valorizar é o uso. Quer dizer, o que deve ser investido politicamente é o valor de uso. O valor de troca ficou desmoralizado na vertente comunista e socialista. Esta questão, sobretudo católica, não diria cristã, de valorizar a pobreza e a distância em relação ao mercado – é evidente que a igreja enriquece a cada dia, mas para o povo a valorização é esta – foi levada em consideração pela rebeldia dos protestantes. Por isso, ficaram ricos. Protestante não gosta de pobre, quem gosta é católico. Protestante usa o pobre (no sentido de chamá-lo para a riqueza) para ficar mais rico. Quem sabe, o pobre também enriquece um pouco. Mas a vertente é de valorizar a riqueza.

Pela via de reconhecimento da estrutura psíquica com sua vertente pulsional como fundamento, Haver quer não-Haver – isto é economia pura no desejo –, o valor de troca é que fundamenta os movimentos da espécie, e não o uso. Se prestarmos atenção ao que se diz, é raro alguém enunciar um desejo de uso que não seja por mera inveja – estou generalizando o termo inveja –, ou seja, por estar de olho no valor de troca no social que tal objeto lhe dá. Por exemplo, valor de prestígio. A pessoa não quer saber se tem um carro muito bom, e sim se tem um melhor que o dos outros ou tão bonito quanto aquele que ela não pode ter. Há troca em vários níveis, uma troca de valores, e há um mercado funcionando o tempo inteiro.

Se não entendermos isso, não entenderemos nem mesmo o processo de enriquecimento do mundo. Basta considerar em nossa casa tudo que temos, cada objeto, cada pequena coisa e nos perguntar se precisamos daquilo. Essas coisas tornaram-se necessárias em função do que foi jogado na transa dentro do mercado. Mas o que fundamenta isto não é o valor de uso no sentido de Marx.

Quem precisa comer? Originariamente, ninguém precisa comer, ou viver. Alias, é de péssimo gosto alguém querer viver. Se fosse mais inteligente, querer não viver.

28. • P – *Segundo alguns historiadores, como Paul Veyne e Peter Brown, no momento de emergência do cristianismo, havia, do ponto de vista das trocas sociais no Império Romano, o reconhecimento de que só pertenceria ao mercado aquele que comparecesse com um valor de troca chamado cidadania. Os que não tivessem isto para trocar simplesmente não eram reconhecidos.*

Embora devessem fazer suas trocas, caso contrário, não sobreviveriam.

• P – *Mas, do ponto de vista do valor instalado e de inserção naquele mercado, tinham que ter isso a oferecer.*

Entro com um cacife para ser cidadão, logo eu posso.

• P – *Podíamos ser pobres materialmente, mas se tivéssemos cacife, entraríamos no esquema. Segundo alguns textos de Peter Brown, o cristianismo faz um Revirão nesse raciocínio, pois vai justamente buscar o pobre, o despresti-*

giado, o sem cacife e dizer que é ele quem merece atenção, mas em nome de outra cidadania, a da Cidade de Deus que Agostinho vai propor.

Lá na casa do Pai você tem lugar, porque na casa da mãe...

• **P** – *Mil anos depois, o protestantismo com a Reforma revira isto e coloca novamente o peso em cima do valor de troca...*

... e a Cidade de Deus é aqui, ali do lado. Entender a chegada do cristianismo como novo Império Romano é importante. Dou, como exemplo, o cristianismo como Terceiro Império, mas ele só se instalou porque o Terceiro Império já estava lá, emergido no Império Romano. O truque político foi pegar a multidão de não cidadãos e começar a valorizá-los, criando uma verdadeira revolta. Primeiro, eles massacraram, deram para leão comer, mas com tempo ficou pesado administrar isto e alguém resolveu faturar. Foi o bispo Macedo da época, que se chamava Constantino.

• **P** – *Para o entendimento psicanalítico da situação contemporânea, é fácil, de dentro do sintoma cristão, tomar esse raciocínio do precisar e simplesmente denegar que a realidade é da ordem do mercado.*

No que se denega o mercado, dessacraliza-se a prostituição. Atenção para isto. A prostituição sempre foi sagrada, intocável, por todos os motivos que conhecemos, politicamente, eroticamente, etc. A grande implicância que a moral contemporânea, da qual começamos a sair, tem com a prostituição no mundo inteiro é a evidência do mercado no lugar mais direto. Para sacralizar a prostituição, é preciso reconhecer o mercado. Por exemplo, a prostituição sagrada em algumas cidades gregas, onde se fazia valer sua sacralidade em função da troca de valores com o estrangeiro. Por isso, colocavam as prostitutas na fronteira, sacralizando seu ato em função de um mercado de trocas de bens com o exterior.

Uma das frases típicas do moralismo burguês de Terceiro Império, quando há qualquer desvio na ação profissional dentro do mundo, é: “você está se prostituindo”. Mas já estava há muito tempo. Insisto em que “a prostituição não é a mais antiga das profissões, é a única”. Deixa de ser algo posto como limiar, como intocável e passa a ser um dejetivo. Quando se dessacraliza

a prostituição, ela vira dejetos. Considerem um mercado putífero como o mercado americano. Lá a prostituição é ilegal, em Nova York a polícia persegue as pobrezinhas das putas, ao invés de reconhecer que ali é o paraíso delas. É o cúmulo da denegação. Todos sabem que, em Nova York, se quisermos transar a prostituição no mercado com pouco dinheiro, basta esperar por uma nevasca – era o que fazia quando lá estava. Vai-se, então, para a Broadway fazer compras. Lá se encontram duas coisas: as putas com as pernas roxas de fora na neve, e os caras das lojinhas vendendo tudo pela metade do preço. Com aquela neve, qualquer preço está valendo.

Há sérias mudanças de perspectiva quando se considera a Economia Pulsional como fundamento de toda e qualquer economia. Difícil é políticos e economistas entenderem isto, pois precisam viver da denegação e da moralização do capital.

29. Qual é a definição de capitalismo? Aconselho a leitura do livro de E. K. Hunt, *História do pensamento econômico – uma pesquisa crítica* (Rio de Janeiro: Editora Campus, 1981). A definição está nas páginas 26 e seguintes. Nas palavras de Immanuel M. Wallerstein (1930-), que é hoje um crítico do mercado e do capitalismo, “o capitalismo é um sistema que opera com base na primazia de uma acumulação permanente de capital por meio da transformação de tudo em mercadoria”. Ele diz isto para esculhambar com o capitalismo, mas o diz com precisão. O capitalismo é exatamente como o Inconsciente. É o que, há pouco, falei sobre a casa de vocês, procurem cada objeto e perguntem o que faz lá. Estão acumulando para quê? Qual é o valor de troca disso no mundo? Você está usando brinco e anel para quê? É tudo mercadoria.

Recomendo também a leitura de Paul Strathern, *Uma breve história da economia* (Rio de Janeiro: Zahar, 2004), e de Paul Veyne, *Le pain et le cirque. Sociologie historique d'un pluralisme politique* (Paris: Seuil, 1976), em que, página 141, lemos: “O capitalismo não tem idade. O racionalismo econômico” – segundo o qual tudo vira mercadoria – “e o espírito de empresa, em suma, o gênio do capitalismo, não são o raro privilégio do Ocidente

moderno e não são suficientes para explicar sua fortuna única. Eles aparecem e desaparecem um pouco e por toda parte através dos séculos, sob todos os céus”. Se partirmos, então, da hipótese de que nunca houve outra coisa senão o capitalismo, com o sentido que se o define, temos que reconhecer coisas como capitalismo primitivo, capitalismo feudal, capitalismo de Estado soviético, capitalismo social, capitalismo imperial...

Está na hora de o mundo parar de denegar, pois só há mercado e o capitalismo é amplo, geral e irrestrito. Confundimos a inibição do mercado, produzida por formações que querem determiná-lo e dominá-lo, com algo fora do mercado. Ou seja, certas formações, que querem determinar e dominar o mercado, denegam dizendo que algumas coisas estão fora dele. Por exemplo, quanto à prostituição, dizem: “A pessoa está se vendendo”. Como a pessoa pode se vender? Isto não existe! Podemos vender uns pedaços de carne para uso. Aliás, vendemos, mas não entregamos, deixamos que usem um pouquinho: lavou está novo e volta para a prateleira. Vendemos formações e podemos não querer negociar certas formações, a não ser que se pague um preço adequado. É a mesma função que há na relação com o Haver, até como natural. Quanto custa modificar o Primário? Temos cacife para fazê-lo, no caso da ciência e da tecnologia, por exemplo? A questão é saber quanto custa e se temos cacife para fazer a transformação.

• **P** – *Aí retorna a questão da inadimplência.*

Estamos sempre inadimplentes, pois o que queremos é impossível: o movimento do desejo é para o impossível absoluto. Então, seguimos pelo meio, tentando coisas que são impossíveis modais: não tem Tu, vai tu mesmo. Procuramos outras coisas no modal que são impossíveis também. E como grande parte das coisas desejadas é modalmente impossível, temos que pagar um preço enorme.

• **P** – *A inadimplência de um Nietzsche não é a mesma que a de um outro qualquer.*

Há as mais variadas faltas de recursos. Não aceito a definição lacaniana de psicose justo porque a foracclusão do Nome do Pai é da estrutura do

pecado, dessas coisas. Não é apenas quem a tem que fica psicótico, qualquer um fica eventualmente se forem ultrapassados os limites de seu cacife, de seu poder de comparecimento: a pessoa entra em derrelição total por não ter recursos para responder ao que está acontecendo. As coisas dependem da conta bancária da pessoa. Ou seja, alguns passam por coisas terríveis e não piram, outros passam por coisas menos terríveis e piram. O cacife é baixo, não têm poderes para lidar com aquilo.

• **P** – *A inadimplência fica também restrita por conta da insuficiência de suas próprias formações.*

É uma conta bancária, uma questão de balanço: quanto agüentamos? Passarinho que come pedra sabe o cu que tem. É a frase que se diz no popular.

• **P** – *Nietzsche perguntava pelo quanto de verdade que se pode dar a um espírito. Para ele, este era o verdadeiro critério de valor.*

Ele media o valor de alguém pelo tanto de verdade que se consegue suportar, mas ‘verdade’ é uma palavra ruim. Ele quer saber de fato é o quanto de des-denegação conseguimos suportar. Lacan dizia que depende do tamanho da goela, mas, ao falar assim, acaba no Nome do Pai. Isto é chato, pois devia falar só da goela.

• **P** – *A escolha pelo desapego radical que monges budistas praticam é denegação?*

Quando se é um anacoreta isolado, está-se jogando com suas próprias forças. Gosto de ver documentários sobre conventos. Observo aquilo e acho falso, pois a pessoa está segura por uma estrutura de mosteiro e de repetição de coisas que não a levam a lugar algum. Ou seja, a pessoa é religiosa apenas, faz parte de uma religião. Todos querem fazer um bom negócio. O santo quer ser santo e ir para o céu, ficar na glória divina para sempre, eternamente sentado à mão direita de Deus (a masturbação lá é só para um lado). Esses monges fizeram um negócio igual ao de freiras. Não jogam nas grimpas do Espírito.

• **P** – *As grandes fortunas do Oriente estavam nos mosteiros, que desenvolviam as artes marciais porque eram freqüentemente assaltados.*

Onde se esconde de preferência o dinheiro? Nos templos: Banco do

14/AGO/2004

Brasil, HSBC, etc. Já lhes falei do *Parthenon*. São os grandes templos. Os budistas indianos recebem muito dinheiro do mercado americano. O que fazemos nós de errado que os dólares não chegam aqui? Também estamos à venda e eles estão precisando muito da psicanálise, mas ainda não se deram conta. O mercado precisa suspender as denegações, pois, assim, o capitalismo vai emperrar. Como bloquearão todo o movimento eletrônico da Internet? Não será possível – e precisarão nos pagar para suspendermos a denegação. Insistam com eles, pois precisamos de grana e eles de análise. Tenho exemplo clínico desse processo onde alguém fica emperrado em seu movimento de poder por sintoma religioso.

12/JUN

30. QUEM É EU: *Aboque / Abaque*
Ab hoc / Ab hac

O termo *Aboque Abaque* foi tirado do latim *ab hoc ab hac* e quer dizer *a torto e a direito*. Em 1974, publiquei um livro com o título: *Aboque/ Abaque. Crestomatia Arcaica* (Rio de Janeiro: Editora Rio). Um livro que, de fato, escrevi entre 1964 e 1970, mas somente em 1974 consegui editora. Era, na verdade, um exercício literário de poemas e contos, em que pretendia dissolver o autor e, mais pretensioso ainda, dissolver a língua. É claro que não consegui, mas foi uma boa ascese, para mim pelo menos. “Qualquer um com um pouco de chance é vítima de um estilo” – isto ou algo parecido citava de alguém no começo do livro. Qualquer leitor atento pode perceber que a Nova Psicanálise já começava ali, antes ainda dos textos teóricos.

O que é uma língua, dado que uma só pessoa pode falar e escrever muito bem em várias delas? O que é um autor, dado que uma só pessoa, digamos, um só Pessoa (meu patricio Fernando) pode escrever e mesmo falar com

vários rostos e com vários estilos? Afinal, quem é Fernando Pessoa, já que não o conhecemos, como se diz, pessoalmente? Mas mesmo para quem o terá conhecido pessoalmente, pelo menos um pouco, como ele deixou claro, veria que não se tratava de nenhum inteiro. Heterônimos, uma ova! É sim múltipla personalidade. Como nós todos, quando não estamos viciados demais.

Quanto ao conceito de múltipla personalidade, ou melhor, no âmbito psiquiátrico, de dupla personalidade – que vigorou durante muito tempo, fizeram até filmes tenebrosos sobre umas moças que a tinham –, supunha-se que havia a constituição de um síndrome ou de algo específico, em que a personalidade seria rachada. No entanto, quanto mais a própria psiquiatria estuda e outros campos pensam a respeito, mais chegam à conclusão de que a personalidade de qualquer um é múltipla. Ou seja, algum fenômeno de separação, bloqueio ou recalque acontece para estes que apresentam cisão, não reconhecimento de uma para outra. Mas quando pensamos a respeito mesmo de nossa vida, percebemos que todos têm múltipla personalidade. O fato dos vícios cotidianos, de as pessoas morarem no mesmo lugar, terem o mesmo emprego, dá a impressão de uma integridade, de um sujeito íntegro, mas isto não existe, pois um pequeno fator de corrupção, por exemplo, logo mostra que o caráter não é lá essas coisas.

O que é um personagem, uma personalidade? Como sabem, em psicologia há vários autores importantes com livros sobre teorias da personalidade. Em psiquiatria, há os *transtornos da personalidade*, como determina com precisão o *DSM IV TR* em torno do número trezentos de seus versículos bíblicos, os quais se tipificam como: paranóide, esquizóide, esquizotípica, anti-social, *borderline*, histriônica, narcisista, esquiva, dependente, obsessivo-compulsiva e, finalmente, a que tem o nome de *sem outra especificação*, um transtorno de personalidade sem personalidade. Então, somos aqueles sem outra especificação. Aliás, se ler com atenção e sem *parti pris*, certamente cada um se enquadrará em alguma ou em algumas delas... ou mesmo em todas elas. Há analisando que nada querem ler sobre o assunto, pois acham que tudo se refere a eles. Digo-lhes que é mesmo, que estão enquadrados em tudo aquilo, pois não

há como enquadrar alguém em apenas um item do Código Penal. Com atenção e isenção, veremos que cabemos em qualquer uma das classificações.

Enquadramo-nos em algumas ou mesmo em todas as classificações, pois trata-se mais de uma descrição de pessoas, como pode fazer um literato, por exemplo, do que de uma tábula de afecções psiquiátricas. Chamo atenção para isto, pois mesmo que possamos encontrar – e encontramos – essas afecções exacerbadas, às vezes, até com características fortes, não há distinção descritiva entre o patológico dito e o normal dito. Trata-se de uma questão de intensidade. Vemos tal característica e reconhecemos que a temos, só que de forma branda, o que permite conviver sem jogar pedra nas pessoas... ainda.

31. Meu intuito é tratar da questão do falecido *sujeito* para partir em direção a outra coisa. Hegel supunha que a *substância*, bem como o *conceito*, fosse o *sujeito*. Justo por pensar que o pensamento não se pensa sem pensador. Este, aliás, é um dos maiores defeitos do pensamento ocidental: se há um pensamento, logo há um pensador. Mas que obrigação é essa de haver um pensador para haver um pensamento, ou um pensamento para denotar um pensador?! Hegel – chamo-o às falas porque Lacan veio de lá – pensava que o pensamento é o próprio pensador afirmando-se na história. Na verdade, é como em Descartes: “Penso, logo sou”. Lacan, a partir do inconsciente de Freud, constituiu o Outro como sede desse pensamento, donde *Ça pense, donc je jouis* (Isso pensa, logo eu gozo). Se há que fazer essa distinção, não necessária, então o pensador produz o pensamento que o produz, assim como o pensamento produz o pensador que o produz – e não há sujeito aí. A melhor definição é aquela metaforizada em Escher com o desenho de uma mão que desenha a mão que a desenha (*Drawing Hands*, 1948), o que é uma grande sacação, uma maneira de mostrar que não pensamos apenas por via verbal.

A psicanálise – não por Freud inicialmente, mas por uma maluquete analisanda sua – foi apelidada de *talking cure*. Lacan se aproveitou para supor que a psicanálise se faz sobre a fala esteada na língua, se não mesmo na linguagem, no Outro, e para, nas primeiras instâncias de seu tempo, reduzi-la

praticamente à lingüística. É claro que, aos poucos, afastou-se e terminou longe disso, mas os lacanianos, exceto alguns poucos, não notaram. Ficou, então, o cacoete de supor que: 1) a psicanálise tem a ver somente com a língua e a linguagem; 2) a psicanálise cura pela palavra; e 3) o pensamento só se faz verbalmente. Ora, nada disto é verdade, sobretudo, a última afirmação. É preciso uma crassa ignorância a respeito de outros campos de pensamento, em que se verifica que o suposto pensador – isto é, o pensamento que está fundando o pensador que o funda (e vice-versa) – se dá em níveis os mais diversos.

Ao considerar o desenho de Escher, diríamos que é ele quem o faz, logo é o pensador que está fazendo aquilo. Mas é uma tolice, pois o que vemos é o desenho fazendo Escher. Ninguém conheceria ou ouviria falar dele sem os desenhos que o fizeram. O desenho pensa a produção recíproca de duas entidades que se manejam, é o caso de dizer, e se fundam reciprocamente: uma mão que desenha uma mão que a desenha. Então, podemos dizer que o ato de desenhar a mão que desenha a mão que a desenha, produzida na mão de Escher, significa que o desenho desenha Escher como Escher desenha o desenho. Ele não disse uma palavra, apenas mostrou, assim como é fácil encontrar pensamentos musicais. Muitas vezes, o artista, no caso das artes plásticas, por exemplo, deixa apenas o resultado, isto é, o que se passa entre o artista e o produto, ou o produto que produz o artista. Portanto, não sabemos quem é original aí. Temos o vício ocidental de supor que há um pensador que pensa, um sujeito que faz, mas quando isto é levado à última instância, quem faz o quê? É preciso mudar a cabeça, pois freqüentemente trata-se o analisando como autor de algo, quando ele é simplesmente o resultado de um conjunto enorme de formações das quais suas formações, digamos, carnaais, fazem parte.

Ao considerar um pintor de tinta com modo antigo de pensar, às vezes vemos que é tão rebarbativamente figurativo que preferimos supor que aquilo não se produz como pensamento de algo e o confundimos com a imagem dos corpos que vemos. No entanto, quando o artista faz questão de suspender a paridade com os corpos, apresenta-os, mas demonstrando que seu pensamento está para além dos corpos. Então, temos dificuldade de acompanhar o pensa-

mento rigoroso do artista. O caso mais explícito, por ser dos mais rigorosos que existem, é Cézanne (e não Velázquez, pois este ainda apresenta alguma tapeação, ainda está escondido numa figuração fotográfica dos corpos), cuja obra é didaticamente precisa para vermos que, na mesma medida em que arrola todas as questões apresentadas no quadro como pensamento, também produz uma separação do ponto de vista visual, uma separação com certo distanciamento do fotográfico, no sentido metafórico. Isto, sem falar naqueles que pensam e se apresentam de maneira mais próxima do que poderíamos chamar *conceito*. Caso de Duchamp, que deixa claro, embora não da ordem da terebintina, e sim de outras articulações, que está pensando algum problema importante. Às vezes, com palavras, pois é produtor de frases esquisitas, mas, com frequência, pensa diretamente manipulando formas, objetos, relações de espaço ou tempo. Foi daí que resultou a chamada *arte conceitual*, que já virou brincadeira – o que, aliás, é normal, pois cada vez que um autor produz algo, sai um bando atrás fazendo repetições que nada valem.

Já lhes contei sobre a experiência de entrar na sala onde estão os quadros de Vermeer, no Rijksmuseum. Foi inteligente o que fizeram ao misturar seus quadros, que são todos pequenos, com um zilhão de quadrinhos de outros holandeses. Olhamos e nosso olho acha Vermeer, pois é superior e anterior aos outros, que são o lixo que se formou em torno de sua obra. Hoje, estamos assoberbados pelo lixo de Duchamp (1887-1968). Ele criou aquela visão e os outros tentaram, até razoavelmente, copiar – o que é natural, já que a história é o lixo que vem depois, até esgotar aquilo. Em museus e galerias do mundo permanece a praga que Duchamp rogou: “Dez anos depois que eu morrer, ninguém fará nada que eu já não tenha feito”. Ele errou, pois já são mais de trinta. Na verdade, nada se fez depois dele, nem Joseph Beuys (1921-1986), que é apenas um Duchamp comunista. Aliás, Duchamp teve a inteligência de não se meter nessas áreas.

Quanto a nós, é preciso articular do modo que apresento, pois não acreditamos que se pense somente com palavras ou que haja distinção verificável entre pensador e pensamento, entre pintor e pintura. Não é possível

distinguir e é uma violência tentar fazê-lo.

• *P – A idéia de um pensamento sem palavras já está presente em Freud, mas como usa a idéia de representação, isto obriga uma imagem a ser tratada como palavra, como representação.*

É o que está dito com todas as letras no *Seminário XI*, de Lacan, quando alguém o inectiva a respeito dessa questão. Aliás, inectivam-no porque havia quem discordasse veementemente do que ele dizia quanto a isso naquele tempo. Encontrarão de forma clara essas discussões no livro de Jean-François Lyotard (1924-1998), que tive a sorte de ler junto com a leitura de Lacan – são coisas assim que ajudam a nos salvar –, intitulado *Discours, Figure* (Paris: Klincksieck, 1971). É um livro alentado, em que Lyotard pega no pé de Freud e de Lacan justamente através da pintura, das artes plásticas. Lacan, quando perguntado sobre o pintor, diz claramente que tudo passa pelo verbal antes de chegar lá. Mas não é verdade e os artistas se recusam a aceitar tal coisa. Está no *Seminário VIII* a discussão com um dos pintores mais importantes do surrealismo, André Masson (1896-1987), irmão de Sylvia Bataille (1908-1993), mulher de Lacan. Há também as discussões com Merleau-Ponty (1908-1961), que tampouco aceitava essa idéia. A única concessão que Lacan fez foi considerar o *quiasma* de Merleau-Ponty e colocá-lo como válido. No entanto, o quiasma de Lacan é o sujeito situado no quadro. Ora, isto é extemporâneo em seu pensamento. Ele embroma através do verbal ao dizer que pensa apenas em nível de olhar e de pintura, pois, por trás, está o tal sujeito, localizado, verbalizado. Quando Lacan vai falar, quem fala é praticamente Merleau-Ponty, pois fala de um olhar que se encontra subjetivado dentro do quadro. Fazer isto é dar uma escapulida pela tangente, o que é problemático. Mas quando o problema se torna insolúvel, pelo menos provisoriamente, temos que tomar uma posição, cortar o nó. Para mim, isto se faz com espada, como ensinou Alexandre.

Escher faz o desenho de uma mão que desenha a mão que a desenha, mas este é apenas um modo bonito de dizer. Mais precisamente: o pensador é o pensamento ou, ao contrário, o pensamento é o pensador é o pensamento

é o pensador... Repitam isso quantas vezes quiserem e assim para adiante e para a frente. Esta é outra postura e modifica o entendimento, a compreensão do que está **com-siderado em análise**. *Com-sideração*, já lhes expliquei o que quer dizer.

Nem mesmo há sujeito evanescente, como diz Lacan, que some no momento em que aparece e é correlato do objeto que se perde também. A saída lacaniana é falar em sujeito evanescente. Isto é uma experiência que se pode ter? Sim, mas, em nosso caso, a experiência de evanescência se refere à **experiência do átimo da HiperDeterminação**. Evanescência do quê? Não faço a menor idéia. Se separarmos sujeito de objeto, trata-se de uma metodologia da formação que quer separar isso, mas não de algo que se encontre efetivamente separado.

32. Perguntei, no início, “quem é *Eu*”, mas este modo de construir a frase é de grande ambigüidade.

• **P** – *É um mistério. Algo faz com que aquilo permaneça sendo Eu e ninguém sabe exatamente o que faz essa permanência.*

Não acredito em mistério, e efetivamente nem consigo acreditar na própria questão. Permanência do quê? Aliás, minha pergunta está errada, deveria ser: permanência? Não há, é ilusão. Trata-se da mesma questão da identidade: o que é identidade?

• **P** – *É o princípio de identidade: $A=A$.*

Isso é escrita, não vale nada, pois qualquer Occam resolve a questão. Uma formação só é permanente, idêntica, enquanto dura. Alguém que articula isso, um Freud maluco em seu gabinete, tirando da faca o cabo, continua em sua permanência. Ou seja, ele e as formações que estão ali na consideração da faca com suas formações estão permanecendo agoraqui. Então, Freud não se refere a alguma faca de Lichtenberg ou a algum *eu* que está permanecendo, mas diz que fica um troço com aparência de permanência que não é senão a duração agoraqui das formações em jogo. Elas ainda resistem, mas coloquem um Alzheimer em sua cabeça que acabam na hora.

• **P** – *Tirando pedaços da pessoa e colocando outras coisas...*

Pedaços da pessoa ou formações não necessárias que a componham, pois quando se tira uma perna ou se faz plástica no rosto, já se fica em situação difícil. Se uma pessoa faz uma plástica bem feita para mudar de rosto, por exemplo, por estar sendo perseguida pela polícia, cria imediatamente um problema enquanto não se puder verificar a outra permanência que são as digitais ou a íris. É quando chamo a atenção para nos comportarmos como analistas, e não como filósofos. Há que fazer análise do neurótico filósofo que supõe que as permanências provisórias de suas formações indicam um *Eu* permanente, que ele acha na faca de Lichtenberg. Ora, isso é coisa de maluco! Penso que não estão passando bem quando os leio, pois não se dão conta de que, se não tivermos um aparelho de captação e gravação, digamos percepção e memória, acabou a brincadeira. Nem precisa ser gente, como chamamos, para fazer isso, já que é possível um aparelho consciente de televisão com um vídeo cassete, onde o fenômeno ocorre da mesma forma. Assim, o fenômeno é permanente enquanto a gravação dura. Onde está o mistério? Vejam que esta discussão é de um pré-refinamento tecnológico, pois quando contamos com refinamento tecnológico, essas coisas se evidenciam e substituímos a maluquice do filósofo pelo aparelho.

• **P** – *Em neurologia, sugere-se que a própria percepção do aparelho já seja um processo interpretativo da máquina.*

Não gosto do termo *interpretativo*, pois se disser assim, situo um sujeito do lado da percepção. O que acontece é uma transa entre formações, que resulta agoraqui nisto. Em outra situação, resulta em outra coisa. Além de haver este feixe de formações que chamamos de *Eu*: quando alguém fala, diz *Eu*. Logo, não adianta vir Jakobson com sujeito do enunciado e sujeito da enunciação, simplesmente porque você é *Eu*. Quem é *Eu*? É você. O recorte de Jakobson é bonitinho na folha de papel, mas chamo Occam para rasgá-la. Ou seja: isto é maneira de dizer. Podemos até utilizar a sacação de um filósofo ou de qualquer pensador, pintor, como chamei Escher, por exemplo, mas a postura do analista é a de sempre questionar sobre o modo de produção, pois

aquilo é produzido em um modo, digamos assim para ficar barato, de discurso que não é o nosso. Estamos pouco nos lixando se é verdade ou não, como faz o filósofo, pois *é* verdade, sempre é verdade: se disse, é conhecimento de algo. Mas a pessoa que lá está e não sabe situar esse conhecimento em seu lugar adequado, diz que não é conhecimento.

O *Eu* de que se fala existe, é apresentável? No aqui e agora é apresentável como caso, como acontecimento ou simplesmente como função. Se nesse momento estiver me chamando de *Eu*, estarei centralizando a posição de minha fala no *Eu*. Chamo atenção para o fato de que este *Eu* é **focal e franjal**, como venho colocado há tempo. Aliás, outro dia fiquei contente em descobrir na obra de William James (1842-1910) o conceito de focal e franjal. A questão é pensar o *Eu* como polarização, como um pólo que tem foco e franja. ***Eu* é um pólo constituído pelo conjunto de formações, inclusive a HiperDeterminação, que compõe uma IdioFormação.** Definição mais aberta do que essa, impossível. Daí é que vem a ilusão de sujeito. Toda vez que partimos da referência a um pólo, dá a impressão de que ele é o centro do mundo, que determina e organiza o resto. Isto simplesmente porque nos referimos a um pólo, e não a outro.

• **P** – *Há tendência a certa rigidez na permanência desses pólos?*

Há sempre que pensar *ad hoc* e *hic et nunc*. Eles resistem agora aqui ao exercer a função de centro, como pode acontecer com coisas, com máquinas, etc. Se o pólo de referência numa situação é vermelho, como na frase “O vermelho é uma bela cor”, “vermelho” é *Eu*? Vou confundi-lo com sujeito só porque vermelho na frase é sujeito? É assim que a confusão se dá. Polarizei o vermelho como centro de minha falação, de minha indicação e o coloquei na frase no lugar do sujeito. Logo, vermelho está falando. Quando Jakobson trata da dificuldade da criança em assumir o sujeito da enunciação, isto ocorre porque a língua tem uma forçação de barra que, em sua sintomática, produz o sujeito da enunciação. Entendem o que é um vício lingüístico? Imaginem uma língua sem sujeito, que os lingüistas dizem que existe, em que todos se chamam a “si mesmos” pelo nome, como fazem as crianças.

• **P** – *Na perspectiva chomskiana isso não seria possível, pois ela postula a idéia de sujeito como universal lingüístico.*

O erro de Chomsky é acreditar em universais. É, aliás, o erro de Lévi-Strauss, de Lacan, de todos. Existem *freqüentes*, e não universais. Então, há grande freqüência de línguas que fazem isso, assim como grande freqüência de sociedades, dado que são do Segundo Império, cultivam a interdição do incesto.

• **P** – *A concepção de universal em Stephen Wolfram (1959-) é exatamente o oposto dessas. Para ele, universal é todo sistema capaz de simular todo e qualquer sistema. Então, na verdade, não tem cara alguma.*

É puro processo de simulação. Mas seria melhor ele ser mais inteligente e tirar o termo *universal* fora para não entrar nesse jargão.

• **P** – *Em seu Falatório de 2000, Arte da Fuga, você desenhou um tetraedro como um esquema mínimo onde as formações observantes e observadas...*

O que já é maneira de dizer, didatizar, pois não há observante e observado. Por isso, depois, disse que o observante é observado e o observado é observante. A teoria dos conjuntos acredita que uma formação possa se ver. Acredito que ela possa ver a formação que ela supõe ser no espelho, e não o *si mesmo*, que é outra coisa – mas ‘no espelho’ já é uma formação em avesso. Como as outras formações com-sideram essa formação? Não gosto da idéia de *si mesmo*, é outra ilusão de filósofo, quando todas as outras formações me contam que eu sou não sei o quê, fico com a impressão de que sou assim mesmo, mas eu sou é ‘eles mesmos’.

• **P** – *Isso é uma diferença clínica enorme.*

É o tal de sujeito que emperra o tratamento psicanalítico há décadas. Já acreditei de joelhos nesse cara.

Trata-se, de fato, de **Ego afetável por HiperDeterminação**. Se quiserem ler pelo outro lado, trata-se de **HiperDeterminação instalada em um ego como base**. O que é ego? **Ego é um conjunto – grande em seu tamanho –, uma pletora de formações primárias e secundárias, sem HiperDeterminação**. Se falarmos em HiperDeterminação, esta formação já é IdioFormação.

Quer dizer, quando eventualmente uma HiperDeterminação se manifesta, há uma suspensão do ego, ele está em crise. Um cachorro é ego, tanto que o colocamos na frase como sujeito: “o cachorro latiu” – ele é um sujeito, um ego. Se essa pletora de formações for afetada por HiperDeterminação, o ego entra em crise, mas logo se arranja e dá um jeito, nem que seja pela loucura. O que chamo de ego faz parte dele naturalmente, pois são formações secundárias, é a neo-etologia. Assim: **ego = etologia + neo-etologia**. Quando isto recebe qualquer mínimo tropeço como HiperDeterminação, ego entra em crise momentânea e alguma coisa se decanta para ele, que o faz retornar ao estado de ego.

33. Confundimos a extrema complexidade de nosso cérebro e de nosso jogo de vida com subjetividade, mas trata-se apenas de um bicho muito complicado. É o Pensamento Complexo que nos leva a achar que é algo excepcional. No entanto, é preciso entrar o **Pensamento Perplexo** para aquilo ser da ordem acima do ego: **extra-ego**. É a diferença que faço entre o Complexo e o Perplexo.

Chamo de IdioFormação, mas como este é um nome difícil de entrar na cabeça, darei outro nome. Um ego afetável por HiperDeterminação é uma **Pessoa** sobredeterminada e hiperdeterminada. Vejam que retorno ao vocabulário de Pessoa: IdioFormação ou Pessoa. Conheço Pessoas, e não sujeitos, pois sujeito pode ser a pedra, o vermelho, o cachorro – e não sou maluco a ponto de falar com cachorro (ou melhor, com cachorro até falo, porque é boa gente).

• **P** – *A Pessoa só aparece momentaneamente quando o ego entra em crise?*

Não. Se supomos HiperDeterminação naquele conjunto de formações, considera-se que ali há uma Pessoa que pode até comparecer. Há engano em pensar que a complexidade que nos faz ter tropeços, erros, seja um sujeito. É um erro grave da psicanálise, sobretudo, lacaniana. Alguém faz ato falho e pensam que há emergência de sujeito. Cachorro faz ato falho, pois já é suficientemente complexo para, quando o sistema for funcionar, produzir um

pequeno erro e ter que voltar. Não há problema em definir ato falho como tropeço por mal encaminhamento num processo complexo, mas bicho também o tem. A emergência de HiperDeterminação é rara, mas como a Pessoa está suposta ser o suporte de uma HiperDeterminação, então deve sempre ser considerada como Pessoa na suposição disso, e não em sua verificação. Ou seja, espera-se que aquilo tenha futuro.

• **P** – *Ao retirar de cena o sujeito, você chamou de Gnoma tudo que chamavam de sujeito, e o considerou como o efeito de sede de algo, como efeito da experiência de Cais Absoluto e como lugar entre Haver e não-Haver.*

Nesse lugar de exasperação, colocamos um papel, uma cara, uma máscara, uma *persona*. Quando consideramos esse lugar e indicamos o centro de algo – como disse há pouco “o vermelho é...” –, se indicamos agoraqui, *ad hoc*, como o pólo que está centralizando a questão, tomamos aquilo como agente do processo. Mas é agente *no* processo, e não *de* alguma coisa. É a questão que já lhes trouxe de que a **liberdade é apenas a indistinção entre evento e escolha**. A impossibilidade de separá-los nos faz invectivar a liberdade, portanto, a responsabilidade. Mas é mera questão de insolubilidade. Na verdade, é um jogo muito sujo, em todos os sentidos: a coisa é suja, não se a discerne e dela nos aproveitamos.

O conceito de Pessoa que trago de volta – entre outras coisas em homenagem a meu querido Fernando Pessoa propriamente dito, – é extremamente perigoso. Por isso, gosto dele. O conceito de sujeito parece claro, pois tem posição. Já o de Pessoa é uma sujeira na história da filosofia, mas quero exatamente este, pois nele cabe tudo. E mais, ele tem uma amplitude na história do pensamento que, aqui, perderá. Não sua amplitude, mas a referência conteudística dessa amplitude. Os filósofos dizem que Pessoa não coincide com *Eu*, sobretudo no nível jurídico, dado seu caráter juricista na filosofia, o que não acontece em nosso caso, pois **Pessoa e Eu são a mesma coisa**. Assim, o que chamo de Pessoa é o que nomeei IdioFormação, um nome comum para um conceito que nomeio. Então, este conceito serve para definir o que quero chamar de Pessoa: Ego afetável por HiperDeterminação.

Por que Pessoa? Porque este lugar – ‘Ego afetável por HiperDeterminação’ –, embora seja muito decantado do ponto de vista sintomático e da permanência da resistência das formações, é capaz de assumir outro papel mediante HiperDeterminação. Então, mesmo que tenha máscara ou rosto demais, ele pode ser ator de outros papéis. *Persona* quer dizer máscara, a que o ator usa no palco para definir o personagem.

• **P** – *A equalização entre Pessoa e Eu indiferencia o que, no pensamento kantiano, é distinto, ou seja, o mundo sensível (determinações físicas e psicológicas) e o mundo inteligível (agente racional), e mostra que ambos fazem parte do conjunto de formações primárias e secundárias de uma Idio-Formação. Ao fazê-lo, compromete a idéia de imputabilidade, que depende justamente da suposição de uma ação intencional guiada por normas racionais e não empíricas.*

Uma vez que há HiperDeterminação, ela neutraliza o papel. Como se dizia no tempo da semiologia de Barthes, é o papel zero ou o grau zero do papel. Se há grau zero, o ator tem disponibilidade de criar o papel e, portanto, não tem sempre que representar os papéis que estão em jogo no conjunto das formações que o determinam.

34. Ninguém aproveitou melhor a idéia de Eu do que Emmanuel Mounier, um filósofo que surgiu por volta de 1930 na revista *Esprit* como uma espécie de êmulo de Sartre, aliás nascido no mesmo ano que ele, 1905. Mounier é o criador do Personalismo. Nos livros sobre os existencialistas, ele consta sempre como filósofo cristão, católico. Ele morreu cedo, 1950 – Sartre ficou com tudo –, e tinha uma posição não muito precisa, além do fato de ter uma posição política insustentável na França, dado que queria criar outra postura que fosse anti-capitalista e, ao mesmo tempo, anti-comunista.

Ele trouxe a noção de *pessoa*, que não tem HiperDeterminação, pois é o conjunto dos papéis. Politicamente, funciona como algo que detesto, o chamado *comunitarismo*: ele queria substituir o universal de Marx em termos de proletariado pelas comunidades. Isto corre por aí até hoje sob o ponto de vista

dos católicos, inclusive o Boff... do João Paulo. Mounier ficou esquecido, mas seu bando continua com o tal comunitarismo cristão a partir do conceito de *pessoa*. Para escapar de Sartre, os católicos iam para Mounier. Como disse antes, a *pessoa* dele é o conjunto das formações primárias e secundárias sem a HiperDeterminação, mas com Deus, um Deus que tem desenho e está historicizado. Mas, numa coisa, Mounier coincide com nossa posição. Trata-se de algo que tomou de Maine de Biran (1766-1824), a noção de comunicação íntima do Espírito com nosso espírito. Substituindo: **comunicação íntima do Haver com a IdioFormação em Pessoa**. Ou seja, a idéia de **homogeneidade**. Mounier suspende a necessidade da fé, pois afirma que a estrutura mesma do psiquismo já é compatível com o Espírito – em termos de Espinosa, diríamos que Deus é o Haver. Como há homogeneidade entre as IdioFormações, elas se comunicam necessariamente, têm sempre a possibilidade de estabelecer um vínculo que chamo de Vínculo Absoluto e, através dele, pode estabelecer-se comunicação e conhecimento objetivo.

• **P** – *Além de ser homogêneo é homólogo?*

Em nosso pensamento psicanalítico, não há a distância irrecuperável entre fenômeno e noumeno. O que pode acontecer é não conseguirmos as formações e as técnicas adequadas para chegar lá agoraqui, mas é possível produzir conhecimento – e isto é gnóstico.

Pessoa, para nós, nada tem a ver com individualismo ou indivíduo, pois este é considerado na clausura corporal e simbólica. Sujeito, por sua vez, é considerado em oposição a objeto e é considerado gramaticalmente, do ponto de vista da língua, da posição que algum elemento assume dentro da frase. Eu, tu, ele, nós, vós, eles, as pessoas gramaticais são envolventes, qualquer um fala *Eu*, como IdioFormação e vamos arrolando... Do ponto de vista da gramática, quem é *Eu*? A pessoa *que* está falando, e não a que fala. Quem é *Tu*? A pessoa *com quem* está falando aquela. Ora, se esta pessoa está falando com aquela, é porque aquela está falando com esta, mesmo que esteja em silêncio. Afinal, escutar é uma maneira de falar: se escuto a frase, falo junto. *Nós* ou *Ele* são pessoas *de quem* se fala. Vejam, então, que é situacional e

todas essas pessoas são intercomunicativas à vontade, sobretudo, quando vão para o plural. *Eu* no plural é *Nós*, o lugar desde onde posso dizer: “você não é *eu*”. Trata-se de *Nós* do ponto de vista abstrato e de *Nós* do ponto de vista sintomático. Se há pessoas arroladas na Nova Psicanálise, a Nova Psicanálise é de *Nós*, na primeira pessoa do plural. E quando a coisa começa a transar, de quem é o quê? *Eu* é aristocrático e majestático, pois quando falo, falo *Nós*.

• **P** – *A emergência da construção carioca “a gente vamos” é a evidência dessa forma de arrolamento na construção de denominação conjuntiva, uma bagunça que os gramáticos não aceitam.*

É aí que podemos escorregar, pois quando Mounier pensa em comunidade do ponto de vista político, pensa-a a partir do *nós* como Pessoa. A pessoa *Eu* efetivamente não existe, pois quando digo *Eu* refiro-me a uma coleção de formações primárias e secundárias que muito freqüentemente coincidem com a dos outros supostos *Eus*. Entender isto é entender que sintoma não é individual nem coletivo, ou seja, é algo que pode ser estritamente localizado na pessoa que está ali falando aparentemente, mas também carregamos o sintoma de nossa família, nossa cidade, nosso país, do mundo. Então, é pouco o que é sintomático específico de alguém, justamente porque agoraqui não arrolamos todos aqueles que são extremamente parecidos com o seu suposto específico.

Como quero dissolver a língua, o sujeito, a pessoa, é preciso parar de supor que haja separação. Produzem-se guerras por causa de formações sintomáticas quase iguais. É na pequena diferença, como diz Freud, entre cristãos e muçulmanos, por exemplo, que se faz uma guerra. Aliás, se é para deixar clara a diferença, a guerra até deixa, pois é um manifestador de diferenças mínimas. Pensar deste modo funciona bem no nível da clínica, justamente por ter a noção da mesquinharia em relação a um cocô de mosca sintomático.

• **P** – *Você faz alguma diferença entre distinguir e separar?*

Sim e não. Do ponto de vista da psicanálise, o rigor distintivo das definições não deve ser tão forte. Depende, ora aqui, ora lá, maneira para cá, maneira para lá. O rigor em psicanálise não é de sustentação do definido, e sim de sustentação da transa. Sustentamos a transa, não temos que sustentar a

definição. Se agora decidir definir isso como tal para conversarmos, tudo bem, sejamos rigorosos, mas daqui a pouco isso resvala. O problema do filósofo é que, por não ser analisado, não resvala, fica duro em cima de seu sintoma. Ou seja, só pode fazer guerra, não sabe conversar. O filósofo é o mestre da guerra.

Quando se fala de indivíduo ou individualismo, a pessoa física é a que comanda. É quase a idéia de *corpo*. Mas a Pessoa não tem uma clausura. Ela não só pode ser *Nós*, como costuma freqüentemente ser. É como está em *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, no qual um capanga do personagem chamado Medeiros Vaz, um chefe local, diz “nós somos os medeirovazes”. É a idéia de Pessoa. Vejam, por exemplo, que o *esprit de corps*, chamado de corporativismo, no exército, na religião, é uma Pessoa, é o *Nós* em função de desenhos sintomáticos, pois o primeiro que ali sofrer um impacto de Hiper-Determinação pode escapar imediatamente desse *Nós* e cair em outro, mesmo que seja sozinho. Por que queremos transmitir o que sabemos? Para poder ser *Nós*, pois *Eu* é doido varrido. *Eu* que não seja Pessoa é maluco. Logo, procuramos criar uma patota, pois, se ficarmos sozinhos, seremos doidos.

Dissemos há pouco que a idéia de **homogeneidade** nos interessa, antes de tudo, porque partimos de um princípio monista que se torna dualista por questões internas, e pluralista por questões internas. Se o princípio é monista, logo, é homogêneo: em algum lugar, em última instância, o Haver é neutro. Esta é uma das correntes fortes da cosmologia contemporânea. Então, partiu-se de um princípio monista, pois não acredito em última instância em alguma dualidade ou separação, embora aconteçam dualidades, bem como a pluralidade. As dualidades são irreduzíveis para certo dualismo filosófico, na medida em que, por trás delas, não há denominador comum. Para mim, há. Agoraqui, elas parecem irreduzíveis, mas a pseudo heterogeneidade é apenas distinção de caso, de limitação.

Vejam, por exemplo, o que acontece na cosmologia. Só em 2007 ficará pronto o acelerador LHC, no qual se pretende produzir uma partícula escura. Pensem bem: há o que chamam de universo com 10% de matéria não escura

21/AGO/2004

– 9% desses 10% são matéria escura simplesmente por não ser diretamente visível – e apenas 1% é absolutamente matéria visível. Imaginem uma porção de farelos que, jogados num vaso cheio de água são como galáxias, mas isto está mergulhado num infinito de água cem vezes maior. Como dar conta disso? Faço a suposição de que o que podemos observar do ponto de vista bário seja coalescência do que é visível, é o neutro. Esta é a minha conjectura e há pessoas que conjecturam isto também. Mas não temos provas.

• **P** – *A matéria negra seria o neutro?*

A matéria negra é o *Chi* do chinês ou o *Ki* do japonês. As teorias são engraçadas, interessantes e, às vezes, contrapostas, mas nada podemos dizer sobre isso antes de 2007. O homogêneo é o que é anterior a certas coalescências e separações. Acho que os chineses viram isso desde sempre. Chama-se *Chi*, um vazio cheio à beça, pois pesa, tem um peso enorme.

14/AGO

35. O que lhes trago provém da revelação a mim comunicada pelo Santo Espírito do Haver. Não se assustem, não há maiores paranóias por aqui. Sendo o Haver homogêneo, apesar de suas separações e exclusões internas devidas à repercussão da Quebra de Simetria em seu próprio seio, não há IdioFormação, não há Pessoa a quem não possa ser eventualmente revelado algo sobre o Haver. Onde, a afirmação gnoseológica de que conhecer é possível. Mais do que isto, **o que quer que se diga é da ordem do conhecimento**. Ou seja, o Haver sempre se revela. Como... é outra história. Isso só pode se revelar a alguém. O Santo Espírito do Haver é pura informação, isto é, como diz o nome, é entrada de formação. Informação é uma formação que entra, a ser comunicada ou não, pois pode entrar e não ser comunicada por onde entrou. Assim é que, pelos mais diversos meios, as artes, as ciências, as religiões, muitos rostos do Haver se revelam, o que é uma banalidade, é trivial. No passado – e parece que isto

não mais se repete para nós do mesmo jeito –, alguns ditos profetas e coisas quetais supunham receber especiais revelações diretamente dos Deuses ou de Deus. Era assim que tratavam seus achados e intuições. É claro que alguns espertalhões quase sempre disso se apoderaram para produzir maiores ou menores, mais ou menos poderosos, sistemas de dominação. Espertalhões estes que, o mais freqüentemente, eram estados e/ou igrejas com suas religiões.

Vocês verão por que faço estas reafirmações, ao mesmo tempo que reclamo revelação e outras coisas, que parecem advir desses mesmos lugares. Assim, podemos atribuir ao Gnoma, mesmo em vazio e dada a HiperDeterminação, toda e qualquer espécie de revelação de rostos do Haver.

36. Reintroduzi, da vez anterior, o conceito de **Pessoa**. **Uma Pessoa é um processo sem sujeito.** Não interessa a esse processo que é a Pessoa considerar (ou não) o sujeito. Tanto faz, não é de nossa conta. Processo sem sujeito, no sentido de sem centro algum de enunciação. Observem que Lacan deu um golpe no sujeito de Descartes, que evidentemente, por mais obsessivo que fosse, era centrado, e propôs o sujeito descentrado. Digo que não há centro algum de enunciação. **Enunciação é efeito de inter-ação das formações em jogo a cada ocasião.** Ficamos impressionados com o fato de uma pessoa, através de qualquer meio – a televisão, por exemplo –, parecer estar enunciando, em processo de enunciação, mas é mero efeito da interação das formações em jogo a cada ocasião. Pessoa envolve todas as formações em jogo em sua constituição. Isto é um lembrete, pois deixei clara a definição do que chamo de Pessoa: é preciso ter Primário, Secundário e Originário. Sem a conjunção desses três registros, que nem são heterogêneos em última instância, não há Pessoa. Portanto, Pessoa envolve todas as formações em jogo em sua constituição, daquela pessoa, naquele caso, naquele momento, naquela hora. Pessoa é também aqui e agora. Se ela não se presentifica e não se manifesta, então não a conheço.

Sem distinção de dentro e fora, sujeito e objeto, significante e significado – não há essa distinção para as pessoas. Uma vez que forcei que Pes-

soa e *Eu* são a mesma coisa, ***Eu não é nem dentro nem fora. Uma Pessoa funciona no regime do unilátero***, naturalmente que com cortes, isto é, com recalques, exclusões, fechaduras. O regime é de unilateralidade, mesmo que um lado não esteja aqui e agora efetivamente se manifestando. Ele está em recesso, em potência ou latente, como dizia Freud. Também sem universalidade, com permanência e frequência variadas. Onde está a Pessoa quando alguém perde a cabeça, como se diz? Onde está a Pessoa em caso de Alzheimer? Em caso de qualquer tipo de amentação? Então ela é freqüente e permanente, enquanto ela é Pessoa. Não há universalidade possível para algo que nunca compareceu como universal.

Sujeito cartesiano ainda não é claramente distinto de qualquer idéia de indivíduo. “Penso, logo sou” na primeira pessoa do singular e com esta existência tão bruta assim? Na verdade, Lacan já demonstrou que Descartes está mais para “logo sou” do que para “Eu penso”. Ele sai rapidamente da primeira meditação para chegar na segunda: “Cheguemos depressa antes que alguém perceba que o rei estava de cuecas”.

• **P** – *É o modo moderno de afirmar que ser e pensar são a mesma coisa.*

Nós outros sabemos que há um negócio chamado Inconsciente, que não é só porque ele logo soou... “Logo sou” é mais forte do que “penso”. “Penso” é sei lá quem. O sujeito lacaniano ainda é a melhor definição desse tal Sujeito, o qual, como se lembram, é aquilo que um significante representa para outro significante, isto é, *nada* (no sentido de um buraco vazio). Nem mesmo é propriamente ninguém, pois ninguém já é muita coisa. Por mais apegado que, em sua história epocal – mediante lingüística, etc. –, Lacan seja a sujeito e significante, pelo menos limpou o terreno, o que torna difícil retornar. Sua definição de sujeito, além de circular, é definição de coisa alguma. De fato, se formos rigorosos com o princípio lacaniano, sujeito, só há um. Então, chamar uma pessoa de sujeito é meio maluquice. Ou o sujeito fala pela boca das pessoas, de qualquer uma, ou, nem mesmo isto acontece. *Sujeito* é uma designação lógica do que se estatui no gramatical ou coisa parecida. *Significante*, como aquilo que representa o sujeito para outro significante – em não

sendo significante de Saussure que, pelo menos, é técnico –, também não é nada se não for letra, isto é, significante indexado. Mas significante indexado é um rosto e tem cara, não chega a ser nem uma Pessoa, é apenas uma das formações possíveis de uma Pessoa.

Devemos tratar o tal *Eu*, Sujeito, *hipokeimenon* – tanto em sua suposta enunciação, quanto em sua suposta existência, enquanto representada de significante para significante –, assim como o suposto significante lacaniano, do mesmo modo, nominalista, como podemos occamianamente tratar os universais. São maneiras de dizer, e não existências. Alguém por acaso se lembra de algum autor que tenha feito uma crítica occamiana do sujeito lacaniano ou mesmo cartesiano? Seria bom que houvesse, pois é uma pesquisa que nos interessa. Quero saber se, em apoio ao que digo, alguém teve a idéia de tratar o sujeito, o significante, etc., como o universal que foi tratado por Occam. Ou seja, explicar que esses troços não têm existência a não ser como *nome*.

Bem ou mal, afirmo isto, apesar do tratamento dado na psicanálise por culpa da lingüística e da antropologia estruturais – embora deva lhes confessar que acho Lévi-Strauss um pouco tolo, embora brilhante. Não é o caso de Jakobson ou Saussure. Proponho, então, esse posicionamento diante de sujeito e significante: mera nomeação de um inexistente que tem vocação de universal. Tanto o sujeito quanto o significante, em qualquer lugar, mesmo em Lacan, estão com essa postura de universal. Por isso, faço essa passagem de um lado para outro. Melhor dizendo, são existências só encontráveis no nível gramatical, no sentido mais amplo da palavra, no sentido lógico, isto é, no seio de uma língua e, portanto, refugiados no *logos* bem como no *grafos*. Sujeito é esse troço. Então, não me venham tratar pessoas como sujeitos, como faz o lacanismo e como tropeçou Lacan durante algum tempo, já que o lacanismo foi o que permaneceu desse resto.

37. Tomemos como exemplo *princeps* o nome de *não-Haver*, instalado no próprio enunciado d’ALEI que axiomatiza NovaMente. Não-Haver não há, como o nome está dizendo, mas é claro que comparece como nome do dese-

jado impossível absoluto, que não tem existência alguma fora desse nome. É possível nomear o impossível, não é possível tê-lo. Isto é um truque de nossa lógica interna: pode dar o *nome* ao impossível de haver, assim como pode desejá-lo, pois **não é impossível desejar o impossível**.

• **P** – *Um nome não é vazio.*

Não é vazio enquanto nome, mas pode designar *nada*. Nada já é alguma coisa enquanto idéia de nada, e nada não é impossível, pois mais grave é o nome que designa o impossível de ser até mesmo nada. Por isso, desde cedo faço a distinção: “nada ainda é muita coisa”, pois quando não tenho distinção, chamo de nada, o que não quer dizer que não-haja do lado de lá. Por exemplo, a matéria escura da cosmologia contemporânea se manifesta de algum modo, com peso, então nada é neutralidade. Mas o impossível não-Haver está fora de qualquer possibilidade, fora até de nada. No entanto, dou um nome a esta concepção.

• **P** – *Luiz Sergio Sampaio, o lógico, dizia que sua frase deveria parar no meio – “Haver desejo de...” – e suspender, pois o apontamento disso já seria uma forma indevida.*

Qualquer obsessivo diria o mesmo. Para isto é que presta a navalha de Occam. Posso nomear isso... qual o problema de colocar um apelido... o nome do nome do nome? Lembram do que diz Lewis Carroll sobre cantar uma canção que se chama tal: “Ah, este é o nome da canção? Não. (...) É assim que se chama o nome da canção?”¹

• **P** – *O objeto a existe?*

Para Lacan, existe, concretamente figurado, nomeado e limitado. Tem, inclusive, produção limitada para o mercado poder absorver. Para Lacan, só

¹ “Ah, é este o nome da canção? – disse Alice, tentando interessar-se. – Não, você não está entendendo – disse o Cavaleiro, parecendo meio contrariado. – É assim que se chama o nome da canção. O nome verdadeiramente é ‘O homem velho, muito velho’. – Então, eu devia ter dito ‘É assim que se chama a canção?’ – Não, não devia: isso é outra coisa. A canção se chama ‘Modos e meios’. Mas isso é só como ela **se chama**, veja bem! – Mas qual é a canção, afinal? – disse Alice, já completamente desorientada. – Já estava chegando ao ponto – disse o Cavaleiro. – A canção, verdadeiramente, é ‘Sentado sobre uma porteira’. A melodia fui eu mesmo que inventei”. In *Aventuras de Alice*. São Paulo/Rio de Janeiro: Fontana/Summus, 1977. Trad. e org.: Sebastião Uchoa Leite).

há quatro objetos *a*. Para mim, qualquer coisa é objeto *a*: tem o *a*, o *b*, o *c*, etc. Lacan tem o cúmulo de dizer que não há fetichismo do esperma porque o esperma não é objeto *a*. Ora, ele nada sabe a respeito, por falta de prática talvez. A experiência é sempre importante.

É claro que não-Haver comparece como o nome do desejado impossível absoluto, sem existência fora desse nome. Ou seja, pensar sobre o não-Haver é alucinar uma idéia.

• **P** – *Freud dizia isso.*

Eu disse “alucinar uma idéia”, Freud alucinava um objeto. Fiquem com o problema. Não se pode ter a idéia de não-Haver, então alucinamos qualquer coisa e a colocamos no lugar. Trata-se de coisa da mesma ordem do Gnoma.

• **P** – *O problema de pensar uma ordem de nomeação e uma de coisa nomeada é a pressuposição de heterogeneidade. Parece que existe algo da ordem do nome, do discurso ou da linguagem do Secundário que seria separado da coisa.*

Não estou dizendo que exista a ordem do nomeável e a da nomeação. A homogeneidade do campo está na constituição do que quer que haja, entretanto, há divisões, separações, exclusões. Assim, a ordem do Primário é homogênea, de algum modo, à ordem do Secundário, mas há separação entre as duas. Ora, se há esta separação, toda vez que nomeamos qualquer coisa, concretizamos essa coisa no nome e na possibilidade de ela estar falando de algo. Então, não separei as duas coisas. Falamos de algo somente no regime da separação, pois quando falamos damos nome, não falamos *de* algo sem separação, e sim falamos *algo*. No limite, assim como a idéia de universal, quando dizemos não-Haver já o estamos dizendo, não há possibilidade de separação, não podemos falar do não-Haver, porque não-Haver é não-Haver. O que é não-Haver? É não-Haver, é tautológico. Só posso abordá-lo de forma experiencial, é a porrada que chamo de o trauma da experiência radical de não-Haver o não-Haver.

Entretanto, cá embaixo, no regime das abordagens, é aí que os filósofos se embananam por quererem coerência absoluta onde é impossível tê-la. Se lançarmos mão de um conjunto de formações para resolver, com essas formações enquanto *gnômon*, abordar o não-Haver que está dito no próprio nome, começaremos a fazer delírios. Mas o filósofo não separa sua deliração de sua lógica. Nós outros, que sabemos que delírio é isso, temos obrigação de pensar que abordar algo é simplesmente o conjunto de formações tentando ser *gnômon*, um aparelho de aproximação de outro algo. Logo, é precário. Ele finge estar falando *daquilo*, quando está se falando junto *com aquilo*. É com-sideração total. É preciso cair fora da distinção eu-objeto, pois falamos como com-sideração de um conjunto de formações que se estão tomando como *gnômon* para se aproximar dessa outra e, quando se aproximam, tudo entra em sideração. O filósofo não consegue sair da separação e produz tudo de maneira delirante. Acuso a filosofia de delírio, de paranóia, uma paranóia delirando com vontade de poder. Por isso, Lacan chamou-a de discurso do Dono, do Mestre. A psicanálise não quer ser dominante, e sim inclusiva. É outra postura.

• **P** – *O que você está trazendo é da ordem do revelar-se, do exhibir-se?*

É da ordem da transa. As formações, no que transam, no que se com-sideram, se revelam. O que se revela? Sua com-sideração. Revelação é isto. As pessoas sentiam essas coisas no passado hebraico, aí pensavam que Deus estava falando com elas, algumas deviam ouvir até vozes, pois eram psicóticas mesmo. Nós, na falta de prática, nos assustamos quando algo se revela assim, nos perguntamos de onde vem. E se é uma revelação mesmo, é da ordem da HiperDeterminação. Então, ficamos sem pai nem mãe, sem dono... Só pode vir de um buraco vazio, mas se o chamarmos de Deus, aí danou-se, vira Bíblia.

Posso até convocar comparações com a filosofia, não me custa nada, mas este é outro modo de pensar. Alguns filósofos mais ou menos místicos enveredaram por esse caminho, mas não podem convencer filosoficamente a partir desse lugar. Nós só podemos convencer psicanaliticamente, não por recurso à filosofia, e sim por recurso à eficácia clínica, isto é, à tecnologia.

• **P** – *Seu nominalismo não é cético?*

Ao contrário, é proliferante: se disse, aí tem. No entanto, podemos tomar o nome de ceticismo para esse nominalismo, não no sentido de não crer que haja conhecimento possível, e sim no do termo grego, *skeptomai*: olhar para todos os lados e todos valerem. O filósofo é aquele que, ao olhar para todos os lados e encontrar contradição, diz que é impossível saber. O psicanalista é aquele que olha para todos os lados e, quando encontra contradição, diz que está tudo certo, está sabendo tudo. É uma questão de postura. Em toda filosofia há uma política embutida, uma política de exclusão. Se houve algum golpe freudiano de invenção de um lugar novo – embora pareça impossível no século XIX, começo do século XX, inventarem um lugar novo, pois ele já estava por ali na China, ainda não inventado para o Ocidente –, foi justamente dizer que é possível pensar não exclusivamente. Isto é o Inconsciente, acolher o Inconsciente. Se minha política é de não exclusão, nada tenho a ver com filosofia, que é uma política de exclusão. As coisas estão lado a lado, não são contraditórias e sim alélicas.

• **P** – *Dá a enorme dificuldade na cultura ocidental moderna de entender o que se chama Maneirismo.*

O Maneirismo é uma experiência disso, e lá no século XVI! É uma experiência de pensamento psicanalítico. Para não criar contradições, ele pensava mais em termos plásticos do que de palavras. Quando pensava em termos de palavras, parecia estar dizendo o processo da loucura. Por exemplo, Don Quixote ou mesmo a fantasia de Vasco da Gama, uma coisa fantasiosa ou louca.

• **P** – *Então, a nomeação do não-Haver é como o quadrado redondo de que falam os céticos.*

Se digo, logo tem alguma havência, nem que seja na palavra pura e simples *quadrado redondo*. O tolo do filósofo e o do matemático querem construir o quadrado redondo. É claro que quadrado redondo existe em minha fala, até posso fazer literatura ou pintura com isso. Se consigo pintar o quadrado redondo, diz que não pinte! Mais simples para nosso entendimento é perguntar: como não existe o unicórnio se há uma porção de retratos, desenhos dele, penso nele, espero por ele? Então, existe de algum modo.

O não-Haver só existe como nome. O resto... procuremos, que há de algum modo. Nada impede que o maluco de um artista resolva colocar em cena o não-Haver. Mas ele desenhará o *nome*. É o tal negócio de Carroll, “este não é o nome da canção, é como ela se chama...”

• **P** – *Magritte fez brincadeira com isso: “Isto não é um cachimbo”.*

Magritte é o maneirista propriamente dito. Ele põe um céu noturno e tudo diurno cá embaixo. Essas coisas são compatíveis, pois os alelos, de repente, confundem.

38. Não nos interessa sujeito, eventualmente posicionado diante e externamente ao objeto, pois que sujeito pode também ser uma coisa – por exemplo, em: “a casa é branca” –, o que, para a NovaMente, é apenas um caso da Pessoa. Tampouco nos interessa indivíduo, que existe em exclusão corporal para com os outros indivíduos, sejam estas pessoas ou coisas. Ora, se a exclusão é corporal, o recorte é de não ver as transas e as considerações que esse indivíduo tem no mundo. Assim, retiro as considerações e algo se torna um indivíduo.

Interessa efetivamente a **Pessoa**, tal como definida pela NovaMente, que é coincidente com Eu, Tu, Ele, Nós, Vós, Eles – o que é complicado como o diabo, pois já é Complexo e Perplexo –, todos concretamente existentes para além de seus meros nomes. Vejam que é uma diferença radical, pois não estou transando com sujeitos, e sim com coisas muito concretas. Aliás, pergunto a lacanianos perdidos de noite, por quê, como, quando, Lacan precisa abandonar o buraco vazio do sujeito e partir para a concretude da topologia, que ele precisa pegar nas mãos? Por quê, se estava tão bem com seu sujeitinho? Talvez quisesse agarrar o sujeito, mas aquele é impossível.

O conceito de indivíduo é solipsista. Onde, a bronca atual de tantos com o suposto individualismo do capitalismo. É uma má compreensão da idéia de capitalismo querer entendê-lo pelo conceito de indivíduo. Por isso, o capitalismo é abominado mediante a idéia de individualismo. Ao passo que, queiramos ou não, **o conceito de Pessoa é necessariamente comunal**. Se considerarmos Pessoas, encontraremos várias – não é feito o sujeito que só

tem um. Por que nesta sala estão todas estas Pessoas? Porque algumas formações são em comum, caso contrário, não estariam aqui. Quando pegamos uma e outra, encontramos disparidades talvez na maioria das formações, mas algumas são comuns. Isto é o comunal da Pessoa.

• **P** – *Se pensarmos na maranha, de que você fala em 1996, essa Pessoa enquanto um feixe de formações que tem ligação com outras formações...*

Não se trata de *outras* formações, são as *mesmas*, no sentido do comunal. Em algum lugar, podemos considerar essas Pessoas e perguntar quais são nossas formações comuns. Podemos encontrar Pessoas que têm várias formações comuns. Por exemplo, o conjunto das Pessoas que habitam o planeta, este conjunto tem todas as formações comuns, por serem do mesmo planeta. Releiam Jung a partir disso: temos o mesmo sol, a mesma lua, o mesmo céu, etc., todos os arquétipos estão lá. Portanto, são da mesma ordem comunitária. Se descer um E.T., ele também será do mesmo universo ou da mesma galáxia, ou de uma galáxia. A ordem sintomática é dominadora, toma tudo.

Em latim, *persona, personae*: pessoa, personagem, personalidade, etc. Em francês, *personne*: ninguém. Em grego, *πρόσωπο*: máscara, papel, personagem. Não há ninguém em vazio, todos têm rosto, sintoma. No tempo da discussão cristã sobre as pessoas da Santíssima Trindade (Pai, Filho e Espírito Santo), ficaram com problemas de chamar aquilo de *πρόσωπο*, pois parecia rebaixar estas pessoas a um estatuto de mera figuração. Então, foram buscar no grego e chamaram de *Hupostasis* – está certo! –: pessoa, um suposto, um fundamento, um sedimento, uma substância, matéria, mas, sobretudo, para mim, **suporte**. Em nosso jargão, temos: pessoa física, pessoa civil, pessoa jurídica, pessoa divina – cada um endeusa quem quiser, não é? Se quiserem dar um apelido para a nossa Pessoa, é a **Pessoa Constitucional** – constitui-se a Pessoa –, a qual tem essas pessoas todas.

Como vêem, para fazer distinção desta teoria para com outras, filosóficas e psicanalíticas, aproprio-me de um campo minado que ninguém quer – mas, se o limpamos, dará bom terreno. Campo minado este que justamente nunca deu certo por querer se basear na pessoa, e que compareceu na história

da filosofia e da política com o nome de *personalismo*. As minas existentes nesse personalismo são judaísmo, cristianismo, islamismo – coisas que quero banir. Inventaram conceitos fabulosos para a idéia de Pessoa, mas todos sintomatizados no regime dessas religiões. Limpando o religioso da coisa, sua sintomática, os conceitos são excelentes. Se estudarem os personalistas, verão que, do ponto de vista da prática, têm vocação hermenêutica. Vide, por exemplo, Paul Ricoeur (1913-2005), os personalistas católicos, os alemães... Digo tudo isto, pois, se não situarmos bem o campo, fica esquisito. O que interessa é que descobri que o que estava procurando se encaixa muito bem no conceito quando tiramos as minas do campo. Portanto, não estou sendo um personalista, e sim recuperando o conceito de Pessoa contra a pretensão do Sujeito. Afora o fato de que uma Pessoa é focal e franjal. Às vezes, intensificamos demais a visão focal de uma Pessoa, essas formações focalizam, concentram em cima de algumas das formações mais imediatamente notáveis (o focal é isto) e esquecemos que, dando uma volta longa, encontramos essa Pessoa no franjal.

Pessoa não é indivíduo. Cada um de nós pode ser uma Pessoa, mas uma pessoa jurídica é um indivíduo? E mais, coloco um pequeno (enorme) problema, sobre o qual a discussão mundial hoje está, sobretudo, resguardada e reiterada por vocações personalistas: o nascituro é uma Pessoa? No personalismo, é; na igreja católica, é – por isso, não podemos abortar. Então, pela definição aqui dada, quando sabemos que Pessoa é constituída de Primário, Secundário e Originário em pleno funcionamento, o nascituro é uma Pessoa? Temos, sim, ferramentas para pensar um problemão como esse. Se a tese é de que há um Primário, que, quando inclui o Originário, por complexidade ou por perplexidade, seja lá o que for, essa conjuminação gera um Secundário (o qual não está dentro ou fora, está dentro e está fora), repito a pergunta: o nascituro é uma Pessoa? Mera promessa ou potência, em oposição à atualidade, de Secundário já constitui uma Pessoa? No personalismo, sim, pois é uma promessa de ser gente. Rigorosamente, aqui, essa promessa é suficiente em função de nossa definição de Pessoa? Não estou respondendo, e sim perguntando. Uma

pessoa tal como sonhada no desejo, na fantasia ou imaginação de outrem, dos pais de um feto, por exemplo, já é uma Pessoa? Não. Só é Pessoa no sonho. Temos que ser rigorosos, pois, se, do ponto de vista político, podemos tomar nossos sonhos e lutar por eles, por outro lado, dizer que nossos sonhos estão *realizados* é abuso.

• **P** – *A pessoa jurídica tem Originário?*

A Pessoa Jurídica já é completa, é uma Pessoa puramente secundária. Se não tivesse Originário, não apareceria. Ela foi produzida mediante Primário, Secundário e Originário. Você é uma pessoa jurídica, enquadrada nesse regime. É um de seus rostos, uma de suas personalidades.

• **P** – *Mas uma empresa é uma pessoa jurídica.*

É uma Pessoa concretíssima. Como não tem Originário? Pode acontecer uma comoção em que uma HiperDeterminação refaça a fundação da empresa. A empresa é um conjunto de Pessoas, e só é pessoa jurídica por ter gente no meio. Se juntarmos um monte de gatos, dissermos que fizeram uma empresa e levamos para registrar, não aceitam. A empresa é uma pessoa jurídica porque é Pessoa. Tanto é que, se fizer algo errado, alguém irá para a cadeia. Não colocarão a empresa na cadeia, e sim as Pessoas. Vejam que, se não trocarmos de pensamento, não abrangeremos tudo. Tomo essa questão não para resolvê-la, mas porque precisamos pensar a respeito.

• **P** – *A Pessoa é afetada ou afetável pela HiperDeterminação. Quando se está na situação de nascituro, é de se questionar se isso esteja em vigor dessa forma.*

Minha suposição é de que os estudos até hoje mostram que aquilo ali está funcionando no regime do Primário como promessa de afetação.

• **P** – *O que significa que não é apenas o nascituro que está nessa situação, mas muitos outros casos.*

Quero pensar o aborto, a eutanásia, etc. Não venham me dizer que alguém descerebrado é Pessoa. Morto é Pessoa? Defunto é uma Pessoa? Não, a Pessoa acabou. Para algumas pessoas (um grupo pequeno ou uma multidão), é um personagem. Pode ser um parente próximo de pouca exposição, mas que, no grupinho da família, é um personagem sobre o qual pode-

mos narrar; ou uma pessoa conhecida no mundo, um personagem mundial. Morto não é mais Pessoa, pois não está afetável pela HiperDeterminação. Se deixou uma obra, na leitura de outras Pessoas afetáveis pela HiperDeterminação, esta continua a sofrer modificações, mas não ele, pois nem mais Primário tem.

• **P** – *Primário não pode deixar de ter, e suas moléculas?*

Temos o desmembramento dessa Pessoa em frações de Primário. A Pessoa precisa funcionar completamente: Primário, Secundário e Originário. Qualquer disfunção, ela fica em periclitância de sua Pessoa. Tanto é que, antigamente, dizia-se que o maluco era um alienado e que devia ser entregue a outra pessoa. Não era responsável, pois a Pessoa dele, se não acabou, estava em periclitância.

• **P** – *Índio não é Pessoa, é parcialmente responsável.*

Índio não tinha alma. No sistema jurídico, não é uma pessoa jurídica completa, é relativamente responsável, é meia pessoa. Notem o truque para não incluir a cultura do outro, que bateria de frente com a nossa, quando se diz que, do ponto de vista da nossa, o outro é semi-responsável. Ao invés de dizer que naquela cultura estupro é normal, dizem do ponto de vista destas formações, ou seja, na determinação do resultado da com-sideração pelos aparelhos gnômones desta formação. É um pensamento filosófico.

• **P** – *Qual é, na literatura, a distinção possível entre biografia e narrativa romanesca?*

Uma biografia, se ela colheu acontecimentos de uma Pessoa, seu périplo é diferente da narrativa, que já começou falando do personagem inventado e que nunca foi uma Pessoa. A verossimilhança que o escritor procura sempre é falsa. Se lermos com cuidado, pode ser até Marcel Proust, veremos que há algo que não encaixa. Falo de Proust porque é bom à beça nisso. Com muita frequência, veremos que a verossimilhança fica ligeiramente prejudicada por ser mero personagem, não foi testada como Pessoa. Quando os escritores usam pessoas para delas colher um personagem, a verossimilhança cresce. Nos romances biográficos ou autobiográficos, sentimos que isso incorpora.

O nascituro, bem como o *infans*, quer dizer, o bebê não falante, só encontra garantia de sua pessoalidade – personalidade é outra coisa – no desejo parental. Onde, a necessidade de reconsiderar o aborto, bem como a eugenia, a espartana, por exemplo. Três problemas graves: aborto, eugenia e eutanásia. Os espartanos consideravam aquilo como um monte de carne se mexendo, um bicho, que, se veio estragado, não se vai deixá-lo virar gente. Não apenas tinham a idéia de que aquilo não era uma Pessoa, mas, pior, e caso se tornasse? Ou seja, deixar um animal já estropiado virar Pessoa? Não! No escopo moral deles estava correto. Nós é que estamos infectados de cristianismos, o que é outra história. Não confundir com nossa sintomática pós-cristã para julgar Esparta. Mas tudo isso é questão para ser tratada.

• **P** – *O problema da definição é o plenamente.*

A palavra não é ruim. *Pleno* não é completo, e sim cheio disso – não sei quanto. Mesmo que completo em Primário e Originário, o nascituro e o *infans* não são manejadores do Secundário, ali não é sede de manejo do Secundário. Na verdade, é o ato de não matá-lo que faz dele uma suposta Pessoa, ou seja, é só porque ninguém o mata que ele é suposto Pessoa, e não o contrário, por ser suposto Pessoa que não o matamos. São pessoas dadas, pré-nomeadas. Se não forem assim nomeadas, não são Pessoas. Portanto, depende da nomeação. Só é efetivamente Pessoa quem: 1) já encontrou lugar nos discursos: como projeto de Pessoa lhe dão a palavra, quer ela tenha ou não; e 2) já assumiu o discurso desse lugar, portanto, é pessoa realizada quando pode tomar a palavra. São necessários os dois casos: alguém lhe dá a palavra, porque a considera Pessoa.

O golpe do momento tem que ser esse, não há saída. Abram livros de lacanianos com conceitos como Nome do Pai, etc., isso já ruiu. Então, como lidar com este mundo que aí está? Há que limpar os conceitos. Vemos que tiveram idéias geniais, mas colocaram tudo dentro da religião. Mesmo Paul Ricoeur parece um padreco com vocação hermenêutica.

21/AGO

39. Chamo atenção para o fato de que, ao falar sobre Pessoa, não tenho necessidade de sinonímia com as idéias correntes de Personalismo, embora não seja proibido utilizar o termo. Essa idéia está geralmente associada a pegadas religiosas, o que, a meu ver, acabou por prejudicar a vantagem do conceito de Pessoa. Há tempo que se evita usar este termo, acho que por causa da correlação com esses pensadores associados a posições religiosas: judaicas, católicas, sobretudo, protestantes.

O *Dicionário de Pensamento Contemporâneo* (Villa, M. M. [org.] São Paulo: Paulus, 2000), por ser católico, desenvolveu bem o tema e contém uma longa distribuição a respeito de personalismo, desde Santo Agostinho e Tomás de Aquino. Faz uma defesa do personalismo e, por ser tendencioso do começo ao fim, vemos Bergson arrolado como personalista, por exemplo. No personalismo alemão, cita Martin Buber, Ferdinand Ebner, Theodor Haecker, Paul Ludwig Landsberg, Karl Rahner, Franz Rosenzweig, Max Scheler e Peter Wust. O personalismo cristão vai buscar em Sêneca, de onde, aliás, surge a idéia de interioridade que dá na idéia de sujeito. O personalismo espanhol vai buscar em filósofos como José Luis López Aranguren, Antonio Apostegui, Carlos Díaz Hernández, Antonio Heredia Adriano, Pedro Laín Entralgo, Manuel Maceiras Fafian, Manuel Míndan Manero, Antônio Pintor Ramos, Enrique Rivera De Ventosa e María Zambrano. O personalismo francês, que devem conhecer melhor, em: Jean Lacroix, Emmanuel Levinàs, Jacques Maritain, Emmanuel Mounier, Maurice Nédoncelle, Denis de Rougemont, Paul Ricouer, Jean Wahl (aquele professor de metafísica) e Simone Weil (esta, chamada de nazista pela esquerda). O personalismo, para esse dicionário, está em torno da defesa e propagação do conceito de pessoa, só que este conceito está ali cheio de dignidade religiosa. Chega a falar na ambigüidade congênita do conceito: a pessoa não é problema, é mistério; a pessoa é eudade e transcendência; nem solipsismo nem autrismo, etc. Isso tudo resulta nesse negócio abstruso de comunitarismo, esquisito, mas politicamente bem assentado por aqui com Betinho, Frei Beto e outros beatos.

Podem estranhar que me meta nesse vespeiro, mas é justamente lá que quero me meter. Desde sempre, aproveito de preferência os nomes e o conceito troncho dessa área. Alguns reclamaram de eu ter falado dos Impérios d'AMÃE, d'OPAI, d'OFILHO, d'OESPÍRITO e d'AMÉM, mas é proposital. Minha intenção é desfigurar as palavras que usam. A possibilidade de usar a idéia de Pessoa é rica, mas, na mão deles, foi configurada a partir de um cânone filosófico e religioso de sacralização, de transcendência, etc. Vemos que aqueles que embarcaram definitivamente na idéia de sujeito, há muito tentavam cair fora desse regime religioso, apostando no do sujeito. Faço o contrário: tomar de volta o que foi destituído pela vigência do estruturalismo e, sobretudo, analisar a idéia de sujeito, que está pespegada demais. Aliás, essa era a luta dos personalistas com as idéias de indivíduo, individualismo, egoísmo e coisas dessa ordem. A idéia de *pessoa*, com razão, extrapola de muito, é muito mais abrangente do que a de sujeito: uma pessoa não é necessariamente coincidente com um indivíduo. Ela pode ser coletiva, pode ser várias coisas. Então, estou reportando ao meu conceito, tal como defini Pessoa.

O que há de mais interessante nesse conceito é podermos igualar equacionalmente Pessoa à rede, *network*, *web*, se quisermos. Isto é, uma malha de formações com foco e franja, composta de uma plethora de formações primárias e secundárias – afora a originária, que define a Pessoa –, que se situam em qualquer parte do Haver, e não só no chamado corpo do indivíduo. Aliás, a idéia de corpo é a mais absurda que já conheci. O que é um corpo? Melhor dizendo, o que é o corpo de uma Pessoa? É uma idéia esquisita, mas a Pessoa deve ter algum corpo, caso contrário, ela não comparece. Mas onde começa e onde termina o corpo de uma Pessoa? Digo isto para desvincular essas noções e evitar sinonímia entre sujeito, indivíduo e corpo. Sobretudo, no meio do resto lacaniano que sobrou por aí – não havia isto na cabeça de Lacan, que, embora resvalasse um pouco, não afirmava coincidência –, onde sujeito está aprisionado na individualidade.

O que é o corpo de uma Pessoa? Esta pergunta é fundamental, pois pensamos que Pessoa seja um indivíduo da ordem da gente. Não é. Uma boa

orientação para essa discussão é McLuhan com a idéia muito bem bolada de “extensões do corpo”, assim como nosso conceito de **Prótese**, herdado diretamente de Freud. Precisamos ficar com uma noção clara do que essa palavra indica, para não haver confusões na conversa, na escrita e na abordagem teórica e visualizarmos o conceito da maneira mais distinta. Do ponto de referência de nosso conceito de Pessoa, todas as extensões de uma Pessoa são suas próteses. Isto não cabe em outro pensamento. Todas as extensões são Próteses (dessa) Pessoa – podem sempre colocar o *de*, o *dessa*, o *dele* entre parênteses, pois as Próteses são constituintes. Sua roupa, seus objetos, dizendo assim, suas máquinas, seu carro, sua casa, suas ruas, suas aglomerações ditas urbanas, sua cidade, seu país, seu planeta, seu sistema solar, sua galáxia, tudo isso é extensão do corpo das Pessoas. O mais importante é que, em nosso modo de articular, tudo isso é Prótese.

Isto foi, há tempo, separado e distinguido em Formações Espontâneas e Formações Industriais, ambas consideradas como Artificio. A partir disso, essas Próteses todas são espontâneas (naturais, se quiserem) ou industriais. Uma vez que há IdioFormação, uma vez que há Pessoa, que há Primário e Secundário afetados de Originário, o Princípio de Artificialidade se torna genérico. Portanto, o que quer que compareça como Prótese da Pessoa, como extensão, ligação com a Pessoa, é protético. Até o que é dado na “natureza” é uma Prótese Espontânea, pois não há como distinguir uma coisa de outra. Se entramos em relação mínima – se nascemos (ou antes até), entramos em relação, embora não saibamos se aquilo é gente, ou, pelo menos, se é Pessoa –, a transa com formações é sempre necessariamente da ordem do artificio. Assim, por mais aparência de relação, também espontânea, que possa haver, aquilo está subdito à intervenção eventual do Originário. E o que quer que seja subdito a esta intervenção, perdeu a virgindade, no sentido do pensamento que separa Natureza de Cultura, imediatamente se artificializou.

• **P** – *Seria abuso dizer que o corpo da IdioFormação é o Haver?*

O corpo da IdioFormação é primordialmente o Haver, só que essa IdioFormação é replicada dentro do Haver. Então, temos vários níveis de com-

posição corporal. No entanto, não podemos supor que esse corpo desenhado por certa anatomia de determinada época e, supostamente, contido dentro da pele, seja o corpo de uma Pessoa. Não precisamos ir longe, basta considerar as primeiras transações fisiológicas e químicas mais diretas com o Haver, como respirar, por exemplo. Tirem o oxigênio e verifiquem se o corpo continua a existir. Portanto, a atmosfera faz parte do corpo. Tudo se incorpora. Temos essa abrangência toda, pois mesmo que pensemos apenas em nível Primário, o corpo não termina onde está o desenho do boneco, já que, sem as transas externas, não subsiste.

Nossas Próteses são Espontâneas ou Industriais, mas tem mais. São também conscientes ou inconscientes – isto é, são tocadas (ou não) por isso que há de consciência nesse corpo –, são conhecidas ou desconhecidas – isto é, algo se disse de tal Prótese, de modo que ela comece a fazer parte do conhecimento arrolável, segundo nossa definição de conhecimento (o que quer se diga é da ordem do conhecimento). Então, há Próteses completamente conhecidas e Próteses inconscientes.

Outra coisa importante é que há *corpo focal* e *corpo franjal* para qualquer instância pessoal. Se consideramos a idéia de corpo, polarizamos algo. Esse pólo, considerado por outras formações, segundo nossa consideração, apresenta-se focalmente e ninguém sabe onde termina sua abrangência franjal. Isto, a ponto de podermos dizer que termina na totalidade do Haver. Entendemos por aí o interesse religioso dos personalistas quando afirmam o contato direto com tudo e com Deus. Mas não precisamos ser bobos nesse nível, podemos até ser um Espinosa, sem bobice.

40. Uma Pessoa não coincide com Sujeito nem com Indivíduo e nem mesmo com coletividade. A idéia de pessoa dos personalistas religiosos quase que termina na comunidade, na coletividade de que as pessoas supostamente fazem parte. O que é um erro, pois se há coletivo de pessoa é um corpo só e é uma Pessoa, não são várias. Do ponto de vista dos indivíduos, são vários. Do ponto de vista das pessoas referidas a outras instâncias, também podemos ter várias,

mas não quando estão referidas à coleção em que estão, pois aí trata-se de uma Pessoa só. Teríamos que pensar em inserir no escopo dessa Pessoa com que estamos tratando as idéias do que é *comum*, do que é *comunicação*, do que é *comunal*, do que é *comunidade* e até mesmo do que é *comunhão*. Quanto ao *comunismo*, é um *ismo* em cima do comum.

A partir do momento que consideramos a Pessoa, nos damos conta de que é impossível fazer a leitura de todas as formações em jogo: a franja vai embora e não sabemos para onde, talvez, para o infinito. A franja é infinita? Infinito é do tamanho do Haver? Por outro lado, pode haver séria consideração na zona mais próxima do foco, mesmo com alguma franja. Não se pode fazer mais do que considerar as formações que vão se oferecendo à consideração. E se é uma Pessoa de qualquer tipo, eventualmente a HiperDeterminação se manifestará. Então, fica impegável, entra o aleatório, ou melhor, o caótico, entra de tudo aí. Vejam que até o processo de análise, a possibilidade de um tratamento analítico, a própria consideração de qualquer formação sintomática que compareça, é sempre provisória. Onde termina isto? Tem fim? Freud estava certo ao falar de *análise infinita*. Por isso, falei em **Análise Propedêutica** e **Análise Efetiva**. A Propedêutica eventualmente termina no entendimento da com-sideração: “Ah! Agora sei como se com-sidera”. Então, a Efetiva é para sempre. Fim de análise, uma ova!

Cabe perfeitamente, nesse escopo, intensificar o conceito de **sobre-determinação**, de Freud. O que quer que compareça no Haver, mesmo para as pessoas, tudo é sobredeterminado. Nem mesmo (e por isso) a HiperDeterminação pode ser um ato de vontade. Ela é um acontecimento. Podemos desejar que alguma HiperDeterminação, feito um raio, atinja nossa cabeça, mas acontecerá ou não. De modo geral, acontece, as pessoas reviram mais do que se supõe, mas acontece que a coisa vai sendo incluída, faturada pelo conjunto das sobredeterminações, e vira hábito. Conhecidas ou não, conscientes ou não, as formações sobredeterminam em conjunto. Assunto encerrado! E tratemos de entender que não passamos de marionetes. A partir disto, o que pode ser a idéia de **liberdade**? Se existe a palavra, existe algum conhecimento. É preciso

excluir algumas sobredeterminações, ter inconsciência de sua sobredeterminação, para supor que você está livre. Fico tentando definir isto por não conseguir entender direito. Acho que entendi e, de repente, acho que não entendo mais... acho que faz parte da liberdade... Mas se você deu o nome, ela existe, nem que seja só como nome.

• **P** – *Se temos a escolha, temos o dispositivo de escolha.*

Mas o dispositivo de escolha, em enésima instância, é falso. Que escolha? É a questão: se é **evento**, é **escolha**. Temos que engolir deste modo. Mas a hipótese que se faz da liberdade no Mundo não é como faz o personalismo velho, que cultiva a liberdade como algo dado por Deus. Assim, se somos livres, somos responsáveis e, sobretudo, somos escrotos natos. Assim como Deus. Não podemos não ser assim. Afinal, vivemos em pecado...

• **P** – *Não damos um passo sem supor que somos livres.*

Esta é a suposição do tal Sujeito. Por isso, cortei relações com ele. Uma Pessoa tem que se mancar e perguntar: “onde isso está me levando?”, “onde pode me levar?” Então, a tal liberdade pode, no máximo, com alguma (pouquíssima) disponibilidade, em função das formações em jogo, dar uma indicação de preferência de prisão. Dadas as circunstâncias, as formações em jogo, tal prisão pode ser vista por algumas formações como mais confortável do que outra. Então, temos uma liberdade enorme quando podemos ter uma prisão confortável.

• **P** – *Não há a escolha de não ter nascido.*

Justamente por isto. Agora, uma vez que se nasceu, isso é evento. Portanto, estamos ferrados, não podemos não escolher. Evento e escolha ficam no mesmo nível, no mesmo lugar. É quando vem a idéia tola das pessoas: “não pedi para nascer”. Como não? Se não pedisse, não estava aí. Podia não ter nascido, ter se enforcado no cordão umbilical, induzir a mãe a tomar veneno (o que seria melhor ainda)... Para além da brincadeira, se você põe a idéia de liberdade de escolha, a frase faz sentido: “não pedi pra nascer, logo é culpa de quem me botou aqui”. Agora, se compreendemos a HiperDeterminação como relanceamento dentro da sobredeterminação, estamos ferrados: “Faça alguma coisa! Aliás, o

que quiser!” Temos que responder como se fôssemos livres, mas, ao fazer isto, podemos, por exemplo, matar o próximo que nos encheu o saco. Afinal, resposta é resposta. Não temos como tirar disso uma ética dada. Ninguém a tem.

Mesmo o processo analítico intensivo e preciso não pode, na melhor das hipóteses, fazer mais do que enriquecer o campo da consciência das sobre-determinações. A análise pode enriquecer esta disponibilidade, assim como o estudo e outras ações. Acontece que a análise faz o estudo de um caso e se supõe que haja pessoas capazes de fazer esse estudo com o máximo de disponibilidade a ponto de parecerem neutras, ou seja, de acolher qualquer formação. O tamanho da goela, como diz Lacan e a disponibilidade de suportar verdades, como diz Nietzsche. Então, vejam que esse negócio de psicanálise está mal parado. Onde estão as pessoas capazes disso?

41. Em última instância, mesmo contando com HiperDeterminação, com possibilidade de Revirão – que é mais freqüente do que supomos e, ao mesmo tempo, raro –, **uma Pessoa é uma patota de mestria e poder.** Isto é que é terrível. Há sempre a suposição de certo saber e de exercício de poder. Nada há a discutir com isto. Mas não levamos isto em consideração, fingimos que não lidamos com isto e falamos mal do poder como se fosse uma instância alienada a outrem. O poder está instalado aqui e agora: só há poder lá porque há poder cá. Parece brincadeira, mas é sério, é como dizer que não se pediu para nascer. Se a situação é tal e nada fazemos, então estamos sendo coniventes. Os atos de bravura, sejam eles do heroísmo oficial ou do banditismo, são tentativas de suspender o definido. Quando alguém nos assalta na rua, ele é que é o herói. Podemos não gostar e dar-lhe um tiro também, então viramos herói da defesa da pessoa. Isto leva a uma relativização geral nas éticas vigentes. Como disse, Pessoa é patota que envolve mestria e poder. É o que Lacan quer dizer ao afirmar que o discurso da filosofia é o discurso do Dono, do Mestre. Na língua inglesa, o nome fica melhor: *fellowsopher* – troço que jamais dará certo, pois são patotas filosóficas.

A psicanálise sofre da mesma coisa, basta que se institua ou abra a boca que começa a sofrer de patotice. Como sair desta? Não adianta Estragos Gerais, pois é outra patotice. Não seria uma patotice, para não dizer patético, se houvesse uma disponibilidade analítica para os analistas em conjunto. Isto não existe. Lacan bem que tentou, fez um esforço enorme, inclusive para teorizar sobre isso. Não conseguiu nem teorizar, nem, do ponto de vista institucional, produzir uma postura analítica para os analistas em conjunto. Seria a manutenção da análise da patota, a manutenção e a suspensão permanentes disto.

• **P** – *A questão do poder é bastante relegada no pensamento ocidental. Foucault foi dos poucos a considerá-la.*

Chamou atenção para a vigência do poder. Mas mesmo os foucaultianos fingiram não ver.

• **P** – *Há, em Deleuze, a idéia de sociedade de controle.*

Toda e qualquer sociedade é de controle. Inclusive, esta aqui. Não adianta nossa crítica ser do mesmo modo e do mesmo nível, pois o que nos interessa é saber que o manejo depende do reconhecimento disso. Qualquer mínima denegação da vigência de poder já estraga o entendimento. Como supor que haja análise possível sem saber que há uma relação de força ferrenha num processo analítico? Como situar a sobrevivência da psicanálise – que, segundo esta vertente, se definiria pelo acolhimento da diferença, pela radical inclusão –, em contraposição à filosofia como mestria, distinção e exclusão? Como fazer viger a psicanálise que está sendo dita aqui? Qual é o grande problema de pensar a psicanálise? Se pensamos, ou seja, se articulamos algo, já decaímos para o nível do ser, do ser algo, do ser definido, do ser limitado. Entendem por que a psicanálise vem sendo fagocitada desde seu nascimento por alguma área, pela ciência, pela filosofia? Pela arte, não foi. Não adianta fingir que está explicitada na pintura ou no cinema.

Temos que jogar eternamente entre a distinção e a indistinção, entre a formação, com seus limites, e a suspeição dessa formação. Não existe, não comparece o lado de cá. Só comparece como permanente equivocação, como Lacan percebeu. Dada uma formação, o que se pode fazer é suspeitar dela,

mais nada. A filosofia não suspeita de seu escopo, é um outro filósofo que suspeita do de cá, mas este de cá não suspeita de sua própria formação. São questões específicas da psicanálise. Não é possível abordar o campo sem o mínimo de teorização, a qual, em alguma região, é necessariamente excludente. Então, faço a suposição: nem ciência nem filosofia. Que forma de articulação pode se manter teórica (ou quase) de modo a, por mais aparentemente fechada em seu enunciado, ser em si mesma inclusiva? Dito de outro modo: quando um filósofo novo coloca um novo conceito no mundo, produz um filosofema, ele não tem esse problema, pois construirá um paradigma e, com isto, procurará dar conta de tudo ou do máximo que puder. Mas ele não se exclui, não se questiona, pois ele é absolutamente si mesmo e exclusivo. Se o filósofo começar a duvidar aqui e agora de seu filosofema, ele paralisa. Uma teoria psicanalítica devia se parecer muito com uma filosofia, pois é uma teoria, nesse aspecto.

Não basta colocar-se como inclusiva por fazer caras e bocas de que o é. Qualquer filosofia pode dizer-se inclusiva, a igreja cristã também, só que tem um inferno lá onde as pessoas são jogadas. Quero pensar a possibilidade de articular um teorema que seja em si mesmo inclusivo. Com isto, quero explicar por que coloquei a virada “Haver quer não-Haver” como ALEI.

• **P** – *Isto inclui tudo?*

Não sei. Tenho que suspeitar, pois, se disse a frase, já está sob suspeita. Quero indicar que os problemas teóricos do Oriente são sériíssimos. Tenta-se buscar produzir o silêncio, pois, se abrimos a boca, ferrou. No entanto, aquilo também é iniciatório, pois não tem transa, não há análise possível, ou seja, não há aumento das possibilidades por enriquecimento das formações. O que há é produção de silêncio, ou, se não, de enigmas. Lacan, durante algum tempo, ficou perplexo, achou que tudo era enigmático em psicanálise. Se assim fosse, nos mudaríamos para o Oriente e não precisaríamos de psicanálise. O modo de produção de silêncio em psicanálise não é imediato. Não se tenta produzir o silêncio para daí tirar os recursos. Ao contrário, produzimos silêncio pelo excesso de equivocação, por chamar à ordem o outro alelo. A metodologia é radicalmente diferente: não se começa tentando esvaziar, esvazia-se pela

banalização: “Você diz isso, mas e aquilo? Sai dessa!” Um dia, não sai mais... O ideal seria não mais abrir a boca.

• **P** – *O método de começar pelo vazio é filosófico. Declara-se que há vazio e se desconsidera que isto é um processo.*

Por outro lado, aqui, declara-se que há Revirão. E agora? Notem as funções do poder. Por que motivo suspeitarei mais dos outros do que de mim? Não tenho motivo para isto.

• **P** – *Que filosofia pode entender o que é análise infinita?*

Wittgenstein? Mas aquilo é filosofia?

• **P** – *Podemos ir a Heráclito e Parmênides.*

Aí não brinco! Estamos no campo do poema, é o Pensamento Perplexo como o nosso. Mas, se é pensamento perplexo, é filosofia?

• **P** – *Depois a arché decai.*

Não pode haver uma *arché* que não continue funcionando. É balela da história da filosofia designar a *arché* e dizer que ela está ali, mas não está. Onde está? Nem mesmo está na teoria psicanalítica.

• **P** – *Mas em Sócrates continuou funcionando.*

Lacan disse que Sócrates era analista. Mas como se comunica isto? Na filosofia, é fácil comunicar. Basta fazer mestrado...

42. O questionamento do que pode ser a psicanálise bate direto com outra questão interna à psicanálise e à filosofia: a Morte. Nós, NovaMente, afirmamos que **a morte não há**. Afirmção que se baseia no fato de que não há experiência, nem registro de morte, e sim apenas o nome dessa experiência, como tal inexistente, embora desejada. Se retirarmos toda a resistência de uma pessoa, ela quererá morrer na hora, não quererá senão morrer. As pessoas não percebem que a Pulsão é nítida. “A vida é o conjunto de forças que resistem à morte” – definição bem bolada de Claude Bernard. Se retirarem as resistências, tudo quer morrer. Mas, pelo que acabamos de dizer, “a morte não há”, e esta afirmação, do ponto de vista analítico, não é contraditória com outra: “A morte é certa”. Aliás, é a única certeza atual, aquiagora, das pessoas. Podemos

supor que se baseiam na inferência da morte registrada de todos os existentes, no diacrônico e no sincrônico, mas a certeza da morte é analisável? Todos têm certeza de que vão morrer, isto é analisável? O não-Haver é o impossível absoluto, mas qual é a relação da Morte com o não-Haver? Esta questão não é fácil.

• **P** – *Quando se diz que “a morte é certa”, o que se chama de morte?*

A desintegração de determinado sistema que constitui certo pessoal. É uma maneira de dizer. Em qualquer nível de Pessoa que pensemos, as coisas morrem. Mesmo as idéias morrem. Estou perguntando se é possível analisar a certeza da morte. É todo mundo que vai morrer? Esta é uma questão fundamental para a psicanálise. Considerem as filosofias do ser-para-a-morte. Elas têm uma certeza de morte, portanto, o homem é um ser-para-a-morte. Mas certeza de morte é o mesmo que ser-para-a-morte? Certeza de morte é analisável? Que limite é este onde podemos bater de cara? Vivemos criando expedientes de imortalidade: Academia Brasileira de Letras. Recentemente, fui lá ter a experiência de ver a imortalidade ser criada. Não entendi nada.

• **P** – *Barão de Itararé dizia: “Eu sou imortal, não tenho onde cair morto”.*

Como vamos morrer se não temos onde cair mortos? Ele era uma figura ótima, andava ali pela Cinelândia, um velhinho barbudo, uma barba tipo Bachelard, mas não tinha nem onde cair vivo, coitado. O analisando tem certeza de que, um dia, morrerá. Devo lhe perguntar: “E se você não morrer?” A questão parece inútil. O poeta Robert Desnos (1900-1945) dormia com um revólver debaixo do travesseiro. Quando lhe perguntavam se tinha medo de ladrão, dizia: “Não, é minha porta de saída”. Isto é certeza de morte como bálsamo, como alívio: “Se a morte é inevitável, então estou salvo, pois nada durará para sempre”. Mas isto é analisável?

• **P** – *O medo da morte é analisável.*

Não acredito que alguém tenha medo da morte, pois ninguém sabe o que é. Devem ter medo de doer ou de outras coisas. Como se pode ter medo de algo que não se conhece? Minha questão é se, na análise, devo insistir em suspender a certeza de morte. Segundo a Nova Psicanálise – tenho que zombar

dela também, já que ninguém faz... –, suponhamos que o Haver se neutralize por inteiro. Todas as formações somem, portanto, nada subsiste em sua forma, só o Haver como neutralidade absoluta. Refiro-me à morte no sentido de estrago, sumiço, perecimento reconhecível. A experiência de morte não há, mas a pessoa, mesmo supondo que nunca terá experiência de morte, pode dar “graçasadeus!” que essa droga acaba. Ela não terá a maravilhosa experiência de: “Ah! Acabou!” Assim, haveria um limite, pois tipo algum de sofrimento seria para sempre. Mas é claro que será para sempre. Minha questão é o que a psicanálise faz com isto. Se levantarmos essa certeza, estamos no regime do terror. Qual a saída de vários pensamentos, sobretudo religiosos? Não há certeza de morte, porque morte é passagem para a vida eterna. Ora, isto é um alívio para eles. Percebem que estamos tocando no indecível? A condenação é, do ponto de vista de sua estada, você estar aí para sempre. Não adianta alguém dizer que um outro morreu. Isto é maneira de dizer, pois não faz a menor idéia do que aconteceu.

28/AGO

43. É impossível distinguir o que seja um **indivíduo**, mas quero supor que a noção de indivíduo só pode resultar de um ato de discreção. Como separar o que é indivíduo do que não é em qualquer circunstância, seja relativamente às pessoas ou às coisas? Então, é resultante de um ato de discreção, de separação. Na verdade, estou separando um pedaço e o chamando de indivíduo *pela separação*. É bom ter isto em mente, pois pensamos que o indivíduo é algo dado, quando é um conceito como outro qualquer, que depende de ato de discreção. O franjal de qualquer indivíduo, se levado em conta, não admitiria separação, pois isto que chamamos de indivíduo tem uma zona franjal imensa e quando a consideramos, ela não admite separação. Então, é preciso separar primeiro e nomear depois.

44. A querela dos universais parece que sustentou toda a Idade Média, na filosofia – embora tenha vindo de Platão –, e ninguém a resolveu até hoje. A este respeito, houve até a briga teórica de Edmund Husserl (1859-1938) com Alexius Meinong (1853-1920). Faço a sugestão de que essa querela possa ser bem resolvida mediante explicitação do conceito de Revirão. Não digo que a resolvi, e sim que pode ser trabalhada por aí. Porque a mente da IdioFormação funciona em Revirão, lhe é possível nomear o inexistente de última instância, isto é, o não-Haver e, semelhantemente, os ditos universais. O não-Haver tem existência? Sim, no Secundário por Revirão, embora não no Primário. Vemos a dificuldade daquelas pessoas em explicar essa distinção entre o nome e a coisa. No entanto, nossa separação em Primário e Secundário permite tentar resolver a questão e, se assim for, todo o problema passa a ser: de que é feito o Primário? Não me venham com substâncias e coisas dessa ordem. Do que é feito o Secundário? Isto é o que precisa receber nova articulação.

Digamos que seja a mesma distinção que se supõe haver entre *hard* e *soft*, também de fronteira indefinida; ou que se falasse em corporais e incorpórais, segundo tentativa que já houve. Ainda assim, falta conceituar de alguma maneira a tessitura, (ou melhor, o termo latino:) a *res* de Primário e de Secundário. Qual é a *res*, a coisa, de Primário e de Secundário? Gostaria que viéssemos a situar esta questão, pois ela não há em Freud, em Lacan, na psicanálise. Na filosofia, falam-se coisas as mais estapafúrdias. Na verdade, quem melhor a situa para nós é a ciência: a postura científica vai resolver qual é a coisa da coisa. Qual é a coisa da coisa Primária, qual é a coisa da coisa Secundária? Esse negócio de material não nos serve, mesmo porque está declarado pela Nova Psicanálise que o Haver é homogêneo.

Repetindo, o nominalismo, com a querela dos universais, pode ser ajudado em sua reflexão com o conceito de Revirão. Se o Secundário pode revirar com facilidade, o Primário só revira enquanto Haver, e não enquanto formações do Haver, embora possa ser revirado por quem revira: pelo Haver e por nós, com maior ou menor dificuldade. Pelo fato de o impossível não ser absoluto, podemos, em conseguindo pagar o preço, revirar o Primário, justa-

mente porque esse impossível é modal. Isto é importante, pois, na facilidade de reviramento de Secundário – embora seja difícil como o diabo (quem conhece um bom neurótico, sabe que aquilo não revira), ainda que, relativamente ao Primário, seja fácil revirar –, essa revirada propõe, por exemplo, o não-Haver. Quando o Revirão não bate de frente com nenhuma formação recalcan-te imediata, é fácil revirar. Então, qualquer pessoa que não esteja religiosamente proibida de pensar em não-Haver, pensará espontaneamente em não-Haver. Assim, do ponto de vista de sua havência no Primário, ele é Impossível Absoluto, mas é nomeável no Secundário. Como não estou definindo esta questão pelo Simbólico (de Lacan), devemos pensar qual é a coisa do Primário e qual é a coisa do Secundário. Sabemos que as tentativas foram muitíssimas e de grande porte. Deixemos este problema em suspenso.

• **P** – *Diante da sua própria teoria, não seria inadequado perguntar qual é a coisa de cada coisa? Se há homogeneidade, não seria mais correto perguntar como essa coisa se articula em Primário e Secundário?*

Está correto, pois não se trata de perguntar qual é a coisa, e sim como é a coisa do Primário e como é a coisa do Secundário. Mas podíamos também saber como é a coisa em qualquer nível.

• **P** – *Que não sabemos direito.*

Sabemos sim, inventamos uns nomes. Digo isto em termos de saber com maior precisão e ter maior possibilidade de manejo, ou seja, de tecnologia. Não sabemos ainda a tecnologia da coisa.

45. Por que a AMÃE, OPAI, OFILHO, OESPÍRITO, AMÉM? Por que a AR-RELIGIÃO? Por que o retorno à Pessoa? Dois motivos maiores: 1) o retorno em estupidez às crendices e religiões: como falar na guerra presente no mundo no mesmo jargão e em contrário? Como subverter por dentro?; 2) o valor conceitual de algumas idéias religiosas provindas ou não do Livro – judeus, cristãos, islâmicos – ou vindas de outra parte, se forem deslocadas dos fechamentos conteudísticos das narrativas religiosas, acabam por ter grande serventia para os teoremas de NovaMente.

Desde o Iluminismo, há a vontade de distinção entre as religiões e a coisa séria, científica ou filosófica. Essas tentativas de discriminação – porque são discriminadoras – são demonstrações de heterogeneidade ou, pelo menos, de heteronomia, heterologia, algo assim. A questão é haver uma clivagem nesse processo. Assim, nesse esforço de distinção, percebemos aqueles que acomodam sua filosofia a alguma teologia, mormente do Livro. Por exemplo, entre os que citei referidos ao personalismo, há judeus, como Martin Buber – e mesmo personalistas islâmicos, pois, se lermos bem a Idade Média, veremos brotar algo desse tipo. Os filósofos e os pensadores que se esteiam no Livro são, portanto, de cepa religiosa mais do que outra coisa. E há os que querem se distinguir não se remetendo de modo algum a posição religiosa alguma. A meu ver, isto foi bom para escapar da hegemonia da Igreja Católica, com sua violência e poder absolutista durante milênios. Entretanto, junto com a água foi a criança, pois, para fazer a distinção com veemência, jogou-se fora um conjunto de conceitos da melhor qualidade, desde que distinguidos da figuração religiosa que se lhes dava. Certamente que Descartes pendurou seu sujeito no Deus cristão, mas, pelo menos, fez uma diferença para a filosofia. Portanto, o retorno à Pessoa é retorno a conceitos da maior funcionalidade e da melhor qualidade que vigoravam nesse pensamento abstruso ligado à religião. É o que quero supor e é o que tomo de volta.

Alerto-os, pois se começarem a falar disso, poderão dar a impressão, ou, se não, se aproveitarão disso para dizer que a Nova Psicanálise está pendurada nessa figuração religiosa, ainda mais por existir na UniverCidade-DeDeus... Acho perfeito ser assim, justamente por falar as mesmas palavras e nada ter a ver com o que estão dizendo. É equivocante e subversivo pela definição que damos aos termos que usam. Assim, ao considerarmos o termo Pessoa e o redefinirmos como aqui foi definido – como constituição de Primário, Secundário e Originário –, acaba o sentido que querem dar à pessoa. Basta ler os textos para ver que esse termo é uma figuração anedótica da formação religiosa, onde não são apresentados nem argumentos. Trata-se de princípio de autoridade. Aliás, isto vem do uso que se fez de Aristóteles, pois

a autoridade aristotélica estava acima de qualquer reflexão possível. Quando descobriram que ele tinha existido – demoraram a encontrar seus textos –, passou a ser uma autoridade intocável, apesar do monte de besteiras que dizia e das coisas abstrusas que afirmava a respeito da mais banal ciência. Ele tinha toda a grana que Felipe da Macedônia lhe dava para seus discípulos fazerem pesquisas, só que pesquisavam um monte de besteiras nas quais ele acreditava. Entretanto, ficou como autoridade inquestionável na fundação do pensamento teológico cristão.

Suponho que, deslocados dos conteúdos religiosos, esses conceitos sejam de grande serventia para nossos teoremas. Por exemplo, a Trindade Divina das Pessoas reunida numa só Pessoa. Configurou, você ajoelha e reza: Deus como Pai, Filho e Espírito Santo. Lacan aproveitou isto de montão, já que é uma idéia brilhante e rentável, para designar sua própria trindade de Real, Simbólico e Imaginário. Não precisamos de mais demonstração sobre isto. Há anos, sugeri a leitura do livro de Dani-Robert Dufour, *Les Mystères de la trinité* (Paris: Gallimard, 1990). Não há mistério algum, ele mostra de onde saem as coisas. Justamente, o livro é a indicação de que a trindade lacaniana é a recomposição, a re-nomeação, da famosa trindade divina do cristianismo. Do cristianismo, pois judeu não tem trindade, seu monoteísmo é de um, enquanto o do cristianismo é de, pelo menos, três. A moça, segundo se supõe, teve aquela criança com treze anos. Bons tempos da pedofilia... Vejam que o monoteísmo judaico não estabelece vínculo que não seja diretamente ditado por um Deus único. Assim, nada há do lado de cá que corresponda lá para poder fazer a vinculação. Já esta é a grande invenção do cristianismo: o que tem lá, tem cá, então faz vínculo.

Quero remeter essa trindade, como fez Lacan, ao nó chamado borromeu que, na verdade, é uma cadeia na qual todos estamos inelutavelmente presos. Essa idéia foi bem bolada, mas com a qual Lacan não soube mais o que fazer, e acabou virando uma balbúrdia de nodulações que não sabemos para quê servem. Lacan não conseguia perder aquela mania de fazer ciência de tudo e, quando desistiu, apareceu o nó borromeano. Era espantoso ver em sua

Escola aquelas mulheres loucas debruçadas sobre pranchetas enormes desenhando nós inconcebíveis. Nunca consegui entender onde queria chegar com aquilo, era pura afetação – é como fazer exercício de aritmética, não se pára mais. Não precisamos dessa complicação toda, pois a lógica do nó já é suficiente para pensar muita coisa sem necessidade de multiplicar as nodulações.

Depois de muitos anos de abandono, retorno a pegar o borromeu, pois serve para muita coisa. Quem sabe, podemos aproveitar essa beleza topológica para restaurar o borromeu de Primário, Secundário e Originário? Pode ser rentável esta pedida. Funciona bem em caso de IdioFormação porque não há Pessoa sem a boa amarração desses três registros em rede ou cadeia. Contudo, podemos aproveitar o construto – não é idealismo platônico, já que sua produção é concreta e, no entanto, sem quantificação – para coisa melhor: considerar o borromeu de primeira pessoa, de segunda pessoa e de terceira pessoa do singular e do plural: *eu, tu, el, nós, vós, els*. Coloco assim para não falar em masculino ou feminino, defeito grave de nossa língua, em que a terceira pessoa é sexuada ou generada. Não temos o neutro, por exemplo, do inglês, que nos faz enorme falta.

Introduzir a trindade nos registros de Primário, Secundário e Originário é muito rentável. De fato, Primário, Secundário e Originário é coisa de IdioFormação. Em não sendo assim, é Primário puro. Lembrando que o Primário se configura segundo os registros de autossoma e etossoma. Então, em sendo IdioFormação, há Primário, Secundário e Originário, e, se retirarmos qualquer deles, a IdioFormação desaparece: retirado o Primário, não há mais IdioFormação; se houver algum acidente que elimine o Originário, acabou a IdioFormação; se houver algum acidente que elimine o Secundário ou o estropie, acabou a IdioFormação. Por exemplo, um idoso com Alzheimer é ainda uma Pessoa?

• **P** – *No máximo, um ecossistema lesado.*

O que está funcionando? Nem o Primário, naquela região, funciona mais. E o Secundário não funciona em vazio, e sim sobre o Primário. Pergunto se há IdioFormação. Por exemplo, um cachorro está com o cérebro perfeito

e não é IdioFormação. Vejam como nos perdemos. No caso do idoso, como aquilo costumava ser uma Pessoa que parecia ter funcionalidade Primária, Secundária e Originária e, de repente, não funciona mais, nos reportamos à sua história para dizer que é uma Pessoa. Mas ainda é? Não sei, me digam. Trata-se de um problema seriíssimo.

• **P** – *Às vezes tem uns lampejos.*

Vamos a Marcel Duchamp: se deixarmos cair um livro da estante e o vento o abrir em certa página, isto será um lampejo de lucidez.

• **P** – *Do Haver?*

Um lampejo de lucidez sem IdioFormação alguma em jogo.

A pergunta é: há uma Pessoa ali? Vejam a quantidade de questões que isto permite tocar, sem permissão ética de serem abordadas. Como ética aqui é pura política e estamos falando de outra coisa, podemos abordar isso.

• **P** – *Quando o Originário não está funcionando, no processo dito estacionário ou regressivo, estamos diante de uma Pessoa?*

Estamos diante de certo tipo de animal. O problema de lidar com a neurose enquanto tal é aquilo ser um bicho. Não estou dizendo que aquela gente que está ali seja bicho, e sim que está configurada por via secundária como animal de certa espécie. É, pois, uma espécie neo-etológica, um animal de segundo grau. No entanto, se mantemos a suposição de que há Revirão disponível, de que certamente aquilo muda de lugar onde não há recalçamento e forças recalcentes, temos que considerar que é uma IdioFormação. Isto porque a Pessoa em jogo não é apenas o aspecto, uma configuração de sua neurose, pois há outras jogadas não submetidas à ordem do Recalque. Então, aquilo revira. Por exemplo, a pessoa pode ser um excelente matemático e extremamente neurótico.

• **P** – *Em geral, não são psicóticos?*

Matemático gosta de psicose. Têm boa tendência para pirar e acho que têm toda razão, pois, quando mexemos nesse *soft* muito *soft*, se não fizermos uma âncora, vamos embora. Então, fazem uma âncora psicótica. Lacan não se achava psicótico *ma non troppo*? Ele queria ser um pouco mais psicótico, mas, como disse no começo, “não fica louco quem quer”.

46. É preciso lembrar que *nós*, plural de *eu*, não é *eu + tu + eles*. Ou é? Quando dizemos um *nós* que inclua *vós* e *eles*, reunimos todas as pessoas numa só pessoa, e isso só pode ocorrer mediante Vínculo Absoluto. No entanto, quando dizemos “*nós*, os vermelhos”, “*nós*, os amarelos”, “*nós*, os azuis”, não se trata desse tipo de vinculação, pois não é o mesmo que dizer “*nós*, os borromeus”. Observem que, na relação de pessoa, do singular para o plural, há o mesmo problema da situação de *eu* que Jakobson colocava como enunciado e enunciação.

• **P** – Qual a diferença entre “*nós*, os vermelhos” e “*nós*, os borromeus”?

Quando nomeamos o plural de *eu*, fazemos uma distinção de patotas. Assim como o *eu* escorrega, quando falo este *eu* no plural digo *nós* referido a *eu* sem escorregar, sem resvalar, então, estou falando de partido, de seita, de grupo, de conjunto de *eus* que têm a mesma pessoa configurada, desenhável, narrável. No entanto, o *nós* quando escorrega, resvala – como escorrega o *eu* (da enunciação, de Jakobson) – para *você*: não posso dizer “*eu* sou *você*”, mas posso gramaticalmente dizer “*eu* sou *eu*” e “*você* é *eu*” – para uma situação que tem que nodular os *nós* anteriores. No Nordeste do Brasil, há a brincadeira de cordão azul e cordão encarnado. Ora, se aqui é o cordão encarnado e ali o azul, o *nós* daqui não é aquele *nós* dali. Assim como com o *eu*, onde houve um recorte, uma separação e esse *nós* é referido a essa separação. Contudo, é possível que, em muitas línguas, possamos generalizar esse *nós* para dizer “*nós*, vermelhos; *nós*, azuis; *nós*, encarnados; *nós*, amarelos”. Aí fizemos um nó de *nós*, criamos alguma amarração entre eles. Refiro-me a um nó, o borromeu. Se tivermos um cordão azul e outro vermelho, tudo que pertencer à ordem do cordão encarnado será um *nós*; tudo da ordem do azul será outro *nós*, etc. Mas, na nodulação, *nós* faz nó de todos estes cordões: *nós*, os borromeus – português é bom porque é a mesma palavra: *nós* faz *nós*. Então, se faço a distinção, *nós* os amarelos, *nós* os azuis, *nós* os vermelhos, não é o mesmo que dizer *nós* os borromeus, pois a coisa resvala, assim como *eu* resvala para que *você* seja *eu* também. *Eu* e *nós* são ambíguos, pois qualquer um se chama de *eu*, e *nós* pode ser a minha patota de *eu* ou o conjunto de todas as pessoas gramaticais. No meio das pessoas gramaticais, a primeira é extremamente ambígua, *eu* pode ser *você*, mas *você* não pode ser *eu* e *tu* não é *eu* jamais.

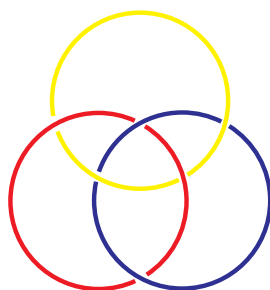
• **P** – *Só em japonês...*

Mas deve haver algo na gramática que faz alguma distinção, pois *tu* não é *eu* nem querendo, mas *eu* pode ser *tu*; *eu* pode ser *ele*, mas *ele* não pode ser *eu*; *nós* pode ser *tutti quanti*, mas *tutti quanti* não pode ser o *nós* da separação. Estou brincando com a língua, em todos os sentidos (não é uma questão de sexo oral) para mostrar que não é apenas nela que isso acontece. É apenas na língua que isso acontece? É apenas no Secundário que isso acontece? Acontece no Primário, dado que ele não é inocente? Ele é vivo, é constituído de autossoma e etossoma; quando não é, os comportamentos são das ocasiões, por exemplo, uma reação química entre dois elementos que passaram perto um do outro. Há um comportamento aí? Claro que sim, mas não é da ordem do vivo. Por que esta mania do mercúrio de não poder passar perto do ouro sem copular? Isto é etossomático, ele tem um cacoete. Não é estranho que haja uma reação química, que comecem a se comportar copulatoriamente, no sentido da cópula lógica?

O paradigma da psicanálise é sexual, desde Freud. Sexual este generalizado na Quebra de Simetria, na vontade de Simetria. Haver quer não-Haver: fodeu (em todos os sentidos da palavra). Este verbo é fundamental e os filósofos não o usarem é uma estupidez, pois ficam sem poder pensar muita coisa. Se a filosofia tem preconceito com o verbo *foder*, não pensa mais. Digam-me um filósofo que saiba o que seja foder? Apenas o Marquês de Sade! A exclusão disso na filosofia é uma imbecilidade. Entendem por que o paradigma da psicanálise é sexual? Porque fodeu! Temos que pensar dentro desse regime. Como seria possível ao mesmo tempo ter censura com o sexual e pensar a psicanálise? Aí, alguns fazem filosofia dizendo fazer psicanálise. Não há isto em Lacan ou em Freud – todos se fodiam muito bem, pois estavam fodidos. Às vezes, temos que sair da língua e pensar em termos de pornô. Podemos dizer *pornologia*, pois estamos falando *a respeito*.

Pensem em termos pornológicos. Por exemplo, o que acontece com o nó borromeu. Em primeiro lugar, isto não é um nó, e sim uma cadeia feita de tal maneira que, se retirarmos um dos elos, a cadeia desaparece. Ou seja, é uma nodulação, uma unidade, em cadeia ou rede de, pelo menos, três elementos que se nodulam de maneira que basta tirar um para destruir imediatamente o

nó. Isto pode ser infinitamente grande, pois não tem tamanho. A cadeia borromeu, ou o nó borromeu, como quiserem, serve para muita coisa. Qualquer um dos elos está situado, em qualquer posição, sempre embaixo de um e em cima de outro. Por exemplo, o vermelho está inteiramente por cima do amarelo e inteiramente por baixo do azul. Mas podemos considerar qualquer posição, pois estarão inteiramente por cima de um e inteiramente por baixo de outro. E há a característica de, se soltar um, acaba a nodulação, a cadeia. Exatamente como funcionam Primário, Secundário e Originário.



Parece ser mais difícil conceber que *eu*, *tu*, *ele* ou *nós*, *vós*, *eles* façam nó borromeano, mas digo que fazem – não me lembro se há isto na obra de Lacan. Assim, *eu*, *tu*, *ele* faz nó, faz cadeia borromeana e faz dentro e fora da língua. Não falo dentro e fora do Secundário, e sim que, se há Secundário para além da língua, isto faz nó. E deve fazer nó também em relações do Primário, em relações autossomáticas e etossomáticas, que não sabemos ler ainda. Se considerarmos do ponto de vista da língua, certa visão gramatical, sintática, diz assim: *eu* é quem fala, *tu* é com quem se fala e *ele* é de quem se fala. Estou falando com *tu* e, de repente, falo de um terceiro, *ele*. Esse vetor vai para lá e vem para cá: quando *tu* vira *eu* – como já sabemos, *tu* pode virar *eu*, mas *eu* não pode virar *tu* –, joga o vetor para o lado de cá e continuamos a falar *dele*. Meu interesse é dizer que *eu*, *tu*, *ele* faz nó borromeu. Se *eu* não tem *tu*, tampouco tem *ele* e acabou o papo. Chamo a atenção para isto, pois alguns personalistas – por exemplo, Emmanuel Lévinas (1906-1995) –, buscam o *tu* por procurarem Deus como Pessoa, mas não estamos nessa. Digo que não é

possível colocar *eu* se não há *tu* e *ele*. Se eliminarmos *eu* ou *tu*, não há papo, não há transa.

• **P** – Eu *sempre fala com alguém*?

Em algum lugar, Lacan comenta a idéia de Piaget de que a criança em tal fase falaria sozinha. Lacan diz que isto não existe. Então, perguntaram com quem as crianças estão falando. Respondeu ele: “*Ils parlent à la cantonade*”. É uma de suas melhores piadas. Se falamos, não há solipsismo. Ninguém fala sozinho, nem o louco varrido. Havia um analisando muito estranho que, um dia, deitado no divã, disse que aprendeu a ler sozinho. Isto não existe! Como alguém aprendeu a ler sozinho? Vejam o tamanho da arrogância!

É como se masturbar, tem sempre *tu* e *ele*. As *Bonecas* de Bellmer, por exemplo, fazem um esforço de autocopulação, mas aquilo é artifício industrial, é prótese. Aliás, a propósito, vocês devem ter visto o filme do Fel Gibson. Que orgia! Quis ver para saber se é anti-semita como disseram, mas não é. Ele simplesmente retorna, anti-judaicamente, aos filmes de Jesus Cristo de nossa infância. Quando éramos crianças, na época da Paixão, só passava a vida de Jesus, que era exatamente assim: uma sangueira e a culpabilização dos judeus. Depois que houve aquela transa de João XXIII, pararam com isso. Não diria que o filme é anti-semita, e sim que é anti-judaico, pois tem uns judeus legais. Ou seja, não é por ser judeu que se é canalha, e sim por ser judaico. Assim, sempre que alguém se afasta da vontade judaica, torna-se legal. Então, há aqueles que não se encaixam no judaísmo porque têm empatia com Cristo. Logo, o filme não é anti-semita.

47. Quando consideramos a cadeia borromeana no que diz respeito a por baixo / por cima, por cima / por baixo, ou o que quiserem do ponto de vista dos corpos – os nós são corpos, são incorporados –, não é possível desfazer os vetores, pois o vetor imediatamente aparece como *por cima* ou *por baixo*. A respeito disto, há uma questão que tenho há décadas. Lacan insiste em considerar que o sentido do nó é sempre o mesmo, pois toma o sentido como rotação (assim como tomamos o sentido de um ponto sobre uma superfície como destrógiro ou levógiro). Então, em seus seminários, um nó, uma vez construído, pode ser destrógiro ou levógiro,

mas será sempre destrógiro ou levógiro, seja por seu direito, seja por seu avesso. Contudo, há um uso que Lacan fez do borromeano que quero reconsiderar: o de tratar o nó como conjunto. Esse nó não é para ser tratado como conjunto, pois não há ali interseções, apenas representação plana do nó, já que o nó é de fato topológico. Então, mesmo que esteja assim desenhado, ele tem a mesma lógica, *não interessando suas interseções, e sim o que há por baixo e por cima*. Deste modo, o azul está inteiramente por cima do vermelho e por baixo do amarelo; o vermelho está inteiramente por cima do amarelo e por baixo do azul; o amarelo está inteiramente por cima do azul e inteiramente por baixo do vermelho.

Lacan diz que, se considerarmos um movimento giratório, caminhando pelos nós até virarmos pelo avesso, o sentido continua o mesmo. Só há um pequeno detalhe: mudamos de cor. Mas o sentido, diz Lacan, continua o mesmo. No entanto, não quero considerar este raciocínio, pois, para mim, *o sentido não está no desenvolvimento do nó*. O sentido que quero dar é: *estar por baixo ou por cima*. Então, *no avesso*, o azul está inteiramente por cima do amarelo e por baixo do vermelho; o vermelho inteiramente por cima do azul e inteiramente por baixo do amarelo; e o amarelo inteiramente por cima do vermelho e inteiramente por baixo do azul. Se considerarmos aquela tabela da *Patemática*, à qual temos que regressar, veremos que o que chamei de *positivo* e *negativo*, *ativo* e *reativo* – que, na transa sexual, é ativo e passivo, como se costuma dizer –, envolve um vetor que não é o outro, pois são vetores opostos. Há sempre estas duplas que são vetoriais, dado que os elementos são vetorialmente instalados. O avesso não tem o mesmo sentido do direito, como Lacan usa, pois o sentido que estou dando é pela passagem *por cima* ou *por baixo*.

• **P** – *Como pensar a idéia de Progressivo e Regressivo se não tem sentido?*

Tem sentido, sim. Não tem sentido no raciocínio de Lacan, mas na orientação dos vetores, *por cima* e *por baixo*, há sentido.

• **P** – *Então, por cima e por baixo vai orientar a progressão e a regressão?*

Orientar cada uma delas. Na transa progressiva encontramos sempre o ativo e o reativo. Quero dizer com isto que a **diferença é vetorial**. Assim, se considerarmos o regressivo, teremos o regressivo para lá e o regressivo para cá.

E ainda temos as transas. Pensando em termos de cores, temos as cores primárias (vermelho, azul e amarelo) e as secundárias (aquelas que resultam da mistura luminosa destas, pelo menos, já que a química pode variar nas tintas). Então, observem que vermelho faz roxo com azul; verde com amarelo; e laranja com vermelho. Ou, ao contrário. Não esqueçam de dizer *ao contrário*, pois basta dizer a frase ao contrário para estarmos diante de *outro* vetor.

• **P** – *A ordem dos fatores altera o resultado. Se colocarmos vermelho com amarelo ou amarelo com vermelho, não é a mesma coisa aqui.*

Do ponto de vista pictórico, certamente não é a mesma coisa. Um pintor – que é alguém que sabe pintar, e não aquele que passa tinta na parede – sabe jogar com as cores para que elas digam algo. Por exemplo, Cézanne sabe muito bem que a vetorização das cores muda o quadro. O por baixo e o por cima da pincelada são extremamente importantes. Certa ocasião, eu quis dizer que todo o problema de Seurat, que inventou o pontilhismo, era este, mas não é de se demonstrar isto, pois é uma questão perceptiva. Tinha um amigo muito interessante, chamado Simeão Leal, que comprava livros para encher estantes, achando que, uma vez que os comprasse, estaria sabendo das coisas. Em certa conferência que ele assistiu, eu disse que gostaria de tentar resolver este problema em Seurat. Observei de perto seus quadros em Paris, já que na reprodução pode variar, e pensei que, do *ponto de vista perceptivo*, e não gráfico, Seurat jogava as cores no quadro, os pontos, de tal maneira que conseguia produzir pequenos nós colorísticos que eram talvez borromeanos. Não em cada ponto, mas por regiões. Minha tese era que, se estudássemos Seurat com muita paciência, talvez conseguíssemos mostrar que ele procedia desta maneira. Ele demorava demais para fazer aqueles quadros, não apenas por ter que colocar cada pontinho, mas por ficar visualizando o efeito de cor em cada região e no quadro por inteiro, o que é muito difícil. Depois de olhar muito, coloquei a tese: o pontilhismo de Seurat – outros fingem ser pontilhistas, mas muitos não o são, pois o pontilhismo é colorístico – é simplesmente produzir em nível perceptivo uma nodulação de cores, de maneira que, quando percebemos uma cor, ela está por cima de uma e por baixo de outra. Por

18/SET/2004

isto, o quadro vibra. Simeão, então, ouviu minha fala e foi para casa fazer isso graficamente, com seus lápis de cor. Depois, ficou falando disso na Escola de Comunicação, dizendo que o que eu colocara era impossível. Ele entendeu, mal, que o problema era gráfico, quando, na verdade, é perceptivo. Ou seja, é feito para que a percepção fique ambígua e nela se crie o efeito de nodulação. O nosso amigo poderia passar o resto da vida rabiscando que não iria conseguir nada. Mas cada um entende o que pode.

Tempos depois, achei um pintor americano chamado Clyfford Still (1904-1980) que passou a vida pintando isso. Não faz pontilhismo, mas, em seus quadros, faz grandes superfícies de cor com pequenas entradas de mais duas cores, de modo que, olhando para cada cor, ela está à frente de uma e atrás da outra. Ou seja, ele fez um nó borromeano perceptível. Em Seurat, é difícil demonstrar isto, mas esse pintor fez isso, pois era este seu problema.

• **P** – *O computador, ao trabalhar com cores, não tem essa operação de por cima e por baixo.*

Pode ser que, no computador, o *pixel* seja estritamente binário, mas as pessoas que trabalham com fotografia extraída do computador podem fazer várias operações para obter a possibilidade de sobrepor. O que interessa aí é que me parece que a pintura de Seurat tem aquele movimento vibratório luminoso justo porque, do ponto de vista perceptivo, ele consegue fazer com que cada cor esteja por cima de uma e por baixo de outra, em pequenas regiões. Esta é uma tese a ser demonstrada, nunca a desenvolvi, apenas avantei a hipótese numa conferência.

04/SET

48. Ultimamente, tenho lido algumas páginas da *Trindade* (escrita entre 400-416) de Agostinho e da *Suma Teológica* (1265-1273) de Tomás de Aquino. Interessa-me entender a cabeça dessa gente e saber por que inventaram

aquelas coisas tão esquisitas. Inventaram certamente com razão, precisavam se dar uma explicação do que se passa na cabeça das pessoas. A coisa é frequentemente complicada e estapafúrdia, mas faz sentido e alguns querem entender. Acho mesmo que a chamada filosofia medieval é rica em sugestões de pensamento e encaminhamentos. Sempre fiquei encucado com essa história de Pai, Filho e Espírito Santo. Aquilo não é de graça, é um raciocínio rebuscado. Para além de falarem de uma entidade transcendente, etc., o que querem com aquilo? Prefiro entender este questionamento deles como tentativa de dar conta do que se passa na mente. Em nosso caso, por exemplo, funciona bastante bem pensar essa *Tríade* – a tal trindade divina, as três pessoas, para além de *eu, tu, ele, nós, vós, eles* – como o **processo de geração interna ao Haver**. Na cabeça desses pensadores é disto que se trata. Ao falarem da relação entre Pai e Filho – que é posterior ao Segundo Império –, estão pensando em termos de Espírito, de relação espiritual com o mundo. Então, falam em Pai, Filho e Espírito Santo. Uma das coisas que a Idade Média garantiu para a Igreja foi que, nesse processo de geração, o Filho do Pai não é feito pelo Pai, e é sim imediatamente gerado. Isto não é brincadeira, pois há algum sentido aí.

Bem mais tarde, por volta do século XIII, inventam a Virgem Maria. Ora, essa senhora não tinha função na igreja primitiva. A meu ver é uma regressão, para dar uma espécie de Primeiro Império como base de algo que já nascera da fala dos judeus como Segundo. Assim, montaram um aparelho de Primeiro Império para quem não entendesse que a geração do Pai e do Filho pudesse ser falada só no nível Secundário. Esta geração de Pai, Filho e Espírito Santo, em que o Filho é gerado pelo Pai, mediante Espírito Santo, encaixa perfeitamente no aparecimento do Originário no seio do Primário, que produz o Secundário. Dei-me conta disto lendo autores da Idade Média.

• **P** – *O surgimento do Originário no Primário é o que possibilita o Secundário?*

Tem que haver um Primário (um animal), onde, de algum modo, o Originário entrou e possibilitou que o Secundário se instalasse. É a questão que coloco a Lacan em favor de Leclair: o Inconsciente enquanto movimento originário é o que gera o Secundário, e não o contrário. Mas Lacan precisava

entender que o Secundário estava lá para entender o que fosse Inconsciente. Então, neste ponto, estou de acordo com Leclaire.

Mesmo na alegoria da Virgem Maria, ao mesmo tempo que colocam a coisa com cara de Primário, põem a geração fora da carne: a pombinha que desce com o nome de Espírito Santo. O engraçado é que, se o Primário é a mãe e o Espírito Santo a pomba (naturalmente), o filho (ou a filha) é gerado da mesmíssima maneira: por intervenção do Espírito Santo no Primário surge o Secundário. Acho bonita essa alegoria da pomba, pois há ali duas asas, como diria Cecília Meireles, uma de luz outra de sombra: são dois alelos. São questões para mostrar como se tem pensado a coisa das mais diversas maneiras, na metáfora, na alegoria, etc. Assim, o que é gerado como Secundário, mediante Originário, é gerado a partir do Primário, quer dizer, são da mesma ordem. Por isso, não é possível que não houvesse na Idade Média a idéia de homogeneidade do Haver. Lacan coloca este processo como heterogêneo, por isso é difícil a trindade lacaniana para fazer Um. Se apresenta o borromeu fazendo Um, é algo falso, pois se é heterogêneo como pode fazer Um? Na Idade Média, Pai, Filho e Espírito Santo são três pessoas, mas são homogêneos, trata-se de uma pessoa só.

• **P** – *Essa questão em Lacan está remetida ao Secundário, pois, para ele, no princípio é o Verbo.*

Não sei se esse Verbo é Secundário. Os teólogos não concordam com que ele seja a fala. Eu também não. O Verbo é a constituição homogênea do Haver. Temos o advento do Espírito como Originário no seio da carne, do animal, como Primário. O Primário é corpo e alma, autossoma e etossoma, embora a distinção de alma e espírito seja complicada na cabeça deles. Para mim, alma é etossoma, qualquer bicho a tem, até as mulheres... (antigamente, não tinham, depois eram os índios e os negros que não a tinham, e hoje até cachorro tem). É esse advento que dá nascimento ao simbólico como Secundário, ou seja, é a insistência do Originário, que tenho chamado de Espírito, que reconfigura o Primário e o Secundário. As reconfigurações do Primário e do Secundário, que nós outros produzimos, são consequência da insistência

do movimento do Originário, portanto, da HiperDeterminação. Assim, o Pai e o Filho, pela graça do Espírito Santo, são eternamente reconfiguráveis. Isto é importante até mesmo na teologia. Teólogos protestantes recentes, de século XX, insistem em não querer repetir as alegorias do passado. Paul Tillich (1886-1965), por exemplo, muito lido e falado no Brasil na década de 70 por ser uma espécie de teólogo protestante revolucionário.

Todos os deuses e suas reconfigurações são meros personagens. Todas as religiões são meras ficções. Observem que, desde o nascimento do monoteísmo no Egito, com Akhenaton, a coisa era extremamente abstrata: ele chama de Deus o disco solar. Mas, assim mesmo, tem uma configuração, pois Akhenaton se remete ao sol para falar do disco solar. Quando chega Moisés, com seu Jeová, a coisa piora, a configuração é deslavadamente antropomórfica. A meu ver, a revelação de Moisés é decadente em relação à de Akhenaton. Chamo atenção, como Freud chamou, para o fato de que esses movimentos de explicação, alegóricos (ou não), abstratos (ou não), sempre foram tentativas de estabelecer o que se passa no psiquismo em relação ao Haver. Portanto, a invenção de Deus desse modo, no cristianismo, culmina na Idade Média com o tal de Pai, Filho e Espírito Santo.

49. Não dialética, mas sim **Trialética**. Nos movimentos de pensamento referidos à NovaMente não se fala em dialética, pois o processo é ternário. Por exemplo, a dialética do dono e do escravo de Hegel é, de fato, a **Trialética do Dono, do Escravo e do Mundo**. Hegel escamoteia isto. Lendo a *Fenomenologia do Espírito*, vemos que ele coloca três termos, mas desaparece com o terceiro na conversa. Mesmo assim, ao descrever o processo, ele o constrói com três tempos: *tese*, *antítese* e *síntese*, sempre escondendo o terceiro elemento, pois precisa ser um pensador do binário. O dono determina, ou melhor, para usar um verbo cuja força é interessante, o dono *fode* o escravo. É o **processo de sobre-determinação**: o dono sobre-determina o escravo, ou seja, fode com o escravo; o escravo, determinado pelo dono, sobre-determina o mundo, fode com o mundo; mundo este que, uma vez sobre-determinado desse

modo, acaba fodendo com o dono. É um trenzinho! Digo essas coisas não por brincadeira, mas porque é assim e é assim que está na linguagem do povo, que não diz essas coisas só por ignorância; há um entendimento aí. A tal dialética do dono e do escravo fica clara quando entendida nesse sentido. O dono quer determinar, apossar-se do escravo, ou seja, sobredeterminar o escravo a modificar o mundo para si; quando o escravo modifica o mundo para o dono, este se fode, pois o mundo então não é mais aquele.

Isto é inteligentíssimo em Hegel, mas é preciso acabar com essa noção de *dialética* e introduzir o terceiro como um elemento da cadeia, e não como algo que possamos escamotear, deixando a relação apenas entre senhor e escravo. Não existe relação imediata e direta entre dono e escravo, ela é ternária; como não existe relação imediata entre *eu, tu e ele*; Pai, Filho e Espírito Santo; Primário, Secundário e Originário. Um vai determinando o outro, que vai determinando este um. Assim, quando o Originário se embute dentro do Primário, que era dado e só se modificava por uma eventual HiperDeterminação que acontecesse no seio do Haver, deforma o mundo como Secundário e, hoje, podemos deformar o Primário.

• **P** – *Não vemos esse movimento na noção de síntese, de Hegel?*

Uma coisa, é termos dois tempos referidos a um repique, qualquer um que toca bateria sabe disso, outra, muito diferente, é termos três tempos. É preciso cuidado com esse tipo de reflexão que, ao encontrar a coisa aqui e ali, acaba dizendo que é a mesma coisa quando não é. A lógica de procedimento é diferente. Hegel é alguém binário, como Freud, que, pressionado pela ciência de seu tempo, se virava para ser binário, embora não conseguisse muito bem, pois o Inconsciente não deixava. Mas queria sim apresentar tudo de modo binário: pulsão de vida e pulsão de morte. É uma bobagem que teria que ser equacionada de outro modo para quem reconhece mesmo o movimento do Inconsciente.

A reação do escravo, também está em Hegel, não é diretamente ao dono, mas ao mundo, que, transformado por essa reação do escravo, transforma o dono. Ou seja, reage ao dono, mediante a transformação do mundo. Tudo

isso cabendo na lógica ternária do borromeu. Na escamoteação do segundo, parece que entre primeiro e terceiro se estabelece a transa descrita por Escher, da mão que desenha a mão que a desenha, mas, de fato, a transa é ternária, é borromeana. Quando Escher apresenta seu desenho dá a impressão de que é binário, mas, se incluirmos o desenhista que desenha a mão que a desenha, o processo imediatamente se torna ternário. A ação está embutida no fato de aquilo ser um desenho em que se apresenta a mão que desenha a mão que a desenha. Além do mais, é um desenho, ou seja, não conseguimos aquilo se não for por *desenho*. O interessante na produção de Escher é ele demonstrar que tudo aquilo funciona muito bem *como desenho*. Por exemplo, quando reverte a perspectiva, de maneira que o que está subindo também está descendo, isto só acontece em nível de desenho; quando inverte a perspectiva e a coluna da frente passa para trás, isto só acontece em nível do desenho. Mas acontece. Não podemos dizer que é irreal porque não acontece *in natura* ou coisa semelhante: é absolutamente real, porque *acontece no desenho*. Acontece no desenho, acontece no sonho; se acontece no sonho, acontece no Haver.

50. Trata-se do mesmo processo que podemos chamar de **Cura** (que quer dizer o cuidado, o tratamento). O que se passa ali entre analista e analisando? Não existem duas pessoas em uma análise, há pelo menos três. Caso contrário, não funciona. O que se arranja ali? O senhor, o *dono*, é o analisando, que determina, isto é, aluga, paga, faz algo para determinar a condição do analista como *escravo*. Assim, o analista está ali de escravo do analisando. Esse escravo opera desfigurando o *Senso*, desfigurando o *mundo* que é trazido pelo dono. O analisando tenta escravizar o analista para que este mude o mundo do analisando que está mal. Só que o analista não muda para o lado que o analisando quer. O analista como escravo muda para o lado que mudar, empurra o mundo para um lugar que não é o previsto pelo dono. Então, o analista (o escravo) opera desfigurando ou reconfigurando o *Senso* do analisando, que é seu *Mundo*. Fazendo isto, re-determina o senhor analisando: o dono é retirado do *senso* comum e metido no *não-senso*. O analisando, com sua arrogância de senhor,

de dono da situação, se não procurar o analista e o forçar a trabalhar, pagando ou fazendo algo, não acontecerá análise. Quem determina análise é o analisando. O dono pediu para arrumar o mundo como ele quer, mas fazemos a volta e lhe desfiguramos o mundo. Assim, o analisando é tirado de seu sentido e vai cair em algum outro lugar. O que as pessoas pedem numa análise? Que se mantenha o senso comum bem arrumado. Esta é a frustração principal de uma análise. Vamos lá para arrumar nosso senso comum e saímos deslocados.

Isto faz a diferença. Lacan procurava uma maneira de explicar a diferença entre psicanálise e psicologia, entre psicanálise e medicina, entre psicanálise e filosofia. Quando vamos ao médico, este tenta restaurar uma condição anterior. Lacan explica isto muito bem dizendo que a *terapia* quer a restauração do *statu quo ante* e a psicanálise não, transforma para a frente. Temos aqui uma ferramenta precisa para essa diferença. Minha tese neste campo é que *psicanálise não é filosofia*. Isto não nos impede de tomar conceitos de filósofos para usar. Mas são mundos completamente diferentes. Filosofia é discurso do Dono, do Mestre, segundo Lacan. Portanto, é necessariamente exclusiva.

• **P** – *É a suposição de que o rigor conceitual está necessariamente adscrito a esse campo, o que é um preconceito.*

É um preconceito da filosofia, não da psicanálise.

Um Dono é uma pessoa, um personagem que exclui os outros Donos e os outros personagens. Vejam, por exemplo, que o grande teatro, o teatro, é sempre constituído em cima de personagens. Aliás, qualquer novela de televisão, embora não existam bem atores ali, faz um esforço para convencer de que há personagens. A crise do personagem, no teatro, quando se coloca o personagem em crise, chama-se, por exemplo, teatro do absurdo: Beckett, Ionesco, Pirandello, etc. Artaud está mais ou menos neste caso, pois dilacera o personagem, mas não o confunde. A posição do ator é algo importante para entendermos. O dono (ou filósofo) é uma pessoa, portanto, é um personagem que exclui os outros, compete com eles, vive no regime da disputa, em concorrência pela mente de alguém, pela determinação do Senso desse alguém.

• **P** – *É a briga de Platão e Aristóteles com os sofistas: a disputa da cabeça dos cidadãos, a disputa pela palavra verdadeira.*

Este é o espírito da filosofia. E o que encontramos no mercado como processo capitalista exacerbado no mundo global não é senão Grécia. A tendência do animal que recebeu o dom de revirar é esta: a captura, a predação. A filosofia é predatória. Quando os analistas imitam o filósofo na disputa entre posições e escolas, saem da psicanálise, não estão mais nela. Psicanálise não é, como a filosofia, discurso de dominação. Lacan insistiu nisso, mas acho que as pessoas não entenderam. **Psicanálise é performance de ator.** Ator é aquele que age pondo em ato um personagem, ator não é personagem. O ator de uma análise – podemos chamar o analista, o operador, de ator da análise –, como qualquer ator, deve (ou deveria) ser impessoal. Já que falamos do regime da Pessoa, ator é o lugar de deslocamento da Pessoa, deslocamento do pessoal. O Impessoal é o que rima com a Indiferença do lugar do analista, isto é, qualquer papel – papel significa produção de personagem ou personagem produzido – deve ser indiferente à sua competência de desempenho. Portanto, quanto à competência de desempenho desse ator, qualquer papel está valendo. Isto nada tem a ver com filosofia ou medicina.

• **P** – *É impessoal como o verbo haver.*

Essa é uma boa defesa da necessidade de trocar o *ser* pelo *haver*. Se algum ator no teatro fica melhor em alguns papéis do que em outros, isto se deve a seu lastro sintomático, à sua inadimplência como ator, enfim à sua incompetência. Mesmo teóricos do teatro mais caretas, como Stanislawski – supostamente o mestre de atores de construção de personagens –, produzem justamente um método de exterminar o sintoma e deixar o ator livre para construir outro personagem.

O Ator de que falo opera NovaMente, a cada vez, o acolhimento do personagem, da Pessoa que a ele (isto é, ao Analista) se apresenta e de sua fixão, de modo a poder intervir para aproximá-lo de sua própria (isto é, do ator) Indiferença. Acolhe a Pessoa, o personagem, e a fixão que ele é, de modo a poder intervir para aproximar essa Pessoa, esse personagem, da Indiferen-

ça do Analista, do Ator. É assim que empurra para o não-senso, é assim que desfigura o Senso. A Indiferença desse Ator, desse Analista, é como a de um cérebro que pode acolher uma infinidade de poemas, romances, filmes, enfim, de fixões, podendo jogar muito bem com todas elas. Por que, por exemplo, no caso da mestria, que é o da filosofia, não podemos jogar com todas as filosofias? Por que ficamos com cacoetes? Por conta da dominação do campo por uma construção única. Para a psicanálise, as filosofias também são fixões, ou seja, são construções sintomáticas, pessoas, personagens, mesmo biografias. Qualquer uma delas acolhível por um cérebro e todas elas analisáveis, ou seja, deturpáveis pelo trabalho de escravo, isto é, consideráveis pelo analista enquanto ator de uma análise. O analista não opera uma filosofia, ele a considera como um personagem, como uma fixão.

Contudo, não é possível produzir teoria em psicanálise sem alguma (ainda que mínima) mestria, a qual sempre faz parte do lastro sintomático do teórico. Que ninguém pense que existe a figura divina que produz a partir da Indiferença. Está lá o sintoma para derrubar essa idéia. Sintoma é mestre, pois todo sintoma é sintoma de mestria. Portanto, todo sintoma é filosófico. Afinal, o modo de pensar é achar coisas sobre o mundo. Aliás, o nome está errado, pois devia ser *filossintomático*, *filossintômico*. Ao invés disso, chamaram seu sintoma de *sofia*.

• **P** – *A Sofia morreu?*

Talvez a Sofia seja da psicanálise, a mulher do analista. É a filha de Freud, a bastarda, a que morreu. Deixaram a Anna e levaram a outra. Sempre há esse problema, morre a pessoa errada.

• **P** – *É curioso que, na historinha socrática, Filo deu-se conta disso de alguma maneira e depois recalcou novamente. Ele é amigo da sofia exatamente por não ser o sábio, mas tampouco é o ignorante. Trata-se de uma situação triádica. O ignorante completo nem se daria conta de que não sabe, e o sábio, se o fosse, nem precisaria fazer o esforço de buscar a sabedoria. Então, na fala socrática, Filo seria escravo (como função de ator ou analista) se, em sua colocação, isso fosse posto como puro exercício. Mas imediatamente recai como dono, pois o lugar de Filo transforma-se no lugar de produção de uma mestria sobre a sofia.*

Ou seja, vira *sofia*: a *sofia* sou eu. Uma vez construída uma filosofia, ela vira *sofia* e o Filo vai para a...

Não é possível produzir teoria em psicanálise sem alguma mestria. Contudo, suponho que seja possível produzir essa teoria, essa mesma teoria que não pode ficar livre de mestria, como um aparelho que maximalmente se dissolva a si mesmo, mediante perene suspensão e suspeição de seus construtos. Para que a psicanálise não fique um cacoete de filosofia, é preciso o tempo todo analisar sua mestria, sua sintomática, mediante suspensão e suspeição dos construtos que aquela sintomática produziu. Este tem sido o intento da Nova Psicanálise: construir um aparelho que possa ele mesmo dissolver-se. Quero crer que, de todos os que já conheci em psicanálise, **o aparelho ‘Haver desejo de não Haver’** e suas conseqüências **é auto-dissolvente e auto-destrutivo**. Ao mesmo tempo que este aparelho produz concepções, conceitos, se quiserem (não vejo por que conceitos seriam propriedade da filosofia, apesar de Deleuze, pois filosofia é produção de domínio, e não de conceitos).

• **P** – *Outro modo de entender isso é pensar a dominância do modelo clássico, o modelo grego, e sua dialetização com o modelo barroco. O esquecido é o Maneiro que dá essa diferença entre o modelo da captura, do fechamento, da exclusão e o processo de performance pela inclusão do quer que.*

Dito isto, fica evidente por que o Maneirismo sempre foi o rejeitado.

• **P** – *Há enorme dificuldade de encontrar, na história ocidental, modelos ou exemplos de funcionamento disso. Há grande funcionalidade no clássico, alguma na vazante barroca, mas nenhuma de manifestação maneira. Por exemplo, há enorme dificuldade em pensar uma política maneira.*

Isto é a demonstração, ou, pelo menos, a mostração, do ponto de vista estilístico, de que a democracia é uma besteira. Se a democracia o fosse, seria maneirista. Mas é exclusiva, e quando fica barroca, é porque as pessoas perderam as noções.

Está dito no Êxodo 3:14 que Deus revelou seu nome a Moisés dizendo *Ego sum qui sum* (Eu sou aquele que sou) – não sei por que essa mania de colocar em latim, pois, afinal falavam aramaico. Foi este mesmíssimo Deus,

suposto não enganador, que garantiu o *Cogito* de Descartes para além de sua dúvida de obsessivo. Observem que dizer *Ego sum qui sum* é fala de personagem, como Jeová, o qual, aliás, é personagem descrito, qualificado, até com ficha policial... lá entre os árabes, naturalmente.

O Ator (e não o personagem) de uma análise chama-se Analista. Ele se esforça por imitar o lugar vazio do Gnoma, e não faz imitação do Deus configurado. Isto difere radicalmente da filosofia e das religiões instituídas, pois o lugar é vazio, não há personagem. Ao contrário, as religiões, pagãs, cristãs, etc., ocupam esse lugar com um personagem. Então, não cabe dizer que o analista é ateu, e sim que o Deus do analista é vazio, zerateísmo. **O ANALISTA é de ARRELIGIÃO e ARRELIGIOSO**, mas este A deve ser artigo, porque ele sustenta aquele lugar e apenas diz “não me ponham lá personagem algum”. Ora, se ele defende a permanência do lugar, não pode ser chamado de ateu. O Ator da análise se esforça por imitar o lugar vazio do Gnoma, que não é aquele que é, mas aquele que não é. Assim, não se trata de *Ego sum qui sum*, mas **Eu sou aquele que não é**. O Gnoma não diz “Eu sou aquele que sou” ou “Eu sou aquele que é”, e sim “Eu sou aquele que **não é**”. Ou seja, não é nada disso que pensaram – uso o verbo *ser*: aquele que não *é* –, pois o que quer que declarem a respeito, não é isso.

• **P** – *Uma teologia negativa?*

É uma teologia zero: grau zero da teologia.

Personagem é o analisando: o analisando que se narra no que narra orgulhosamente sua fixão. Já repararam como o analisando fala de si como uma maravilha? Cheio de si: si, então se... Assim, o analisando fala orgulhosamente de sua fixão (ou fala sua fixão) sem saber que o intuito do Ator psicanalista não é representá-lo. No teatro, o intuito do ator é representar o personagem que lhe foi apresentado, mas na psicanálise o Ator não quer representá-lo, e sim dissolvê-lo o máximo possível em sua própria (do Analista) Indiferença, como se fosse um dissolvente universal. Não consegue, mas modifica um bocadinho. Então, o trabalho do analista, como escravo, é tentar despersonalizar o analisando o máximo possível.

51. Já perguntei se a certeza da morte era analisável, mas a certeza da morte é pura arrogância. Se a morte não há, sou imortal. Portanto, como posso ter certeza de minha morte? Não a tenho. “A morte é certa” – de onde tiramos essa idéia? Critico justamente a idéia, digamos grega, ou judaica, de que a morte é certa. O mal é uma inadimplência do bem, não existe *per se*. A questão é: estar certo da morte é uma arrogância? A partir de que lugar é possível suspender a morte? Não adianta estatística, pois não serve. Alguém, talvez Millôr, já disse que estatística é igual a biquíni: mostra muito, mas esconde o essencial. Não adianta, então, dizer que, até hoje, todos morreram. Mentira!, pois estão todos aqui sentados e estes aqui não morreram. Não sei que certeza é essa de que vamos morrer. Os esforços secundários de modificar o Primário estão fazendo a morte caminhar cada vez para mais longe. “Mas um dia vai morrer” – não sei, como saberemos? Jesus Cristo subiu ao céu em carne e osso. A questão da ressurreição é negar a morte. Ou seja, afirmar a ressurreição é dizer que a morte não é universal.

• **P** – *Todas as religiões afirmam isso.*

Elas fazem talvez de modo dominante. Em nosso caso, garanto-lhes que a morte não há.

• **P** – *A certeza da existência da morte não seria o lastro da fundamentação de todos os sintomas?*

É o Princípio da Denegação. Quando estamos em sofrimento e contamos com a morte para terminá-lo, isto é falso, pois não estaremos presentes para ver que terminou. O sofrimento é eterno, já nascemos no inferno – a não ser que o inferno seja o paraíso, como diz Philippe Sollers. Ao mesmo tempo que dizem que a vida é uma só, creio que não deve ser assim na cabeça dessas pessoas, pois, se têm a certeza da morte, a vida deve ser duas. Contar com a certeza da morte é garantir o processo de denegação.

• **P** – *É o outro sexo.*

Afinal, encontramos o outro sexo!

• **P** – *A análise só acontece se tocar nesse ponto.*

Este ponto que costumamos tocar chama-se SEXO, é lá que tocamos. A correlação indefectível que se faz, desde o começo da história da psicanálise, é: Sexo = morte!

18/SET

52. Primeiro, não se pode confundir políticas de dominação com presença de pensamento. Segundo, a presentificação do que supostamente é operado, melhor dizendo, assumido aqui é de má qualidade. Há anos, temos esse *handicap*. Assim, a rejeição que ocorre é em termos políticos, de dominação, embora se use, pois o que aqui é proibido tenho certeza de que é usado demais, e a presentificação do que supostamente é produzido por nosso pessoal é de má qualidade. Isto determina que a guerra fique mais ou menos perdida de saída. Em toda e qualquer emergência de coisa nova, sempre foi assim. Os tempos em que Lacan tentava, com poderes muito superiores aos nossos, iniciar sua presença no mundo foram da maior dificuldade, a guerra foi terrível. Sua vantagem foi não conviver com tantos ignorantes como neste país se convive, onde só meia dúzia de pessoas sabe pensar, e seu pessoal era bom em termos de fazer guerra e se presentificar no mundo. Temos este problema, mas todos estão sobrevivendo, não é verdade?

Não trouxe nada preparado, vim aqui conversar um pouco sobre o que foi dito até agora. Estava lendo meu querido Rimbaud (1854-1891). Estamos tão distantes de tudo isso, só se ouve pagode, e como poeta hojendia não faz pagode, é preciso, de vez em quando, nos lembrar deles. Se não, morremos de tédio e desespero. Já leram Rimbaud?

• **P** – *“Par délicatesse / J’ai perdu ma vie”.*

É exatamente o que podem repetir hoje. Ele também disse *Je est un autre*, frase que Lacan tomou e que é bandeira dos surrealistas. Como estava

metido no bolo, aproveitou-se para falar de seu Outro, mas não é bem isso que Rimbaud está dizendo. Esse menino é fundamental. Parou de escrever aos dezenove anos – não começou, *parou* –, mandou tudo às favas. Quando, aos vinte e cinco, lhe perguntaram “e a poesia?”, respondeu “não penso mais nisso, tenho coisas sérias a fazer”. A frase que Lacan aproveitou está em duas cartinhas, relativamente pequenas, para seus professores na escola. Estas cartas são valorizadas porque nelas Rimbaud faz o credo de sua estética. Isto, aos dezessete anos. Por exemplo, em carta a Théodore de Banville, datada de 04 maio 1870: “*Je ne sais ce que j’ai là... qui veut monter...*” – esta frase é ótima: Não sei o que tenho aí... que quer subir... “*Je jure, cher maître, d’adorer toujours les deux déesses, Muse et Liberté*” – Eu juro, caro mestre, adorar para sempre as duas deusas, Musa e Liberdade. Nesta carta, em que manda seus poemas, só há isto. Mas há outro professor, chamado Georges Izambard, uma espécie de prenúncio de Verlaine, o jovem professor....

• **P** – *Ele teve um caso com esse professor?*

Tem toda pinta. Se o caso não vai à cama, vai à mesa. Esse professor é o bundão propriamente dito, um garotão também. É numa carta à Izambard, datada de [13] maio de 1871, que ele coloca sua definição poética, o que é totalmente novo na história da literatura ocidental. O professor lhe enviara uma carta dizendo “*On se doit à la Société*” – a gente deve à sociedade – e Rimbaud goza com sua cara lindamente como que dizendo: “você tem toda razão, é o que estou fazendo”. “*Vous faites partie des corps enseignants: vous roulez dans la bonne ornière*” – você faz parte do corpo de professores: você anda nos trilhos. Em contraposição ao princípio de “*On se doit à la Société*”, diz ele: “*Moi aussi, je suis le principe: je me fais cyniquement entretenir; je déterre d’anciens imbéciles de collège: tout ce que je puis inventer de bête, de sale, de mauvais, en action et en paroles, je le leur livre: on me paie en bocks et en filles*”.

Em seguida, vem sua teoria poética, com a qual os analistas poderiam aprender algo: “*Maintenant, je m’encrapule le plus possible. Pourquoi? Je veux être poète, et je travaille à me rendre Voyant*” – Agora me encrapulo

o mais possível. Por quê? Quero ser poeta e trabalho para me tornar *Voyant* (algo entre vidente e visionário). Eis agora sua tese poética, aquela que faz a entrada de Rimbaud no mundo literário: “*Il s’agit d’arriver à l’inconnu par le dérèglement de tous les sens*” – Trata-se de chegar ao desconhecido pelo desregramento de *todos os sentidos*. Vejam que isto é velho como o gênio. “*Les souffrances sont énormes, mais il faut être fort, être né poète, et je me suis reconnu poète*”. Ou seja, mandou o professor tomar caju: “eu me reconheci poeta, você é um merda”. “*C’est faux de dire: Je pense: on devrait dire on me pense*” – É falso dizer: Eu penso: deveríamos dizer: me pensam. É nessa carta que ele diz isso, o que é mais importante do que a frase que Lacan tomou e que vem depois: “*Je est un autre*” – Eu é um outro. Então, ele dá a definição: “*Tant pis pour le bois qui se trouve violon*” – Azar da madeira que se encontra violino. “*Vous n’êtes pas Enseignant pour moi*” – Você não é professor para mim. Aí está seu credo poético. Houve um tempo em que se sabia que o essencial está nessas coisas.

O *Je est un autre*, de Lacan, se refere ao Estádio do Espelho: Eu sou um outro porque me reconheço como imagem que é outra coisa que não eu. Ora, isso é barato para Rimbaud, um barateamento grande, apesar de inteligente. Uma pessoa que diz coisas como a seguinte: “*La morale est la faiblesse de la cervelle*” [A moral é a fraqueza do cérebro]; “*Cette famille est une nichée de chiens*” [Esta família é uma ninhada de cães]; “*Aucun des sophismes de la folie, – la folie qu’on enferme, – n’a été oublié par moi: je pourrais les redire tous, je tiens le système*” [Nenhum dos sofismas da loucura, – a loucura que encarceramos, – foi esquecida por mim: poderia redizê-los todos, tenho o sistema]; “*J’avais été damné par l’arc-en-ciel*” – isso é maravilhoso: Eu fui danado pelo arco-íris. Bons tempos em que se faziam analistas de verdade... Ele morreu jovem, apesar de ter parado com dezenove, morreu aos trinta e sete anos. Foi ser contrabandista de armas, entre outras coisas, mas antes disso aprontou muito nos arredores. Havia ainda a virgem louca – maravilhoso! –, como ele chamava Verlaine (1844-1896), aquela bichona e grande poeta da França.

O grande problema é como sustentar o que chamamos de **Postura**, isto é, sustentar esse lugar para além da mediocridade cotidiana em que mergulhamos com muito prazer.

• **P** – *O Primário não sustenta isso muito tempo.*

Sustenta sim, o que não sustentou nele (Rimbaud) foi a loucura que aprontou na rua, no cotidiano, fazendo idiotices junto com Verlaine. Assim, ninguém agüenta. Os dois ficaram na miséria, sem ter o que comer por diversas vezes. Ele fez todo tipo de porcaria – quando garoto fugia de casa e a família mandava a polícia pegá-lo –, mas não suportava aquele troço horróssimo, com toda razão. Se suportamos, é porque somos mais estúpidos. Por que não se fazem mais Rimbauds como antigamente? Onde foi essa gente? Foram cooptados pelo rock? Não se pode ser ignorante e fazer um troço desses – no rock, podemos ser boçais –, pois há um saber por trás, pelo menos, em termos de língua, de poesia. Onde foi essa gente? Não nascem mais?

• **P** – *Estava revendo o filme Teorema (Itália, 1968), de Pasolini, e um dos livros que o anjo sempre lê é o de Rimbaud. Quer dizer, até a década de 1970 ele era inspirador.*

Há uns autores que vi sumirem. Outro, fundamental, é Lautréamont (1846-1870). Quem o lê hoje?

• **P** – *A literatura sofreu um verdadeiro encostamento.*

Ela não foi encostada, foi degradada. Tomem tudo de Beatles para cá, isso que chamam de rock, o que temos é cantor popular, na melhor das hipóteses. São fracos, mas todos ficam encantadíssimos com eles. Ligamos a televisão, só tem pagode, rock, música popular ou futebol. Alguns lá fazendo show e milhares olhando como babacas com a mão para cima: parece vento em capim. Parece uma plantação – se ainda fosse de trigo –, mas é vento no capim. É mediocridade de letra e música. Se os melhores já são medíocres, imaginem o resto. Milhares de pessoas ali, melhorando a perspectiva da mídia. Olhando bem, não precisamos ficar preocupados, já perdemos a guerra.

• **P** – *O circo sempre existiu.*

Circo é coisa séria. É, por exemplo, *Cirque de Soleil*. Tenho todos os

DVDs, pois é genial, uma das melhores coisas. Para ser de circo, tem que subir na vida, subir lá no trapézio, que é mortal.

• **P** – *Refiro-me ao circo do povo, da massa ignara.*

A massa ignara nem de circo precisa, qualquer porcaria está boa. Pode ser brioche, por exemplo. Coloquem um Xitãozinho, um Jesus Cristo, que, na mesma hora, se divertem. O problema é que nós outros, que achamos tudo isso, quando encontramos algo que não seja aquilo, tratamos mal. É importante observar esta disparidade do ponto de vista analítico. A massa, balançando como capim, é da ordem do terror, ou seja, qualquer Hitler faz o que quiser com aquilo e, no entanto, promove um processo enorme de valores, de grana. Acontece que, se pegarmos a câmera e girarmos para o lado, para um lugar em que se esteja tentando fazer algo que preste, essa coisa é tratada da pior maneira possível, até por aqueles que não são da ordem do capim. O que isto significa?

• **P** – *Está tudo sendo nivelado pelo capim.*

Está aí uma questão analítica que parece fundamental. Que olhemos para aquilo e chamemos de capim, tudo bem. Mas quando olhamos para o outro lado, encontramos o quê? Não falo da cultura de massa, e sim de psicanalistas. Quando giramos a câmera para o outro lado, o que encontramos? Quando cheguei aqui, estavam fazendo o discurso do linchamento reconhecível, é justamente isso que se encontra.

• **P** – *Basta acompanhar o processo de escolha do “intelectual do ano” e o processo de marketing envolvido.*

Intelectual é isso mesmo. Recuso-me a responsabilizar os outros, a buscar bodes expiatórios. Sempre acho que quem não presta sou eu. Achar pedaço de cocô ressecado na bunda dos outros é o mais fácil do mundo, basta olhar, pois todos estão com a bunda suja mesmo. Vocês, que são analistas, o que farão com isso?

• **P** – *Discutir?*

Na melhor das hipóteses. Inectivo exatamente essa ordem do pseudo, do *fake*, para ver se vocês dizem algo. Lá é essa porcaria, e aqui é o quê?

Minha pergunta não é para lá, e sim para cá. É uma questão tão clara: nós nos assustamos com aquilo, mas quando chega em nosso problema, do que se trata? Não falo de intelectual do ano ou de academia brasileira de letras, pois é assim mesmo, falo daqueles que supõem estar em outra, aqui ou em outros lugares.

• **P** – *É possível sustentar a postura analítica sem entrar na guerra do mundo?*
Não.

• **P** – *Deleuze diz, em Conversações, que a filosofia não é uma potência em comparação com os Estados. Portanto, não teria condições de fazer guerra, e a única estratégia possível para ela é a da guerrilha.*

Esse negócio de classificar as guerras é coisa de filósofo. Guerra, guerrilha, terrorismo, é tudo o mesmo: técnicas diferentes de fazer guerra.

• **P** – *É denegação dizer que a filosofia não é uma potência.*

Então, ela serve para quê mesmo?

• **P** – *Se a referência é a postura, suponho que haja um lugar ao qual nos referenciamos e onde podemos nos recompor para voltar para a guerra de novo. Podemos retornar a essa lembrança e, até como guerra, produzir um espaço que fique alimentando a postura.*

Isso já é guerra o bastante. Alguns fazem a guerra, o resto quer viver do butim, da guerra que alguém fez. Pode parecer gratuito, então, está fazendo guerra para quê? Não encha o saco e pare com isso! Acontece que o que estamos chamando de guerra é a existência mesmo da espécie. Quem vive de butim não existe: é minhoca. O que existe como processo da espécie é a recomposição geológica, da qual o pessoal vive, só que em retardo.

• **P** – *É impressionante como isso não é sacado.*

Acho que é absolutamente sacado e denegado o tempo todo. Entre nós, por exemplo. Saca-se e denega-se por um preço barato, pois não é tão caro assim, mas as pessoas são muito pobres ou muito pão-duras. Não denegar, poder sustentar, não é tão caro como roupa nova. Estou interessado em tocar no *fake* da situação que é algo irritante. Nós nos declaramos algo que denegamos e corrompemos dia e noite, ou seja, nos supomos algo completa-

mente *fake*. A dificuldade, por exemplo, de entendimento, se deve a uma burrice propriamente dita, ou à denegação para não ter que se posturar de modo adequado? Eis uma questão. Será tanta burrice assim? Não creio que aqueles que se mostram até inteligentes, quando o interesse é de baixo nível, sejam tão estúpidos. A estupidez é fabricada. Funciona assim: para não ter que pagar o preço da reposturação, finge-se que não entende, banca-se o burrinho, diz-se que não entendeu direito, que é muito difícil, complicado – o que é mentira. É muito simples e muito fácil. Difícil é ter entendido e dizer “entendi, portanto, não é assim”. Esse é o fio vermelho da história da humanidade. Quem quer que lide com isso de outros pontos de vista pode sustentar a denegação. Mas psicanalistas? Supostamente existentes? Há algo errado nisso. Xingamos os outros, dizemos “imagina!, Paulo Coelho na Academia”, mas onde iriam colocá-lo?! Quem colocar na Academia? Rimbaud? Nietzsche? Lacan?

• **P** – *Não terão os Rimbauts talvez migrado para as áreas tecnológicas como hackers geniais?*

Será que Rimbaud é o Bill Gates? É uma tese interessante. Estão lá inventando engenhocas para explodir as coisas. Vamos procurá-los! Vai ver que estão por aí e não os conhecemos. Precisamos conhecê-los e aprender com eles.

• **P** – *Há oito hackers brasileiros no mundo que são os mais ferozes, os que entraram no Federal Reserve.*

Estes caras são geniais, precisamos trazê-los para nos ensinar a entrar no *Federal Reserve* das pessoas. Há algo errado, precisamos descobrir o quê. Acho muito difícil. Considerem um menino desses – Rimbaud é um garoto –, chama-se adolescente, *teenager*. Aquilo que a lei supõe de menor idade e irresponsável, se responsabilizando pelo mundo... e sem demissão. Aí, toma-se alguém que se diz psicanalista e vê-se que, na primeira refrega com o mundo, sai pela tangente. Pior ainda, na primeira refrega com seu analista, borra-se todo, denega tudo. Como fazer? Notaram que Rimbaud tem um princípio? Podem passar por cima dele, mas está lá a aposta no princípio. Qual é o princípio dessa gente que se faz passar por psicanalista? Sempre que o sintoma falar

e obedecermos a ele não há princípio algum. Obedecer ao sintoma é a coisa mais fácil do mundo. Ele doeu, você obedece.

• **P** – *Só encontrará colegas.*

Ficará feliz da vida encolejado. Ninguém tem obrigação de ser, mas por que se diz isto? Com que autoridade alguém diz que é psicanalista? Baseado em quê diz algo assim?

53. Procuro meios, aparelhos de reconhecimento. Quando algo é colocado, a postura da pessoa pode ser até de perplexidade, mas não de reação de imediata denegatória. Ela não serve para ser analista. Equivocação, ambigüidade, perplexidade, ainda é possível. Se a pessoa é sintomatizada como qualquer um, pode se equivocar, mas a resposta vir sempre de imediato no regime do denegatório é muito desconfiável. Se fizéssemos a **teoria da produção do analista**, por onde iríamos? Como reconhecer que alguém foi tocado e assumiu um lugar nesse campo? Tenho essa pequena chave: futuco a pessoa, se a resposta é imediatamente denegatória, não reconheço. Sempre faço este teste.

• **P** – *Para reconhecermos um analista, este tem que se reconhecer como tal?*

Talvez sim, mas como? Dizer-se analista é a coisa mais fácil do mundo.

• **P** – *Pode reconhecer-se com uma postura inteiramente diversa das posturas marcadas?*

Este reconhecimento não pode estar pojado de denegação? Basta dizer que há HiperDeterminação, para todos entrarem em estado de HiperDeterminação e ainda declararem isto. Morro de inveja! Ora, tomar um trocinho da teoria e começar a se dizer hiperdeterminado é denegatório. Onde acharam isso? Mostrem-me que também quero.

• **P** – *O acossamento analítico, que Lacan chamava de função da pressa, é uma tentativa de jogar a pessoa no fluxo da Pulsão?*

Em Lacan, função da pressa é a besteira do *tempo lógico*, algo que nunca conseguiu explicar. Ou então, redefina-se, pois o que lá está escrito é isso. Já lhes disse que tempo lógico é uma bobagem entre

nós, que Lacan tirou do livro de Malba Tahan, escritor brasileiro que ele ainda chamou de argentino. Achou maravilhosa a estorinha de *O Homem que calculava* e a tomou como metáfora. Mas lá não há lógica, é simplesmente uma atitude de quem toma iniciativa mais depressa. Os picaretas resolveram que era um aparelho lógico, que dá muito dinheiro, pois acabam com a sessão mais depressa do que o analisando, logo, ficam ricos. Lacan tirou-a de nosso professor Júlio César Mello e Souza (1895-1974), que, aliás, foi quem me ensinou a banda de Moebius em 1957 numa belíssima conferência, numa aula maravilhosa na Academia Militar de Agulhas Negras.

• **P** – *Como você disse, reconhecer um analista tem a ver com a não denegação. Trata-se de entender que temos que escolher toda nossa vida e tudo que aconteceu para o bem e para o mal?*

Faz parte. Arrependo-me de quase tudo, mas fui eu. Afinal, só pode se arrepender quem assumiu. Não há escolha, o que há é termos que reconhecer a escolha, e não escolher. Existe um mínimo de análise que chamei de Análise Propedêutica. A implicância que estou colocando como fator teórico é de que uma pessoa, para ser analista, deveria ter um mínimo de análise. Ou seja, quando tocada, poder entrar em perplexidade, e não em denegação. Entender o que é denegação – não intelectualmente, mas em seus processos – é o be-a-ba da análise. É preciso saber se fez o primário em análise. Lidamos com gente que se diz analista, mas que, ao menor toque em seu sintominha, surge a denegação. Não é possível acreditar que o seja.

• **P** – *Essa seria a requisição mínima?*

Não estou teorizando, e sim perguntando. Estou perplexo, coloco assim porque isso me toca. Suponhamos que me toque sintomaticamente, então coloco diante do mundo. Diante do analisando, seja ele quem for, se oferecemos um mínimo de acolhimento, que chamávamos de escuta – aliás, não sei por que acolhimento tem que ser escuta, pode ser tátil –, nos damos conta de que, ao menor toque no aparelho sintomático, imediatamente vem a porrada dele. É assim mesmo, pois, se não estiver acontecendo porrada é porque não

está sendo tocado, mas quando isso revirará? Quando é possível tocar e a perplexidade comparecer? Se fico perplexo diante de algo que o analista me aponta, ao invés de simplesmente denegar, estou pronto para acolher. A perplexidade acontece porque fico zozzo entre a vocação sintomática e a vocação analítica.

• **P** – *Há a experiência de perder fronteiras de entendimento do que é e não é. No caso da denegação pura e simples, aquilo está fechado, é uma recusa completa...*

Recusa do quê? Isto é que é importante. Se alguém – e mais, esse alguém não precisa ser nomeado analista – escutou algo meu e apontou, isso veio de algum lugar. Se acredito em Análise Propedêutica e Análise Efetiva, qualquer lugar me serve: de algum lugar vem um indício relativo a um tropeço sintomático meu. Se respondo imediatamente com denegação, o que estou supondo? Que a pessoa está falando comigo. Isto é uma estupidez, pois não está falando comigo. Quem é migo? Entendam a diferença lógica, pois se algo se aponta, aponta para um lugar onde estou mergulhado: *Je est un Autre, On me pense*. Se suponho que sou eu, sou uma besta analítica. O que a pessoa passa em análise que deixam de falar com ela? Não é comigo: é com isso, é com ele, é com outro. Quando Lacan diz que não é suficientemente bom analista por não ser suficientemente psicótico, o que chama de psicótico? Aquele que sabe que as vozes são dos outros. O psicótico é o único certo. O problema não é que haja psicóticos, diz ele, e sim por que não somos todos psicóticos? *On me pense* – então, eu deveria estar ouvindo as vozes, e não ouço quem está falando, este é o problema. O psicótico é lúcido, sabe que funciona como uma marionete, sabe que os cordões estão sendo puxados. A frase de Lacan, “não sou suficientemente psicótico para ser bom analista”, está dizendo que, para se tornar analista, quando alguém fala, é de fora, não é comigo, é com o barbante. Se você fala e eu penso que é comigo, sou uma besta, e não analista.

• **P** – *Onde termina a formação do analista e começa a do analisando?*

Não importa. A suposição é de que a resistência, no caso, está no analisando e, portanto, é do analista. A resistência é a própria constituição da

pessoa do analisando. Por que do analisando? Porque ele não está interessado em fazer análise. Quanto ao dito analista, ele pode estar interessado em mandá-lo embora ou ganhar dinheiro e não ouvir nada, por exemplo. Mas se o analisando quer fazer análise, a resistência está nele, pelo simples fato de estar procurando análise. Temos que dizer que, na hora do funcionamento da análise, a resistência passa a ser do analista, pois se ele não resistir coisa alguma, pouco importa que o analisando se arrebe. No entanto, o analista está resistindo por estar com caraminholas na cabeça. Ele resiste por ser (quase sempre) incompetente, por já ter também uma pessoa pendurada nele. De fato, do ponto de vista genérico, em qualquer conversa de qualquer pessoa, há resistência, mas acontece que há ali um suposto operador assim nomeado. Então, não se pode dizer que “há resistência”, pois temos que procurar onde ela está funcionando naquele caso. Verificamos que ela está no analisando e é, ao mesmo tempo, um atributo do analista. Por que? Por uma questão de quadro, analisando é quem pede análise para resistir, e analista é quem supostamente passou por uma experiência para não resistir. Então, há que situar as responsabilidades. A resistência está no analisando e o analista tem que fazer com que não opere na resistência. Se os dois operam na resistência, não há análise.

• **P** – *Qual é o reconhecimento mínimo de que há analista?*

Leiam, por exemplo, as tentativas de Lacan de definir o tal *passee* lá dele. Virou um ritual como o da IPA, sem tirar nem pôr, com pequenas diferenças. Ele estabelece os jûris, mas não diz quais são os ingredientes do processo, o roteiro mínimo de ingredientes do juízo. Então, é logicamente falso. Como fazer o juízo de nomeação do analista, se não há os ingredientes, apenas a suposição de analistas escutando? Isto é um círculo fechado, não acaba nunca. Os ingredientes serão, sem dúvida, sintomáticos, mas são necessários.

• **P** – *Seria possível fazer os passos lógicos que a NovaMente propõe para um entendimento maior no sentido da Análise Propedêutica e da Análise Efetiva?*

É um trabalho infinito e difícilimo. Devem existir – e há que levantá-los – os referenciais mínimos, pois a teoria pode ser sintomática, mas tem que servir para alguma coisa ou nada mais se faz. Se alguém como

Freud, em sua experiência com a escuta, descobre que não há negação, portanto, que o princípio é sempre denegatório, isso não pode deixar de ser uma referência. Como dizer que atingi algum papo com o Inconsciente se não afirmo o que quer que seja, pelo menos, como possibilidade? Isto é, o que quer que seja me põe perplexo, e não denegatório. Fico impressionado com que, ante o que quer que se coloque como futucada no outro, seja analisando ou dentro da instituição, a resposta imediata seja denegatória. Então, não é possível acreditar em nada. Eu é que fico perplexo para o resto da vida. Nunca se diz “será que é?” ou “acho que não, mas pode ser”. Temos que gaguejar, mas não se gagueja, já se vem com respostas certas. Fazemos uma intervenção que supomos, pelo menos, poder refletir sua possibilidade de ser analítica e, no entanto, é tomada por supostos analistas no nível da política cotidiana.

• **P** – *O que determinaria o processo da análise é a progressiva suspensão dessa denegação, não importa de onde venha a intervenção?*

Sim. Pode-se denegar por questões puramente políticas, mas aqui sabemos que não é. Por que, como já disse, a postura da psicanálise – diferente de filosofia, medicina, etc. – é de puro acolhimento? Por que pode ser inclusiva? A resposta, que está nesse raciocínio que acabei de apresentar, é porque ela é afirmativa. Então, não cabe dizer que, se tivermos uma postura de analista, não podemos ser outra coisa. Podemos ser qualquer coisa. Há momentos em que somos capazes de acolher uma formação e agir segundo ela. Estamos em cena. A postura analítica é capaz de acolher outros discursos. Pode reconhecer qualquer formação sintomática e entendê-la. Pode conversar com ela no nível dela, até medicamente, pois a escuta médica é semiológica. Há uma diferença radical entre as duas posturas. Posso ir até lá e fazer uma intervenção médica, pedagógica, etc., mas o médico não pode vir aqui e escutar segundo a postura do analista. Se o fizer, mata o doente.

25/SET

54. Se quiserem realmente saber o que é *Orientação*, façam o seguinte: 1) consigam uma boa bússola; 2) arranjam um avião para os largarem, melhor de pára-quedas, num ponto qualquer de um lugar parecido com a floresta amazônica. Se, depois disto, ainda viermos a nos encontrar, então saberão me explicar muito bem o que é orientação. Aí então poderei verificar se entenderam. Eu é que tive que achar o caminho por conta própria. É assim que é a orientação.

Outro dia, na televisão, aquele cantor popular chamado Fagner cantava uma música antiga que diz: “Quando a gente tenta de toda maneira dele se guardar / sentimento ilhado, morto e amordaçado / volta a incomodar”. É uma definição didática e popular do Recalque e do Retorno do Recalcado. É claro que não muito precisa, pois essas pessoas falam de coisas que todos sentem de maneira bonita e didática, talvez. Em vez de “dele se guardar”, é melhor dizer “dele se livrar”, pois não há sentimento morto, há sentimento preso. Se fosse morto, não estaria falando. Canção popular é cultura de massa que facilita o que já foi dito. Isto é velho, já dito pelo menos por Freud. Autores de música popular são os bem-amados justo por isso. Por isso o quê? Por isso da **Denegação**, que aparece de formas sutis onde menos se espera, inclusive entre nós. Por exemplo, a beleza não é uma forma de denegação? Freud jamais ganhou o dinheiro que deram a Fagner para descobrir e explicar o recalque. Só porque não denegou, foi curto, grosso e explicou o que era. Música popular só funciona como psicanálise para virgens ou imbecis. É claro que funciona, didaticamente, para virgens e imbecis.

Quero mostrar a diferença entre o que seria um funcionamento psicanalítico – que, na verdade, é curto, grosso, claro, direto –, e todos os processos de até dizer o que acontece, mas denegatoriamente. Há uma cançãozinha antiga de Caetano Veloso que diz: “Sou o que soa, não dourado pílula”. O nome disso é denegação, pois, afinal, não há coisa mais dourada do que canção popular. É preciso ter cuidado, pois tomamos tiradas ditas poéticas e, às vezes, até ditas analíticas de pessoas e serramos o galho em que estamos sentados. Isto porque nossa visão não é esta. Caetano também disse: “De perto ninguém

é normal”. Muito pelo contrário, de perto todo mundo é normal. Comparem isto, por exemplo, com a força poética de Fernando Pessoa: “Nunca conheci quem tivesse levado porrada”. Está dizendo outra coisa, que todos fazem a denegação da porrada. Diz também: “Eu sou um rei que voluntariamente abandonei / O meu trono de sonos e cansaços”. Isto é contundência não denegatória. E há a frase maravilhosa de José Régio (1901-1969), também poeta português: “Mas eu, que nunca principio nem acabo / Nasci do amor que há entre Deus e o Diabo”. Isto é justo, chama-se: Revirão.

Lembram da piada sobre um estádio em que, no meio de um jogo, chega alguém na cabine de narração dizendo que a mãe de um dos jogadores tinha acabado de morrer, precisavam avisá-lo e não sabiam como fazer? Falaram com um psicólogo português lá presente, o qual prontamente disse que resolveria a situação. Pegou o microfone e mandou: “Jogador fulano de tal, sua mãe morreu!” É assim que o psicanalista funciona – e acaba sendo mal amado, ao contrário das músicas populares. Não há didática ou processo denegatório que faça a pessoa enxergar. Colocou denegação, já vem o macio. Os cantores populares até dizem as coisas, mas geralmente é o óbvio, o que já se sabe, ou melhor, o que já foi dito por alguém de tamanho. Além disso, o modo de dizer é denegatório por sua maneira de apresentar. Não é função do psicanalista falar com jeito, e sim apontar diretamente. Pode até esperar o momento certo, mais adequado, mas aponta imediata e diretamente. O simples fato de embutir a denegação nessa pontuação já tira sua força.

Mesmo em nosso modo de operar em análise, ou produzindo teoria, não estamos livres de fazer a mesmíssima coisa. A sutileza da denegação nos escapa freqüentemente e já entramos no processo denegando. E não adianta mostrar isto só nos outros. Vejam, por exemplo, nossa tendência (de qualquer um), em teoria, de não querer apenas pensar diretamente e apontar o que pensamos, e sim procurar **construções elegantes**. É um defeito de todos nós. Grandes construções elegantes para que, além de se dizer o que é para se dizer, ainda parecer algo belamente construído. É uma das coisas que mais atrapalham nosso pensamento. Mesmo em matemática, a busca da elegância

pode errar o teorema. O que matemáticos, outros lógicos e pensadores falam sobre a busca da elegância no pensamento é funcionar mais ou menos como o cantor popular, ou seja, dizer bonitinho. A construção elegante não será, ela mesma, uma denegação?

Tomemos um exemplo bem próximo, o seminário de Lacan, *As psicoses*. Supostamente, pelo menos com desenvolvimento pleno, é nele que é inventada a dita “foraclusão do Nome do Pai”. Lacan desenvolve o seminário inteiro apontando para a psicose como determinado construto, que não parecia nada muito maravilhoso do ponto de vista teórico, nada muito elegante. Era algo bruto, compatível com Freud e com o que encontramos na vida como psicose. Ele achou que não estava elegante, certamente, e procurou uma construção mais teoricamente bacana. Então, a partir do meio do seminário, dá praticamente a volta no que havia feito, para inventar, segundo o conceito de *Behajung* e de *Verwerfung*, o conceito de foraclusão do Nome do Pai. Uma construção elegante que, a meu ver, estragou tudo, inclusive o seminário.

• **P** – *João Magueijo comenta como Einstein, por exigência de elegância e de harmonia, mantém certo conceito que não tinha mais lugar e isto paralisou o próprio Einstein e os que vieram depois. Einstein, aliás, invectiva Deus: se a fórmula elegante a que ele tinha chegado não se demonstrasse verdadeira, Deus estaria em maus lençóis.*

Ele nunca percebeu que Deus sempre esteve em maus lençóis... inclusive no amor que tem pelo Diabo. É a isto que chamo a atenção. Considero esse seminário de Lacan um fracasso. Há anos falo nisto e agora trago como processo denegatório, através de “elegância”. Todos ficaram repetindo.

• **P** – *Mas ele colocou a idéia do significante que pesa na rede.*

Ele colocou essa idéia e, como seu significante pode ser praticamente neutralizado, foi se encaminhando para uma solução que é elegantíssima, belíssima, mas a considero falsa. Ele tem que prover a teoria de um significante especial, chamado Nome do Pai, que é “o significante que, no campo do Outro, designa o Outro como lugar da Lei”, e consegue dizer que houve foraclusão do Nome do Pai, ou seja, que esse significante não entrou. Há

muito significativo que não entra, que é rombudo. Esta é uma construção inteiramente dispensável.

• **P** – *Certos artistas mais contundentes criam o trambolho de uma formação qualquer que produz uma tremenda indiferenciação e equivocação. Marcel Duchamp, por exemplo.*

Aquilo não é elegante, é um sopapo. E olha que Lacan, sempre que precisava dar uma porrada na *Gestalt theorie*, dizia que a psicanálise não é a boa forma, é a forma ruim. Mas o Nome do Pai é uma beleza de *Gestalt*. Notem que apenas dou um exemplo, pois, como aconteceu com ele, pode acontecer comigo e eu não estar vendo.

55. Nesse ponto, tentei o conceito de **HiperRecalque**. Temos o Recalque comum e o HiperRecalque. Chamo atenção para o fato de que, se há recalque, há recalcante e há recalcado, e não é à toa que acontece. Mesmo em Freud, o recalque dado teoricamente parece funcionar sozinho: há recalque, logo, ele funciona. Ora, isto não existe, pois se um recalque se apresenta como tal, há forças recalcantes funcionando aqui e agora. Do contrário, por onde poderíamos supor a possibilidade de análise? Não nos defrontamos com o recalque, e sim damos a volta para dissolver, destruir, aniquilar, fazer o que for possível contra as forças recalcantes. Não adianta bater de frente com o recalque, busca-se solapar as forças recalcantes. Por isso que, numa análise bem feita, muitas vezes o analisando declara que as coisas mudaram, mas não percebe o que aconteceu. Isto porque está lutando no âmbito do recalque, mas o que nos interessa é derrubar o que nos parece ter percebido, que são as forças que seguram um recalque.

Lacan procurava uma solução elegante para diferenciar neurose de psicose, uma diferença radical, nítida, teoricamente sustentável e que não misturasse os dois campos. Sempre essa mania lacaniana, necessária no seu pensamento, de produzir heterogeneidades. Acontece que, para achar diferenças, não é necessário achar heterogeneidades. Este é o engano do estruturalismo que, toda vez que quer mostrar diferença, procura o heterogêneo. Não precisa,

pois intensidade produz diferença, diferença produz diferença. É só diferença, é só diferente, ou seja, é mais uma coisa, é mais outra coisa.

• **P** – *É o poema de Gertrude Stein: “uma rosa é uma rosa é uma rosa...”*

Uma rosa é uma rosa? O poema tem força justo por isso: na repetição, a rosa vai se transformando.

Minha tentativa é entender o Recalque de outro modo: trabalhar com formações, e não com sujeitos; não ter a ambigüidade da palavra significante, pois formações são formações, cabe todo tipo de coisa lá dentro; e pensar a tal psicose como resultado de HiperRecalque. Quando falei dele, referi-me à *hipóstase*, no sentido da queda de registro. Os registros são homogêneos: Primário, Secundário e Originário. E por caírem no mesmo âmbito de homogeneidade, podem ser hipostasiados, mas em registro, em modo de operação diferente. Então, o que imaginei como entendimento do processo do que chamam psicose, e que chamo *Morfose Regressiva*, é o regresso, ainda que metafórico, figurado...

• **P** – ... *reificado*.

A reificação é no sentido de fazer funcionar um elemento do Secundário *como se* fosse do Primário. Há um “como se” que é difícil explicar, no entanto, é mais explicável que a teoria de Lacan, pois os registros aqui são homogêneos. Então, algo vai se endurecendo de tal maneira que perdemos a fronteira, não sabemos mais se é Primário ou Secundário: a coagulação é muito forte, o que faz parecer quase um órgão do corpo. Justamente, é o lugar onde podemos pensar a tal **psicossomática**. Como não há heterogeneidade de registros, o processo, extremamente recalcante, coagula de tal modo uma formação que ela funciona como se fosse uma formação dada no Primário. Neste ponto, ela fica inteiramente compatível com as formações primárias. Não tenho tido tempo ainda, nem temos aqui pessoas qualificadas no campo da biologia, da medicina, para pensar a psicossomática por esta via, que acho seria muito fecunda: o lugar onde se perdem as fronteiras entre Primário e Secundário. Isso vaza e consegue intervir, interferir no Primário e aparecem coisas no Primário por via secundária. É o que acontece na produção de qualquer

tecnologia: produzimos determinada formação no Secundário e a levamos a se aproximar tanto do Primário que ela nasce como uma formação nova com funcionalidade primária. Por via secundária, imitamos um pássaro e voamos, imitamos algo da biologia e criamos um remédio ou uma transformação genética. Foi por via secundária que fomos trazendo até ficar bem próximo – isto é, até à fronteira entre Primário e Secundário – e não ser, pelo menos, imediatamente, perceptível, mesmo para o corpo. É pena não haver entre nós pessoas dessa área, que pudessem produzir coisas nesse campo, pois a psicossomática, por aí, talvez crescesse.

Para produzir um Recalque, é preciso de verdadeiras **formações bedéis**, os bedéis que ficam lá tomando conta para que não se possa aproximar e movimentar o que está sendo recalcado. A coagulação do que chamamos recalcado acontece devido às forças que estão ao redor impedindo o movimento. Então, falei em *hipóstase*, na medida em que o processo de reificação seria regressivo. Algo passaria a funcionar no Secundário como se fosse do Primário. Nos textos gregos, *sujeito* chama-se *hipóstasis* ou *hypokeímenon*. Os dois são nomes do tal *subjectum*. O outro nome dele, em latim, é *substantia*. Vejam só a zorra que fizeram com esses troços. Todos estes termos, latinos e gregos, designavam isso que se chama de sujeito: *hipóstasis*, *hypokeímenon*, *substantia*, *subjectum*. Como sair dessa zorra? O lance dos lógicos, e de Lacan como lógico, foi dar uma definição lógica ao sujeito lá deles, a essa tal *substantia*, *subjectum*, ou sei lá o quê. Na verdade, o que sobrenadou disso tudo, mesmo no discurso de Lacan, é que sujeito é puramente função gramatical.

• **P** – *E mesmo como função gramatical é problemático. Ao tratar do sujeito, a gramática se embanana, até por se confrontar com predicções sem sujeito, como é o caso do verbo haver e outros verbos, os ditos fenômenos da natureza, como ventar e chover. Em sua designação na gramática, a noção de sujeito é chamada de termo essencial, no entanto, não encontramos construções gramaticalmente demonstradas como subjetivas. Fica-se, então, inventando meios para escamotear isso, como é o caso do agente da passiva. O que funciona na escola é a hipóstase do ensino, é forçado, aceita-se a*

pressão policial do professor; e vai-se absorvendo aquilo como uma razão a ser deglutida gramaticalmente. O ensino da língua portuguesa está entranhado num violento HiperRecalque na gramática, que não se sabe mais como resolver, pois não se sabe mais como reconhecer essa função.

Vamos dar um passo a mais, para além do mero ensino da língua portuguesa. A formação de uma gramática, de qualquer língua, não é exigência de HiperRecalque? É mais grave do que estamos pensando. Sem uma hipótese, não há gramática. **É a mesma questão que digo de qualquer construção de pensamento: em algum lugar encontraremos um princípio de paranóia, em algum lugar a psicose limite funcionará.** O chato não é que se faça isto, afinal não há saída, e sim não dizer que não há saída e que, por isso, estamos ferrados. O que faz o HiperRecalque na cabeça do estudante – isto é uma função de HiperRecalque, pois o situa psicoticamente no mundo – é ele não ser avisado de que isso que está acontecendo é uma insuficiência nossa. Então, ele passa a acreditar que sujeito é um troço concreto que ele vai encontrar na esquina. Aí acontece tudo isso que acontece na face do planeta, todas as guerras.

• **P** – *Ele não é avisado de que pode fazer análise.*

Ele não é avisado de que isto é precário, pois o professor quer dizer que é assim. Mas quando dizemos “é assim”, estamos no campo da psicose, do HiperRecalque, da hipótese. Então, o erro do ensino é não dizer que a gramática é insuficiente. Falta Gödel na gramática. Depois de todos esses anos, não se entra em sala para dizer que “a máquina funciona assim, mas ela não funciona”. Ela funciona muito bem assim, justamente porque ela não funciona. Aí vai toda a diferença que estou mostrando entre denegar e não denegar. Todo processo educativo é feito sob denegação.

56. Preconizo a vantagem de tomar um termo melhor para o que se chama *Eu*, que podem recorrer ao latim e dizer *Ego*, pois é a mesma coisa. O tal sujeito está atrapalhando demais. *Sujeito* é função gramatical e lógica, se tanto, com todas as precariedades da gramática e da lógica. *Indivíduo* é a unidade suposta-

mente isolada de um animal humano. Acabo de proferir uma frase que não diz quase nada, lhufas. Temos toda uma vocação, todo um périplo individualista do pensamento ocidental. Por exemplo, a briga entre socialismo e liberalismo, em que se diz que o socialismo é coletivista e o liberalismo é individualista.

• **P** – *O indivíduo é substantivo como princípio lógico de operação de recorte, separação e distinção no mundo. Quando associado a um raciocínio de permanência e duração das coisas no mundo, temos a identidade. Confunde-se o comportamento das formações ao se lhes atribuir como fundamental aquilo que é mero componente funcional.*

Com isso, produz-se uma hipóstase de tal natureza que a convivência no social é psicótica. Afinal, temos que manter nossa identidade, temos até carteira de. No que algumas formações escapam de identificação, ou estamos no princípio da psicose ou no princípio da perversão. Melhor dizendo, ou no princípio da Morfose Regressiva ou no sentido da Progressiva. É ali que tudo se joga. No social, jogam-se Morfoses, forçadas até pelas definições. E não adianta reclamar, pois é assim. Há um nível mínimo de funcionalidade. E ainda me perguntam o que é *orientação*... Orientação é Morfose, não sabiam?

Eu – ou *Ego* – é definido como Pessoa. Em Freud, não há sujeito, só ego e superego. Para mim, há **Pessoa**, que é **qualquer formação ou IdioFormação que tem Primário, Secundário e Originário**. Essa formação é um pólo que tem foco e franja. Vejam a complicação: uma quantidade enorme de formações primárias, outra de formações secundárias, e, se há formações secundárias, houve afetação pela Originária, e isso ainda tem zona focal. Isso é um pólo, os pólos estão em inter-relação e cada pólo desses tem zona focal e zona franjal, inatingível, pois por mais que trabalhemos, jamais esgotaremos a zona franjal. Então, onde *Eu* termina?

Essas são construções fundamentais para o desenvolvimento de qualquer operação entre nós, e se escaparmos desse regime de definição, acabou a operatividade. É um filtro para todos os acontecimentos no Haver, uma maneira de ver. Logo, está compromissada com algum mínimo nível de hipóstase, como qualquer coisa. Acontece que é esta, e não outra. O que importa é que

esta maneira de ver modifica radicalmente os processos, pois jamais escaparemos de um mínimo de hipóstase, dado que estamos sempre no regime da paranóia. O que podemos fazer é mudar de registro, de modo que as coisas sejam tomadas de outra forma, só isso. As formas anteriores parecem não estar funcionando, então tomamos as formas de outro modo.

Portanto, se é para seguir esse tipo de orientação, temos, em nossas abordagens, que partir do princípio de que lidamos com **o conceito de Pessoa como pólo focal e franjal de Primário, Secundário e Originário**. Isto muda radicalmente a abordagem de todas as áreas de conhecimento. E temos que nos preocupar com a congruência, pelo menos – é claro que a elegância surgirá, e é um perigo –, desse conceito com as outras formações teóricas já apresentadas. Por exemplo, pensar dessa forma é ser compatível com o conceito de **Diferocracia**, como tendência do pensamento político que a psicanálise pode oferecer. Talvez ela seja impossível, mas é o exigível como movimento pelo pensamento psicanalítico. Diferocracia seria isso, pois a psicanálise não pode ter compromisso com a democracia. Esta é uma discussão presente no livro de Jean-Claude Milner (*Les penchants criminels de l'Europe démocratique*) que estudamos no primeiro semestre. **Democracia é uma violência lógica e uma violência política**. Por que violência lógica? Por dar o golpe lógico e tratar a parte como todo. Tratar a parte como todo é uma violência lógica: a maioria determina para todos. É uma violência política pela mesma razão: a representação na democracia é indébita e faltosa, pois eu não estou representado lá. Cadê meu representante no Congresso? Não há nenhum.

• **P** – *E falsamente inconsistente, pois é uma enorme consistência.*

É inteiramente consistente. No que faz o golpe de trocar a parte pelo todo, cria um *para todos* que não existe. O que é a democracia? Todos votam, há um representante, que é falso, e o resultado determina *para todos* que, mesmo sendo falso, apresenta-se como consistência absoluta.

• **P** – *É a ditadura da maioria.*

Nem da maioria, e sim de *uma* maioria, pois, de vez em quando, muda de maioria. A representação, além de ser indébita, é faltosa. Não adianta

dizer que não se achou forma melhor de governo, pois a pergunta é: quem está no governo? De repente, temos um rei aberto, liberal ou socializado. Muitos foram assim. Quem era mais liberal, Pedro II ou a república nascente na mão daqueles milicos débeis mentais? Aquela república é uma vergonha, fez coisas horríveis. Por exemplo, havia um lugar em que nos dava vontade de morar, chamado Desterro. Que maravilha! Eu queria me mudar para Desterro. Seu nome hoje é: Florianópolis. Seria bacana morar em Desterro. Deviam trazer o nome de volta, tirar Florianópolis e colocar Desterro.

Portanto, é preciso entender as diferenças que coloco. Se essa nova conceituação não entrar na cabeça, estaremos pensando fora do registro. Uma Pessoa, conceitualmente, não é um indivíduo ou um sujeito, é outra coisa. Um indivíduo humano pode ser uma Pessoa, mas uma Pessoa não é um indivíduo. Ao contrário, ela é inteiramente divídua.

• **P** – *Mas ela pode incluir, como uma de suas formações, a operatividade indivíduo.*

Pode haver uma Pessoa ligada a um indivíduo, mas uma Pessoa não é um indivíduo. Se não por nada, pela infinitude de sua zona franjal, pela focalização do seu pólo. Uma Pessoa não é necessariamente individual, pode ser coletiva, abstrata.

• **P** – *Podemos dizer que a internet é uma Pessoa?*

Acho que a internet faz uma Pessoa como tal, além de ser constituída por muitas Pessoas.

• **P** – *Joël de Rosnay (1937-) chama isso de Cibionte, uma mente igualitária, na qual todos começam a ter conexões diretas.*

Hoje, podemos planetarizar a Pessoa. Imaginem um indivíduo, uma Pessoa ou sei lá o quê, que acaso venha de outro lugar sideral. Ele tomará isto como uma Pessoa com muitas faces. Quando dizemos que americano é de certo jeito, personalizamos de algum modo aquela gente, pois há algo em comum em seu conjunto díspar de formações que os caracteriza como uma Pessoa. Então, não adianta nos referirmos a espacialidades, a regiões do planeta, a geografia, pois é tudo movediço.

09/OUT/2004

• **P** – *O triunfo da idéia de sujeito com Descartes foi uma possibilidade entre outras?*

Se os filósofos tivessem um pouco mais de vergonha, deixariam claro que, queiram ou não, o tal sujeito é a tentativa de abstração de um Deus pessoal, sintomático, como o descrito pelo Velho Testamento. É o Ocidente. Foram abstraído, mas aquele cara é uma pessoa jurídica e física, inclusive. Basta acompanhar o pensamento ocidental inteiro, em que aparece a mistura do judaico com o grego, depois a tentativa de arrumação, etc. O sujeito faz parte dessa história. O que está escamoteado é que há certa pessoa por trás. Então, denunciemos: “Não me venha com sua pessoa, que entro com a minha!”

Na internet temos várias pessoalidades, mas o total da internet está acabando por constituir um tipo de Pessoa variável, a qual não existia antes. O mundo contemporâneo em breve acabará se constituindo como essa Pessoa, que já está quase pronta: há uma pessoalidade radicalmente nova na face do planeta, que nada tem a ver com o passado. Quando temos a necessidade de, com todo o respeito ao mestre, dar um passo teórico e clínico, isto se justifica porque as coisas mudaram. Lacan não conheceu este mundo, esta Pessoa. A Pessoa do Lacan é praticamente de meados do século XX, e sua cabeça foi assim até o fim. Com razão, pois era o que tinha para lidar. Mas isto não mais existe, embora as pessoas, em sua inconsciência cotidiana, julguem que mantêm a mesma vidinha. Pura ilusão! Podemos estar com a impressão de que, no cotidiano, mantemos a vidinha de sempre, mas não é mais assim. Há pequenos bolsões em que nos trancamos e fingimos estar no passado, no entanto, se dermos um passinho para fora, nos cai na cabeça a realidade contemporânea. Por exemplo, na cidade do Rio de Janeiro andamos pela rua como se tivéssemos o *direito* de andar, mas não o temos mais, o que temos é a *sorte* de conseguir andar. Os juristas estão até hoje discutindo da vigência do Estado de Direito. Onde há isto? Nos EUA? A democracia americana é um Estado de Direito? É um Estado de Força. Haja Bushes.

• **P** – *Quando nos conectamos à internet, é uma Pessoa fazendo parte daquela Pessoa. Caso contrário, pode parecer que tem alguém do lado de cá e alguém do lado de lá.*

Bem ou mal acaba tendo, pois sua diferença como Pessoa constituída certamente não cabe dentro daquela outra Pessoa. Há uma pequena diferença, o que faz com que, momentaneamente, você seja uma pessoa e ela outra. Mas quando consideramos a totalidade é uma Pessoa só. Há dois níveis. Quando me conecto à internet, o que estou dirigindo a ela? Digamos que seja 99% de coincidência. Ora, 1% já me deixa fora como diferença. Então, o pensamento da internet tem que ser diferocrático, e não democrático. Por que a política não consegue lidar com a internet e todos, em pânico, procuram fazer leis, etc.? Porque **a internet não é democrática**. Embora ainda não haja expedientes para isto, suponhamos que tentem reificá-la, psicotizá-la. A internet é louca, mas não psicótoca – e estão tentando torná-la uma boa paranóia. Ela ainda não é assim porque sua função não é democrática: qualquer um, com um pouco de chance e talento, fura o sistema. Então, ela não tem consistência, não por ser feminina, e sim por não ser psicótica.

• **P** – *A reificação da noção de indivíduo ou de sujeito é tão violenta que todos ficam tão preocupados com a recondução por via tecnológica da dita pessoa, seja por via de inteligência artificial, seja por via de clonagem, que não percebem que está emergindo outra IdioFormação de outro lugar. A IdioFormação que está em emergência teria uma potência muito pior do que a nossa?*

Isto é tão ingênuo. Essa emergência é muito mais dissolvente do que fazer clone. Vivemos um momento de grande expansão e, ao mesmo tempo, de grande obscurantismo. As pessoas estão se agarrando às coisas, mas serão deglutidas. Espero que sejam, pois, se vencer a psicose, o processo ficará emperrado por séculos. A psicose só vence na prisão. No movimento, quem vence é a internet. Quero dizer que o processo de psicotização só ganha na paralisia, já que o processo do momento é dissolvente, anti-obscurantista. Há fortes movimentos de pressão para o obscurantismo, sobretudo religiosos e, às vezes, aliados às bombas. A coisa é perigosa.

• **P** – *Como seria furar a internet?*

Qualquer pessoa com talento e conhecimento dá a volta na organização da internet. Os *hackers*, genialmente, dizem: “Estás brincando? Fecha a porta para ver se não entro!” Tentarão legislar em reação a isto, quer dizer, legislar perversamente sobre o campo. E para quem acolhe essa Morfose Progressiva como tal, isto resulta em psicotização.

• **P** – *Contra o Windows de Bill Gates, foi feito um programa chamado Linux que é disponibilizado na internet, onde aqueles que querem aperfeiçoar o programa podem adicionar novos componentes, novas ferramentas. Assim, o programa vai sendo aperfeiçoado por milhares de pessoas no mundo inteiro e funciona melhor que o Windows porque não entra vírus e é aberto, não pode ser comercializado.*

Bill Gates para ser o homem mais rico do mundo teve que inventar um sistema absolutamente *soft* e trancado. Sua janela tem ferrolho... Se não estamos preocupados em ganhar dinheiro ou se estamos preocupados em derrubar quem ganha dinheiro, furamos o sistema e ele se evapora. Estamos na infância da coisa, muitos acontecimentos ainda virão.

• **P** – *O Linux, inventor do programa, deixa qualquer um baixar o programa. Apenas pede, se quisermos, a doação de 1 dólar.*

Já deve estar milionário. Se tivermos sobrevivência suficiente para montar um programa aberto e dissermos “se quiserem nos ajudar, enviem um real”, entrará muito dinheiro e não precisaremos fechar o programa. Este é o meu sonho de terapia, programa radicalmente aberto, não se cobra nada, apenas pede-se dinheiro às pessoas – passar a sacolinha é o que enriqueceu a igreja católica. O que os evangélicos têm de mal é ter uma taxaão, o dízimo. Meu sonho de Clínica é um sistema inteiramente aberto, onde qualquer um mete a mão, e a gente pede um dinheirinho. Dá se quiser, não é obrigado.

Há algumas raras pessoas que, pelo menos para uso externo, não são tão denegatórias. Uma delas que acho ótima e que voltou a atuar no serviço público é Millôr Fernandes. No último número da revista *VEJA* (06

de outubro), escreveu sobre o preconceito: “A simplificação moral dos ‘despreconceituosos’ é coisa que me boquiabre. Os caras mais preconceituosos são justamente os possuidores dessa crença enganosa – e ocasionalmente odiosa – que se chama despreconceito. Não conheço ninguém – ninguém – que não seja preconceituoso. Mas conheço toneladas de fingidos, de hipócritas, muitas vezes até, inconscientemente, covardes. Conheço só um cara absolutamente despreconceituoso – o locutor que vos fala”. Quer dizer, ele é cínico. “E isso apenas porque não tenho a inocência do despreconceito. Ferozmente autocrítico, sei que, se me deixar solto, sou racista, machista, elitista, argentário, reacionário, escravagista e todo o demais repertório. Mas jamais serei apanhado na armadilha da imaculada pureza de mim mesmo. Quando, em 1972, circunstâncias políticas dramáticas fizeram com que eu assumisse a direção do *Pasquim*, um jornal de certa importância na época, reuni a ‘patota’ e falei brevemente: ‘Todos esses erros e esculhambações aconteceram porque somos todos abertíssimos, libertários e sublimes. Mas só pode agir com alguma dignidade, mínima possibilidade de acerto, quem aceita a certeza fundamental de que é, visceralmente, um FDP. O santo bate carteira com a maior facilidade: está, para si próprio, acima de qualquer suspeita. Simplificando: vou botar isto aqui numa condição moral insuportável’. Um ‘companheiro’ esperto levantou a voz: ‘O que é condição moral insuportável?’ Respondi: ‘Você vai ver.’ E, no período do jornal pelo qual me responsabilizo – 72 a 75 –, ele viu. Todos viram”. As pessoas praticamente o expulsaram do *Pasquim* por não o aguentarem mais. “Bem, o que é ‘condição moral’? Pensar sempre a todo risco. Não ter medo do que é ‘universalmente’ aceito. Não aceitar slogans, bandeiras, pratos feitos. Desconfiar de qualquer idéia com mais de seis meses de idade. Desconfiar de todo idealista que lucra com seu ideal...” Mais analista do que os 99% que se dizem.

09/OUT

16/OUT/2004

Escrito no quando-negro:

TOO LATE

57. • P – *Podemos passar a vida tão ocupados com laços de família, com determinadas formatações sintomáticas de nível neo-etológico, que isso ocupará a máquina e confiscará sua competência. Ficaremos limitados, até mesmo lesionados e, dependendo do grau de recalque, pode ser muito difícil deslocar isso. São marcas pesadas.*

Como lidar com este troço? Minha suposição é de que, não dando para passar borracha – nem é de se passar, se não, a marca fica sem conteúdo –, a operação é indiferenciar ao máximo, pois, quando se consegue um mínimo de indiferenciação, a coisa fica leve.

Escrevi no quadro esse sintagma, tão conhecido da língua inglesa – *too late* –, porque se transformou no lema dos gurus contemporâneos. Gurus da internet, da tecnologia, da robótica, dos negócios, todos dizem que estamos no regime do *too late*. O século XXI é aquele que descobriu que estamos atrasados. É o que dizem essas pessoas que estão acompanhando – porque têm grandes interesses de poder, de dinheiro – com maior presença e precisão o que acontece realmente no mundo. Aconselho que leiam cada vez menos psicanálise, e mais outras áreas. Como analista está completamente retardado, prefiro ler autores de marketing, gerência, administração de grandes empresas, pois estão vendo tudo. Percebam o lema que uma pessoa dessas põe em livro: *o que quer que você faça, já é tarde demais*. O que isto quer dizer para nós? Nós, que já somos habitualmente um pouco retardados, quando nos deparamos com lugares e pessoas que estão correndo e dizem que o que quer que façamos já é tarde demais, o que vamos pensar?

• P – *É a parte mais angustiante da Alice no País das Maravilhas.*

O coelho é sempre angustiante, muito apressadinho. Acontece que mesmo que Lewis Carroll e, talvez, vários outros tenham enxergado muito antes, hoje esse é o lema desses autores. E o pior é que é verdade. Qual é a saída se o que quer que façamos é tarde demais?

• **P** – *Tirar o atraso.*

Mas fazendo em que situação? Agora? Para trás? Há três séculos? Para a frente, não há como. Há pessoas atrasadas três séculos.

• **P** – *Essas pessoas tentam saltar.*

Elas tentam queimar o presente, mas os analistas vivem do passado... Como foi comentado no início, é isto que comparece no funcionamento cerebral. Trata-se de um problema da espécie, que já vem assim de fábrica. Não é um problema do Secundário ou do Originário. Alguns elementos da espécie conseguem sacar isto, mas o resto nem sabe que está atrasado. Este é o problema a enfrentar em nosso campo, em nossa época, pois é uma descoberta mais genérica do que uma dica de Carroll, por exemplo, de que está tarde demais. Chegamos tarde demais: esta espécie não deu certo, não funciona. Com isto, quero dizer que, apesar disso, ela é, por mero acidente, por mero efeito, capaz de produzir a outra espécie. Esta outra sim, vai funcionar e já está funcionando, pois não tem essas pegadas que estão sendo denunciadas. Ela pode gerir seu próprio repertório. A espécie dita humana jamais conseguiu gerir o repertório a tempo. É isto que se chama *too late* no lema deles. Estão se dando conta, por prática, de que há retardo. É tarde demais e não adianta fazer nada, só destruir. Ou seja, como dizia Mallarmé, a Musa é a destruição. É terrível tudo isso, mas a cada dia fica mais claro: os efeitos das ações dos indivíduos e das coletividades desta espécie ultrapassaram o regime de administração do repertório.

O esforço necessário de estudo, de análise, etc., é dez vezes maior do que o que se faz. As pessoas não fazem esforço além do prazer da repetição do circuito dentro do cérebro. A situação está assim, eles têm toda a razão e veremos de perto, pois não falta tanto tempo para começar a dar confusão, em todos os níveis. Vejam se há alguma compatibilidade mínima do regime atual das informações e da produção tecnológica com a besteira que está no mundo, e está com muita presença e força, de embate religioso. Não falo apenas de guerras, já que a situação aparece dentro das casas das pessoas, que são como uns animais, apegados a algo que ficam repetindo dentro da cabeça. Disponibilidade

16/OUT/2004

zero. Os analistas, estes, são uns retardados. Esta é a situação presente. As pessoas estão fazendo coisas? Sim, basta entrar numa livraria para ver toneladas de dejetos arrumadas nas estantes. Aquilo não é coisa alguma. Vai tudo para o lixo.

O embate feroz ainda não começou. Essas guerrinhas são bobagens, é coisa quase convencional. A única novidade chama-se Bin Laden. Não adianta estrebuchar, os americanos podem odiá-lo, querer matá-lo, mas foi quem inaugurou o século XXI e disse como é o jogo: “O século XXI é como estou dizendo: vocês são uns retardados!” Ele é século XXI, e não apenas um terrorista. Os generais americanos começaram a entender que a inteligência deles é que é ruim. Os analistas, estes estão em 1920. Como sair dessa? A máquina é emperrada e tem efeitos que ultrapassam seu funcionamento, já não temos a menor competência para controlar o robzinho mais vagabundo, que é esse computadorzinho que temos em casa. A espécie já está superada, obsoleta. É de ficarmos perplexos. Fico perplexo para trás, pois, para a frente, também sou uma besta, é óbvio. Por que não seria? Ficamos boquiabertos de ver a maquininha ronronando no mesmo lugar. Como fazer? É preciso incinerar o lixo. Alguém, algum dia, nem que seja um robô, terá a brilhante idéia de incinerar essa droga.

O tal **Parque Humano**, sugerido por Peter Sloterdijk de seu ponto de vista filosófico, chama-se, do ponto de vista psicanalítico, **Hospício**. Isto aqui está ficando cheio de maluco, de doido, no sentido pleno do termo, isto é, retardado para trás. Que as explosões do psicótico façam brilho porque pegam fogo, nem por isso se é menos psicótico – e psicótico para trás, já que ninguém é psicótico para a frente. Aquelas bobagens de Deleuze e Guattari não existem, são apenas maneira de falar, pois, se o processo é para a frente, não é esquizofrenia. A Organização Mundial de Saúde já detectou – pesquisando mal e em lugares errados – um acréscimo extraordinário no planeta do que chamam de doença mental grave. Isto porque não computam o peso da neurose comum do cotidiano, que está estragando a vida das pessoas. O Hospício está crescendo.

O razoável não é o coerente, o que faz sentido verificável, e sim o que flui, corre, não fica preso. A idéia de **razão** precisa mudar, pois, para esta espécie, razoável seria o que pudesse fluir. E se pode fluir, pode entender as razões das pregnancies imbecis, seja dos animais, seja das máquinas. Poderia compreender, mas não pode por ser tão animal quanto. Este é o problema que temos nas mãos. Se não, fica-se como sempre se ficou, fingindo que nada está acontecendo e fazendo gracinhas. A espécie está indo para o brejo, onde é mesmo seu lugar, só que está chegando muito depressa.

• **P** – *Dá uma sensação de Maelstrom quando entendemos isto para trás, desde o paleolítico, diante do fato de que é too late.*

E há a pior das inércias que é a de se deparar com isso de maneira já de saída denegatória. Se não sentimos essa vertigem, é porque não vimos nada.

Leiam esses autores a que me referi no início. Embora pareçam pira-dos, têm razão. Há algo que comprova o que dizem: o efeito enorme do que fazem no mundo, inclusive em termos de números. Perdemos o fôlego com a quantidade de milhões de dólares que, pelo fato de alguém destruir uma repetição dessa, cai sobre eles. Mas nem com a promessa de lhes cair dinheiro, as pessoas se mexem. O que fazer? Minha hipótese é que dá para correr um pouco. A espécie, pelo menos com alguns de seus espécimes, poderia correr um pouquinho para poder conviver com o processo. Isto, se interessar. Esta espécie interessa? Acho-a muito mal feita. Quando começam a aparecer emergências, como apareceu a psicanálise, por exemplo, são no sentido de transposição da espécie. As pessoas não se dão conta disso e pensam que é sempre no sentido de curar para trás as feridas do pobrezinho. Mas o que interessa é como pular para a frente.

• **P** – *Mas não é possível uma ampliação dos poderes da espécie através das novas próteses?*

Das duas uma, ou é melhor acabar com a espécie de vez e deixá-la morrer pastando em seus guetos – campos de concentração aparecerão, não porque alguém colocará a espécie lá dentro, e sim porque ela própria lá se coloca: cada um constrói seu campo de concentração e lá fica pastando até

acabar –, ou, então, existem recursos para lidar com esse retardo. Pelo que se estuda, se observa, na experiência que se tem, minha impressão é de que os recursos existem, que o tal cérebro não é tão boboca assim e que as máquinas cerebral e corporal têm condições. Mais do que isto, há disponibilidade de indicações, de técnicas, de saberes, etc., que manteriam a coisa numa boa, só que não são exercitados. Então, ficamos com a curiosidade de saber, se alguns da espécie se exercitarem, se eles serão remanescentes.

• **P** – *Seria uma espécie de pedagogia?*

Falo em Pedagogia Freudiana há um tempão, mas, se nem cola entre nós, colará onde? A resistência, no sentido freudiano, é sempre maior. Não sei se é maior ou se é mais investida, ou seja, se as pessoas investem mais na resistência do que na fluidez. Os homens de negócio, que pensam no topo da capital do mundo, acham que o processo é destruir, destruir, destruir... É assim que fazem: não importa por que a empresa não deu certo, destrói-se, começa de novo, faz outra. Isto está em Freud e em muitos outros, mas pouco partimos para a destruição.

• **P** – *A certeza da morte não seria um fator que contribui para isso?*

Isso é uma burrice surpreendente. Ainda que tenhamos a impressão de certeza da morte, só vale para o Primário. Não existe certeza no Secundário. Não é preciso citar filósofo ou analista, basta tomar um garotão maluco que fez cinema nos EUA em meados do século XX, James Dean, que tem uma frase luminar: “Sonhe como se fosse viver para sempre. Viva como se fosse morrer hoje”. Isto é compatível com a mente humana. Do ponto de vista de minhas ações, não só vou “sonhar como” como tenho certeza de que viverei para sempre. “Para sempre” não é relógio, significa apenas que não temos atingimento de morte. Então, qualquer momento em que acaso venhamos a morrer, a vida foi para sempre. É uma lógica simples: como não temos noção de fim ou de começo, então é para sempre. Mas isto é o sonho, agora viva como se fosse acabar hoje, aproveite e sonhe depressa. Se não, morrerá passando mesmo.

• **P** – *É ser rebelde sem causa?*

Não se precisa de causa para se ser rebelde. Basta sê-lo. Não sei para onde vou, mas conheço muito bem a porcaria de onde vim. Isto é um rebelde sem causa. Um dos investimentos na maquininha babaca é não nos sentirmos bem em chamar de merda o lugar de onde viemos. É o be-a-ba de Freud: há que preservar a imagem do pai, da pátria, da família, aquilo tem que ter valor, só que é dejetivo, então é preciso nos afastar. Mas a pessoa não quer destruir isso. Até o bonzinho do Jesus Cristo dizia isto.

• **P** – *“Larga pai e mãe e me segue...”*

As pessoas estão começando a se dar conta apenas por estarem acuada-
das pela tecnologia que arrastará a humanidade. Vocês acham que um cidadão
médio brasileiro é capaz de argumentar três minutos com um computador?

• **P** – *Kasparov diz que o computador não tem nenhum prazer nisso.*

Como ele sabe?

• **P** – *No filme I, Robot, quando o protagonista argumenta com um robô di-
zendo que ele não é capaz de compor a nona sinfonia, o robô retruca: “E
você?”.*

Mesmo sendo capaz de fazer uma grande sinfonia, ele fez a pergunta
errada ao robô. A pergunta correta é: somos capazes de fazer uma grande sin-
fonia *para quem?* Uma grande sinfonia *para esta espécie* certamente é uma
droga, dado o quanto de porcaria que carregamos junto valorizando. Basta
colocar alguém, até com boa formação intelectual, escutando uma sinfonia de
Schönberg para ver que não suporta. Isto porque a sinfonia está mais para robô
do que para ele. Vocês já suportaram, por exemplo, ouvir um disco inteiro de
Stockhauser?

• **P** – *Foi ele quem disse que o 11 de setembro era uma obra de arte.*

E é. Alguém duvida? Não adianta estrebuchar, o rapaz nomeou o sé-
culo XX. E quem nomeia inventa, isto é nominalismo. Para ele, o século XX
chama-se: Torres Mortas.

58. Na Morfose Regressiva há um **HiperRecalque** que finge ser do Primá-
rio, embora seja produção do Secundário, e quando se requisita algo que está

amarrado no HiperRecalque, aquilo explode e, de algum modo, fica visível. Aí o maluco, como qualquer um, como qualquer Freud, qualquer Lacan, inventa uma teoria do que está vendo – ele pode ser mal equipado, então faz teorias metafóricas – e notamos que sempre há uma lucidez no que inventa. Mas a lucidez não é da psicose, e sim da estrutura. O que a psicose fez? Explodiu e colocou tudo na cara. Não é vantagem ser psicótico, mas quando nos deparamos com isto, vemos como o cérebro explodido, a mente explodida, sempre fica lúcida. Por quê? Porque é feita de lucidez. A matéria de que a mente é feita chama-se **Lucidez**. Quando explode, é porcaria para todo lado, aí aparece o lúcido. É simples, não tem forclusão de nada, chama-se HiperRecalque.

• **P** – *Estamira* [mulher que trabalhava no depósito de lixo de Gramacho, no Rio de Janeiro, sobre a qual realizou-se um filme-documentário] *é uma louca diferente?*

É uma louca igualzinha a qualquer outro, só que com um pouco de talento.

• **P** – *Seu HiperRecalque não seria este de última instância?*

Seu HiperRecalque, como já lhes disse, chama-se Deus. Ela tomou uma concepção de Deus que lhe deram prontinha, aquilo virou um HiperRecalque e não se sustentou (porque não pode se sustentar). Esse Deus que nos dão de presente não se sustenta. Se fizermos a crítica devagarinho, no Secundário, vamos dissolvendo-o, ele não se sustenta. Mas se é HiperRecalque, não dissolve nunca, estoura, explode. Quando a coisa é operável no nível Secundário, podemos continuar neuróticos, mas podemos ir dissolvendo secundariamente, ou seja, vamos relativizando o Recalque. Quando se trata de HiperRecalque, que fica parecido com o Primário, passamos a vida inteira sem relativizar. E acontece o contrário até, é ele que dá a gerência para o Processo Secundário. Considerem qualquer senhora da classe média beata, é igual ao que estou dizendo, a diferença é que seu HiperRecalque não explode porque está seguro. Estamira certamente teve embates com certas coisas, então vai cobrar das significações que estão no HiperRecalque e ele não funciona, aquilo

explode, aí ela fica lúcida, entende que Deus, aquele que deram como HiperRecalque, é um...

Vejam, por exemplo, a saída que a Gnose deu ao problema de Deus como HiperRecalque na psicose: há dois Deuses, um de verdade e outro ruim, que deveria se chamar Diabo e não Deus, pois é o Deus do mundo. Os gnósticos estão falando do Deus que está fora do mundo, estão falando do **Gnoma**. Assim, fizeram a relativização de Deus mediante este artifício. Logo, não ficaram psicóticos, e sim heréticos.

• **P** – *E foram dizimados.*

Estão até hoje por aí. Estamos. Essa senhora, Estamira, é nítida, é de uma exemplaridade da nossa visão, excelente. Ela diz onde está o HiperRecalque, como funcionou, diz tudo. Ficou tão aperreada com isso que construiu uma teoria bastante razoável. Achei melhor que a de Schreber, ela tem talento.

• **P** – *A respeito de Nietzsche, por exemplo, você disse que se tratava de HiperRecalque do próprio Haver.*

Disse por me dar a impressão de que é assim, dado que esse tipo de gente maneja bem o Secundário, de maneira relativizante e dissolvente.

• **P** – *Até determinado ponto.*

Mas já manejam, desde o começo. Essa senhora não manejava, ela tinha aquele Deus caroço, onde colocava tudo, ele não funcionou, aí explodiu. HiperRecalque ou é de última instância ou é aquele que, de tão bem construído e de tão poucos embates no mundo, nunca foi relativizado e dissolvido no Secundário. Vemos quando uma pessoa constitui um HiperRecalque, porque aquilo aparece sem relativização, é absoluto, como se fosse uma perna, um braço, um órgão do Primário, só que, na hora que não funciona, explode, e aí vem a lucidez. Observamos muitas crianças inteligentes irem relativizando desde pequenas, testando, se arriscando, ao morder a hóstia para ver o que acontece, por exemplo.

59. Agora me digam como sair dessa. O ultrapassamento desta espécie se dá desde o primeiro momento, na pedra lascada. E, mesmo assim, quase nin-

guém acompanha. Podem até dizer que há uma civilização, um progresso enorme, mas acontece com muito retardo – é o que as pessoas não entendem. Isto que está aí é retardado, em relação a quê? A um ideal? Não, aos efeitos da própria fabricação. A espécie é retardada em seus movimentos relativos aos efeitos do que ela produziu à sua própria revelia. Tecnologia faz filhotes, se reproduz sozinha.

• **P** – *O que acontece agora é que esse efeito dura pouco tempo.*

Cada dia menos tempo. *Too late*. Está atrasado não para sair fazendo coisas, e sim para limpar aqui e desocupar a cabeça. As pessoas estão discutindo ainda o que está certo, o que está errado...

• **P** – *Uma denegação disso aparece nesses movimentos de preservação.*

Tudo isso é retardo. Dizem: “Fazer transgênico pode fazer mal às pessoas”. Tomara que faça! Até achar uma solução, é assim mesmo, guerra é guerra, morremos nela. Este é o Hospício. “Não mexam com a natureza”. Se não quisermos mexer com ela, iremos todos nos suicidar, pois não fazemos outra coisa. “A Natureza pode se vingar”. Tomara que se vingue! Podem desistir que não há conserto, pelo menos conserto genérico. A única saída que parece viável é haver pequenos grupos de lucidez, tentando se esgueirar ali pelo meio. Não venham com revoluções e transformações, que isto pifou.

• **P** – *A frase de Freud “tive sucesso onde o paranóico fracassou” demonstra que o sucesso que temos em relação à paranóia está atrasado também, como se a paranóia já estivesse instalada e o sucesso fosse apenas o entendimento tardio.*

Ou seja, se Freud pudesse, diria: “Minha teoria é uma porcaria, é muito precária”. Embora seja um avanço, já nasce retardada. Então, a questão não é deixar de ser retardado, e sim tirar o atraso, o máximo possível. Se é que queremos sobreviver no meio das novas espécies. Se não quisermos... também não tem importância. Como disse, acho esta espécie mal feita, um acidente ruim, de uma fraqueza, por exemplo, de duração. Aos sessenta anos é que começamos a entender, aí já estamos no fim, já

tarde demais. Ou tinha que durar muito mais, ou que aprender com três, cinco anos, mas não conseguimos.

• **P** – *Dizem que até 3000, se a espécie sobreviver, poderemos estender a duração até 300 anos.*

Pode acontecer de o pessoal investir na sobrevivência do Primário e o Secundário ficar uma grande bosta. O que acontece são minorias com grandes recursos – recurso sempre significa dinheiro –forçando a barra dos filhos para que cheguem aos dez anos com a cabeça daquele que terminou o doutorado. Isto é perfeitamente possível. Estes, vale a pena viverem muito, pois têm chance de modificação. Mas o que acontece na maioria, sobretudo na classe média do mundo, é o contrário, é as pessoas alongarem a infância. Vemos um imbecil como Bush dizendo que é preciso retornar a manter a virgindade até não sei quando, preservar a infância... Ora, isto fará uma multidão de velhos débeis mentais. Falo da classe média porque os de mais abaixo têm que lutar, então deixam de ser crianças mais cedo. Quanto à nossa classe média, estou horrorizado com a imbecilidade e infantilidade reinantes. Fingem aprender coisas: qualquer criança faz dez cursos, tem um currículo enorme. Só que é mentira, fazem cursos mas não sabem lhufas sobre o conteúdo, são retardadérrimas. Esta é a classe média. A altíssima e a lá de baixo estão mais preparadas. Isto é assustador.

• **P** – *Stuart Mill (1806-1873) aos três anos aprendeu o alfabeto grego, aos oito o latim e ainda jovem estabelecia os textos de Jeremy Bentham. Teve a primeira crise existencial aos vinte e um anos e os biógrafos dão a entender que sua educação rígida foi ruim, pois não teria tido infância.*

Alguém precisa de infância? Lembrem-se de que o pai de Ludwig von Beethoven (1770-1827) o colocava ao piano, dava-lhe umas porradas e dizia: “Você tem que ser igual ao Mozart!” Pronto. Funciona. Hoje, a psicologia diz que não se pode traumatizar as crianças, então elas ficam insuportáveis.

• **P** – *No filme de Akira Kurosawa, Sonhos (Yume, Japão/EUA, 1991), o primeiro sonho é o de um garoto – seu alterego, aliás – sen-*

23/OUT/2004

do proibido pela mãe de ir à floresta, pois é a época da cópula das raposas e elas não querem ser vistas. É aí mesmo que ele vai espiar. Quando a raposa o vê, ele volta correndo para casa. Sua mãe diz que a raposa lá esteve e deixou uma faca para ele se matar, ou terá que conversar com as raposas que estão no arco-íris. Ela entrega a faca e lhe fecha a porta. O garoto fica diante daquela porta fechada com a faca na mão...

Tem que se deparar com o trauma – “Não entendi nada” –, pois é assim que gente é: “Se vira para dar um sentido”. As pessoas ficam eternamente se queixando que “mamãe não me ensinou...” Ela não sabe, seu idiota! Outro filme muito bom é *Dolls* (Takeshi Kitano, Japão, 2002). Há uns caras que pensam de vez em quando.

• **P** – *O Japão tem a maior taxa de suicídio infantil no mundo. O problema é que se esgotam os quadros.*

Não vai esgotar, a neurose não deixa. Vivemos em uma suposta civilização onde não há, a custo zero – talvez com subvenção do Estado, como deveria ser –, uma porta de saída para quem a quiser, por qualquer motivo. O Império Romano, por exemplo, que era mais civilizado do que o nosso, tinha o suicídio acompanhado, pelo motivo que quiséssemos. Não tenho que justificar, pode acontecer de eu não querer mais, de encher o saco ou estar achando divertido: “Tô fora, estou indo”. Ninguém tem nada a ver com isto. Não haver esta saída é uma prova de incivilidade. Todo pensador é suicida. Pensou, é suicida.

16/OUT

60. Assisti a um desses programas de televisão supostamente intelectuais a respeito da “estupidez humana”, como traduziram. Em inglês, era estupidez. Em brasileiro, é burrice mesmo, ou seja, a imbecilidade humana. Diziam eles, coisa espantosa, que era um tema pouco conhecido, sobretudo por não existir

estudo acadêmico sério sobre ele. Há alguns, mas apenas descritivos e não explicativos. Como se precisasse de mais explicação... Então, resolvi explicar de novo: **a imbecilidade humana é o conjunto das Morfoses somadas à posterioridade do sentido e ao *conatus* das formações**. Posterioridade é só-depois, e *conatus* é resistência. Uso o termo de Espinosa, mas em psicanálise chama-se **resistência**. É fácil entender, difícil é deslocar. Ou seja, a imbecilidade humana é ampla, geral e irrestrita. É uma só, e para todos nós, o tempo inteiro. Se não ficarmos atentos, ela vence. Aliás, a imbecilidade sempre vence – como está dito em Freud –, pois tem todos os motivos para vencer.

No entanto, não confundir as morfoses com seus conteúdos, isto é, as formações submetidas a ela: há morfoses e há formações subditas a estas morfoses. Confusão esta responsável, por exemplo, pela proliferação de nomes para neuroses que encontramos em Freud no começo, mas são apenas *conteúdos* das morfoses. Parece uma série enorme de formações clínicas, quando, na verdade, são tipos de conteúdos que ficam submetidos a uma morfose qualquer, que, neste caso, é neurose. E o tamanho da imbecilidade depende da abrangência da aplicação das morfoses a conjuntos maiores ou menores de formações. Ou seja, depende do tamanho do conjunto de formações em jogo, às quais se aplica uma morfose. Se a análise servisse para alguma coisa, serviria para diminuir a estupidez, a imbecilidade humana. Serve para muito pouco, serve apenas para isto.

A estrutura do *too late*, de que falei da vez anterior e de que falam certos autores, não é senão o conceito de **só-depois**, de Freud. Ora, um dos maiores ingredientes da imbecilidade é o só-depois. Então, a pessoa tem que lutar contra a formação chamada morfose e seus conteúdos, o só-depois e a resistência. A resistência é adscrita a essas próprias formações, e não algo separado. Se são formações, são resistências. Vejam que é uma tarefa praticamente impossível, como já dizia Freud, deslocar tamanha imbecilidade. O só-depois é uma das formações mais terríveis porque não conseguimos acompanhar o sentido *pari passu* à sua formação. Depois de tudo feito, não só vamos sacar um suposto sentido, como certamente ele é faltoso, se não for absolutamente falso. Como

sair disso? Essa alegria psicanalítica que as pessoas têm só pode ser imbecil. Ficam nessa posição porque se acham analistas, mas não entendem coisa alguma. Contra a estupidez só há a luta contra a estupidez, não há outra coisa.

Alguns autores do tal programa de TV chegaram a declarar que a **história** é o resultado da estupidez humana, o que é absolutamente verdadeiro. De fato, a história como narrativa não é nada para se levar mais a sério do que qualquer ficção, por mais idiota que seja. Vejam que estão todos perdidos dentro do mesmo caldeirão. A história é o resultado da estupidez humana. Sem dúvida, pois a estupidez sempre vence e tem como resultado o que se decanta narrável na historiografia. O acontecimento (que Heidegger perseguia) chamado o Historial, aquele ninguém segura, ninguém sabe do que se trata, nem Heidegger. Supõe-se ter acontecido algo. Mas não dá para reclamar o acontecimento histórico em contraposição à história narrada. Como reclamar? A única maneira de reclamar é no vazio – chama-se: **suspensão e suspeição**.

As pessoas insistem em viver como se essa loucura de formações sem pé nem cabeça fosse um grande sentido, uma grande coisa. Só o fato de todo e qualquer sentido ser retardado – é exatamente o que quer dizer *Nachträglichkeit* – já era suficiente, não precisávamos de resistência ou de morfose, mas o resto é coadjuvante para nossa imbecilidade. O sentido já é estupidez: se fez sentido, está errado. É importante bater nessa tecla, porque, depois da emergência do significante de Lacan, os lacanianos chegam a declarar que tudo é uma questão de fazer sentido.

Muito difícil. Então, por que fingimos que é fácil? É o que as pessoas fazem o dia inteiro: fingem que é fácil. Não se pode lidar com o tipo de formação, chamada psicanalítica, sem ter essa clareza o tempo todo. Se nos afastarmos dela um milímetro, já estamos na área da estupidez, pois se o que esta formação pode ajudar a pensar já é estúpido, então, imaginem se sairmos de perto...

• **P** – *Quando somos mais contundentes com os pacientes, eles nos chamam de estúpidos.*

Não sabem a diferença entre brutalidade ou rudeza e estupidez. Aliás, não fazem noção de coisa alguma, pois estão perdidos o tempo todo. Precisamos nos dar conta dessas coisas para sair um pouco do fingimento de estarmos fazendo algo muito importante, esse teatrinho que não é diferente, dentro das instituições psicanalíticas, de um clube de futebol. Tudo isso também serve para nos darmos conta de algo que vivem repetindo que não entendem, que é injusto ou errado, mas que é o certo: **a estupidez sempre vence** – é o que diz Freud –, **e vence por uma determinação prazerosa de cada um**. É raro alguém, por algum momento, afastar-se disso. Parece brincadeira, mas o lema verdadeiro da funcionalidade da espécie é: “Me engana que eu gosto!” Isto é fácil de ser lido na superfície material do planeta, nos restos que essa espécie tem deixado por aí. O dia inteiro as pessoas pedindo para serem enganadas, não pedem outra coisa. Se dissermos qualquer coisa que fuja do engano, não prestamos. Como dito há pouco, quando fazemos uma intervenção mais rigorosa e crua, somos nós que não prestamos.

Chamo atenção para isso, pois vivemos um momento de crise em todas as ordens de significação e de paradigma de compreensão. Espera-se que termine em duas ou três décadas, mas este momento é exatamente assim, uma crise tal que não há o mínimo lugar para nossa posição discursiva. É pura insistência e teimosia para ver se vai adiante e aparece de novo. Mesmo dentro das formações ditas psicanalíticas é o “me engana que eu gosto” que funciona. Basta ver textos dos ditos analistas. Está difícil a sustentação de qualquer posição, não só a da psicanálise, que queira se afastar minimamente do engodo. Olhem em volta, sobretudo o que chamam de crise, e verão filósofos, artistas, todos enganando a todos o tempo todo. Vemos rebeldia artística em quisquilhas, quinquilharias, coisinhas menores, de um grupinho em relação a outro, mas a grande rebeldia sumiu do planeta. E a transmissão da imbecilidade se torna cada vez mais potente. A própria tecnologia põe à nossa disposição aparatos de extrema potência e o que se veicula é, sobretudo, o engodo e a imbecilidade. A cada filme, a cada coisa feita, a imbecilidade cresce e não há crítica. Como as gerações

que chegam não têm a menor noção de aparelhos que fossem suficientes para a crítica do que presenciam, aquilo tudo entra sem crítica, é fato. Vejam, por exemplo, os fenômenos religiosos de hoje. Chamam a Idade Média de obscurantista, mas aqui é pior. Depois de todo o percurso que a humanidade fez, as pessoas ainda guerrearem por causa de uma diferença *dentro* do Livro, nem fora é...

• **P** – *Esse obscurantismo está em todos os espaços de convivência, em que se vê a mesma postura de fanatismo, racismo, liturgia e reza. Em qualquer lugar, é a mesma coisa dentro dos conteúdos específicos de cada campo.*

A pura e simples remanescência do cristianismo na face do Ocidente é imbecilidade suficiente para acabar com todos os passos possíveis. É de tal volume de estupidez que só isto já é suficiente para paralisar ou criar processos radicais de destruição. Falo do cristianismo em geral, a igreja católica e as outras.

• **P** – *E acrescenta-se mais recalcue vindo de modelos de outras instituições, por exemplo, partidos políticos. Penso especificamente no que sobrou do velho marxismo.*

Um ou outro marxista razoavelmente inteligente abandonou as relações partidárias e está repensando Marx como pensador. E mal, mas, pelo menos, é diferente da insistência, por exemplo, católica no marxismo...

• **P** – *Hoje há dispositivos que mostram outra possibilidade de entendimento das coisas que não essa que vigorou até agora.*

Não sei se é por isso, pois no passado também havia esse dispositivo. Como hoje o terror é maior, a fuga para dentro da imbecilidade é maior. Se o medo é maior, então a estupidez é maior.

• **P** – *É ampla, geral e irrestrita. Não há lugares de respiração.*

Exatamente isso. Se a psicanálise prestasse para algo, produziria pequenos lugares de respiração. É o que *não* está produzindo. Aonde se vai, a imbecilidade é a mesma. Isto é o terror.

• **P** – *Guy Debord propõe três modelos espetaculares que me parecem dialogáveis com o que você traz, no sentido de não deixar espaço possível para coisas que não são as imbecilidades do espetáculo.*

Não concordo com Debord, pois não tem motivo algum para garantir que a culpa seja do espetáculo. Tem motivos para garantir que a culpa é do mau espetáculo. Não sei por que a sociedade não pode ser de espetáculo. Há outra coisa para fazer a não ser espetáculo? Esta é a crítica que faço. O ruim é que, se quiser dar meu espetáculo, estarei perdido. O meu não pode. Ele esqueceu de dizer que a sociedade é do *mesmo* espetáculo.

• **P** – *Na época do Maneirismo, por exemplo, a produção de espetáculo era imensa.*

O específico do Maneirismo é o entendimento de que não há senão o espetacular para expormos. Por isso, no pensamento de Debord, não entendo a acusação de que tudo virou espetáculo. Sempre foi e sempre será. E quando mais produzirmos, só teremos espetáculo.

• **P** – *Cada vez melhor, supõe-se.*

O problema é que está ficando cada vez pior. O espetáculo é riquíssimo, poderosíssimo, mas extremamente limitado, expurgando a diferença dos espetáculos. Isto é ruim, e não por ser espetáculo. Não adianta defender Debord numa hora dessas, pois é isso mesmo que ele está dizendo.

• **P** – *Há um resquício dele na Escola de Frankfurt, anos 1960.*

Era o momento deles. Mas ele, Debord, era um fazedor de filmes.

• **P** – *Havia uma questão enorme nos situacionistas, da qual Debord era o chefe, com a sociedade industrial, que colocava o lazer contra a criatividade, como se o lazer fosse apenas reprodução do mesmo espetáculo.*

Há essa crítica nele, mas há a crítica de desejar que a sociedade não seja espetacular, o que é uma tolice. Ele critica, antes de mais nada, a vontade de espetáculo. Ora, vontade de espetáculo é só o que temos. Abrir a boca é dar espetáculo. O que faço aqui? Estou dando um espetáculo, como qualquer um que abre a boca.

• **P** – *As intervenções que ele fazia eram espetaculares.*

Ele era alguém que fazia filmes, então essa crítica é boba. No entanto, que o espetáculo vá se reduzindo ao mesmo, aí sim é criticável. Isto é evidente na mídia: se quisermos saber o tamanho da estupidez, basta olhar para lá. Essa

coisa chamada *cultura*, no sentido de produção cultural, é a sede da imbecilidade, mas hoje é mais. A sede da imbecilidade humana sempre foi a cultura, tanto é que qualquer emergência tinha que lutar ou ser dizimada, pois a cultura não deixava acontecer. Hoje, ela está muito mais poderosa, inclusive, num nível espantoso de crença que supera qualquer vontade religiosa.

61. Já viram a Guerra da Trolha? O filme intitulado *Tróia* (*Troy*, Wolfgang Petersen, EUA, 2004). Um filme caríssimo, dispendioso... que é uma porcária – quanto maior o personagem, pior é –, com um péssimo ator, mas que é lindão. Toda vez que aparecia na cama com uma mulher maravilhosa, o importante era mostrar a bunda do Brad Pitt. *Tróia*, um filme atroz. Na primeira aparição de Aquiles no filme – vejam o que é intencionalidade hollywoodiana: há umas mulheres lindas, mas só ele é mostrado por ser rentável dos pontos de vista hetero e homo –, ele está na cama com duas mulheres, o que deve ser uma mentira deslavada. Ele pode estar na cama com uma mulher e com Pátroclo, mas com duas mulheres jamais acreditarei, é muita carne para dois ovos frescos. Aliás, Pátroclo, no filme, vira o priminho de Aquiles, o qual fica furioso porque mataram seu priminho... Aquiles teria se vingado tão apaixonadamente da morte do priminho por Heitor, por causa de ser parente... É muito família, só mesmo americano para fazer isso. Depois que Príamo procura Aquiles para pedir o corpo de Heitor, Aquiles, que é mostrado como um verdadeiro psicopata do começo até esse ponto do filme, vira um nobre. Notaram isto? Um psicopata, um canalha que não valia nada, mas que, depois que Príamo – aquela bicha velha alcoólatra – reclama o corpo do filho e se humilha, Aquiles vira nobre. Príamo produz um Revirão em Aquiles! Só por esse tipo de exemplo, desistimos. Já imaginaram quanto custa um filme desses? Se quiséssemos dar um recadinho diferente, não precisaríamos de tantos milhões, unzinho bastaria. Mas não podemos.

• **P** – *Philippe Sollers, comentando uma cena de Aquiles na Ilíada (Théorie des Exceptions [Gallimard, 1986]), diz que tudo conspira contra sua exis-*

tência, pois Aquiles “não deveria existir, a Cidade se lhe opõe com todas as suas forças...” (p.12).

No filme, Aquiles é um marginal, mau, ressentido, mas vira bonzinho quando recebe o toque de Príamo. Não entendi isto até hoje. Não sei de que forma o povo, que é ignorante, entenderá como Paris consegue derrubá-lo com uma flecha no calcanhar. Afinal de contas, nada se diz a este respeito. Entendem como se passa a mensagem? O filme é incompreensível, não se entende por que Aquiles é tão metido a besta, luta com qualquer um e derruba a todos, pois não sofre ferimento – deve ser o hipermacho que come duas mulheres ao mesmo tempo, o *pitbull* –, mas a única menção a respeito é uma passagem em que fala com sua mãe. Não se entende nada, já que ela só pega umas conchas e diz que está fazendo outro colar para ele. É um filme estapafúrdio, grotesco. Só deram importância às batalhas, em que atiram uma flecha em seu calcanhar. Enfim, conseguem fechá-lo e ele morre na mão do covarde do Paris. Isto é interessante, está em Homero. Fiquei olhando perplexo para o filme e me perguntando o que aquilo queria dizer, o que as pessoas estariam vendo...

• **P** – *Estreará em breve outro filme, desta vez sobre Alexandre.*

Alexandre, que morreu de depressão. Seu namorado morre – o do peito, fora os outros e todas as suas mulheres – e ele fica tão deprimido que cai de cama. Naquela época, os médicos usavam uma erva para tirar da depressão, mas era venenosa (o *pharmakon* do falecido Derrida, depois de Platão). Como Alexandre queria se levantar para fazer outra guerra, começa a tomá-la em doses maiores e morre envenenado... de tomar antidepressivo. Igualzinho se morre hoje. Alexandre é um homem contemporâneo nosso.

Há outro filme também, mas, neste, o personagem nos serve como metáfora para o homem contemporâneo. Trata-se do *Homem Aranha* (*Spider Man*, Sam Raimi, EUA, 2002). Contém todas as imbecilidades hollywoodianas e os sintomas dos policiais americanos. O criador do personagem não é o filme, e sim uma história em quadrinhos antiga. Poderíamos dizer que o homem que está nascendo aí, o homem do século XXI, é o Homem Aranha.

Digo isto no sentido pleno de um paradigma novo para a espécie. O Homem Aranha secreta os fios que ligam sua teia à teia global em sentido pleno, não só da teia da web, do computador. É o mundo inteiro tomado como teia, como rede (em inglês, é a mesma palavra para teia ou rede: *web* – WWW: *world wide web*). Há que tomar isto não apenas com o sentido computacional, pois, visto desse paradigma, o mundo se transforma em pura rede. Tomando o personagem como metáfora, o que se está dizendo no filme? Ele foi mordido por uma aranha, o que se torna uma diferença genética. É outro homem, geneticamente composto, ou seja, outro paradigma para a espécie. Foi o Homem como espécie, como IdioFormação, que secretou a teia global. E isto muda o paradigma. Melhor ainda, foi o **Homem como espécie que secretou o Globo como teia**.

Interessa aqui mostrar uma mudança de paradigma, de visão. Observem as coisas que o Homem Aranha faz. Por exemplo, movimenta-se sem levar em conta as distâncias normais da cidade geográfica (do que chamam cidade, a qual, na verdade, é um bando de tijolos amontoados). Como há aumento de velocidade e de força por mudança de paradigma, ele salta pelos espaços, sobe e anda lateralmente nas paredes. É, portanto, atópico, se não for utópico, e atectônico. Observem bem o personagem como metáfora. Atopia, se não for mesmo utopia, e atectonia, pois a base é indiferente, qualquer uma serve. No que ele é atópico, qualquer lugar é o lugar. O Homem Aranha é puro lugar, logo, ele é o lugar. Trata-se de uma reconcepção, pois o estado atual da rede no mundo instituiu a Pessoa como lugar. Não é o lugar que faz a pessoa, e sim a pessoa que faz o lugar. Entendam a mudança de paradigma, pois houve uma reversão. O Homem Aranha é uma mudança radical de paradigma para o entendimento do nosso tempo.

Isto resultará em mudanças em arquitetura e urbanismo, temática que, aliás, está sendo trabalhada aqui por um de nós. Há uma espécie de correspondência quase que biunívoca – quase, pois não foi demonstrada assim – entre a rede neural e a rede mundial. Tratar o cérebro como habitação e a habitação como cérebro – taí o isomorfismo. Digo mais, há um isomorfismo

no sentido lacaniano de Imaginário, pois há uma correspondência biunívoca, ou seja, o desenho de um não é diferente do de outro. Assim, podemos mapear um pelo outro. As duas redes são iguais. No momento em que se está tentando ler a rede neuronal, o planeta está sendo tratado como uma rede do mesmíssimo *design*. No planeta, as relações de fronteira, as relações geográficas, estão todas subditas à ordem da rede, e não o contrário como fora antes. Os lugares estavam colados na espacialidade, eram lugares geométricos de competência euclidiana. Hoje, são lugares de competência, digamos, topológica. **O que importa é a relação de rede, e não a proximidade física, pois o planeta se topologizou.** É a grande Maranha.

Na metáfora do Homem Aranha, vejamos que ele se desloca dentro de uma cidade, mas não a habita, pois ele é o centro da teia que ele mesmo habita. Ele é aquela teia. O que ele é, qual é seu espaço? Como o espaço coincide com sua secreção, ele é a teia que habita a cada momento. Como falei em 2001 sobre o *Escantilhão do Poder (Revirão 2000/2001)*. RJ: Novamente, 2002, p. 473), isto é evidente no filme: tomam o desenho de uma teia e escantilham o espaço com uma teia de aranha. É o que faz o Homem Aranha: onde esteja, aplica o escantilhão da teia, que é secretada em identidade com ele.

• **P** – *Os quadrinhos do Homem Aranha, de Stan Lee, são dos anos 1960. Neles, a metáfora é mais acentuada, pois, em dado momento, aparece uma teia ao redor dele e ela está conectada nos cantos do quadrinho. Ou seja, a teia é disseminada, não vemos onde grudou.*

Ela grudou no espaço total, pois o quadrinho é o espaço total. Ele foi genial, anteviu um paradigma humano que estava para surgir.

• **P** – *O segundo filme já mostra as problemáticas familiares e existenciais, em que ele fica dividido entre a família e ser Homem Aranha.*

O pior é que o filme está certo, pois é o que acontece hoje: pode ser o Homem Aranha, mas está com o rabo preso para trás. É exatamente a doença contemporânea. Temos todas as condições de ser o Homem Aranha e queremos ser o babaca do Peter Parker.

- **P** – *Mas, no final do filme, ele volta a ser o Homem Aranha.*

Espero que dê certo no mundo também. Tomando a idéia de escantilhão, que apliquei sobre as formações, o Homem Aranha é, ele próprio, o escantilhão do espaço. É o que digo há um tempão: esse Eu-Pessoa é o centro de seu mundo e ele é seu mundo. Mais do que ser o centro de um mundo, ele é o Mundo. Então, esse encontro de Pessoas é um encontro de Mundos. No filme, ele transando dentro daquela cidade, ele é que é a própria cidade. Ele constitui a cidade em seu movimento sem chão e sem temporalidade. E qualquer lugar é o lugar, porque **ele é o Lugar**. Ele é um Pólo com suas Zonas Focal e Franjal. E a civilização é o conjunto de seus pólos. Isto é a civilização contemporânea: o conjunto dos pólos pessoais na textura da grande rede formada por redes pessoais: essas redes são as Pessoas. Não há diferença entre a rede e a Pessoa. **É a rede que define a Pessoa, e não a Pessoa que escolhe uma rede**. Todos os parâmetros são revertidos e é exatamente isto que trago com o conceito de Pessoa. No paradigma contemporâneo, o que é uma Pessoa? Quem é *Eu*? **Eu é essa rede. Somos uma teia com foco e franja**. Um sonho antigo que se realizará à revelia das pessoas é a transformação da cidade, enquanto *polis*, em universo civilizado: *oikoumene*, o ecúmeno, a comunidade. É o que antigamente se chamava “cidadão do mundo”. Algumas pessoas tinham tal abrangência que se dizia que eram cidadãs do mundo. Hoje, esse cidadão do mundo é qualquer um, pois qualquer um é o cidadão, a cidade, seu habitat. Ele é como rede, pois só se define pela rede que ele é. Qual é a definição do homem enquanto Pessoa? Ele é sua rede. Então, temos que dizer diferente, ele não mora na rede, **ele é a Rede**. Ele não vive no mundo, **ele é o Mundo**. Foi esta a grande reversão produzida.

62. É preciso repensar a idéia de **Personalidade**, que já foi indecente na história recente do pensamento, até do pensamento psicanalítico. Não é estranho que, em toda história da psicologia, haja a “psicologia da personalidade”? Em qualquer tratado sobre teorias da personalidade – o famoso de Rapaport, por exemplo –, vemos descrições em que entram

autores como Freud, o qual, segundo eles, estaria traçando uma teoria da personalidade. Mas tudo produzido nesse campo é relativamente grotesco, pois, mediante um aparelho teórico, seja qual for, querem capturar a configuração, a descrição e a coagulação das personalidades. Isto é uma burrice espantosa. Mas precisamos voltar a esta discussão. Não temos que pensar em sujeito algum, pois sujeito é o óbvio ululante da lógica da gramática. Com quem lidamos? Com Pessoas. **Qual é a configuração dessa Pessoa? Uma Personalidade.** Não faremos nenhuma teoria da personalidade, basta já termos bastante teoria da personalidade com o elenco das Morfoses, com várias descrições de Morfoses, por isso, desconfiável.

• **P** – *Fernando Pessoa nos ajuda nisso.*

Ele é nosso mestre sobre a personalidade. É alguém que fez a experiência e provou a construção e a dispersão das Pessoas. Nosso pessoal devia ler tudo de Fernando Pessoa. Considero-o o maior pensador do século XX, mais do que Freud e todos os outros. Tudo é menor do que Pessoa.

• **P** – *Mais do que Duchamp?*

Sem dúvida. O cara é enorme, tem uma simplicidade que os outros não têm. Trata as coisas com a simplicidade de quem está vendo o óbvio, enquanto os outros – Duchamp, Lacan, etc. – têm rebuscamento intelectual demais. Ele considera as coisas como sofrimento de um troço. Os franceses, a partir de uns dez anos para cá, começaram a ficar deslumbrados e desbundados com ele. Nosso amigo Alain Badiou chegou a dizer que ainda não se pensou à altura de Fernando Pessoa. Não fui eu quem disse, foi ele. Mas nós, que somos da “raça dos inferiores”, achamos que tudo que se diz em francês ou inglês é melhor.

• **P** – *Em termos de recalque, a Inglaterra e a França dominaram o mundo.*

Minha pergunta é: eles são superiores porque dominaram o mundo ou dominaram o mundo porque são superiores? Que vocação de inferioridade existe na Península Ibérica, por exemplo, que dá essa porcária que somos nós, que é de viver puxando o saco de qualquer um que tenha um leve so-

taque de estrangeiro? Não pode ser um sintoma de perdedor, porque se é perdedor antes do sintoma. Minha desconfiança é de que o sintoma está antes, já que, no tempo em que bateram aqui, eram vencedores. Será isto um sintoma católico?

• **P** – *O catolicismo venceu na França, apesar de São Bartolomeu.*

Pelo menos, tem huguenotes. Que há esse sintoma, não há a menor dúvida. Nós resolvemos ser inferiores.

• **P** – *Nelson Rodrigues dizia que o brasileiro tem alma de vira-lata.*

De ficar comendo na lata de lixo dos outros. Fica fuçando o lixo do próximo, ao invés de ser produtor de seu próprio lixo. Isto é um nojo neste país, mas me pergunto se não é importado da Península Ibérica.

• **P** – *Fernando Pessoa fala disso.*

O tempo todo, pois tem uma revolta contra a queda da grandeza ibérica.

• **P** – *No Ultimatum ele faz um libelo.*

O *Ultimatum*, deveríamos decorá-lo para seguir à risca. O Álvaro sempre fazendo seus esporros... Afinal, foi Álvaro de Campos quem escreveu *Tabacaria*, o melhor poema já escrito no planeta. Este cara é grande. Tratamos as nossas melhores produções como se fossem meleca. E o que quer que se faça do outro lado do atlântico parece uma maravilhosa, quando, muitas vezes, é uma porcariada. Se não me engano, foi também Alain Badiou quem disse que Fernando Pessoa é maior do que Mallarmé, o que é o óbvio ululante. Basta ler os dois.

• **P** – *Fernando Pessoa gostava de Mallarmé.*

E daí? Entre a porcariada que havia no mundo, ele era bom companheiro.

• **P** – *O pessoal de literatura não comenta sobre a simplicidade de Pessoa, talvez porque ele não tenha caído na esparrela do século XX de ficar cruzando palavras, fazendo mots-valises...*

Ele é simples. Basta compará-lo com um filósofo ou com Lacan e sua afetação intelectual, ele não tem isso.

• **P** – *Por isso, ele gostava de Walt Whitman.*

Whitman também é simples, mas Pessoa é melhor. Consegue dizer coisas que levaremos algumas horas para deglutir, com uma frase que parece saída da boca do português da esquina.

• **P** – “*Jamais tornaria a ser aquilo que talvez eu nunca fosse*”.

Não parece piada de português? Português raciocina assim. Por isso, acham que ele soa esquisito.

• **P** – “*Mas estremeço, lembrando-me dum filho que não tenho e está dormindo tranqüilo em casa*”...

É isto.

23/OUT

Escrito no quadro-negro:
INFERNANDO PESSOAS

63. O verbo infernar ou infernizar é a mesma coisa em português. **Infernando Pessoa** quer dizer produzindo a composição das formações constitutivas das Pessoas. Isto é Infernar Pessoas. Estou me referindo à tarefa que Fernando Pessoa pegou para ele pela vida: foi infernando pessoas que chamava de heterônimos. Pelo menos literária e estilisticamente fazia isto. **Infernar Pessoas é produzi-las ou destacá-las, sacá-las, descrevê-las.** Tudo isto ainda no sentido do que venho trazendo sobre a Pessoa.

Sartre dizia em *Huis Clos*: “O inferno são os outros”. Estou dizendo, ao contrário de Sartre: **o inferno de cada pessoa é a formação que a constitui**, isto é, o conjunto de formações que a constituem. Não sei por que Sartre, daquele jeito que era, achava que eram os outros. O inferno era ele. O que me inferna no conflito com as outras formações, os outros enquanto formações, isto é, enquanto Pessoas, são as formações

que me constituem. Ou seja, é *Eu* enquanto formação. Então, qualquer um, segundo este esquema, pode dizer: **o Inferno sou Eu**. Isto faz uma bela diferença.

• **P** – *É mais cômodo dizer que são os outros.*

É o que o neurótico faz quando diz que os outros infernizam sua vida. Se não tivéssemos essa constituição de *Eu*, estaríamos no paraíso. Os outros? O que temos a ver com eles? O Inferno sou Eu. Por isso, tudo que Fernando Pessoa mais queria, e o declara muitas vezes em sua obra, era ser outrem. Há uma radical inversão do pensamento de Pessoa em relação a Sartre. Ele queria ser outrem para escapar, nem que fosse por um instantezinho, do desejado transporte de seu próprio inferno in e ex-terior – o inferno é ele, dentro e fora. Auto-engano do intransitivo sonhador. Ele vivia pedindo isto: “Invejo todo mundo só por não ser eu” – esta frase é de qualquer Pessoa.

64. O exercício da Indiferença é o único céu consecutível. Então, se houvesse psicanalista, ele viveria no céu. Onde a ascese, isto é, o exercício dos místicos especulativos, no afastamento do mundo e na indiferença para com suas formações. Por isso, disse que o estatuto da psicanálise é místico. Quem faz o exercício desse afastamento do inferno, como exemplo no passado, são os místicos especulativos. Destaco os místicos especulativos porque os outros dizem isto, mas não desenvolvem um discurso de ensino ou de apresentação desse fato. Místicos especulativos são, por exemplo, Mestre Ekchart (1260-1328), Jacob Boheme (1575-1624), São João da Cruz (1542-1591), a Teresona (1515-1582)...

• **P** – *Santo Antão (251-356), São Pacômio (292-348)...*

Pacômio escreveu nas pedras, mas Antão nunca disse nada, escreveu nas areias do deserto, era mais sábio. Então, se estamos no Inferno, só podemos mesmo ir para o Céu, não há outro lugar para ir. Se deslocar, é para lá. Não há coisas como o limbo. Vivemos no inferno e a saída é dar um jeito de se mandar para o céu. O pior é que ninguém consegue. Temos que procurar essas coisas, pois, se foram ditas na história do mundo, têm alguma referência

psíquica ou cerebral, há algum lugar ou alguma experiência de onde eles tiram esses nomes. Não se trata apenas de imaginar um céu que tira do inferno, deve haver algumas pequenas experiências que os místicos relatam e outros também, em que saltamos fora da situação. Então, se passa a ser não infernal.

No artigo da morte, a Indiferença pode ser absoluta. Esta é uma das hipóteses que coloco pelo que relatam as pessoas. Suponho que na hora da morte a Indiferença pode ser absoluta, acho que todo mundo morre no céu. Por apenas um átimo que seja, antes ainda de perecer, a pessoa vai para o céu. Este pedaço foi bem bolado na construção do animal. Moribundos diversos, de menos ou mais longa duração – há gente que moribunda muito tempo, como nós, por exemplo –, já depuseram sobre a paz que sentem por sua recém adquirida Indiferença para com o mundo, que vão em breve desconectar. Existem muitos depoimentos assim, em vários autores, Montaigne, por exemplo, de pessoas à beira da morte ou da experiência de quase morte que parecem entrar em uma pacificação radical. Isto deve ser o tal do céu.

• **P** – *Pena que é tarde demais.*

Mas sempre é tarde demais, quando não foi?

Às vezes, essas pessoas declaram indiferença, inclusive quanto aos ditos entes queridos que por aqui restarão. Parece que estão num tal desprendimento que se soltam, não têm mais vinculação alguma em certos momentos – que se danem as outras pessoas. Isto é algo que os místicos também declaram. Aqueles que passaram pelas, assim chamadas, experiências de quase morte costumam depor sobre esse mesmo estado de paz e de indiferença, com intenso sentimento de bem-estar. Parece que todos eles nos ensinam que morrer é, afinal de contas, a salvação. Assim, a tão decantada e esperada salvação é só morrer. No cumprimento da Alei ($A \rightarrow \tilde{A}$).

É interessante saber quais mecanismos tem o psiquismo de acolhimento da cessação como uma paz absoluta, idêntica ao do místico que consegue fazer isto em estado de, digamos assim, morte virtual. Eles declaram que o estado é de morte. Santa Teresa dizia: “morro de não morrer”. Sua frase lema, de ambigüidade muito grande, pois ficava muito chateada de não morrer

logo de uma vez e ficar permanentemente nesse estado. Reconhecia que o fato de não morrer, mas estar a busca disso, era um estado de morte, virtual. Acho que há alguma estratégia, cerebral que seja, que conduz a isso. Se essa experiência é possível em estado de quase morte – em estado de morte não há nada, porque morte não há – e sé é possível um estado místico, logo, é uma das funções possíveis da mente. Uma função cerebral possível, que podia e devia ser exercitada. Aliás, é a função que produz o analista, nem que seja ter tido a experiência disso, em algum momento, e ter a capacidade de se referir a essa experiência diante de qualquer outra.

Tenho desconfiança, pelo que leio por aí, de que a experiência efetiva de Sidarta Gautama, *Sakyamuni*, esse rapaz que ficou chamado de Buda (c.563-483), a experiência que ele produziu foi exatamente esta, chamada por ele de Iluminação. No entanto, ser budista não é ser Buda, pois quando criamos uma seita, aquilo estraga. Aliás, como aconteceu com o chamado Jesus Cristo. Se o cara existiu, não devia ser essa tolice plena do chamado cristianismo. De qualquer forma, o budismo é uma religião mais refinada. Considero as religiões do Livro inferiores. O pai de Marx, por exemplo, lhe dizia para largar esse negócio de judaísmo que é uma religião inferior.

• **P** – *O cristianismo também.*

Mas já é um passinho, é Terceiro Império, uma imitação de Roma. Além do mais, Império Romano já é Terceiro Império antes do cristianismo. Hoje está na moda a *meditação*. Não sei o que as pessoas fazem com isto, nem se sabem o que estão fazendo. Um exercício qualquer de indiferenciação radical. E deve haver várias vias para isto. O problema é que alguns falam em esvaziar a mente – e aí não acredito mais.

• **P** – *Os budistas não falam em esvaziar a mente, se referem a um tipo especial de atenção.*

Atenção total. A experiência que supponho necessária para a produção do analista é essa da plena atenção, que Freud chamava de *atenção flutuante*. Mas quero tentar precisar isto em função dos nossos aparelhos.

• **P** – *Quando se faz um eletroencefalograma de um meditante zen budista,*

o eletro não está nem em alfa nem em beta, está no meio. Quer dizer, há uma operação cerebral, como você está dizendo, que possibilita um tipo de observação diferente e só se atinge esse estado depois de 58 minutos de atenção flutuante.

Aí já não brinco. Quando se começa a fazer religião, aparece essa bobagem. Os 58 minutos de cada um valem minutos diferentes.

65. Teorias da Personalidade são teorias da constituição ou composição dos Infernos. É preciso reestudar as teorias da personalidade dos psicólogos para ver como se constituem os Infernos, os cardápios do Inferno. De nosso ponto de vista, a Personalidade é constituída exatamente como a estupidez, ou a imbecilidade, conforme dissemos na seção anterior. Generalizando a definição, **Personalidade é o conjunto das Morfoses, somadas à posterioridade do sentido (só-depois)** – uma imbecilidade da qual não vamos conseguir sair – **e à resistência das formações-conteúdo a elas (Morfoses) submetidas.** Assim, há as Morfoses como estrutura e há as formações que estão lá, como história, às vezes. Isto é uma Personalidade, ou seja, um imbecil. Portanto, quando se trata de entendermos a própria imbecilidade, é através disto. E a psicanálise não é senão uma análise da estupidez, o entendimento da estupidez.

• **P** – *Quando Fernando Pessoa constrói os heterônimos, estaria simulando outras possibilidades de personalidade...*

Na verdade, simulando, naquele lugar, com suas formações, outros modos de articular formações, acrescentando formações às formações e partindo-as. Ou seja, é exatamente o que acontece quando a pessoa é dita ter dupla personalidade, múltipla personalidade: emergem cacos que se manifestam parciariamente e que, no entanto, têm algo em comum. Ele sacou o processo, viu que podia falar, escrever e funcionar dentro de uma personalidade e depois passar para outra, pois tinha certo domínio dessas personalidades.

• **P** – *O radical nesse processo é o próprio Fernando Pessoa passar a ser um heterônimo.*

O nome Fernando Pessoa é tão heterônimo quanto qualquer outro dos seus. Então, ele conseguiu de algum modo fazer aquilo que queria, ser outrem. Ele constituiu várias personalidades.

• **P** – *Quase todos os estudos sobre Fernando Pessoa ficam embananados com esse tal de Fernando Pessoa “propriamente dito”.*

Não existe “propriamente dito”. Há Fernando Pessos. O nome correto dele é: Infernando Pessos.

• **P** – *Bernardo Soares era um heterônimo que o deixava embananado. Inclusive, ele o chamava de semi-heterônimo.*

Quando não conseguia dominar o cara, ficava invocado. Mas acho que Bernardo Soares – e isto não é um estudo, e sim um fardo – embananava Fernando Pessoa porque era muito parecido com ele. Fernando Pessoa e Bernardo Soares são muito próximos, mas ele não entendia isto muito bem. Álvaro de Campos também era muito próximo dele, são temperamentos parecidos.

• **P** – *O mais diferente era Alberto Caeiro.*

Não vamos fazer aqui uma tese sobre Pessoa, mas acho que Caeiro foi o caminho por onde ele conseguiu descobrir os heterônimos. Por isso, disse que o Mestre Caeiro é que o ensinou. E também ele se confundia muito, suponho eu, pessoalmente, com o Sá Carneiro. Não sabia se o Sá Carneiro era um heterônimo dele. Não sabe se ele é ele ou se é o Sá Carneiro. Há uns poemas dele muito bonitos explicando a confusão com o Sá.

66. Vocês sabem que esse rapaz, Gautama Buda, inventou uma novidade no pensamento – que depois virou religioso, embora não acredite que estivesse fazendo religião alguma – que é o chamado **Caminho do Meio**. Ele quis imitar os hindus a ponto de quase morrer. Depois, achou que não era nada daquilo. Que aquilo era uma besteira. Mas passou por aquilo, provou que era capaz de atravessar e aí inventou o tal Caminho do Meio: nem oito nem oitenta, temperança, calma, medianidade. Podemos pensar a **hipótese mental de um Caminho do Meio**. Temos isto até escritível topologicamente. Estou dizendo que o Caminho para nós – acho que foi para Buda também, se retiramos suas

quisquilhas religiosas e as de seus seguidores – é a linha mediana de percurso sobre a contrabanda. Peguem uma contrabanda, passem uma linha do meio, coloram as duas metades com duas cores diferentes. Ficará uma linha no meio com uma cor aqui e outra ali, digamos, vermelho e azul. Se estamos no Caminho do Meio, estamos exatamente no meio entre as duas cores. E se efetivarmos o corte, serão lados opostos na banda euclidiana. Caminho do meio é isto, ou seja, é o caminho do **Revirão**. É a **terceira margem do rio**, é o **Tao**. Tudo isso entra em confluência. Então, podemos passar ali entre os lados opostos. Caminhamos entre. Quer dizer, qualquer escorregão para um dos lados, estamos cortando a contrabanda e eliminando o Caminho do Meio. Isto é que é a atenção flutuante de Freud, que é o meu Revirão. Ou seja, é manter os opostos em exercício. **Na moeda com que pagamos nossa transa com o mundo, nosso lugar é entre cara e coroa.**

Algo interessante no pensamento de Buda é, depois de mostrar o caminho para o Nirvana – que não é senão o mesmo Nirvana que Freud toma para falar no Princípio do Nirvana –, ele dizer que o Princípio do Nirvana (maneira de dizermos) é o Samsara. Ou seja, o inferno e o céu ficam no mesmo lugar: **o Princípio do Nirvana é o Princípio do Samsara**. Haver quer não-Haver, isto é, quer o Nirvana, mas, dado o impossível de atingi-lo, Haver retorna a si mesmo, isto é, a seu próprio desejo, a seu próprio querer, isto é, retorna ao Samsara, mas com outra experiência. A Clínica é essa bobagem. Simples assim.

Observem uma coisa interessante teoricamente: Lacan é anti-buda. Ele estudou o budismo, estudou o chinês, mas estudou errado. Ler Buda filosoficamente dá nessa besteira. Buda não queria extinguir o desejo, de modo algum, pois sabia que não era possível. Se disse que Nirvana é Samsara, declarou que o não-Haver não há e não adianta tentar ir para lá. Então, declarou que, no máximo, podemos desejar não desejar. Portanto, desejar ainda, mas desejar o impossível. Digo que Lacan é anti-Buda, e ele afirma isto com todas as letras, em função de sua definição de **culpa**. Lacan é um cristão, com origem judaica em seu pensamento. Por isso, faz muita questão de sustentar a

culpa e sua definição como: “Não abra mão de seu desejo”. Mas que conselho! Ninguém abre mão de seu desejo, ninguém faz isto, nem que seja no mais baixo nível. E lá no nível altíssimo, é como se Buda dissesse “é preciso abrir mão do desejo”. É *preciso*, apenas *preciso*, porque não vamos conseguir. Em qualquer circunstância, ninguém abre mão de seu desejo. Dar o conselho de não abrir mão do desejo para não ficar culpado é cristianismo. Nem mesmo Buda abre mão de seu desejo, pois desejar não desejar é desejar ainda, e sobretudo. Ao contrário, ele investe mais no desejo de Haver enquanto desejo de não-Haver, sem, contudo, desprezar o necessário retorno do desejo às formações do Haver: Samsara – dado o impossível de atingir o não-Haver, o que, aliás, constitui seu Caminho do Meio. É bem bolado, o rapaz era gênio. Mas não há culpa alguma nessa transa, nem para Buda, nem para a Nova Psicanálise. E o mandamento de Lacan só faz chover no molhado, isto é, que não depende do desejante abrir mão ou não de seu desejo.

Então, o que pode ser **culpa**? E **vergonha**? São os dois grandes temas, o dos culpados e o dos envergonhados. Culpa e vergonha, em última instância, dependem da estupidez das pessoas. Antes de mais nada, é a pessoa situada diante de sua própria inadimplência (ou incompetência, se quiserem), na efetivação de algo desejado, que é, em suma, o reconhecimento de outrem (de uma potência de realização). **Na vergonha, o reconhecimento requerido a outrem é o da potência**, do poder, enfim, mas esta potência se mostrou insuficiente. Isto é que é vergonhoso. Você pede que outro reconheça sua potência, a potência é insuficiente e você morre de vergonha. Então, vejam que vergonha, mesmo que seja diante do outro, é, sobretudo, uma quebra de narcisismo, uma ferida narcísica.

Na culpa, o reconhecimento requerido é o da impotência. Assim, quando alguém se sente culpado não é porque abriu mão de seu desejo. O reconhecimento que ele requereu de outrem foi o reconhecimento da impotência, ou seja, de sua própria inadimplência: 1) já efetuada pelo próprio, que supostamente cometeu a falta; 2) como eventual perdão, por parte da vítima dessa inadimplência. O que o culpado requer do outro? Ninguém se sente culpado por conta

própria, pois isto acontece sempre em relação a alguém. O que o culpado quer que o outro reconheça? Sua impotência. Se você reconhece minha impotência, você retira minha culpa, minha falta, minha inadimplência. Esse reconhecimento, como disse, já foi efetuado pelo próprio, que supostamente cometeu a falta: ele já reconheceu que não chega lá, que não dá. Mas ele quer um eventual perdão por parte da vítima dessa inadimplência, que supostamente é o outro, pois ele cometeu a falta e faltou ao outro. Então, sentir culpa é ficar pedindo perdão, é pedir que o outro perdoe eu não ser potente. É uma confusão, pois ou sentimos vergonha por arrogância ou nos sentimos culpados porque quebramos a cara. Ou seja, duas imbecilidades que se correspondem e se equivalem.

• **P** – *Daí que o correlato da culpa sempre é o perdão*

Sim, e o correlato da vergonha é a vitória. Mas quando o desejado é o impossível, não há culpa nem vergonha. Quando o desejo não está desenhado, não há culpa nem vergonha: é só impossibilidade, e não inadimplência ou impotência. Diante do impossível não sentimos culpa ou vergonha, mas diante da impotência, dependendo de onde situamos a impotência, do que ela lesa, ou ficamos com vergonha ou ficamos com culpa. Como se tratam de desejos desenhados, alguns autores a respeito de Buda fazem a suposição, absolutamente errada, conforme a suposição filosófica a respeito do pensamento do místico, de que é a renúncia que cria a Indiferença. Mas é o contrário. **É o processo de indiferenciação que propicia alguma renúncia.** Não é esse exercício masoquista, sobretudo do beato cristão, que faz um esforço de renúncia.

• **P** – *Não é importante distinguir Indiferença de desprezo?*

Renúncia não é desprezo, sempre chamei atenção para isto. Indiferença não é desinteresse nem desprezo, e sim equalização, equanimidade. Hoje, digo isto por outra via, pois o mesmo exercício que propicia acolher qualquer coisa, do mesmo modo propicia renunciar a qualquer coisa. Estou apenas dizendo que é errado, mesmo do ponto de vista búdico, afirmar que os supostos exercícios de renúncia, de que até monges budistas falam, trazem indiferenciação. É o contrário, o exercício da indiferenciação é que nos deixa acolher tudo ou renunciar a tudo, tanto faz, pois também aí é indiferente.

A Indiferença chega ao ponto de tornar indiferente o acolhimento ou a renúncia, depende da hora e é *ad hoc*. Bato nesta tecla para melhorar o que coloquei no Seminário de 1997 (*Comunicação e Cultura na Era Global*. Rio de Janeiro: Editora Novamente, 2005), em que comento algo sobre renúncia dizendo que a renúncia é um dos caminhos para a Indiferenciação. Não. O caminho de colocar a renúncia na frente da indiferença foi justamente aquele que Buda abandonou, pois era o caminho hindu, e não o dele. Quer dizer, sua grande sacação foi perceber que renunciar, antes de indiferenciar, é uma besteira, não leva ao seu fim.

• **P** – *O que são exercícios de Indiferenciação?*

É o que precisamos estabelecer. O princípio da cura, o trabalho da terapia, a função clínica – clínica enquanto declinação do sintoma, e não uma casa onde se tratam pessoas, nem uma cama onde se deita –, declinar o sintoma, é o aprendizado da consideração “simultânea” dos dois alelos de cada caso. É o que defini acima como Caminho do Meio Sobre a Contrabanda. As pessoas acham que talvez seja impossível a consideração simultânea. De fato, não há aí nenhum simultâneo possível, mas sim, talvez, o movimento cada vez mais rápido da alternância repetitiva entre os alelos, no sentido da indiferenciação. Isto porque as pessoas, em seu cotidiano, em sua estupidez pessoal, personalógica, não levam em consideração o outro lado. É só um lado. Do quê sofremos? Sofremos de um lado. Se exercitamos o outro lado, a indiferenciação começa a aparecer e começamos a achar que somos uns tolos.

• **P** – *O mecanismo obsessivo não faz isso também?*

O mecanismo obsessivo é de ficar aprisionado num halo, de um lado para outro, não se movimenta mais do que isto. Então temos que dar um empurrão para mudar de halo, pois ele não consegue sair do mesmo. Portanto, não é um caminho e sim uma paralisação. Por isso disse que é Estacionário. Ele não está caminhando olhando para dois lados, está paralisado entre dois lados. Para fazer alternância repetitiva entre os alelos, é preciso, primeiro, saber distinguir cada vez melhor os alelos em causa, no sentido do conhecimento pela distinção. Assim, o trabalho da análise não é só indiferenciar,

temos que saber o que estamos indiferenciando. Ou seja, há um trabalho de conhecimento e de entendimento do que está em jogo. Isto é o que seria o levantamento dos sintomas, poder descobrir que sintoma está em jogo e qual é a paralisia.

Fernando Pessoa, no meio de um de seus poemas, como quem não quer nada, tem a seguinte frase maravilhosa: “Como alguém distraído na viagem / segui por dois caminhos par a par”. Pensamos que é loucura, mas é exatamente isto que podemos fazer. Como se pode se distrair de um lado de maneira a andar nos dois “ao mesmo tempo”? Para além do exercício de rapidez de passar de um lado para outro, posso supor que haja um momento em que, em cima da linha do meio, aqui na abrangência franjal – digamos que tenha uma pessoa de um lado e outra de outro, Deus e o Diabo, por exemplo –, estou caminhando e vendo os dois sempre ao mesmo tempo. Isso é que é seguir por dois caminhos par a par. Estou dirigindo, vejo o meio fio de cada lado, eu estou aqui no meio. Então, deve ser possível o exercício mental de *considerar* os dois lados “ao mesmo tempo”.

• **P** – *Não é isso que Escher coloca?*

Isso aí. É outra lógica. Escher é anti-aristotélico, o que é bom. Sua lógica é final do século XX, início do XXI. Por ter uma cabeça não-euclidiana, vai espontaneamente fazendo aquilo. Hoje, é uma banalidade vermos, por exemplo, um réptil se transformar num pássaro. A televisão faz isto com a maior facilidade usando esses programas que transformam a imagem. É uma lógica anti-aristotélica, pois em Aristóteles ou é bem isto ou é bem aquilo, há um princípio de não-contradição. Aliás, os princípios de contradição, identidade e terceiro excluído são a mesma joça se pensarmos bem.

Não é, em hipótese alguma, possível pensar a psicanálise de maneira aristotélica. Quando Lacan escreve as fórmulas quânticas já é em ruptura com Aristóteles. Seu conceito de *universal* não é o aristotélico. Ele quer ter tirado este conceito daquele de *castração*, de Freud, e do processo de reconhecimento de castração em uma análise. Mas castração é entendida ali no velho sentido de homem e mulher. Por isto, coloca esses nomes nas fórmulas,

apesar de serem idiotas. Estão faltando as duas fórmulas anteriores, e as que ele coloca são simplesmente Consistência e Inconsistência. Nada a ver, na verdade, com diferença sexual, nem tampouco com castração no sentido da diferença sexual. Ao contrário, se aparecer esse problema lógico na diferença sexual, ele é que é o herdeiro do outro, pois é a sintomatização de um modo de funcionamento da mente. Freud cometeu esse erro ao pensar que a mente vai funcionar desse modo porque se deparou com o problema da diferença sexual. É o contrário, criamos um problema com a diferença sexual porque a mente funciona assim.

• **P** – *Alguns chamam isso de bottom up e top down. O que Freud faz é bottom up e o que você faz é top down. Você parte da mente e Freud da diferença sexual.*

Freud não fez isto de araque. Fez por estar metido numa cultura judeu-cristã e encontrar os pacientes falando assim. Então, achou que essa conjuntura criava aquele processo na mente. Ele não conseguiu, mas tinha obrigação de, lá adiante, quando descobre a Pulsão de Morte, voltar e dizer que não era bem assim, que era ao contrário. Mas não fez isto.

• **P** – *Quando Freud disse que só é possível re-conhecer, falava disso.*

Acontece que ele pegou no nível mais baixo e disse: a mente funciona assim a partir e por causa disso. Este erro foi possível em um tempo, hoje não é mais, pois a coisa caminhou o suficiente para sabermos, através sobretudo do reconhecimento das funções computacionais, que o aparelho funciona no nível lá de cima, e não no nível dos conteúdos. São reversões radicais que vamos produzindo e que devem produzir reversões radicais na Clínica. A criança vai contar uma edipianada qualquer e nós lhe diremos: Ah! A cabeça funciona assim? Então vamos contar o Édipo de outras maneiras, vamos contar seu problema de outras maneiras. Vai parar em álgebra isso...

67. Lacan trabalhava para mostrar a diferença entre Psicologia e Psicanálise, melhor dizendo, entre Psicologia e Metapsicologia. Poderíamos dizer que a psicologia sempre quis ter um caráter científico. Qual é o caráter da

metapsicologia? É ARRELIGIOSO, **mas sem abandonar o caráter científico**. Ou seja, a psicologia depende da epistemologia; a psicanálise depende de uma gnoseologia. A psicanálise joga nos dois lados, é maneira. Não só a episteme, mas a gnose. Não só *le savant*, mas *le sage*. De um lado, o Saber, de outro, a Sabedoria. A Diferença e a Indiferença. Mas a psicanálise opera ambos os lados, embora se caracterize mais pelo segundo. A psicologia só opera no primeiro e se caracteriza por ele, é hemiplégica. A psicanálise quer os dois lados. Assim como quero produzir a Indiferença na Clínica, quero conhecer o sintoma, se não, não posso alcançar a Indiferença. A psicanálise opera dos dois lados, no Caminho do Meio, sempre **entre**.

Disse que a Personalidade não é senão a estupidez dos Patemas da psicanálise, a estupidez das Morfoses. E há uma correlação, a ser estabelecida, entre as Morfoses e as funções da Sexualidade. Quero estabelecer essa correlação, mas também darei um tempo para pensar mais um pouco nas Morfoses Regressivas, próximo daquilo que chamavam psicoses. Falarei genericamente, não estou positivando nem negatizando, nem ativando nem reativando. Todos esses elementos vão compondo a estrutura do que possamos pensar como Clínica. Mas é preciso, com o tempo, retornar a estas questões, pois não foram plenamente desenvolvidas.

• **P** – *O Princípio de Catoptria e o de Indiferença são a referência para trabalharmos isso?*

Seria a possibilidade de produzir uma Gnômica, que é exatamente o que fica no meio, entre o Conhecimento e a Indiferenciação.

• **P** – *Por que é necessário articular a Patemática com os modos da Sexualidade?*

Os modos da sexualidade não são patológicos? Escolher ou acontecer um tipo de sexualidade é uma patologia, se não, teríamos qualquer uma, ou nenhuma. É um vínculo vicioso. Há uma correlação entre os Patemas e a Sexualidade. Abro logo para começarmos a pensar para a próxima vez. Digo que a Morfose Estacionária é do Sexo Consistente; a Morfose Progressiva, do Sexo Resistente; e a Morfose Regressiva, do Sexo Inconsistente. Mas por que preciso falar da Morfose Regressiva? Porque sua produção não é Inconsisten-

06/NOV/2004

te, ela é inconsistente depois do surto. Podem achar estranho eu dizer que um paranóico é Inconsistente, mas sua produção ulterior é via Inconsistência.

• **P** – *A produção nas Morfozes Regressivas é Inconsistente?*

Não. Lacan fez um esforço, a meu ver inglório, de distinguir entre psicose e neurose através da não *Bejahung*. Eliminei isto, pois não gostei do final de seu seminário sobre *As Psicoses* – era melhor até o meio – e disse que a chamada Morfoze Regressiva é resultante de um HiperRecalque. Quero mostrar agora como isso funciona. Se é Recalque, e ainda por cima Hiper, o modo de produção é igual ao da Morfoze Estacionária, mas, de repente, acontece um fenômeno de explosão, que mostra que a emergência da Morfoze Regressiva se dá naquele momento chamado antigamente de *momento fecundo*. Ora, esse momento é de Inconsistência. Ou seja, o momento mesmo que posso chamar de efeito de HiperRecalque é momento de Inconsistência.

• **P** – *É isto que Freud não sabia dizer?*

Freud não sabia dizer *onde* teve sucesso e *onde* o paranóico fracassou. Quero tentar distinguir o sucesso do fracasso, quero dizer, a produção de um louco como Freud e a produção de um gênio como Schreber, ou vice-versa.

• **P** – *É aí que nos embananamos.*

É muito fácil se embanar. Desde os psiquiatras antes de Freud, todos se embananam. Mesmo Lacan achou que tinha dado uma solução, mas não deu.

• **P** – *Freud diz que a hora do sintoma não é a mesma em que se dá a patologia. O sintoma já é uma tentativa de estruturação do mundo, uma tentativa de regressar a alguma norma, enquanto que o momento da psicose seria aquele de radical retirada da libido do mundo.*

Vocês me verão chamar isto de Catástrofe, mas da próxima vez.

06/NOV

68. Hoje não há Falatório, vocês não têm nada para falar?

• **P** – *O Caminho do Meio é o caminho mediano da contrabanda e, a qualquer desvio, ela se transforma?*

Não falei isso, não acredito em desvio. Caminho pelo meio pode continuar o mesmo, até quando alguém está de porre.

• **P** – *Mas quando cai em um lado, sai do Caminho do Meio.*

Isto é impossível de dizermos. Tomem uma contrabanda, se a cortarmos pela beiradinha, no cantinho, ela cai, mas continua do lado de cá. Então, não sabemos onde é o Caminho do Meio. É ali pelo meio, isto é o mais interessante. O Caminho do meio não fica bem no meio, fica mais ou menos entre os dois.

• **P** – *O trabalho de Lygia Clark aborda esta questão. Ela dizia que o corte no meio da contrabanda tinha que ser infinitizado. Nunca poderíamos terminar o corte no mesmo lugar onde começou, se não, bilateralizaríamos a banda. Então, para infinitizar o percurso, temos que manter o corte à direita ou à esquerda de onde começamos.*

Há uma porção de coisas na tese de Nívia Bittencourt para se ver sobre isto (*A Vassoura da Bruxa. Lygia Clark na Arte da Lou-Cura*. Rio de Janeiro: NovaMente, 2002). Teoricamente sim, mas na prática isto não acontece. Se deslocarmos um pouco para cá ou para lá, ela acaba. Então, só é infinito teoricamente. De qualquer modo, o que nos interessa é a noção lógica de que estamos atentos aos dois opostos. Ora, estar atento aos opostos é, sobretudo, estar atento aos opostos que não estão presentes. As oposições presentes são fáceis de serem vistas, mas e o oposto a toda essa estrutura aqui que não está presente?

• **P** – *O não-Haver?*

Não. Simplesmente, o fato de que há exclusão. Este universo presente excluiu outra coisa.

• **P** – *Ficar jogando nas alelizações já postas é um engano no qual é fácil cair.*

Ficamos brincando com os alelos dentro da mesma situação.

• **P** – *Considerar o que não está presente como alelo também.*

Este universo é inteirinho feito de “matéria”, quer dizer, é positivo. Mas e o negativo, onde está? Ali não tem condições de aparecer, mas na cabeça da gente tem.

69. Temos que distinguir o que é **loucura** do que é **patologia**. Louco é sempre o outro. Já repararam nisto? Toda vez que temos algo contra o outro, dizemos que ele deve ser maluco. Mas a loucura é geral, é de todos. Outra coisa, é uma constituição sintomática, isto é, uma Morfose, que realmente atrapalha, impede, bloqueia os procedimentos. Chamamos psicótico de maluco, de louco, mas não é louco, é psicótico. Loucos somos nós, que até prestamos atenção nele. Na história da tal humanidade, toda vez que alguém disse algo que parecia não caber no dado, no conhecido, foi considerado louco, quando o outro é que é o estúpido. As pessoas não percebem que estupidez é patologia e locura não. Loucura é o normal, pois se deixarmos solto, isso fica completamente louco. Afinal de contas, esta espécie é completamente louca. Já imaginaram se qualquer animal tivesse um minuto de reflexão? Olharia para nós e diria: esses caras são completamente loucos, estamos aqui na selva, fazendo tudo direitinho e os malucos passam de avião, de carro... O animal teria razão, pois tudo isso é loucura. Aliás, animal só tem razão, nós é que temos razão e outras coisas. É impressionante como vemos isto na clínica todo dia. Basta conversar mais um pouco com o analisando que imediatamente ele prova que o louco são os outros. Ele não sabe que é doido varrido. E pior, além de louco é frequentemente estúpido dentro de uma Morfose.

Os resultados da explosão psicótica, do surto, podem ser de extrema lucidez, em alguns pontos, mas isto não garante, de modo algum, que psicótico seja exemplar. Esta é uma das estupidezes da cultura, pensar que maluco é quem sabe das coisas. Não sabe não. Sou contra essa besteira deleuziana do esquizofrênico. A maioria dos autores mais ou menos de esquerda, do período das décadas de 60 e 70, da anti-psiquiatria, fazem essa bobagem. Na verdade, os loucos são empurrados para certo momento de lucidez, para certo conjunto de aspectos que são lúcidos, mas estão com seu universo destruído.

Há coisas para se entender sobre a Morfose Regressiva, para estabelecermos algumas diferenças, pois não é assim como se pensa. No entanto, como somos muito estúpidos e cagões, quando vemos um louco desses fazendo essas coisas, dá uma impressão de liberdade na gente, mas lá não tem não. Não queria estar no lugar dele. Minha lucidez é por dissolução, e não por explosão. O que faz uma diferença enorme, pois vamos dissolvendo, indiferenciando... No caso dele, se explodir, ninguém segura mais, não há como arrumar de novo, pois cura de psicótico, isto não existe.

• **P** – *Mesmo a lucidez por dissolução pode chegar nessa psicose do limite?*

Não. O limite é completamente louco, não necessariamente morfótico. Faço questão desta distinção: a loucura humana não é uma Morfose. Leiam os místicos, os grandes pensadores, eles têm um processo de querer chegar lá – “chegar lá” significa destacar as amarrações e indiferenciá-las –, mas o processo leva tanto tempo porque não se pega e se arranca, é preciso ir operando. Assim, aquilo que destacamos tem certa segurança, pois há arrumação, há uma música, enfim, há certa harmonização. No caso do psicótico, primeiro ele fica trancado, depois explode, não há meio termo.

• **P** – *Na dissolução não há risco?*

O risco está presente, mas não é necessariamente o ponto de chegada. É como diz Heidegger: “pensar é o risco supremo”. Isto, no sentido de poder-mos nos perder no caminho e explodir. O que está efetivamente errado na teoria de Lacan é o conceito de foracclusão, pois diz que somente os foraccludos ficariam Regressivos. Não é verdade, qualquer um está disponível para isso.

• **P** – *Há uma hipóstase d’ALEI sem ser regressiva de último grau?*

Não precisamos colocar grau, há hipóstase, simplesmente. Digo isto porque a coisa é dinâmica e histórica. Mas não precisamos entender segundo o sentido que os historiadores dão à história: há apenas uma sequência de acontecimentos que caem sobre as pessoas. Lacan eliminou qualquer historicidade de sua teoria por querer provar que tudo depende estritamente da estrutura. Lacan é estruturalista mesmo. Então, se tudo depende da estrutura, não se quer saber dos acontecimentos. Afinal, foi a estrutura que os fez. Não acredito

nisto. Penso que haja estrutura e que, dependendo da pressão dos acontecimentos, um Recalque pode se tornar HiperRecalque no meio do caminho, para qualquer um. Debaixo de pressões extremas – não sei o que significam pressões extremas, pois é caso a caso –, um Recalque mais pesado pode se tornar, para a Formação, um HiperRecalque e explodir a Formação.

• **P** – *O HiperRecalque é sempre explosivo?*

Não. Vocês estão me obrigando a fazer o último Falatório deste ano, que não trouxe hoje. Da próxima vez, trago isso mais arrumado. É exatamente para isto que quero chamar atenção. O HiperRecalque, mesmo funcionando como HiperRecalque agoraqui, pode encontrar condições circunstanciais que chamo de, digamos, que ele é *sustentável*. O que faz com que não entendamos uma porção de coisas que acontecem na clínica e, sobretudo, uma quantidade enorme de coisas terríveis que acontecem no mundo. Por quê? Só reconhecemos o psicótico quando surta, ou seja, quando arrebenta. Ele entra em surto, passa o tal momento fecundo, segundo a velha psiquiatria, então, rearruma tudo em um delírio e só aí o reconhecemos. Mas tenho certeza de que há uma quantidade enorme de psicóticos que estão *garantidos pela situação*. E estes são os mais terríveis, são os piores, pois são os que destróem com o mundo. Há muitos assim. São Regressivos, há HiperRecalque, mas estão *sustentados* pela situação.

Encontramos isto, por exemplo, no Poder constituído. Eles são chamados de carismáticos, no entanto, são o terror. As pessoas encontram carisma nesses psicóticos, do mesmo modo que encontram um outro tipo de carisma no Progressivo. Vamos dar nome ao Progressivo: *borderline, psicopata*. Embora não sejam carismáticos, têm uma coisa geralmente fascinante, as pessoas se apaixonam por eles, eles manipulam a situação. *São dois vetores opostos, não são a mesma coisa*. Por isso, digo que toda a psiquiatria quebra a cara quando diz que *borderline* é borda de psicose. Não é não, pois se trata do vetor oposto, um reifica para trás e o outro para a frente. Aliás, no caso do Progressivo, não é preciso usar a palavra *reificação*, pois o que ele empolga, o que segura como garantia, não é uma estrutura do Secundário

tornada tão rígida que se parece com a do Primário. Trata-se simplesmente de uma formação de base que ele erige em determinante, em referente supremo. Isto faz uma diferença enorme.

• **P** – *Essa formação é de base primária ou secundária?*

Pouco importa, pode ser apenas um tesão dele, alguma formação egóica, pode ser até seu ego erigido em referência absoluta e dane-se os outros, ele vai em frente.

• **P** – *O modelo vetorial permite entender o processo por inteiro e, portanto, fazer essa distinção?*

Se não tivermos uma sintonia fina, como se diz, não distingüimos – contribui para isto as pessoas serem mal formadas intelectual e clinicamente –, fica muito parecido, mas é radicalmente diferente. Encontramos progressivos tendo surtos sucessivos, mas eles voltam, não progridem para o delírio.

• **P** – *Dizem que o perversista é transtorno de personalidade anti-social, mas o psicótico não, ele tem transtorno cognitivo.*

É completamente diferente. Fico de boca aberta com médicos que estudam psiquiatria, fazem psicanálise e não veem. Não têm recursos para jogar uma ou duas cascas de banana no consultório? Basta colocar a armadilha que eles caem na hora. Não sei o que vocês sabem dessas experiências, mas *borderline* está inserido errado naquela classificação, pois são todos psicopatas, são Morfose Progressiva. Não sei qual confusão fizeram com psicose, pois não há nada de psicótico neles. Podem ter a mesma força, a mesma potência organizacional, mas é tudo *para fora*. Sem experiência, não entendemos essas coisas, temos que lidar com isto e ficar testando. Se não testamos o analisando, não sabemos do que se trata. As pessoas não costumam testar analisando? Testar, ser implicante sem ele notar, botar uma casquinha de banana para ver se cai. Só assim montamos o quadro.

• **P** – *A psiquiatria não tem precisão a respeito do conceito de borderline.*

Enquanto não virem a coisa funcionando em seu extremo, eles não saberão. Por isso, precisam ver o sujeito no surto e não percebem que conversando, jogando uma casquinha aqui outra ali, o cara apresenta o quadro

todinho, com clareza. Só há uma maneira de lidar com essa gente, é aproveitar quando derem um chilique e dar um cacete, internar na porrada, grampear, chamar a polícia. Assim, pelo menos, a pessoa está localizada na sociedade como tal – como a polícia diz, temos que “qualificar o elemento” –, o que já é um alívio para os outros. Essas pessoas têm espaços de sustentação e com isso é impossível de lidar, não se vai a lugar algum, dá a impressão de que estamos trabalhando para nada. Como o estatuto central desse tipo é o de dar a volta em qualquer coisa, então não há saída. O pessoal antigo no lacanismo dizia que não havia suposição de saber, que eles não fazem transferência. É verdade, pois quem *sabe* é ele, e nós estamos ali para ele nos tapear. Trata-se de uma estratégia para ele sobreviver no mundo. Já que o mandaram se tratar, então tem que dizer que está fazendo análise. É uma estratégia como outra qualquer, não está fazendo nada ali. Está pouco se lixando para nós, que somos mais um elemento que entra em sua estratégia de sobrevivência e dominação.

• **P** – *Quando se tem algum desses na família é um horror.*

Tenho alguns analisandos que são obsessivos (mais de um) e que têm essa situação dentro de casa: eles vivem em desespero, pois essas pessoas infernizam suas vidas de maneira extrema, eles não têm saída.

• **P** – *Você já afirmou que era necessário empurrar para a fobia, que aquilo reverteria.*

É uma tendência, algo que suponho (talvez) possível. Ou seja, temos que virar o mundo contra ele. Não sei se tem saída. Meu paradigma se chama Gilles de Rais. Já falei disso aqui. Há, sobre isto, a consideração de Georges Bataille e o processo sobre ele. Gilles de Rais, um dos senhores feudais mais poderosos da França. Portanto, fazia o que queria, e não era brincadeira. Sentava em cima de crianças e se masturbava. Quando elas estivessem nos estertores, ele gozava. Esta é uma de suas “brincadeirinhas”. Matou centenas de pessoas assim. Mas quando a sorte vira e todos os outros senhores feudais – por motivos outros, claro!, queriam suas terras – vão contra ele, aproveitando-se disso, ele cai de quatro. Na hora em que fica impotente, desaba, perde perdão e reza para Deus. Agora, pergunto: este momento pode ser utilizado

para alguma cura? Não sei, ninguém nunca fez isto.

O nome de *borderline* criou todas essas besteiras. Trata-se de Morfose Progressiva e há vários tipos. Nossa cultura está cheia dessas pessoas, extremamente bem sucedidas. A falta absoluta do que costumamos chamar de escrúpulo, ou melhor, a falta absoluta de qualquer referência que não seja o seu próprio interesse, deixa as pessoas extremamente competentes. Elas não oscilam diante de nenhuma situação, pois já sabem qual é a referência, está encerrado. Por isso, têm uma competência profissional enorme, seja qual for a profissão. Atravessam tudo que encontram, feito um *pitbull*. O neurótico ainda oscila, fica cheio de problemas, mesmo sendo um bandido. A Morfose Progressiva não, passa por cima e segue em frente, dá competência, necessariamente empresta competência e potência às pessoas, empresta leveza. E, com a maior leveza, faz-se qualquer coisa.

Suponho que a arrumação da patologia que apresentei ano passado, a Patemática, com os vetores, seja fecunda, pois nos permite ver coisas que não víamos antes. Lemos os melhores autores como Henri Ey (1900-1977), Karl Jaspers (1883-1969), pessoas refinadas e brilhantes, mas que não conseguem estabelecer boa distinção. É o que tinham, a coisa era descritiva, semiológica e imitada da medicina. Então, tomavam um caso e o estudavam para levantar a semiologia. A grande virtude do estruturalismo foi chamar nossa atenção para o fato das formações mínimas. Desde que não sejamos estruturalistas, isto é muito útil. Se formos estruturalistas, cometeremos o erro de Lacan, ou seja, tiraremos tudo que não é evidentemente da estrutura. As estruturas existem, mas não precisamos ser estruturalistas e acreditar somente nelas. O grande golpe de Lacan foi tentar estruturarmos básicos com suas fórmulas. Acontece que não é possível escrever matemas, apenas é possível organizar o entendimento das estruturas. Para isto, precisamos lembrar que estrutura é uma espécie de vaso, temos que ver o que foi colocado dentro.

Foi o melhor que pude fazer e, para mim, tem sido útil, pois cada vez fica mais claro e mais rápido. É como disse: coloco umas casquinhas

27/NOV/2004

de banana, fico olhando e, na segunda vez que a pessoa me encontra, já saquei, rapidinho quase sempre. Esperamos de tal tipo de formação que resultem certas coisas, então implicamos e fazemos a pessoa apresentar a resposta, e ela apresenta a resposta certinha. Tomamos uma pessoa que suspeitamos ser *borderline*, começamos falando bem com ela, de repente, começamos a bater de frente para ver o que ela faz. Implicamos de propósito, mesmo que achemos que esteja falando algo certo. Precisam ver o que acontece: ela nos agride.

• **P** – *A estrutura é única ou existem formações relativas a uma estrutura?*

Não. Qualquer formação cabe. Assim, podemos ter vetor progressivo para cá ou para lá, vetor reativo para cá ou para lá. É simples. O conteúdo é que pode nos enganar.

13/NOV

70. Hoje encerramos o Falatório do ano. Pedi que lessem o artigo *Computador buraco negro: teoria da informação vê o universo como gigantesca máquina computacional* (*Scientific American Brasil*, ano 3, n. 31, p. 49-57, dezembro/2004), de Seth Lloyd e Y. Jack NG. Não há novidade alguma, apenas um resumo que pode servir. Não desenvolverei isto hoje, nada mais tenho a dizer a respeito. Desde Stephen Wolfram, que trouxemos aqui, já há algum tempo, isso se coloca com toda clareza. O importante é vermos que há substrato teórico em outros campos para se falar da homogeneidade do Haver, e que não é de araque o que postulo. Não sei se quando falei disso me referi a algum substrato, assim me pareceu. No entanto, cada vez fica mais claro, no campo das ciências duras, que, se concebermos as formações do Haver e o Haver em sua totalidade como da ordem do computacional, então o Haver é homogêneo, pois, segundo essa posição, tudo é computável. O mais interessante é que, se isso junto com a teoria do Pleroma for verdadeiro, o Haver é uma IdioFormação, e isto dá resultados bem estranhos.

Já disseram coisas parecidas. Por exemplo, quando Espinosa resolve situar seu Deus como Natureza (*sive* em latim é o *ou* da mesma espécie, é isto *ou* aquilo). Portanto, podem supor que estou dizendo o mesmo que Espinosa quando digo que o Haver é uma IdioFormação. Certa vez, de maneira que não me parece muito precisa – só é precisa se houver desenvolvimento, que não fiz até aqui –, disse que, ao invés de Deus *sive* Natura, podemos dizer Deus *vel* Natura. Mas tenho que situar esse *vel* no terceiro tempo de uma lógica de seqüência, pois não está logo num primeiro tempo. Assim, estou dizendo que se o Haver é computacional, e se é uma IdioFormação, então, ele não difere da nossa maneira de ser IdioFormação. Ele só pensa e faz com maior potência. Ora, isto não qualifica nenhum lugar desses que se possa chamar de Deus, a não ser como o de Espinosa, que seria o Haver enquanto IdioFormação. No entanto, não é o que estou dizendo, pois Espinosa não tem o não-Haver como atrator do movimento do Haver e de qualquer coisa que se queira chamar de Deus, qualquer tipo de ficção, que coloco entre Haver e não-Haver com o nome de **Gnoma**. Por isso, digo *vel*, o que precisa ser desenvolvido melhor como seqüência, pois se trata sempre de um lugar vazio que o movimento desejante pode conjecturar como exasperação. Pura exasperação é lugar vazio, não é preciso de teísmo de espécie alguma. Se alguém quiser inventar alguma ficção para colocar aí, o problema é do ficcionista. A diferença é grande, inventar uma ficção divina com personagem construído para colocar ali é uma ficção do dono da ficção, como é a ficção de várias religiões, etc.

• **P** – *O Haver pode produzir ficções?*

Ele deve ficcionar demais. Olha nós aqui. Ele inventa um monte de engenhocas. Não há como deslocar esta posição. Se imaginarmos que aquilo é da ordem do computacional – portanto, há uma série de programas, recursos, repetições, etc. –, então aquilo acaba produzindo invenções espontaneamente. Isto é que é o espontâneo. O que chamo de Artifício Espontâneo são invenções dessa IdioFormação.

71. Outra coisa que espero calmamente – não sei quanto tempo durará, décadas, séculos, o que não me impede de esperar, mesmo que não consiga – é a **unificação das forças físicas**. Sem chegar a uma equação única, não temos resposta adequada para o que está conjecturado no Pleroma. Então, ali há uma aposta. Os físicos, os cosmólogos, estão impressionados com o fato de o universo estar em expansão e em aceleração.

O Haver já é Secundário em si mesmo. Se o Haver é computacional, então sua carne é secundária. Só chamo de Primário determinado fechamento, dentro de determinado quadro, de um conjunto de formações. A certas formações decantadas demais chamo de Primário, mas se digo que é homogêneo, ele não pode não ser da mesma ordem do Secundário, não há como. Quer dizer, Primário não é um tipo de matéria, um tipo de substância. Primário é um modo de comparecer. Secundário também é um modo de comparecer. Então, quando digo que a matéria é secundária, não estou falando direito, deveria dizer que aquilo é assim, aparece secundariamente, primariamente, etc.

• **P** – *Hard e software são idênticos em termos lógicos. São modos de formação do que se apresenta diferentemente.*

Acontece que, para efeito de uso agoraqui, reconheço que determinada formação está mais decantada do que outra. Aí faço essa distinção, mas, se analisar até o fim, elas são da mesma índole. Falei da espera que temos que ter pela unificação das forças, pois não é possível que essas forças, em última instância, não sejam a mesma. Se são a mesma, já demos um nome. Desde Freud, chama-se: **Konstante Kraft**, Libido, Tensão, o que quiserem. Inventarão outro nome mas, o nome, Freud já deu e podemos traduzir por **Tesão**, *Trieb*. Não sei por que a expansão suposta pelos físicos não pode ser a coisa mais espontânea do mundo. Por que fazem eles a suposição de que já saímos do regime da explosão? Lembrem-se que, em 1986, no Pleroma, coloquei nossa situação atual dentro do regime da explosão. Como ainda não começamos a implodir, faz todo sentido, segundo nossa ficção, que o universo esteja em expansão e em aceleração. Quer dizer, está em explosão ainda e isto não vai impedir que as outras forças compareçam, pois é a mesma força, modificada.

Um dia, descobrirão isto. Só estou dizendo para, quando descobrirem, vocês saberem que nossa ficção já o tinha dito, por mera intuição².

72. Outra coisa ainda que pedi para verem foi a reportagem *Mentes Inquietas* (*Isto É*, 17/11/2004). É de rolar de rir, falam sobre todas as terapias e suas diferenças. Acontece que não há diferença alguma.

• **P** – *E a psicanálise?*

A psicanálise lá está para dizerem que já era. É uma questão de mercado. Não devemos fazer guerra alguma de prestígio com esse tipo de coisa, mesmo porque a psicanálise não é uma terapia. Ela só é terapêutica por ganho secundário, e não por intenção. É preciso que se entenda isto, a psicanálise não é terapêutica, pois terapia é aquilo que visa determinado sintoma para tentar convertê-lo. A psicanálise faz isto por consequência, se fizer. Psicanálise é um modo de pensar e rearticular o pensamento e, por consequência, acaba curando pessoas. Acho um erro o analista receber um cliente visando o tratamento com a intenção de curá-lo dos sintomas. Pode até fingir fazer isso, pois o analisando gosta, mas não se trata disso. Trata-se de reformatar o pensamento da pessoa. Consequências disso? Uma série de sintomas cai por terra. Então, não devemos, suponho, entrar em conflito com esse tipo de texto, nada temos com isso. “A psicanálise demora”, dizem eles. Demora sim, a vida toda! Não acaba mais... Culpa do Doutor Lacan de ter inventado a “análise finita” com aquela tolice de passe. Não havia isto na cabeça de Freud. Análise não acaba, podemos pará-la, mas ela não acaba – já disse isto, está publicado em vários textos. Temos que nos colocar nessa postura: análise é um modo de pensar, de agir e vamos trabalhar o tempo que achamos que devemos, que precisamos ou não.

73. Prometi para hoje o que chamo **Os Quatro Tempos das Morfoses Regressivas**. Para limpar a área quanto a várias dúvidas colocadas, precisamos cada vez mais refinar a conceituação. Digo que as Morfoses Regressivas,

² Cf. artigo da *Scientific American Brasil* citada no item 70 acima.

das quais tratamos pouco até agora, se compõem de quatro tempos. Poderia chamar de qualquer nome; dei uns nomes a esses tempos aqui: **Composição, Estatuação, Catástrofe e Ruína**. Usei a palavra *estatuação*, mas poderia usar *estatuição*. Uma é do verbo *estatuar*, outra do verbo *estatuir*. Uma é fazer estátua, outra é fazer estatuto. É quase a mesma coisa. Prefiro a idéia da estátua. Como temos dificuldade em entender esse problema por causa das oscilações intermediárias que a Morfose Regressiva apresenta, as pessoas se perdem. Sabemos que a saída de Lacan foi resolver por via estrutural e por via estritamente secundária, dizendo que não houve entrada de um significante, etc. Mas isto não me convence há muito tempo.

A **tragédia grega clássica** colocava-se em três tempos: Prótase, Epítase e Catástase. É interessante porque acho parecido, basta acrescentar o quarto termo, os Escombros. A primeira, *Prótase*, na tragédia clássica, é exposição inicial do tema. Expõe-se o tema, Édipo, por exemplo, apresentam-se os argumentos e inicia-se o desenvolvimento dos argumentos postos em cena. No segundo tempo, *Epístase*, que é uma espécie de desenvolvimento, desenrolam-se as ações principais. Acho engraçado que o modo como os especialistas entendem a sequência dos tempos na tragédia grega é igual ao da sequência dos tempos nas formas clássicas da música, a *sinfonia* e a *sonata*: exposição, reexposição e conclusão. No caso da tragédia, fazem exposição, desenvolvimento, e o terceiro tempo, que chamam *Catástase*, é o desenredo, ou seja, os acontecimentos se precipitam. Neste ponto, acham que acabou a tragédia, mas esquecem que fica um monte de escombros e que, na cabeça do público, pelo menos, ou do leitor da tragédia, haverá uma recomposição qualquer desses escombros. Assim, falam apenas da tragédia apresentada, mas não do que se faz com o resultado da tragédia tida.

• **P** – *E a catarse?*

É outra coisa. A suposição de que a pessoa, passando por isso tudo, dá uma limpada na alma e se acomoda. O que é verdade, existe catarse. Por exemplo, estamos putos, então damos uns berros, gritamos e, pronto, nos acomodamos. Não estou falando disto, e sim das etapas da constituição da tra-

gédia clássica: Prótase, Epítase e Catástase, à qual seqüência acrescento os Escombros da tragédia. Isto, para ficar parecido com o que chamo os Quatro Tempos das Morfoses Regressivas, que prefiro chamar de: **Composição, Estatuação, Catástrofe e Ruína**. Freud disse: “Tive sucesso onde o paranóico fracassou”, ou seja, armou sua tragédia de outro modo: Composição, Consolidação, Eficácia e Sucesso. Ele não virou ruína junto com a produção, não houve o momento de Catástrofe, a qual, na teoria, vem depois. Se não houve Catástrofe nem Ruína, ele apresentou em seu lugar uma Eficácia e dali teve Sucesso onde o morfótico regressivo entra em Ruína.

Com essas fases, quero dizer que existe uma composição de formações, de preferência recalcentes, na constituição do morfótico regressivo. Algumas dessas formações, compondo outra formação, entram em um regime tal de consolidação, que chamo de Estatuação. Faz-se uma estátua daquilo que foi operado no nível secundário. E de tal maneira esse neo-etológico se torna consolidado, estatuído e estatuado, que parece uma coisa dada no Primário. Ele funciona como algo do Primário. Por isso, Freud dizia que a diferença existente entre a neurose e a psicose é uma acontecer no nível secundário e a outra, no nível da realidade. Ele não sabia explicar isto por não ter estes conceitos que trago. Quer dizer, é algo que é da mesma ordem secundária de neurose, mas que passou dos limites de consolidação, de maneira que funciona como o Primário. A pessoa não consegue mais nenhuma transa desarticulatória com aquilo, não se transa mais aquilo de maneira articulatória como se transa com uma ficção, com um texto. Temos que pegar aquilo em bloco e, se quisermos separar os pedaços, é quase como separar os pedaços de algo concreto, de algo primário, de um corpo sólido. Não podemos tirar um dedo e colocar em qualquer lugar, como os surrealistas. O surrealismo, que lidou diretamente com a loucura e supostamente influenciado por Freud – que achou aquilo muito esquisito e sem relação com ele, embora tenha havido essa influência –, queria justamente poder tratar o Primário – vejamos o que é a imagem surrealista – como se fosse Secundário, reorganizar a frase de qualquer modo. Mas o Primário não aceita essa rearrumação, não

se pode tirar o dedo daqui e colocar ali, como algo de araque, pois há um processo complicado.

Na Morfose Regressiva há uma composição de formações que vão se estatuar. De tanta pressão recalcante, ela fica tão sólida que podemos tirar a pressão recalcante, que não há retorno do recalcado. Por isso, às vezes parece com a chamada perversão: aquilo funciona como algo existente concretamente no Primário, e não como algo que está retornando. É “como se” fosse dado. Acontece que, como isto não pode funcionar, se temos uma série de recalcados e recalcentes, estamos no nível da Morfose Estacionária. Mas aquilo é um processo de agonística entre formações recalcentes e recalcadas. O recalque só é mantido porque há forças recalcentes não deixando o recalcado vir. Ele quer vir, é o chamado *retorno do recalcado* em Freud. Ele vai retornar, mas há forças que têm poder para dizer *não*. Entretanto, se começamos a dar voltinhas e encontrar modos de subverter as forças recalcentes, ou aumentar a força das forças recalcadas, começamos a relativizar, considerar, dissolver esse aparelho de guerra, de agonística. Esta é a possibilidade de cura de neurose, sejam quais forem as formações. Não interessa à psicanálise quais sejam as certas ou as erradas, interessa equilibrar as forças recalcentes e recalcadas para que haja possibilidade da escolha que se quiser. Isto seria uma pessoa solta da Morfose Estacionária.

Na Morfose Regressiva, algo se congelou, se compactou de tal maneira que não há mais caminhos para a dissolução. Aquilo se petrificou de modo tal que, mesmo sendo produzido secundariamente, é um trabalho ingente conseguirmos caminhos de aproximação. Não estou dizendo que seja impossível, pois não sabemos e ninguém sabe também, mas que é como se fosse uma Morfose Estacionária tão dura que não conseguimos abordar. O suposto retorno desse recalcado, que geralmente não retorna espontaneamente, é o conjunto das formações secundárias que requer determinada coisa que não está funcionando, porque não tem maleabilidade secundária, então aquilo é duro, não se mexe. E, quando o requisitamos, temos duas saídas: ou aquilo simplesmente continua duro como estava e não vai acontecer nada, a não ser

continuar na mesma, ou o pedido é tão veemente que aquilo entra em Catástrofe, e arrebenta. É como se tivéssemos um ponto de ancoragem tão firme que a pessoa não se mexe. E se a exigência de mexer for grande, aquilo arrebenta. É isto que estou chamando de Catástrofe, que é o que os psiquiatras clássicos chamavam de *momento fecundo*, momento em que vemos que está se armando a explosão que vai constituir delírio, alucinação, etc. Ora, isto tudo é da ordem da Ruína: aquilo se escombra e depois vira paisagem. Se formos narrar a paisagem das ruínas, é uma loucura porque a pedra do capitel foi parar na base e desarrumou tudo. A pessoa fica fazendo discursos articulatórios com referência à Ruína, e isto, com muita frequência, fica com aparência de lucidez, pois, no que a pessoa conta essas coisas, parece que está articulando com muita sabedoria a análise (*ana-lysis*) do edifício. Não, ela está vendo o edifício ana-lisado: analisou-se, escombrou-se, só que sem nenhuma ordenação que possa ser eficaz, como foi eficaz em Freud, que desarticulou regradamente seus saberes.

• **P** – *Pode não haver Ruína, mas de alguma maneira há Catástrofe em Freud.*

Não chamaria propriamente de Catástrofe – tal como a noção de ruptura imediata, mesmo no conceito de René Thom, em que a curva sofre uma alteração repentina –, pois a coisa vai se dissolvendo com o tempo. É um trabalho de análise, longo, sofrido, pesado, um trabalho de quebrarmos aqui, rearrumarmos ali, e não um edifício que arrebenta de repente. Isso deu a Freud o sucesso que o paranóico não teve. O surtado escombra, Freud desmonta o castelo todinho, guarda as pecinhas em lugares bem situados para remontar outro castelo, e reconstrói o edifício.

• **P** – *No momento fecundo do morfótico regressivo há o desaparecimento do mundo.*

É o momento da instauração e instalação da Morfose Regressiva propriamente dita. Se chegou aí, não há volta, não tem mais jeito. Alguém como Freud e todos os seus colegas tiveram que ficar segurando para o troço não cair, arrumando direitinho, tirando daqui, pegando com cuidadinho, botando ali, se não, seria uma tal complicação que não se montava mais o troço de novo.

• **P** – *No morfótico regressivo o estranhamento é acompanhado imediatamente por uma re-significação que é exatamente a dos escombros.*

O olhar que estranha imediatamente reconfigura, mas reconfigura na ruína. O que acontece é que a pessoa acaba pegando essa paisagem de ruína e fazendo um teorema, uma teoria com as mesmas características da teoria do cientista, do artista, etc., só que vemos que não cola, pois é um monte de cacos justapostos de araque. Mas com lógica cerrada.

• **P** – *John Nash (1928-) sobreviveu.*

Porque não perdeu o princípio matemático. Seu mundo desabou, mas a matemática ficou inteirinha. Foi só o que ficou, ele só tinha Razão. Não houve Ruína dentro da matemática, houve no mundo. Então, ele pegou a matemática e ficou se segurando nela.

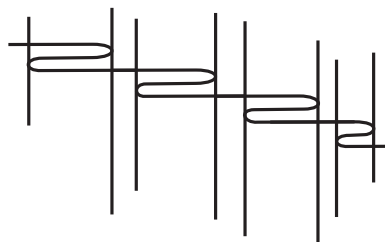
74. Esquecemos com frequência que existe um grande número daquilo que poderíamos chamar de regressão sustentada ou hipóstase firme. Há demais disso na face do planeta.

• **P** – *E não é Morfose Regressiva?*

Trata-se de um processo idêntico ao da Morfose Regressiva, mas que está congelado antes ainda do desencadeamento do terceiro tempo. Congelado antes da Catástrofe. A pessoa vive o resto da vida feito um monstro, pode virar presidente da república, rei, etc., mas é aquele monstro psicótico no mundo. Isto é comum na tal de família que tem aquele morfótico regressivo sustentado. É como diz o Lula: “É preciso um desenvolvimento sustentado...” da Morfose Regressiva. A Morfose Regressiva está constituída, estatuada, mas não houve surto que a levasse a termo. Há grande quantidade de pessoas na face do planeta, ocupando às vezes posições primordiais, no entanto regressivas. No tempo em que o princípio de autoridade era forte na sociedade, este tipo de gente queria ser diretor de escola, comandante de quartel, ministro, presidente da república, rei, por querer impor sua estátua ao mundo. E muitas vezes conseguiu.

Por que motivo não houve o terceiro tempo da Catástrofe? A formação morfológica está sustentada pelas circunstâncias. Os eventos não se precipitam no sentido da Catástrofe-Surto. As circunstâncias garantem a continuação do processo morfológico regressivo. O conjunto de formações envolvidas é suficientemente forte e abrangente, de modo a operar sem surto, sem Catástrofe. Vocês reconhecem isto no mundo ou no consultório? Devemos dar atenção ao que suponho ser um fato: há uma quantidade de supostos neuróticos que, na verdade, são portadores de Morfose Regressiva sustentada. Estão muito bem instalados no social. Isto foi propiciado até o século XIX, no máximo, até metade do século XX. Hoje não é isto o que é mais propiciado, e sim a Morfose Progressiva. Encontramos um farto campo para isto se instalar e não ter problemas, Mas ainda existe a Morfose Regressiva sustentada.

75. Também há a **Morfose Regressiva na história**. O movimento do homem, da “humanidade”, mesmo quando resulta em ser progressivo, jamais se efetua em continuidade. Estranhemos muita coisa por causa disso, mas, na história, basta procurar que achamos. O movimento foi progressivo, mas não se desenvolve assim. Toda vez que há um passo grande à frente, há um susto, uma tentativa de retorno, recomposição do passo dado e mais um passo a frente. É como no desenho abaixo:



Atualmente, vivemos um momento assim, entre regressão e progressão, em que a coisa parece psicótica por nosso momento histórico ter muita cara de regressão. Teóricos da história, da sociologia, da psicanálise, inclusive – já lhes falei a respeito –, dizem que é um momento paradoxal, de grande progresso e de grande regresso. Não há paradoxo algum, é simplesmente o momento em

que o século XX deu passos grandes demais que resultaram na explosão tecnológica no mundo. O que acontece? Isto está caminhando para a frente, mas as pessoas, extremamente assustadas, dando para trás. Precisamos entender isto, pois, do ponto de vista regressivo, há uma função “psicótica” no mundo, e, do ponto de vista progressivo, uma função “perversa”. É o Quarto Império chegando, mas dilacerado entre o Secundário e o Originário.

Há fases de retorno e recuperação. O troço andou até ali. Retorno e recuperação do retornado, outro passo. Retorno e recuperação do retornado, outro passo... Por quê? A maioria das pessoas no mundo, em um momento desses, vê a coisa andar, andar e, de repente, fica perdida, com medo, entra em pânico. Esse surto religioso de hoje é psicose contemporânea, e junto com o desenvolvimento progressivo. Junto, ao mesmo tempo. A curvinha no desenho só mostra que a coisa foi, voltou e está se recuperando, tudo junto, é uma loucura. Então, há fases de retorno e recuperação toda vez que um avanço nos parece genericamente assustador. Se houvesse um trabalho minucioso sobre a historiografia, talvez se detectasse tal movimento que, em nosso momento histórico, pode ser tido como evidente, pois é talvez evidente para qualquer pensante o que está acontecendo no mundo. Não estou dizendo que as pessoas ou a história estejam psicóticas, e sim que o movimento é regressivo – mas não se configurou nenhuma Catástrofe, que pode até aparecer, não sei. Portanto, há todas as características de uma psicose sustentada politicamente, com voto, com religião, num processo nitidamente regressivo.

• **P** – *Seria a recuperação do status quo ante?*

É tentar recuperar o que havia antes, porque se está assustado e não se sabe o que fazer no lugar onde já se chegou. A pessoa não está assustada com a visão do lugar para onde está indo, ela já chegou e fica assustada: “Faço o quê?” Ela não sabe o que fazer, corre para trás, produz uma reestruturação regressiva. Pode não chegar nunca à Catástrofe, mas também pode chegar.

• **P** – *A força para a frente é grande?*

A força para a frente é espontânea, mas não tenho certeza de que vencerá. Acho que algumas Catástrofes existiram. Por exemplo, decadência e

queda do Império Romano. Qual foi a regressão? O Império Romano já tinha inventado o Terceiro Império e aí veio o velho troço: Jesus e São Paulo, com uma mãozona de Constantino.

• **P** – *Com a coadjuvância de outras formações que também deram nessa Catástrofe.*

O Império Romano entrou em Catástrofe, não foi apenas progressão e regressão. A Igreja chamada Católica ficou com os restos da catástrofe romana, pegou os restos e recompôs, mas não é o mesmo pessoal, pois o cristianismo é regressivo e reacionário mesmo dentro do Império Romano.

• **P** – *O que você está trazendo dá novo entendimento aos modos que a historiografia utiliza, desde o renascimento pelo menos, para dar conta desse movimento. De um lado, a idéia da ascensão e, de outro, a queda das civilizações, dos grandes impérios, etc. A ascensão como o vetor progressivo, e a queda como essa mistura do regressivo.*

Mas é preciso ver que, antes da queda, houve o susto e o processo de retorno, com a tentativa de recuperação. Só há Catástrofe quando não há recuperação e, portanto, é feita por outrem. Vamos andando, nos assustamos, começamos a voltar porque tomamos um susto, isto é o regressivo; se conseguirmos a recuperação, vamos andar para a frente, mas, de modo geral, a recuperação é feita por outro grupo, porque a Catástrofe existiu. Assim, vem outra gente, por exemplo, São Paulo que pega os escombros e monta outro troço. Mas eles, Império Romano, nunca se recuperaram, foram absorvidos. Quem comprou a demolição? Os cristãos e São Paulo, e fizeram outro edifício com o material da demolição. Não aconteceu de o Império se recompor, ninguém soube recuperá-lo, e vemos isto com frequência na história. As pessoas não sabem recuperar os Impérios, eles desabam ou viram múmia.

• **P** – *Na história, há algum exemplo de recuperação?*

Não sei, pergunto aos historiadores. Em termos de pensamento, talvez a Grécia seja um exemplo, por ter se escombrado, mas algum pensamento grego, não todo, furou o pensamento romano. Furou, inclusive, os pensamentos judeu e cristão. Furou porque a igreja só conseguiu se fundar assimilando a Grécia.

76. Frequentemente, essa patologia é abordada em terapia como se se tratasse de Morfose Progressiva. É o que vemos em muitos textos psicanalíticos. Eles se defrontam com o Regressivo sustentado e pensam que é perversão. É um erro grave, pois a recalcitrância, em caso de Morfose Progressiva, é referida apenas a alguma formação fetiche. Ao passo que, em caso de Morfose Regressiva, a recalcitrância se refere a uma formação ideativa, uma ideologia, uma teoria. Notem esta diferença. Mesmo que a pessoa pegue seu pacote de ego para colocar como fetiche para andar para a frente, ainda é Morfose Progressiva. Na Regressiva, o pacote é sempre ideológico, teórico ou religioso. Lacan tinha razão em dizer que o ego acaba sendo um objeto, uma coisa. Então, essa coisa se presta muito à Morfose Progressiva. Já encontrei várias Morfozes Progressivas nítidas, em que o fetiche da pessoa era seu núcleo de ego. Aí pensamos que ela é psicótica, mas não é, trata-se de Morfose Progressiva. Na psicose, a pessoa tem uma referência outra. É mais parecido com o que acontece hoje: “Jesus”, em todos os carros; “Deus é fiel”, quer dizer, não sai do lugar, é uma estátua. Nas Morfozes Regressivas, trata-se de uma ideação, que não é nem objeto nem estruturas de ego, e sim uma ideação que está disponível no mundo: Deus, Jesus, o Sol, a Lua, qualquer coisa – o Sol como Deus, pois o Sol como fetiche é outra história.

A melhor distinção entre Morfose Regressiva e Morfose Progressiva, as quais se apresentam evidentemente com vetores opostos, isto é, regressivo e progressivo respectivamente, se verifica no que diz respeito ao Recalque. Prestem atenção quando falarem com as pessoas. A Morfose Regressiva, assim como a Estacionária, se desencadeia por efeito de retorno de um recalado. É claro que o retorno do recalado na Morfose Regressiva não parece retorno, parece re-apresentação da estátua, mas é retorno do recalado. **A Morfose Progressiva opera por reiteração de um recalcante**, uma fundação mórfica.

- **P** – Na Pedagogia Freudiana (*Seminário de 1992*), você fazia a distinção entre insistência e Recalque e dizia que a insistência mórfica não era necessariamente recalque.

Pelo contrário, é um recalcante, não um recalado.

• **P** – *Uma vez que estamos dentro da tópica do Recalque não podemos colocar nada fora disso, no sentido mais genérico, mas quando vamos especificar, é preciso entender uma insistência, diferentemente de um retorno.*

E mais: a todo momento nos confundimos. Então, temos que ter um cuidado extremo de escutar muito para saber como é, pois o retorno de um “recalcado pétreo” pode parecer uma insistência mórfica da pessoa, assim como uma insistência mórfica um HiperRecalque. Aí temos que ouvir a pessoa, saber como se constituiu o sintoma, pois há uma história daquilo.

77. Outra coisa é a **Recusa**, principalmente às mudanças, como: aprender estratégias e estilos novos, mudar hábitos, comportamentos, etc. Essa pessoa acredita firmemente que sua segurança, sua sobrevivência mesma, depende da manutenção *ipsis litteris* das formações anteriores, inicialmente inscritas. É praticamente impossível qualquer trabalho de análise. Isso fica parecido tanto com a Morfose Progressiva, quanto com a Morfose Regressiva, mesmo que não seja. Há uma *recusa* instalada, mas não é uma estátua do lado de cá, ou um fetiche constituído. O que se tem constituído é só uma *recusa*.

• **P** – *É fóbico ou melancólico?*

Não. Essa gente vive muito bem obrigada. Se encostou, elas recusam, voltam para seu mundinho. Digamos que seja uma Morfose Estacionária. Acontece que ela incide sobre uma formação que chamo Recusa a qualquer movimento. Tomemos um bom neurótico. Em cima de seus recalques, que não são HiperRecalques, há uma formação que, pressionada por outras formações, está sendo recalcada e temos uma dinâmica aí, com a qual podemos jogar. Estou dizendo que existe essa outra coisa na qual, se há uma quantidade de formações recalcentes, elas agem como Princípio de Recusa, agem na base do “não imediato”. Não achamos uma brecha para chegar lá. Parece algo extra dentro do quadro, mas isto existe. Existem construções de recusa que não sabemos se chamamos de progressiva, regressiva ou estacionária, e então ficamos perdidos, pois não encontramos um burquinho para meter o dedinho e puxar algo. Recusa! Recusa! Recusa... recusa! Não conseguimos

abordar, acho impossível qualquer trabalho de análise com essa construção. Isto precisa ser pesquisado. Não é como na situação em que a pessoa tem um sintoma, um recalque e, por outras vias, não batendo de frente com esse ponto de recalque, encontramos aberturas. Pode demorar, ser difícil, mas há aberturas. O caso de que falo, e que precisamos estatuir melhor, não tem abertura por lado algum. Fico perplexo pensando: será que todas as construções das formações são recalcentes? Não sei do quê, pois não há brecha para saber: recusa-se e ponto.

• **P** – *Bartleby, o personagem de Melville, é um escriturário que passa a história toda nesse mecanismo de recusa, sempre preferia não fazer. Deleuze o aborda em Crítica e Clínica como um melancólico, Julia Kristeva também fala dele...*

Não acho que Bartleby seja um melancólico. É um *jubilado*. Fernando Pessoa também era assim. No entanto, fez aquela obra toda. Ele considerava e achava que aquilo não valia a pena. Não acho que seja melancólico, ele apenas *sabe* que não vale a pena. Teve um lugar onde escorregou: valeu a pena escrever poemas. Ele oscilava, disse mesmo: “Valeu a pena? Tudo vale a pena / quando a alma não é pequena”. Lá adiante, diz: “Valeu a pena? Não, nada vale a pena”. Como disse um imperador romano: “Fui tudo, nada adianta”. Ele mantinha os dois pólos. Se entrasse só num deles, aí sim, poderia ser um melancólico. Sabia que nada valia a pena, porque tudo valia a pena, ou tudo vale a pena, porque nada vale a pena. Ele não era o estúpido de um lado só.

78. Entramos nas Condolências e Condoleezzas. Osama Bin Laden inegavelmente inaugurou o século XXI, em 11 de setembro de 2001. Com uma nova forma de guerra. Ainda chamada de terrorismo por não se ter inventado um nome adequado para ela. As pessoas estão tão regressivas porque não entendem a realidade do que está acontecendo nos EUA, onde é perfeitamente normal ganhar um Bush. Não era para ganhar o outro, pois não é momento disso. É perfeitamente normal Bush ganhar, por razões regressivas e progressivas. Quais razões progressivas? São Condoleezzas & Condolências.

- **P** – *O que ela falou?*

Ela fez! Não precisa falar.

- **P** – *Ela lê a Bíblia todo dia de manhã.*

Estou dizendo que é regressivo. Não temos que aplaudir, temos que entender. O que está acontecendo? Uma grande regressão na forma, no medo dos acontecimentos, mas, do ponto de vista de ação no mundo, é progressivo. Por quê? Por uma razão simples, a resposta americana de abandono da forma jurídica anterior para as guerras é uma resposta adequada à nova forma de guerra. Todos os códigos de guerra foram para o bebeléu, porque houve um gênio que reinventou a guerra.

- **P** – *E a moralidade e seu retorno?*

Vem tudo junto, não estou aplaudindo, e sim dizendo que estamos atravessando esse processo.

- **P** – *Cientificamente também, pois começam a tirar dinheiro das pesquisas importantes.*

Mas isto tem contrapartida, porque o cientista, que vivia pedindo verba, vai descobrir que é capaz de fazer o mesmo sem dinheiro.

- **P** – *Na época em que César (e sua seqüência com Augusto) conquistava a Gália, assistimos ao movimento progressivo na questão da ampliação territorial. Em termos jurídicos, vemos o retorno aos vínculos anteriores ao cristianismo, o discurso amoroso da família, de base estóica.*

Não esquecer que o cristianismo entrou pela porta dos estóicos e que um deles foi Imperador, Marco Aurélio. Foram os estóicos que abriram a cancela. Não pensem que os cristãos chegaram e disseram: “Vamos tomar isso aí!” Já estava infiltrado, só chegaram porque a porta estava aberta.

A questão não está, portanto, no retorno à ONU, mas na realimentação do processo. Eles estão em outra guerra, não adianta vir com códigos da guerra passada. O que Bin Laden fez?

- **P** – *Lembrando que o terror foi instalado pela Revolução Francesa.*

27/NOV/2004

A Revolução Francesa instaurou o terror do lado do Estado. O Estado aprendeu a ser terrorista como o outro lado. Então, Bin Laden disse: “Vou elevar a não combinação da guerra à categoria de guerra nova”.

Encerrou-se aqui o Falatório. Obrigado

27/NOV

SOBRE O AUTOR

MD Magno (Prof. Dr. Magno Machado Dias):

Nascido em Campos dos Goitacazes, Rio de Janeiro, Brasil, em 1938.

PSICANALISTA.

Bacharel e Licenciado em Arte. Bacharel e Licenciado em Psicologia.
Psicólogo Clínico.

Mestre em Comunicação; Doutor em Letras; Pós-Doutor em Comunicação –
pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (RJ, Brasil).

Doutor *Honoris Causa* pela Universidade Federal de Santa Maria (RS,
Brasil).

Professor Aposentado da Universidade Federal do Rio de Janeiro e da Univer-
sidade do Estado do Rio de Janeiro.

Ex-Professor Associado do Departamento de Psicanálise da Universidade de Paris
VIII (Vincennes), quando era dirigido por Jacques Lacan.

Fundador do Colégio Freudiano do Rio de Janeiro (instituição psicanalítica). Fun-
dador da UniverCidadeDeDeus (instituição cultural sob a égide da psicanálise).
Criador e Orientador de NOVAMENTE, Centro de Estudos e Pesquisas, Clínica e
Editora para o desenvolvimento e a divulgação da Nova Psicanálise.

Atualmente, além de sua atividade como Psicanalista, continua o desenvolvimento de
sua produção teórico-clínica (*work in progress*) em Falatórios e Oficinas Clínicas,
realizados na sede da UniverCidadeDeDeus e publicados regularmente.

ENSINO DE MD MAGNO

MD Magno vem desenvolvendo ininterruptamente seu Ensino de psicanálise desde 1976, ano seguinte à fundação oficial do Colégio Freudiano do Rio de Janeiro.

1. 1976: Senso Contra Censo: da Obra de Arte
Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978. 216 p.

2. 1976/77: Marchando ao Céu
Seminário sobre Marcel Duchamp. Proferido na Escola de Artes Visuais do Rio de Janeiro (Parque Laje). Inédito.

3. 1977/78: Rosa Rosae: Leitura das Primeiras Estórias de João Guimarães Rosa
3ª ed. Rio de Janeiro: Aoutra Editora, 1985. 220 p.

4. 1978: Ad Sorores Quatuor: Os Quatro Discursos de Lacan
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2007. 276 p.

5. 1979: O Pato Lógico
2ª ed. Rio de Janeiro: Aoutra Editora, 1986. 252 p.

6. 1980: Acesso à Lida de Fi-Menina
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2008. 316 p.

7. 1981: Psicanálise & Polética

Quatro sessões, sobre Las Meninas, de Velázquez, reunidas em Corte Real, 1982, esgotado. Texto integral publicado por Rio de Janeiro: Aoutra Editora, 1986. 498 p.

8. 1982: A Música

2ª ed. Rio de Janeiro: Aoutra Editora, 1986. 329 p.

9. 1983: Ordem e Progresso / Por Dom e Regresso

2ª ed. Rio de Janeiro: Aoutra Editora, 1987. 264 p.

10. 1984: Escólios

Parcialmente publicado em Revirão: Revista da Prática Freudiana, nº 1. Rio de Janeiro: Aoutra editora, jul. 1985.

11. 1985: Grande Ser Tão Veredas

Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2006. 292 p.

12. 1986: Ha-Ley: Cometa Poema // Pleroma: Tratado dos Anjos

Publicados em O Sexo dos Anjos: A Sexualidade Humana em Psicanálise. Rio de Janeiro: Aoutra Editora, 1988. 249 p.

13. 1987: “Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise”, Ainda // Júízo Final

Publicados em O Sexo dos Anjos: A Sexualidade Humana em Psicanálise. Rio de Janeiro: Aoutra Editora, 1988. 249 p.

14. 1988: De Mysterio Magno: A Nova Psicanálise

Rio de Janeiro: Aoutra Editora, 1990. 208 p.

15. 1989: Est’Ética da Psicanálise: Introdução

Rio de Janeiro: Imago Editora, 1992. 238 p.

16. 1990: *Arte&Fato: A Nova Psicanálise, da Arte Total à Clínica Geral*
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2001. 520 p., 2 vols.
17. 1991: *Est'Ética da Psicanálise (Parte 2)*
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2002. 392 p., 2 vols.
18. 1992: *Pedagogia Freudiana*
Rio de Janeiro: Imago Editora, 1993. 172 p.
19. 1993: *A Natureza do Vínculo*
Rio de Janeiro: Imago Editora, 1994. 274 p.
20. 1994: *Velut Luna: A Clínica Geral da Nova Psicanálise*
2ª ed. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2008. 310 p.
21. 1995: *Arte e Psicanálise: Estética e Clínica Geral*
2ª ed. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2008. 264 p.
22. 1996: "Psychopathia Sexualis"
Santa Maria: Editora UFSM, 2000. 453 p.
23. 1997: *Comunicação e Cultura na Era Global*
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2005. 408 p.
24. 1998: *Introdução à Transformática: Por uma Teoria Psicanalítica da Comunicação*
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2004. 156 p.
25. 1999: *A Psicanálise, Novamente: Um Pensamento para o Século II da Era Freudiana: Conferências Introdutórias à Nova Psicanálise.*
2ª ed. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2008. 224 p.

26. 2000: “Arte da Fuga”

Revirão 2000/2001: “Arte da Fuga”; Clínica da Razão Prática. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2003. 656 p.

27. 2001: Clínica da Razão Prática: Psicanálise, Política, Ética, Direito.

Revirão 2000/2001: “Arte da Fuga”; Clínica da Razão Prática. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2003. 656 p.

28. 2002: Psicanálise: Arrelição

Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2005. 248 p.

29. 2003: Ars Gaudendi: A Arte do Gozo.

Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2006. 340 p.

30. 2004: Economia Fundamental: MetaMorfoses da Pulsão

Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2010. 260 p.

31. 2005: Clavis Universalis: Da cura em Psicanálise ou Revisão da Clínica.

Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2007. 224 p.

32. 2006: AmaZonas: A Psicanálise de A a Z.

Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2008. 198 p.

33. 2007: A Rebelião dos Anjos: Eleutéria e Exousía.

Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2009. 210 p.

34. 2008: AdRem: Gnômica ou MetaPsicologia do Conhecimento [a sair].

35. 2009: Clownagens [a sair].

Formato

16 x 23 cm

Mancha

12 x 19 cm

Tipologia

Times New Roman e Amerigo BT

Corpo

11,0 | 16,5

Número de Páginas

260